
"Se você ainda não leu a série, não perca tempo. Philip Reeve criou um grupo de personagens completamente fascinantes."
PETER JACKSON
PHILIP REEVE
Harper Collins


I

Título original: ***Mortal Engines***
Copyright © 2001 by Philip Reeve

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005
Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 3175-1030

Diretora editorial
Raquel Cozer

Editora
Alice Mello

Tradução
Guilherme Kroll

Preparação, revisão e diagramação
Balão Editorial

Ilustração de capa
Jaguar Lee

Design de capa
Túlio Cerquize

Revisão
Daniel Austie

Produção do eBook
Ranna Studio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R257m
Reeve, Philip, 1966-
Máquinas mortais / Philip Reeve; tradução Guilherme Kroll. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

320 p. ; 23 cm.

Tradução de: Mortal Engines
ISBN 978-85-9508-310-3

1. 1. Ficção inglesa. 2. Ficção científica inglesa. I. Kroll, Guilherme. II. Título.

18-49555

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

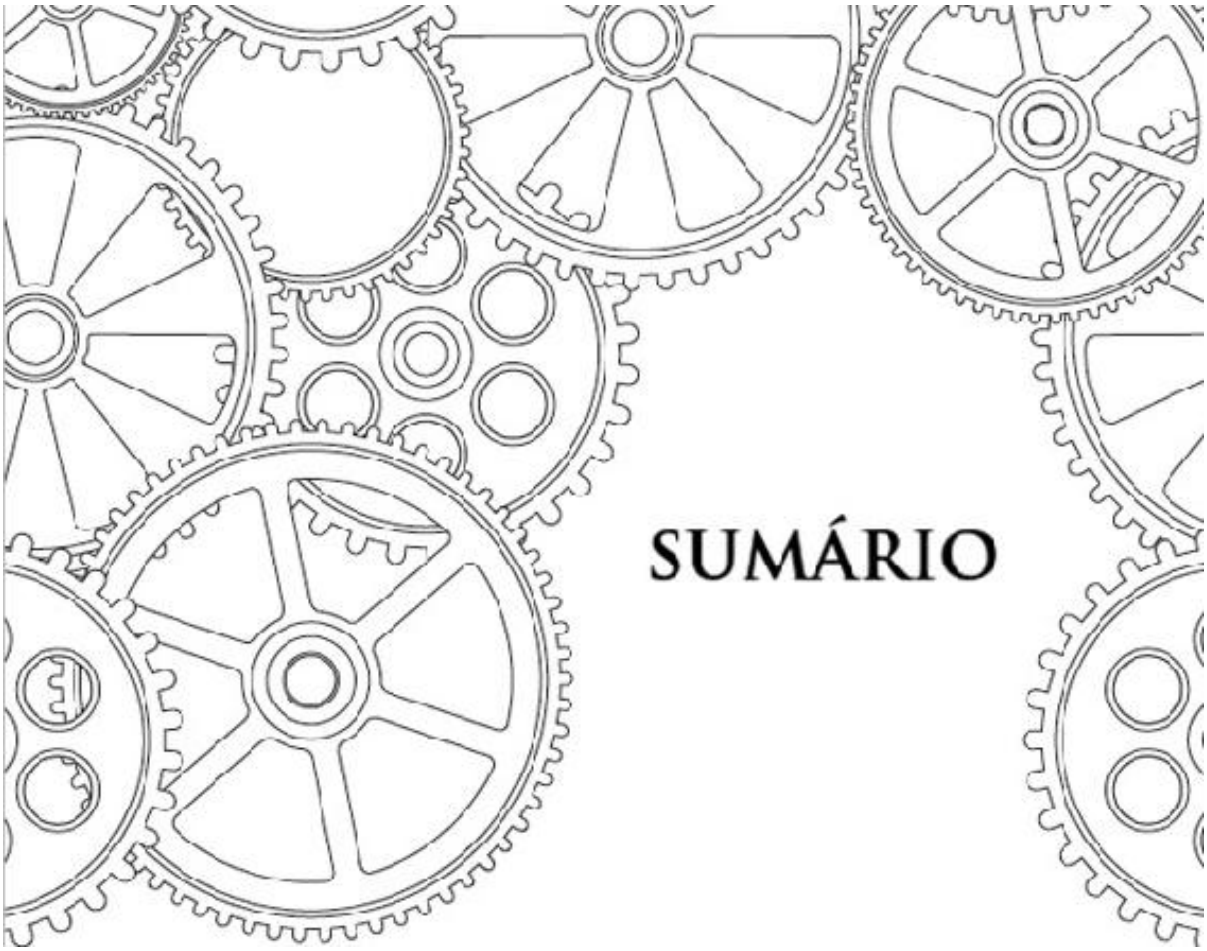
PHILIP REEVE

MÁQUINAS MORTAIS

Tradução
Guilherme Kroll

Harper Collins
Rio de Janeiro, 2018

Para Sarah



SUMÁRIO

PARTE 1

1 O CAMPO DE CAÇA

2 VALENTINE

3 A CALHA DE LIXO

4 O EXTERIOR

5 O LORDE PREFEITO

6 SPEEDWELL

7 ALTA LONDRES

8 O AGRUPAMENTO DE COMÉRCIO

9 A *JENNY HANIVER*

10 O ELEVADOR DO 13º ANDAR

11 AIRHAVEN

12 O GÁS E A GÔNDOLA

13 O HOMEM RESSUSCITADO

14 SALÃO DAS GUILDAS
15 OS BREJOS ENFERRUJADOS
16 OS TANQUES DE COCÔ
17 O SUBÚRBIO PIRATA
18 BEVIS
19 O MAR DE KHAZAK
20 A ILHA NEGRA
21 NO ENGINEERIUM
22 SHRIKE
23 MEDUSA

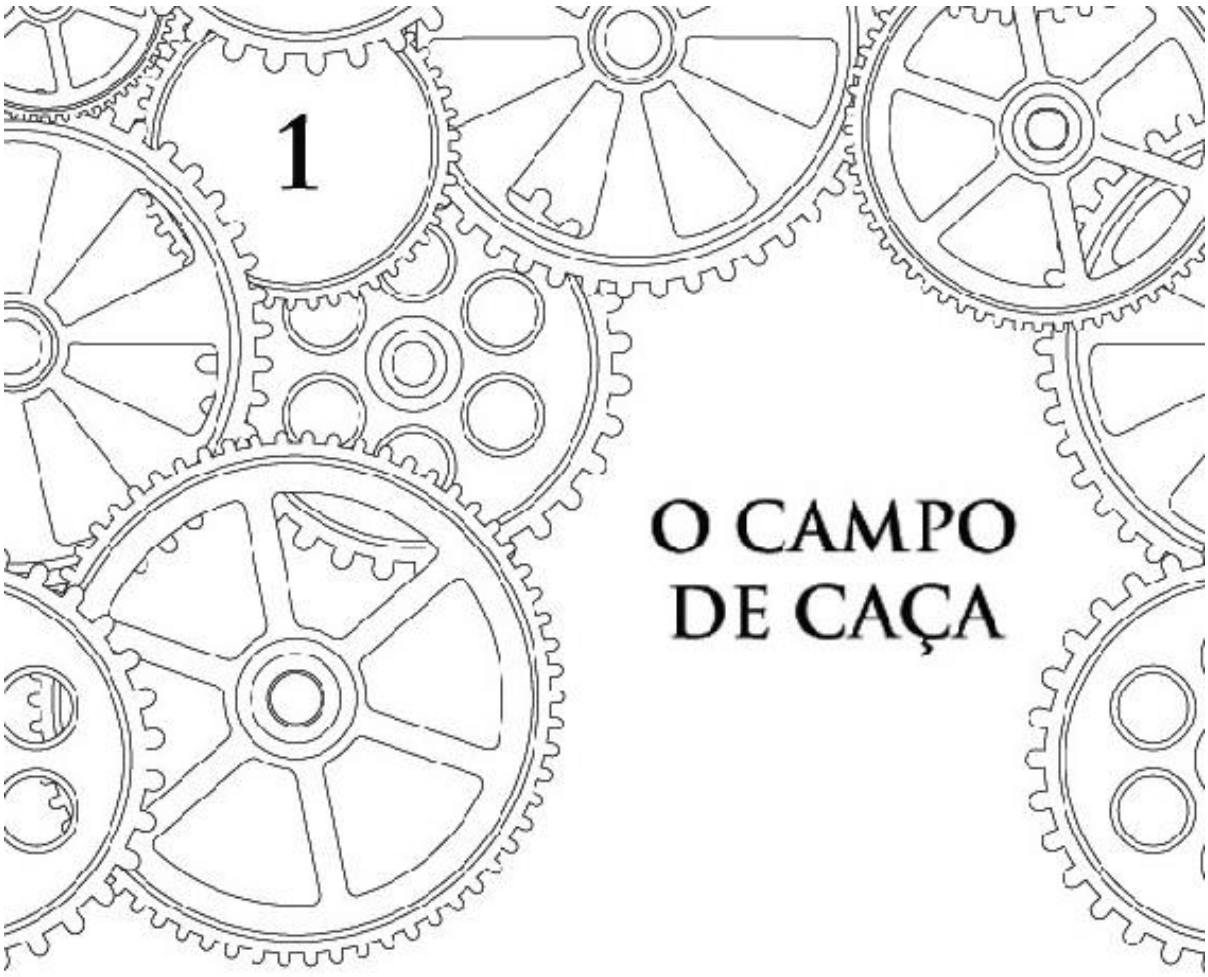
PARTE 2

24 UM AGENTE DA LIGA
25 OS HISTORIADORES
26 BATMUNKH GOMPA
27 DR. ARKENGARTH LEMBRA
28 UM ESTRANHO NAS MONTANHAS DO PARAÍSO
29 INDO PARA CASA
30 A RECEPÇÃO PARA UM HERÓI
31 O ESPIÃO
32 CHUDLEIGH POMEROY DÁ SUPORTE
33 VINHO, PETISCOS E O AMANHECER DE UMA NOVA ERA
34 IDEIA PARA FOGOS DE ARTIFÍCIO
35 A CATEDRAL
36 A SOMBRA DOS OSSOS
37 ROTAS DOS PÁSSAROS

Agradecimentos

Sobre o autor

PARTE 1



1

O CAMPO DE CAÇA

ERA UMA TARDE ESCURA DE PRIMAVERA, COM VENTOS FORTES, E A CIDADE DE LONDRES ESTAVA PERSEGUINDO uma pequena cidade de mineração através do leito seco do velho Mar do Norte.

Em épocas mais felizes, Londres nunca teria se incomodado com uma presa tão fraca. No passado, a grande Cidade de Tração tinha caçado cidades muito maiores que essa, indo ao norte até o limite do Aterro Gelado, e a sul, até a costa do Mediterrâneo. Mas, ultimamente, presas de qualquer tipo começaram a ficar escassas, e algumas das cidades maiores começaram a olhar com fome para Londres. Há dez anos ela se esconde num distrito ocidental úmido e montanhoso, onde a Guilda dos Historiadores disse que uma vez existiu a ilha da Bretanha. Por dez anos, sem comer nada além de minúsculas cidades agrícolas e assentamentos estáticos nessas colinas úmidas. Agora, finalmente, o Lorde Prefeito decidiu que era o momento certo para levar sua cidade de volta à ponte terrestre para o Grande Campo de Caça.

Quase a meio caminho, os observadores do alto das torres de vigia avistaram a cidade mineradora, roendo as salinas trinta quilômetros à frente. Para os habitantes de Londres, parecia um sinal dos deuses, até mesmo o Lorde Prefeito (que não acreditava nem em deuses, nem em sinais) considerou que era um bom começo para a jornada a leste e emitiu a ordem de perseguição.

A cidade mineradora viu o perigo e se virou, mas as grandes esteiras sob Londres estavam começando a rolar cada vez mais rápido. Logo a cidade estava em pesada perseguição, uma montanha de metal em movimento que subia em sete andares como as camadas de um bolo de casamento, os níveis inferiores englobavam a fumaça do motor, as moradias dos ricos em branco reluzente ficavam nas plataformas mais altas e, sobre todas as construções, a cruz da catedral de St. Paul em ouro brilhante, seiscentos metros acima da terra arruinada.



Tom estava limpando as peças em exibição na seção do Museu de História Natural de Londres quando a perseguição começou. Sentiu o tremor curioso no chão de metal e olhou acima para ver os modelos de baleias e golfinhos que pendiam do teto da galeria balançarem em seus cabos e emitirem rangidos suaves.

Ele não ficou alarmado. Tinha vivido em Londres por todos os seus quinze anos e estava acostumado com esses movimentos. Sabia que a cidade estava mudando de direção e acelerando. Um formigamento de animação percorreu-o, a antiga emoção da caçada que todos os londrinos compartilhavam. Devia haver presas à vista! Soltando escovas e espanadores, ele apertou a mão contra a parede, sentindo as vibrações ondulando das enormes salas de máquinas lá embaixo, nas Entranhas. Sim, ali estava: o barulho profundo dos motores auxiliares que ribombavam, *bum, bum, bum*, como uma grande bateria ressoando em seus ossos.

A porta na extremidade da galeria se escancarou e Chudleigh Pomeroy entrou de supetão, a peruca torta e o rosto redondo vermelho de indignação.

— O que em nome de Quirke…? — vociferou, encarando de queixo caído as baleias giratórias e os pássaros empalhados saltitando e se contorcendo nas gaiolas, como se estivessem se libertando de seus cativeiros e prontos para voar novamente. — Aprendiz Natsworthy! O que está acontecendo?

— É uma perseguição, senhor — respondeu Tom, perguntando-se como o curador-chefe da Guilda dos Historiadores tinha conseguido viver a bordo de Londres por tanto tempo e ainda não conseguir reconhecer aquilo de imediato. — Deve ser algo bom — explicou. — Eles colocaram os motores auxiliares para funcionar. Isso não acontece há muito tempo. Talvez a sorte de Londres tenha mudado!

— Bah! — bufou Pomeroy, estremecendo quando as vitrines começaram a lamentar e tremer junto com a batida dos motores. Sobre sua cabeça, o maior dos modelos, uma coisa chamada baleia-azul, extinta há milhares de anos, oscilava para a frente e para trás em seus cabos como se fosse um balanço. — Pode ser, Natsworthy. Só gostaria que a Guilda dos Engenheiros colocasse alguns amortecedores decentes neste edifício. Alguns desses espécimes são muito delicados. Não dá. Não dá mesmo. — Ele puxou um lenço manchado das dobras de suas longas vestes escuras e passou no rosto.

— Por favor, senhor — pediu Tom —, eu poderia ir às plataformas de observação e assistir à perseguição, apenas por meia hora? Faz anos que não temos uma das boas…

Pomeroy pareceu chocado.

— Certamente não, aprendiz! Olhe para todo o pó que essa perseguição miserável está gerando! Todas as exposições terão de ser limpas novamente e vamos precisar verificar se houve algum dano.

— Oh, mas isso não é justo! — gritou Tom. — Eu acabei de espanar toda essa galeria!

Ele soube imediatamente que tinha cometido um erro. O velho Chudleigh Pomeroy não era tão ruim quanto os outros homens da Guilda, mas não gostava de ser retrucado por um aprendiz de terceira classe. Ele se esticou até a sua altura máxima (apenas um pouco mais do que sua largura máxima) e franziu a testa com tanta severidade que sua marca da Guilda quase desapareceu entre as sobrancelhas espessas.

— A *vida* não é justa, Natsworthy — ribombou. — Mais uma gracinha e vai ter que trabalhar nas Entranhas assim que essa perseguição acabar!

De todas as tarefas horríveis que um aprendiz de terceira classe tinha que fazer, trabalhar nas Entranhas era a que Tom odiava mais. Ele rapidamente fechou a boca, olhando fixamente para as botas bem lustradas do curador-chefe.

— Você foi incumbido de trabalhar neste departamento até as sete horas, e *vai* trabalhar até as sete horas — continuou Pomeroy. — Enquanto isso, vou consultar os outros curadores sobre esse tremor terrível…

Ele correu para fora, ainda murmurando. Tom o observou partir, depois pegou seu equipamento e voltou miseravelmente ao trabalho. Ele não costumava se importar em fazer a limpeza, especialmente na galeria, com amáveis animais que tinham se tornado comida de traças e a baleia-azul sorrindo seu grande sorriso azul. Se ficasse entediado, simplesmente se refugiava em um devaneio, no qual era um herói que resgatava garotas bonitas de piratas aéreos, salvava Londres da Liga Antitração e vivia feliz para sempre. Mas como poderia devanear com o resto da cidade curtindo a primeira real perseguição em muito tempo?

Ele esperou por vinte minutos, mas Chudleigh Pomeroy não voltou. Não havia mais ninguém. Era uma quarta-feira, o que significava que o museu estava fechado para o público, e a maioria dos homens da Guilda e dos aprendizes de primeira e segunda classe estava de folga. Que mal poderia fazer se ele escapulisse por dez minutos, apenas para ver o que estava acontecendo? Escondeu a bolsa de limpeza atrás de um iaque providencial e correu até a porta, sob as sombras dançantes de golfinhos.

No corredor, todas as lâmpadas de argônio também estavam dançando, derramando luz nas paredes metálicas. Dois homens da Guilda usando capas pretas passaram apressados, e Tom ouviu a voz esganiçada do velho dr. Arkengarth reclamando:

— Vibrações! Vibrações! Estão castigando minhas cerâmicas do século XXXV…

Esperou até desaparecerem em torno de uma curva no corredor, então escapou rapidamente, descendo a escadaria mais próxima. Ele cortou caminho pela galeria do século XXI, passando pelas grandes estátuas de plástico de Pluto e Mickey, pessoas com cabeça de animal da perdida América. Ele atravessou o salão principal e desceu pelas galerias cheias de coisas que de alguma forma haviam sobrevivido durante todos os milênios desde que os

Antigos se destruíram naquela tremenda onda de bombas atômicas e de vírus projetados, a chamada de Guerra dos Sessenta Minutos. Dois minutos depois, enfiou-se por uma entrada lateral para o barulho e a agitação da Tottenham Court Road.

O Museu de Londres estava no centro do nível dois, um bairro movimentado chamado Bloomsbury, e a parte debaixo do nível um pendia como céu enferrujado a poucos metros acima dos telhados. Tom não se preocupou em ser visto enquanto abria caminho pelas ruas escuras e lotadas em direção às telas do lado de fora da estação de elevador da Tottenham Court Road. Juntando-se à multidão na frente, ele teve seu primeiro vislumbre da presa distante; um borrão aquoso e azul-cinzento capturado pelas câmeras no nível seis.

— *A cidade é chamada de Salthook* — trovejou a voz do locutor. — *Uma plataforma de mineração de novecentos habitantes. Atualmente está se movendo a 130 quilômetros por hora, a leste, mas a Guilda dos Navegadores previu que Londres vai pegá-la antes do pôr do sol. Certamente haverá mais muitas cidades esperando além da ponte terrestre; prova clara de o quão sábio foi o nosso amado Lorde Prefeito quando decidiu levar Londres a leste de novo…*

A 130 quilômetros por hora!, pensou Tom, surpreso. Era uma velocidade surpreendente, e desejava estar no convés de observação, sentindo o vento no rosto. Ele provavelmente já estava com problemas com o sr. Pomeroy. Que diferença poderia fazer se ficasse ali por mais alguns minutos?

Ele começou a correr e logo chegou ao parque Bloomsbury, ao ar livre na borda do nível. Tinha sido um bom parque, com árvores e lagoas de patos, mas, por causa da recente falta de presas, tinha se tornado uma plantação de repolhos e algas. No entanto, as plataformas de observação ainda estavam lá, com varandas saindo da borda do nível onde os londrinos podiam ter a visão passageira. Tom se apressou para a mais próxima. Uma multidão ainda maior se reuniu lá, incluindo algumas pessoas de preto da Guilda dos Historiadores, e Tom tentou parecer discreto quando passou na frente deles e espiou pelas grades. Salthook estava apenas oito quilômetros à frente, viajando com fumaça preta que vomitava de seus escapamentos.

— Natsworthy! — chamou uma voz em um zurro, e seu coração foi na boca. Ele olhou em volta e descobriu que estava ao lado de Melliphant, um corpulento aprendiz de primeira classe, que sorriu para ele e disse: — Não é

maravilhoso? Uma mina de sal gordinha com motores C20! Exatamente do que Londres precisa!

Herbert Melliphant era o pior tipo de valentão; que não apenas batia em você com um pedaço de pau ou enfiava sua cabeça em um vaso sanitário, mas fazia questão de descobrir todos os seus segredos e tudo o que te aborrecia para usar contra você. Ele gostava de pegar no pé de Tom, que era pequeno, tímido e não tinha amigos para defendê-lo — e Tom não podia revidar porque a família de Melliphant tinha pagado para fazer dele um aprendiz de primeira classe, enquanto Tom, que não tinha família, era um mero terceira classe. Ele sabia que Melliphant só estava se dando ao trabalho de falar com ele porque esperava impressionar uma jovem historiadora bonitinha chamada Clytie Potts, ali atrás. Tom assentiu e virou de costas, concentrando-se na perseguição.

— Veja! — gritou Clytie Potts.

A distância entre Londres e a presa estava diminuindo rápido e uma forma escura se elevava sobre Salthook. Logo havia mais uma e outra. Dirigíveis! As multidões nas plataformas de observação de Londres se animaram, e Melliphant disse:

— Ah, os mercadores aéreos. Eles sabem que a cidade está condenada, entende, então estão se certificando de ir embora antes que nós possamos comer tudo. Se não fizerem isso, poderemos reivindicar suas cargas junto com o que estiver a bordo!

Tom ficou feliz em ver que Clytie Potts parecia bastante aborrecida por Melliphant: era um ano mais velha que ele e já devia saber dessas coisas, porque ela passou em seus exames da Guilda e tinha a marca dos historiadores na testa.

— Veja! — ela disse de novo, pegando o olhar de Tom e sorrindo. — Oh, olhem para eles enquanto estão indo! Não é bonito!?

Tom afastou os cabelos desarrumados dos olhos e assistiu aos dirigíveis se elevarem e desaparecerem nas nuvens cinza-ardósia. Por um momento, ele se viu ansioso para ir junto, em direção à luz do sol. Se ao menos seus pobres pais não o tivessem deixado aos cuidados da Guilda para ser treinado como historiador! Ele desejava que pudesse ser um assistente de cabine a bordo de um veículo voador e ver todas as cidades do mundo: Puerto Angeles à deriva no Pacífico azul e Arkangel patinando em transportes de ferro nos mares do

norte congelados, a grande cidade zigurate de Nuevo-Maias e as fortalezas imóveis da Liga Antitração…

Porém, isso era só um devaneio, melhor guardar para alguma tarde maçante no Museu. Uma nova onda de animação dos torcedores o avisou que a perseguição estava se aproximando do fim, e ele se esqueceu dos dirigíveis e voltou a atenção para Salthook.

A pequena cidade estava tão perto que ele podia ver as formas das pessoas como formigas correndo em seus níveis superiores. O quão assustados deviam estar, com Londres sobre eles e nenhum lugar para se esconder! Mas ele sabia que não devia sentir pena: era natural que cidades comessem vilas, assim como as vilas comiam vilarejos e vilarejos pegavam pequenos assentamentos. Isso era Darwinismo Municipal, e esse era o jeito que o mundo funcionava há mil anos, desde que o grande engenheiro Nikolas Quirke transformou Londres na primeira Cidade de Tração.

— Londres! Londres! — ele gritou, somando a voz aos gritos e assobios de todos os outros na plataforma, e, um momento mais tarde, foram recompensados pela vista de uma das rodas de Salthook se soltando. A cidade começou a parar, chaminés industriais se quebrando e caindo em cima das ruas em pânico, então os níveis mais baixos de Londres bloquearam a visão e Tom sentiu os pisos dos níveis tremerem conforme as gigantescas mandíbulas hidráulicas da cidade se fecharam.

Houve aplausos frenéticos vindo das plataformas de observação em toda a cidade. Alto-falantes dos pilares de suporte dos níveis começaram a tocar "London Pride" e alguém que Tom nunca tinha visto na vida o abraçou apertado e gritou em seu ouvido:

— Pegamos! Pegamos! — Ele não se importava; naquele momento, amava todos na plataforma, até mesmo Melliphant.

— Pegamos! — gritou de volta, lutando para se soltar e sentiu as bases dos níveis tremendo de novo. Em algum lugar abaixo, os grandes dentes de aço da cidade estavam agarrados a Salthook, levantando-a e a tragando para dentro das Entranhas.

— … e talvez o aprendiz Natsworthy gostaria de vir também — ouviu Clytie Potts dizer. Tom não fazia ideia do que ela estava falando, mas, ao se virar, ela tocou seu braço e sorriu. — Teremos celebrações em Kensington Gardens esta noite — explicou. — Dança e fogos de artifício! Vamos?

As pessoas não costumavam convidar aprendizes de terceira classe para festas — especialmente pessoas tão bonitas e populares como Clytie —, e Tom se perguntou se ela estava tirando sarro. Mas Melliphant obviamente não pensava assim, pois ele a puxou para longe e disse:

— Não queremos gente como o Natsworthy.

— Por que não? — perguntou a garota.

— Bem, você sabe — bufou Melliphant, com o rosto quadrado quase tão vermelho quanto o do sr. Pomeroy. — Ele é só um terceiro. Da ralé. Nunca vai conseguir a marca da Guilda. Vai acabar como assistente de curador. Não é, Natsworthy? — perguntou, olhando de forma sarcástica para Tom. — É uma pena seu pai não ter deixado dinheiro o bastante para lhe dar um aprendizado *apropriado*…

— Isso não é da sua conta! — Tom gritou com raiva. Sua exaltação pela captura se evaporou e ele já estava nervoso de novo, perguntando-se sobre quais punições estariam lhe esperando quando Pomeroy descobrisse que ele havia fugido. Não estava no clima para as provocações de Melliphant.

— Ainda assim, suponho que seja isso o que vem de uma favela nos níveis mais baixos — Melliphant falou com um sorrisinho, voltando-se de novo para Clytie Potts. — Os pais de Natsworthy viviam lá embaixo, no quarto nível, sabe? E quando o Grande Deslizamento aconteceu, ambos acabaram sendo achatados como um par de panquecas de framboesa: *splat!*

Tom não queria acertá-lo, apenas aconteceu. Antes que soubesse o que estava fazendo, sua mão se curvou em um punho apertado e ele atacou.

— Oh! — gemeu Melliphant, tão assustado que caiu para trás. Alguém aplaudiu, e Clytie sufocou uma risadinha. Tom apenas ficou de olho no punho trêmulo, perguntando-se como ele tinha feito aquilo.

Melliphant, porém, era muito maior e mais durão que Tom, e já tinha se levantado. Clytie tentou contê-lo, mas alguns outros historiadores estavam animando-o e um grupo de meninos nas túnicas verdes dos aprendizes de navegadores já estavam se aglomerando atrás e cantarolavam:

— Briga! Briga! Briga!

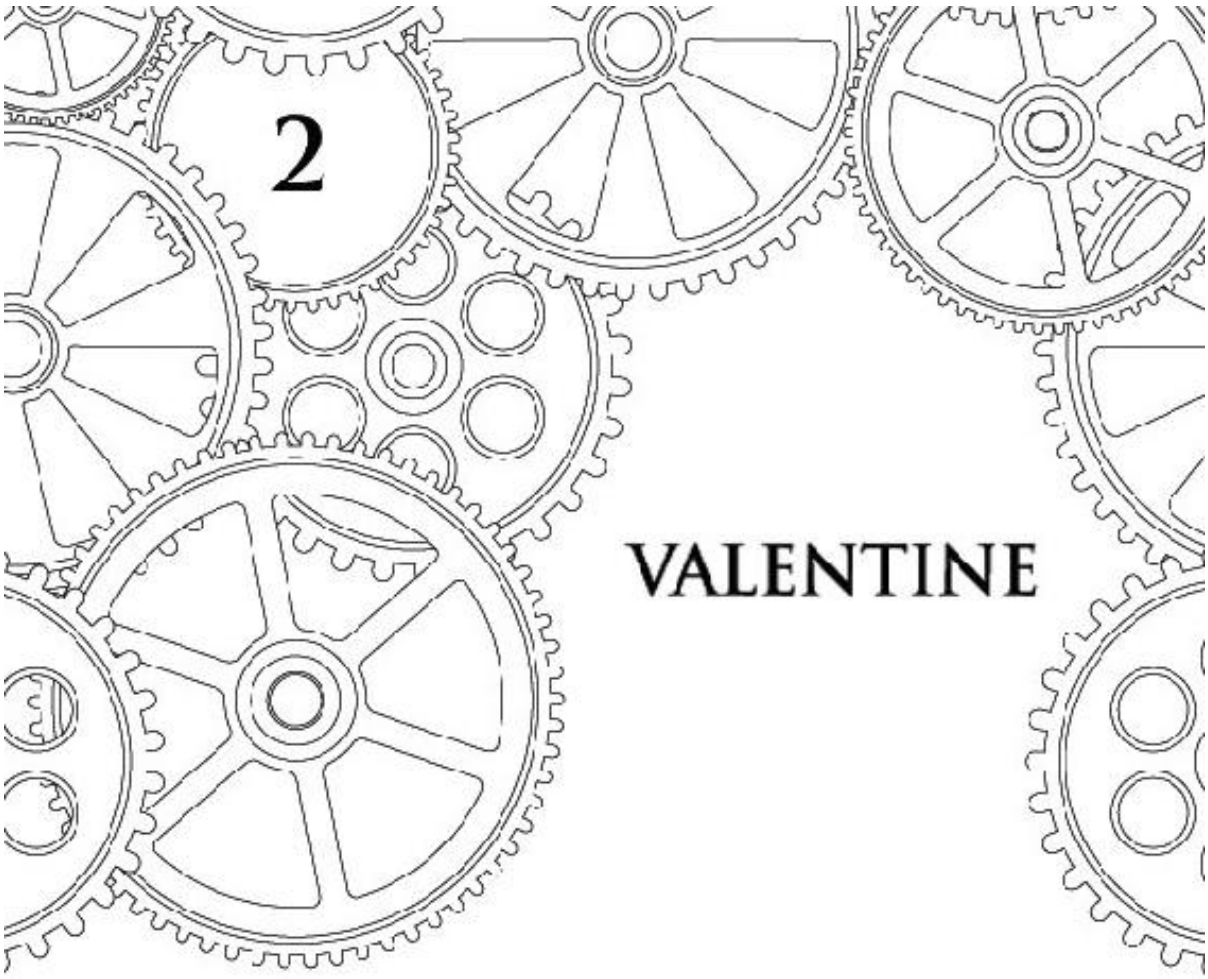
Tom sabia que não tinha mais chances de vencer Melliphant do que Salthook tinha contra Londres. Deu um passo para trás, mas a multidão o estava envolvendo. Então o punho de Melliphant o acertou no lado do rosto e o joelho dele se chocou com força contra o meio de suas pernas. Ele se

dobrou, tropeçando e tentando fugir, com os olhos cheios de lágrimas. Algo tão grande e macio como um sofá estava no caminho, e bateu a cabeça contra ele.

— Ai!

Olhou para um rosto redondo, vermelho, com sobrancelhas espessas embaixo de uma peruca pouco convincente; um rosto que ficou ainda mais vermelho quando o reconheceu.

— Natsworthy! — explodiu Chudleigh Pomeroy. — O que, em nome de Quirke, acha que está fazendo?



2

VALENTINE

E ASSIM TOM SE VIU MANDADO PARA TRABALHAR NAS ENTRANHAS ENQUANTO TODOS OS OUTROS APRENDIZES estavam ocupados comemorando a captura de Salthook. Depois de um longo e embaraçoso sermão no escritório de Pomeroy ("Desobediência, Natsworthy… Bater em um aprendiz sênior… O que os seus pobres pais teriam pensado?"), caminhou penosamente até a estação de Tottenham Court Road e esperou por um elevador que estivesse descendo.

E quando chegou, estava lotado. Os assentos no compartimento superior repletos de homens e mulheres arrogantes da Guilda dos Engenheiros, a mais poderosa das quatro Grandes Guildas que administravam Londres. Eles tinham uma aparência sinistra, com cabeças carecas e usando longos casacos de borracha branca, então Tom ficou parado na parte inferior, onde o rosto severo do Lorde Prefeito o encarava em cartazes que diziam: *Movimento é vida — ajude a Guilda dos Engenheiros a manter Londres se movendo!* O elevador

desceu, parando em todas as estações familiares — Bakerloo, High Holborn, Low Holborn, Bethnal Green — e, a cada parada, outra multidão de pessoas entrava no vagão, esmagando-o contra a parede de trás até que fosse quase um alívio chegar ao fundo e sair para o ruído e a agitação das Entranhas.

As Entranhas eram o lugar onde Londres desmantelava as cidades que pegava: uma disseminação fedorenta de estaleiros e fábricas entre as Mandíbulas e os motores centrais. Tom odiava. Era sempre barulhento, ocupado por trabalhadores dos níveis mais baixos, sujos e assustadores, e detentos das Prisões das Entranhas Profundas, ainda piores. O calor do lugar sempre lhe dava dor de cabeça, o ar sulfuroso o fazia espirrar e o cintilar dos globos de argônio que iluminavam as passarelas doía nos olhos. Mas a Guilda dos Historiadores sempre se certificava de que alguns de seus funcionários estivessem disponíveis quando uma cidade estava sendo digerida, e essa noite teria que se juntar a eles e lembrar aos antigos contramestres das Entranhas que quaisquer livros ou antiguidades a bordo da nova presa eram propriedade de direito da Guilda dele, e que história era tão importante quanto tijolos, ferro e carvão.

Ele lutou para sair do terminal do elevador e correu para o armazém da Guilda dos Historiadores, através de corredores tubulares alinhados com telhas de cerâmica verdes e em passarelas metálicas acima dos desfiladeiros ardentes dos Estaleiros da Digestão. Bem abaixo, podia ver Salthook sendo despedaçada. Agora parecia pequena, ofuscada pela vastidão de Londres. Grandes máquinas amarelas de desmontagem rastejando em torno da cidade em trilhos, balançando acima dela em guindastes e trepando sobre pernas hidráulicas aracnídeas. Suas rodas e eixos já tinham sido removidos, e o trabalho estava começando no chassi. Serras circulares tão grandes quanto rodas-gigantes mordiam os pisos do convés, vomitando nuvens de faíscas. Grandes explosões de calor ondulavam de fornalhas e fundições, e antes que tivesse dado vinte passos, Tom podia sentir o suor começando a embeber as axilas da túnica preta que era seu uniforme.

Porém, quando finalmente chegou ao armazém, as coisas começaram a parecer um pouco mais claras. Salthook não tinha museu ou biblioteca, e as pequenas pilhagens que haviam sido recuperadas das lojas de porcarias da cidade já estavam sendo embaladas em caixas para sua jornada ao nível dois. Se tivesse sorte, poderia terminar mais cedo e pegar o fim das celebrações! Ele se perguntou sobre qual homem da Guilda estava no comando naquela noite.

Se fosse o velho Arkengarth ou o dr. Weymouth, estava condenado — eles sempre o faziam trabalhar por todo o turno, havendo algo a fazer ou não. Se fosse Potty Pewtertide ou a srta. Plym, poderia conseguir sair…

Enquanto se apressava até o escritório do supervisor, começou a se dar conta de que alguém muito mais importante do que todos eles estava no serviço das Entranhas naquela noite. Havia um bugue estacionado do lado de fora, preto e elegante com o emblema da Guilda pintado na capota, muito chamativo para qualquer um dos funcionários usuais. Dois homens com as vestimentas de pessoal de alto nível da Guilda estavam de pé ao lado do carro. Eles eram tipos de aparência grosseira, apesar das roupas caras, e Tom soube de cara quem eram — Pewsey e Gench, os piratas aéreos reformados, há vinte anos serviçais leais do historiador-chefe e pilotos do *Elevador do 13º Andar* sempre que ele saía em uma expedição. *Valentine está aqui!*, Tom pensou, e tentou não olhar enquanto passava por eles ao subir os degraus.

Thaddeus Valentine era o herói de Tom: um ex-catador que tinha ascendido para se tornar o arqueólogo mais famoso de Londres — e também seu historiador-chefe, muito para a inveja e o desgosto de pessoas como Pomeroy. Tom mantinha uma foto dele pregada à parede do dormitório, acima do beliche, e tinha lido seus livros, *Aventuras de um historiador na prática* e *América Deserta — através do continente com uma arma, uma câmera e um dirigível*, tantas vezes até que os tivesse decorado. O momento mais orgulhoso de sua vida tinha sido quando tinha doze anos e Valentine acabou por apresentar os prêmios de final de ano dos aprendizes, incluindo o que Tom ganhou por um ensaio sobre a identificação de antiguidades falsas. Ele ainda se lembrava de cada palavra do discurso que o grande homem havia feito.

"Nunca esqueçam, aprendizes, que nós, historiadores, somos a Guilda mais importante na cidade. Não ganhamos tanto dinheiro quanto os mercadores, mas criamos conhecimento, o que vale muito mais. Nós podemos não ser responsáveis por dirigir Londres, como os navegadores, mas onde estariam os navegadores se não tivéssemos preservado os antigos mapas e gráficos? E quanto à Guilda dos Engenheiros, apenas lembrem-se de que qualquer maquinário que já desenvolveram é baseado em algum fragmento de tecnologia antiga — alta tecnologia antiga que nossos museólogos preservaram ou nossos arqueólogos desenterraram."

Tudo que Tom conseguiu dar como resposta antes de voltar para o assento foi um murmúrio "Obrigado, senhor", então nunca lhe ocorreu que

Valentine poderia se lembrar dele. Mas quando abriu a porta do escritório do supervisor, o grande homem levantou os olhos da mesa e sorriu.

— Natsworthy, não é? O aprendiz que é bom em descobrir falsificações? Vou ter que tomar cuidado esta noite ou vai me desmascarar!

Não era uma piada muito boa, mas quebrou a estranheza que geralmente existia entre um aprendiz e um sênior da Guilda, e Tom relaxou o bastante para parar de tremer no batente da porta e entrar logo, segurando um bilhete escrito por Pomeroy. Valentine ficou de pé e veio caminhando para pegá-lo. Ele era um homem alto e bonito de quase quarenta anos, com uma juba de cabelos pretos salpicados de grisalho e uma barba preta e aparada. Seus olhos cinza e marinho cintilaram com humor, e em sua testa um terceiro olho — a marca da Guilda dos Historiadores, o olho azul que olha para trás no tempo — parecia piscar enquanto levantava uma sobrancelha em indagação.

— Brigando, né? E o que o aprendiz Melliphant fez para merecer um olho roxo?

— Ele falou coisas sobre minha mãe e meu pai, senhor — murmurou Tom.

— Entendi. — O explorador assentiu, observando o rosto do rapaz. Em vez de lhe dar uma chamada, perguntou: — Você é o filho de David e Rebecca Natsworthy?

— Sim, senhor — admitiu Tom. — Mas eu só tinha seis anos quando aconteceu o Grande Deslizamento… Quer dizer, realmente não me lembro deles.

Valentine assentiu de novo, e seus olhos eram tristes e bondosos.

— Eles eram bons historiadores, Thomas. Espero que siga os passos deles.

— Oh, sim, senhor! — exclamou Tom. — Quero dizer… também espero! — Pensou em seus pobres pais, mortos quando parte de Cheapside caiu sobre o nível abaixo. Ninguém nunca havia falado assim sobre eles antes, e Tom sentiu os olhos encherem de lágrimas. Sentiu como se pudesse contar a Valentine qualquer coisa, e estava a ponto de dizer o quanto sentia falta dos pais e como era solitário e chato ser um aprendiz de terceira classe, quando um lobo entrou no escritório.

Era um lobo branco bem grande, e apareceu através da porta que levava até o depósito. Logo que viu Tom, veio correndo em sua direção, exibindo suas presas amarelas.

— Aaaah! — ele berrou, pulando em cima de uma cadeira. — Um lobo!

— Oh, comporte-se! — uma voz feminina disse, e um momento depois, uma garota estava lá, curvando-se sobre a besta e fazendo cócegas na pelagem branca sob seu queixo. Os ferozes olhos de âmbar se fecharam felizes, e Tom escutou a cauda batendo contra as roupas dela. — Não se preocupe. — Ela riu para ele. — Ele é um cordeiro. Quero dizer, na verdade é um lobo, mas tão *bonzinho* quanto um cordeiro.

— Tom — chamou Valentine, os olhos brilhando em diversão —, conheça minha filha Katherine, e Cão.

— Cão? — Tom desceu da cadeira, sentindo-se tolo e ainda um pouco assustado. Ele pensou que a fera devia ter escapado do zoológico no parque Circle.

— É uma longa história — começou Valentine. — Katherine viveu na cidade-balsa de Puerto Angeles até fazer cinco anos. Então a mãe morreu, e ela foi mandada para viver comigo. Eu trouxe Cão para ela, como um presente da minha expedição aos Aterros Gelados, mas Katherine não conseguia falar anglês naqueles dias e nunca tinha ouvido falar sobre lobos, então quando ela o viu pela primeira vez, disse "Cão!", e o nome meio que pegou.

— Ele é perfeitamente domesticado — garantiu a garota, ainda sorrindo para Tom. — Meu pai o encontrou quando ainda era um filhotinho. Ele teve que atirar na mãe dele, mas não teve coração para acabar com o pobre Cão. Ele gosta quando recebe carinho na barriga. O Cão, não meu pai. — Ela riu.

A menina tinha um longo cabelo escuro e os olhos cinzentos do pai, bem como o mesmo sorriso rápido e deslumbrante, e vestida nas calças justas de seda e na túnica harmoniosa, última moda na Alta Londres naquele verão. Tom a observou, maravilhado. Ele tinha visto fotos da filha de Valentine, mas nunca havia se dado conta do quão bonita ela era.

— Olha só — comentou ela —, ele gosta de você!

Cão tinha chegado para cheirar a bainha da túnica de Tom. A cauda balançava de um lado para o outro e uma língua molhada e rosada raspava os dedos do garoto.

— Se Cão gosta da pessoa — disse Katherine —, costumo descobrir que gosto dela também. Então, papai, nos apresente corretamente!

Valentine riu.

— Bem, Kate, este é Tom Natsworthy, mandado para cá para ajudar, e se seu lobo já terminou com ele, acho que temos que deixá-lo trabalhar. — Ele

colocou uma mão gentil no ombro de Tom. — Não há muito a fazer; só vamos dar mais uma olhada nos estaleiros e então… — Olhou para o bilhete de Pomeroy, depois rasgou-o em pedacinhos e jogou na lixeira vermelha ao lado da mesa. — Daí você pode ir.

Tom não sabia o que o surpreendia mais: que Valentine o estava dispensando, ou que Valentine ia em pessoa aos estaleiros. Sêniores costumavam preferir se sentar no conforto do escritório e deixar os aprendizes fazerem o trabalho duro lá embaixo, no calor e na fumaça, mas ali estava Valentine tirando as vestes pretas, colocando uma caneta no bolso do colete e fazendo uma pausa para sorrir na direção de Tom.

— Venha junto, então — chamou. — Quanto mais cedo começarmos, mais cedo poderá ir para os festejos em Kensington Gardens…



Eles foram, com Cão e Katherine logo atrás, passaram pelo armazém e desceram as escadas de metal em espiral para os Estaleiros da Digestão, onde Salthook estava encolhendo gradativamente. Tudo o que restava agora era o esqueleto, e os maquinários dragavam os pisos dos conveses e vigas para as fornalhas. Enquanto isso, montanhas de tijolo, ardósia, madeira, sal e carvão giravam em correias transportadoras para o coração das Entranhas, e carrinhos de entulho cheios de móveis e provisões estavam sendo carregados pelas gangues de salvamento.

As pessoas da recuperação eram as verdadeiras governantes desta parte de Londres, e sabiam disso. Eles se espalhavam pelas passagens estreitas com a agilidade de gatos, peitos nus brilhantes com suor e os olhos escondidos por óculos de proteção coloridos. Tom sempre teve medo deles, mas Valentine os saudou com um charme fácil e perguntou se haviam visto algo entre os despojos que poderia ser de interesse do Museu. Às vezes, ele parava para brincar, ou perguntar como a família deles estava — e sempre tomava cuidado de apresentá-los para "Meu colega, sr. Natsworthy". Tom sentiu-se inflado de orgulho. Valentine estava tratando-o como um adulto, e assim o pessoal da recuperação o tratava do mesmo jeito, tocando as pontas de seus chapéus

ensebados e sorrindo enquanto se apresentavam. Todos pareciam se chamar Len ou Smudger.

— Não leve em consideração o que dizem sobre estes sujeitos no Museu — Valentine alertou, conforme um dos Lens os levou até uma caçamba, onde as antiguidades tinham sido guardadas. — Só porque moram nos bairros inferiores e não pronunciam direito todas as letras não quer dizer que sejam idiotas. É por isso que gosto de descer aqui pessoalmente quando os estaleiros estão funcionando. Muitas vezes eu vi o pessoal da recuperação e os catadores acharem artefatos que historiadores poderiam ter perdido…

— Sim, senhor… — concordou Tom, olhando de relance para Katherine. Ele desejava fazer algo que impressionasse o historiador e sua linda filha. Se ao menos pudesse encontrar algum fragmento de tecnologia antiga no meio de todo aquele lixo, algo que os faria lembrar dele depois que voltassem para o luxo da Alta Londres. Caso contrário, após essa caminhada pelos estaleiros, poderia nunca mais vê-los!

Na esperança de impressioná-los, correu até o carrinho de entulho e espiou dentro dele. Afinal, tecnologia antiga *aparecia* de vez em quando em lojas de antiguidades de cidades pequenas ou em cornijas de velhinhas. Imagine ser alguém que vai redescobrir algum segredo lendário, como máquinas voadoras mais pesadas do que o ar ou macarrão instantâneo! Mesmo se não fosse algo que a Guilda dos Engenheiros pudesse usar, ainda poderia terminar no Museu, rotulado e preservado em uma vitrine com um aviso dizendo, *"Descoberta do sr. T. Natsworthy"*. Ele vasculhou com esperança o monte resgatado na caçamba: fragmentos de plástico, suportes de lâmpadas, um carrinho de brinquedo… Uma pequena caixa de metal chamou sua atenção. Quando puxou para fora e a abriu, seu próprio rosto piscou de volta para ele, refletido em um disco plástico prateado.

— Sr. Valentine! Veja! Uma antiguidade!

Valentine alcançou a caixa e levantou o disco, inclinando-o de modo que uma luz como um arco-íris se precipitasse em sua superfície.

— Isso mesmo. Os antigos usavam isso nos seus computadores, como uma forma de armazenar informações.

— Pode ser importante? — perguntou Tom.

Valentine negou com a cabeça.

— Sinto muito, Thomas. As pessoas dos velhos tempos viviam em assentamentos estáticos, mas suas máquinas eletrônicas estavam muito além de qualquer coisa que os engenheiros de Londres conseguiram construir. Mesmo se ainda houver algo armazenado neste disco, não temos como ler. Mas é uma boa descoberta. Segure firme, de todo jeito.

Ele se virou enquanto Tom guardava a antiguidade de volta na caixa e a enfiava no bolso. Mas Katherine deve ter sentido o desapontamento de Tom, porque tocou a mão dele e falou:

— É adorável, Tom. Qualquer coisa que sobreviveu a todos esses anos é adorável, tendo algum uso para a terrível e velha Guilda dos Engenheiros ou não. Eu tenho um colar feito de velhos discos de computador… — Ela sorriu para ele. Era tão amável quanto uma garota de seus devaneios, mas ainda mais agradável e divertida, e ele sabia que, a partir de agora, as heroínas que salvava em sua imaginação seriam Katherine Valentine.

Não havia nada mais interessante na pilha; Salthook tinha sido um tipo de cidade prática, muito ocupada roendo o antigo leito do mar para se preocupar em desenterrar o passado. Mas em vez de ir direto para o armazém, Valentine levou seus companheiros para subir outra escadaria e através de uma passarela estreita até a Estação de Chegada, onde os antigos habitantes estavam fazendo uma fila para dar seus nomes para o funcionário de admissão e serem levados para novas casas nos albergues e casas de trabalho de Londres.

— Mesmo quando não estou trabalhando — explicou —, sempre faço questão de ir ver os catadores quando pegamos algo, antes que tenham a chance de vender o que acharem nos mercados de antiguidades do nível cinco e essas coisas desapareçam no Exterior.

Havia sempre alguns catadores em uma captura — vagantes sem cidade que perambulavam a pé pelo Campo de Caça, recolhendo peças de velha tecnologia. Salthook não era exceção; no fim da fila de despejados da cidade, estava um grupo mais esfarrapado que o resto, com casacos longos e puídos até os tornozelos, e óculos de proteção e máscaras de pó pendurados no pescoço sujo.

Como muitos londrinos, Tom ficava horrorizado pela ideia de que as pessoas ainda de fato *viviam* em terra pura. Ele ficou para trás com Katherine e Cão, mas Valentine prosseguiu para conversar com os catadores. Eles vieram se aglomerando ao redor, todos exceto um, alto e magro usando um casaco

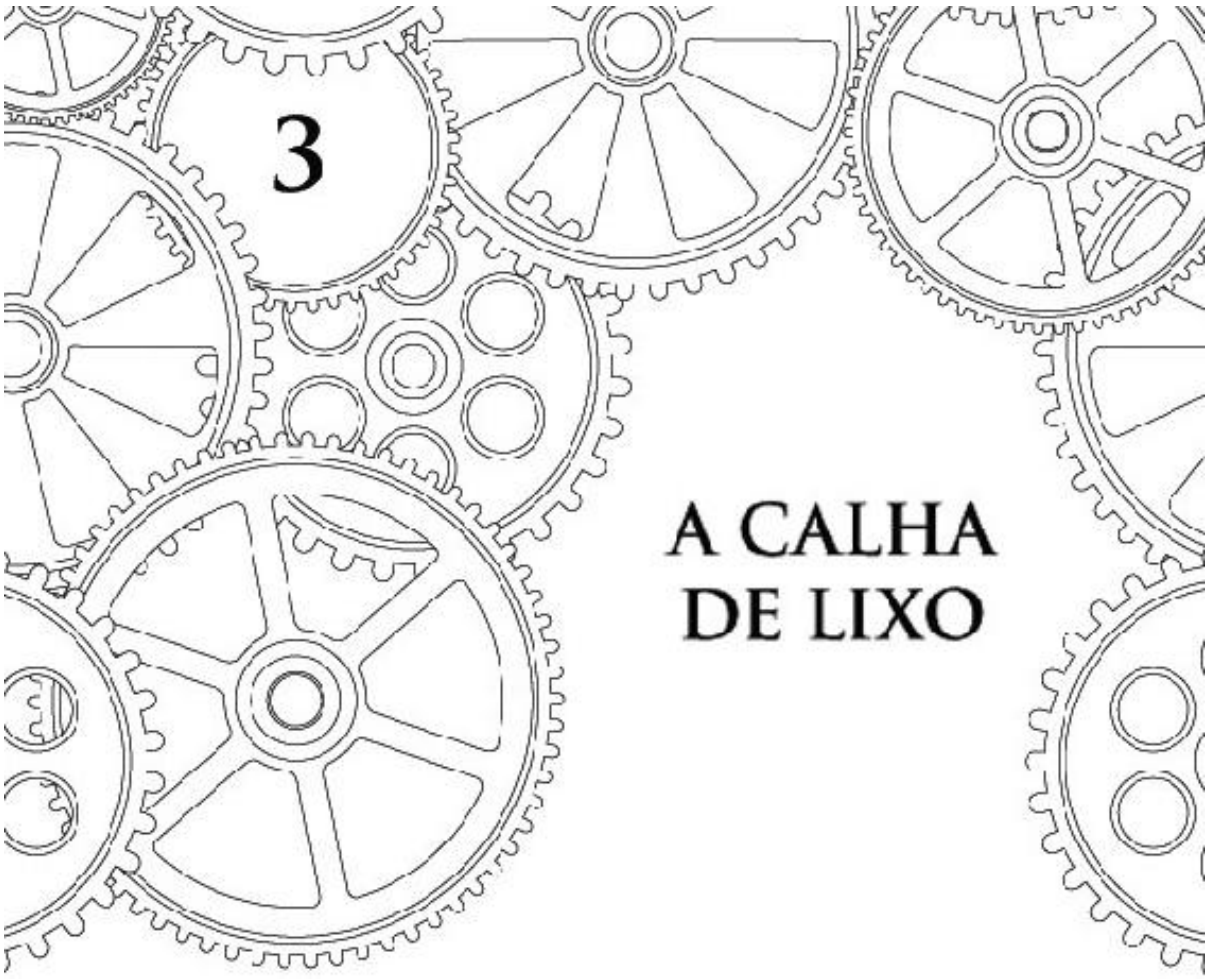
preto — uma garota, Tom pensou, embora não pudesse ter certeza por que ela usava um lenço preto envolto no rosto como o turbante de um nômade do deserto. Ele ficou perto dela e observou enquanto Valentine se apresentava aos outros catadores e perguntou:

— Então… alguém achou algo que a Guilda dos Historiadores poderia querer comprar?

Alguns dos homens assentiram, alguns negaram com a cabeça, outros reviraram em suas grandes mochilas. A garota usando o cachecol preto na cabeça deslizou uma mão no casaco e disse:

— Eu tenho algo para você, Valentine.

Ela falou tão baixo que apenas Tom e Katherine a ouviram, e, quando se viraram para olhar, ela avançou velozmente, empunhando uma faca longa e fina.



3

A CALHA DE LIXO

NÃO HAVIA TEMPO PARA PENSAR: KATHERINE GRITOU, CÃO ROSNOU, A GAROTA HESITOU POR UM momento e Tom viu uma oportunidade e se jogou para a frente, agarrando o braço da agressora enquanto ela lançava a faca em direção ao coração de Valentine. Ela sibilou, contorcendo-se, e a faca caiu no convés enquanto ela se livrava e disparava pela passarela.

— Detenham-na! — berrou Valentine, adiantando-se, mas os outros refugiados tinham visto a faca e estavam se debandando, assustados, barrando a passagem dele. Vários dos catadores tinham sacado armas de fogo e um policial armado veio caminhando desajeitadamente pelo meio da multidão, como um besouro azul, gritando:

— Armas não são permitidas em Londres!

Olhando por cima das cabeças dos catadores, Tom vislumbrou uma silhueta escura contra o clarão distante das fornalhas. A garota estava na outra

ponta da passarela, escalando agilmente uma escadaria até o nível mais acima. Ele correu atrás da agressora e tentou agarrar seu tornozelo quando ela alcançou o topo. Errou por alguns centímetros, e no mesmo momento um dardo sibilou perto, soltando faíscas dos degraus. Ele olhou para trás. Mais dois policiais estavam empurrando a multidão com bestas levantadas. Além deles, podia ver Katherine e seu pai o observando.

— Não atirem! — gritou. — Eu consigo pegá-la!

Ele se jogou na escada e foi ansiosamente para cima, determinado a ser quem ia capturar a assassina. Podia sentir o coração batendo com emoção. Depois de todos aqueles anos chatos passados sonhando com aventuras, de repente ele estava vivendo uma! Ele havia salvado a vida do sr. Valentine! Era um herói!

A garota já estava se dirigindo ao longo do labirinto de passarelas lá no alto do nível que levavam ao distrito das fornalhas. Na esperança que Katherine ainda pudesse vê-lo, Tom continuou a perseguição. A passarela se bifurcava e se estreitava, os corrimões a apenas um estaleiro de distância. Abaixo dele, o trabalho dos Estaleiros da Digestão continuava independentemente do que acontecia; ninguém lá notou o drama que estava se desenrolando acima de suas cabeças. Ele mergulhou através de sombras profundas e nuvens de vapor quente e cegante, com a garota sempre poucos metros à frente. Um tubo baixo pegou o cachecol e rasgou-o. O cabelo comprido dela era ruivo no brilho escuro dos fornos, mas Tom ainda não podia ver o rosto. Ele se perguntou se ela era bonita; uma bela assassina da Liga Antitração.

Ele desviou do cachecol e saiu correndo, respirando fundo, abrindo o colarinho. Descendo uma espiral vertiginosa de escadas de ferro em direção ao andar dos Estaleiros de Digestão, passando por sombras de correias transportadoras e grandes tanques esféricos de gasolina. Uma gangue de prisioneiros que trabalhava olhou para cima com espanto à medida que a garota passou correndo.

— Detenham-na! — gritou Tom.

Ficaram parados estupidamente quando ele passou, mas quando olhou para trás, viu um dos engenheiros aprendizes que os estava supervisionando, sair e se juntar à perseguição.

Tom imediatamente se arrependeu de ter gritado. Ele não iria abrir mão da vitória para algum engenheiro estúpido! Colocou um impulso extra de

velocidade, de modo que fosse ele quem a pegasse. Adiante, o caminho era bloqueado por um orifício circular na plataforma, rodeado por corrimãos enferrujados — uma calha de lixo, queimado e enegrecido, onde a fundição dos fornos era jogada. A menina interrompeu o ritmo por um momento, perguntando-se para onde ir. Quando prosseguiu, Tom tinha diminuído a distância. Os dedos estendidos agarraram a mochila dela; a correia quebrou e ela parou e girou para encará-lo, iluminada pelo resplendor vermelho das fundições.

Ela devia ter a mesma idade de Tom, e era horrível. Uma cicatriz terrível percorria o rosto, desde a testa até o queixo, fazendo com que parecesse um retrato furiosamente riscado. A boca estava distendida de lado em um sorriso de escárnio permanente, o nariz era um coto quebrado e o único olho dela o encarava do meio daquela confusão, cinza e tranquilo como um mar de inverno.

— Por que não me deixou matá-lo? — sibilou.

Ele ficou tão chocado que não conseguiu se mover ou falar, só ficou parado enquanto a garota alcançava a mochila caída e se virava para correr. Atrás dele, porém, soavam apitos policiais, e dardos de bestas vinham soltando faíscas pelos pisos e dutos. A garota largou a mochila e caiu de lado, arquejando um xingamento sujo. Tom sequer imaginava que garotas poderiam *saber* tais palavras.

— Não atirem! — gritou, acenando para os policiais. Eles estavam tropeçando pelas escadarias em espiral por trás dos tanques de gasolina, atirando enquanto vinham, como se não se importassem muito com o fato de Tom estar no caminho. — Não atirem!

A garota se escorou para se levantar, e ele viu que um dardo tinha a acertado na perna, bem acima do joelho. Ela agarrou o ferimento, o sangue transbordando pelos dedos. O ar dela vinha em soluços enquanto se segurava ao corrimão, levantando-se de forma estranha. Atrás dela, a calha de lixo parecia uma boca aberta.

— NÃO! — gritou Tom, vendo o que ela pretendia fazer. Ele não estava mais se sentindo um herói… simplesmente sentiu pena dessa pobre e hedionda garota e culpado por ser a pessoa que a havia aprisionado ali. Ele estendeu a mão, tentando fazer com que ela não pulasse. — Eu não poderia deixar você machucar o sr. Valentine! — gritou para fazer com que ela o

ouvisse acima do ruído das Entranhas. — Ele é um bom homem, uma pessoa boa, corajosa, maravilhosa…

A garota se lançou para a frente, empurrando seu rosto terrível e sem nariz para ele.

— Olhe para mim! — ela disse, a voz distorcida pela boca torta. — Veja o que o seu corajoso e bondoso Valentine fez comigo!

— O que você quer dizer?

— Pergunte a ele! — ela berrou. — Pergunte o que ele fez a Hester Shaw!

A polícia estava mais perto; Tom conseguia sentir os passos batendo no convés. A menina olhou para ele, depois levantou a perna ferida sobre o corrimão, gritando com a dor.

— Não! —Tom implorou de novo, mas era tarde demais. O casaco esfarrapado vibrou e esvoaçou, e ela se foi. Ele se atirou para a frente e espiou a calha sombreada. Uma explosão de ar veio até ele, misturada com o cheiro de lama e vegetação esmagada; o cheiro da terra sob a cidade. — Não!

Ela tinha pulado! Pulou da cidade direto para a morte! *Hester Shaw.* Ele teria que se lembrar desse nome e fazer uma oração para um dos muitos deuses de Londres.

Formas surgiram da fumaça bruxuleante. Os policiais avançavam cautelosamente, como caranguejos cuidadosos, e Valentine estava com eles, indo na frente. Nas sombras sob um tanque de gás, Tom viu o jovem engenheiro olhando, chocado. Tom tentou sorrir, mas o rosto dele parecia congelado, e, no instante seguinte, outra nuvem de fumaça passou sobre ele, apagando tudo.

— Tom! Você está bem? — Valentine se apressou, quase sem fôlego pela longa perseguição. — Onde ela está? Onde está a garota?

— Morta — Tom respondeu de forma débil.

Valentine ficou ao lado dele no corrimão e espiou. As sombras da fumaça à deriva moviam-se sobre o rosto como teias de aranha. Havia uma luz estranha em seus olhos, e o rosto estava apertado, branco e assustado.

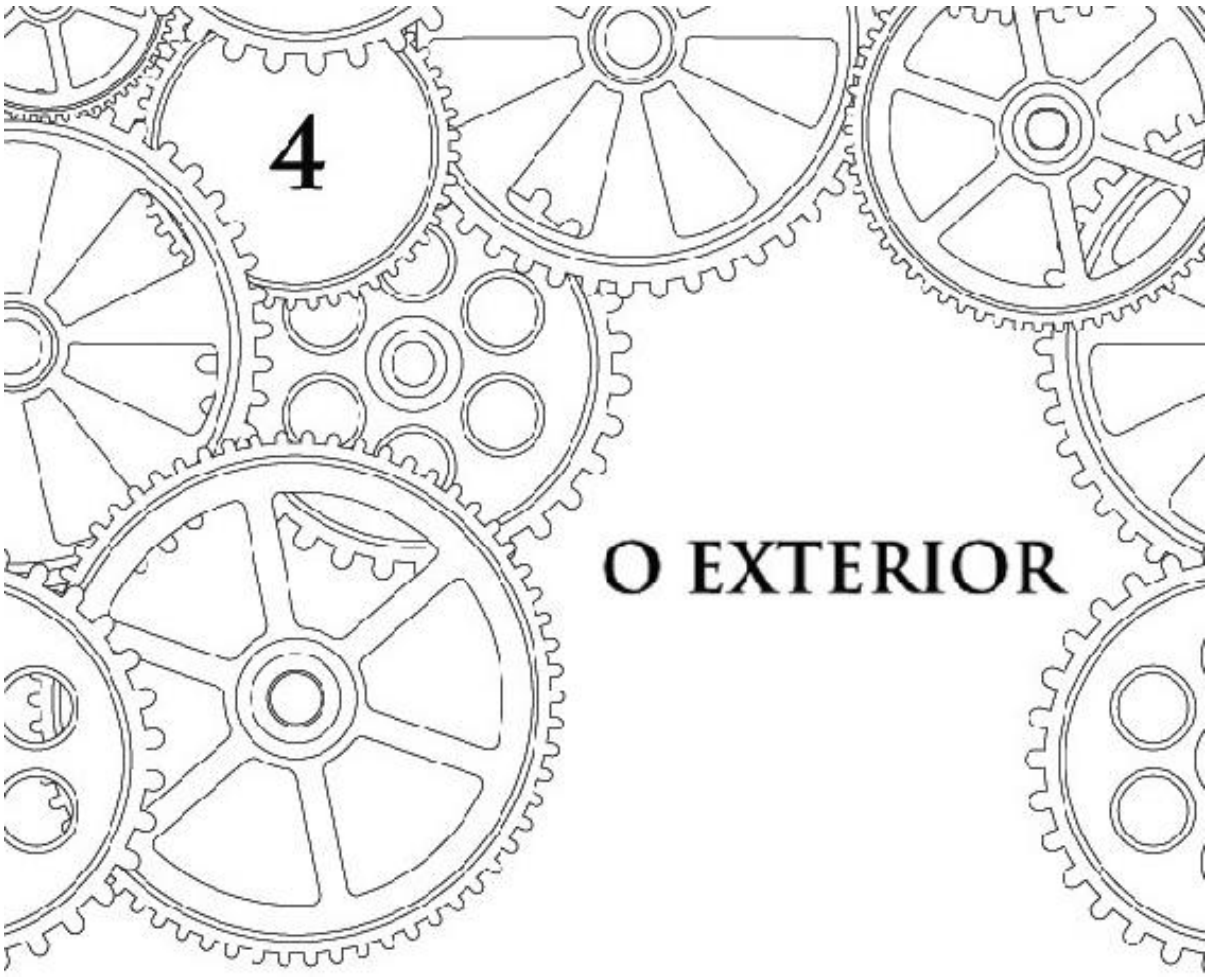
— Você a viu, Tom? Ela tinha uma cicatriz?

— Sim — respondeu Tom, indagando-se como Valentine poderia saber daquilo. — Era horrível! Ela tinha um só olho e o nariz dela… — Então ele se lembrou da coisa terrível que a menina havia lhe dito. — E ela disse… — Mas

não tinha certeza se devia contar ao sr. Valentine o que ela havia dito; uma insanidade, uma mentira. — Ela disse que o nome dela era Hester Shaw.

— Grande Quirke! — sibilou Valentine, e Tom cambaleou para trás, desejando que nunca tivesse mencionado isso. Mas quando ele olhou de novo, Valentine sorriu gentilmente, olhos cheios de tristeza. — Não se preocupe, Tom. Sinto muito…

Tom sentiu uma grande e gentil mão sobre seu ombro e então — nunca teve certeza de como aconteceu — uma torção, um empurrão, e ele foi lançado por sobre o corrimão e estava caindo, assim como Hester Shaw caíra, agarrando-se violentamente para segurar o metal liso à margem da calha de lixo. *Ele me empurrou!*, pensou, e foi mais surpresa que sentiu do que o medo quando a garganta negra o engoliu no escuro.



4

O EXTERIOR

SILÊNCIO. SILÊNCIO. ELE NÃO CONSEGUIA ENTENDER. MESMO QUANDO LONDRES NÃO ESTAVA SE MOVENDO, geralmente havia algum tipo de ruído no dormitório: o zumbido dos ventiladores, o barulho e os estalos dos eixos distantes do elevador, os roncos de outros aprendizes nos beliches vizinhos. Mas agora… silêncio. Sua cabeça doía. Na verdade, tudo doía. Seu beliche parecia estranho também, e quando ele moveu as mãos, havia algo frio e viscoso que escorreria entre os dedos como…

LAMA! Ele se sentou, ofegante. Não estava mesmo no dormitório da Terceira Classe. Estava deitado em um grande montículo de lama como uma corcunda, na borda de uma trincheira profunda, e na luz fina e cinza perolada do amanhecer, podia ver a menina com o rosto arruinado sentada nas proximidades. Seu pesadelo horrível de escorregar por aquela calha enegrecida pelo fogo tinha virado verdade: ele havia caído de Londres e estava sozinho com Hester Shaw na terra nua!

Ele gemeu de terror, e a menina o olhou rapidamente e depois se afastou.

— Então você está vivo. Pensei que tivesse morrido. — Parecia que ela não se importaria se fosse o caso.

Tom ficou de quatro, de modo que apenas seus joelhos, os dedos dos pés e as palmas das mãos tocassem a lama. Os braços nus, e quando olhou para baixo, viu que seu corpo machucado estava nu da cintura para cima. Sua túnica estava na lama ali perto, mas não conseguia encontrar a camisa, até que se arrastou para mais perto da menina com cicatrizes e percebeu que estava ocupada rasgando-a em tiras para fazer uma bandagem na perna ferida.

— Ei! Essa é uma das minhas melhores camisas!

— E daí? — respondeu ela sem desviar os olhos do que estava fazendo. — Esta é uma das minhas melhores pernas.

Ele puxou a túnica para cima. Estava esfarrapada e suja de cair na calha de lixo, cheia de cortes que deixavam o frio ar do Exterior passar. Ele se abraçou, tremendo. *Valentine me empurrou! Ele me empurrou e eu caí pela fenda para o Exterior! Ele me empurrou… Não, ele não pode ter feito isso. Devo ter me enganado. Eu escorreguei e ele tentou me segurar, é o que deve ter acontecido.*

Hester Shaw terminou o curativo e se levantou, grunhindo de dor enquanto tirava as calças sujas e ensanguentadas. Então ela jogou o que tinha restado da camisa de Tom de volta para ele, um trapo inútil.

— Você deveria ter me deixado matá-lo — ela disse e se virou, saindo com um tipo de manquitolada furiosa em direção à longa curva da lama.

Tom a observou partir, chocado e perplexo demais para se mover. Foi só quando ela desapareceu no alto da encosta que ele percebeu que não queria ficar sozinho ali. Preferia qualquer companhia, mesmo a dela, ao silêncio.

Atirou fora a camisa esfarrapada e correu atrás dela, deslizando na lama espessa e suja, batendo os dedos em fragmentos de pedras e raízes arrancadas. A trincheira profunda e cheia de musgo escancarava-se à sua esquerda, e quando alcançou a crista da subida percebeu que era apenas uma das cem trincheiras idênticas; as imensas marcas de trilha de Londres se esticando em uma linha reta como se tivesse sido traçada por uma régua no horizonte. Bem mais adiante, viu a cidade, escura contra o céu oriental brilhante, enrolada na fumaça de seus próprios motores. Ele sentiu o puxão frio da saudade. Todo mundo que já havia conhecido estava a bordo daquela montanha cada vez

menor, todos exceto Hester, pisando duro de raiva atrás da cidade, arrastando a perna ferida.

— Pare! — gritou, meio correndo, meio escorregando para alcançá-la. — Hester! Srta. Shaw!

— Deixe-me em paz! — ela retrucou.

— Mas para onde nós estamos indo?

— Eu tenho que voltar a Londres, não é? Foi preciso dois anos para que a encontrasse, me arrastando pelo Exterior a pé, pulando a bordo de pequenas cidades na esperança de que seria Londres que as engolisse. E quando finalmente chego lá e encontro Valentine, descendo para os estaleiros exatamente como os catadores disseram que ele faria, o que acontece? Um idiota me impede de furar o coração dele como merece. — Ela parou de andar e virou para encarar Tom. — Se não tivesse se metido, ele estaria morto, e eu teria caído e morrido ao lado dele e agora estaria em paz!

Tom a encarou e, antes que pudesse se deter, seus olhos se encheram de lágrimas. Ele se odiou por fazer papel de bobo na frente de Hester Shaw, mas não pôde evitar; o choque do que tinha acontecido e a ideia de ter sido abandonado ali foi demais, e as lágrimas quentes inundaram o rosto e cortaram arroios brancos pela lama nas bochechas.

Hester já estava a ponto de ir embora, mas parou e observou, como se não tivesse certeza do que estava acontecendo.

— Você está chorando! — falou ela, por fim, muito gentilmente e soando surpresa.

— Sinto muito — fungou ele.

— Eu nunca choro. Não posso. Não chorei nem quando Valentine assassinou meus pais.

— O quê? — A voz de Tom estava vacilante. — O sr. Valentine nunca faria algo assim! Katherine disse que nem conseguiu atirar em um filhote de lobo. Você está mentindo!

— E como você está aqui, então? — ela perguntou, zombando. — Ele o jogou depois de mim, não foi? Só porque me viu.

— Você está mentindo! — Tom repetiu. Mas ele se lembrou daquelas mãos grandes o empurrando para a frente; lembrou-se de cair e a estranha luz que brilhava nos olhos do arqueólogo.

— E então? — perguntou Hester.

— Ele me empurrou! — murmurou Tom, espantado.

Hester Shaw apenas deu de ombros, como que para dizer: *Viu? Viu como ele é de verdade?* Então se virou e começou a andar de novo.

Tom se apressou até chegar do lado dela.

— Eu vou com você! Tenho que voltar para Londres também! Posso ajudar!

— Você? — Ela deu uma risada sibilante e uma palmadinha na lama a seus pés. — Pensei que fosse um homem de Valentine. Agora quer me ajudar a matá-lo?

Tom negou com a cabeça. Ele não sabia o que queria.

Parte dele ainda se agarrava à esperança de que tudo fosse um mal-entendido e Valentine fosse bom, gentil e corajoso. Ele certamente não queria vê-lo assassinado e a pobre Katherine ficar sem pai… Mas ele *tinha* que chegar a Londres de alguma forma, e não conseguiria sozinho. E de qualquer forma, se sentia responsável por Hester Shaw.

Era culpa dele que ela tinha sido ferida, afinal.

— Eu ajudarei você a caminhar — afirmou. — Está ferida. Precisa de mim.

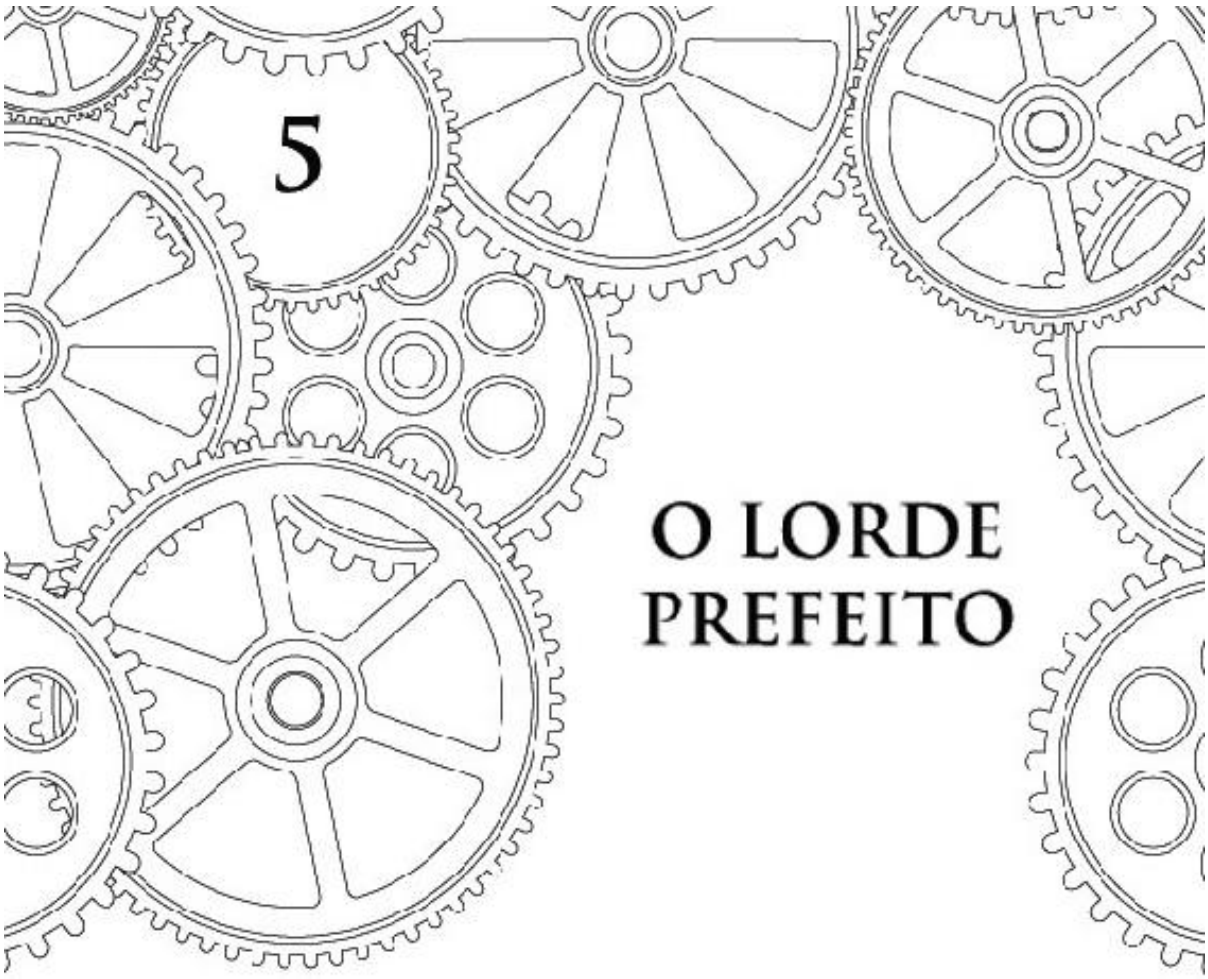
— Não preciso de ninguém — ela disse de forma feroz.

— Vamos perseguir Londres juntos — Tom prometeu. — Sou da Guilda dos Historiadores. Eles vão me escutar. Vou contar ao sr. Pomeroy. Se Valentine realmente fez as coisas que você disse, então a justiça vai lidar com ele!

— A *justiça*? — zombou. — Valentine é a lei em Londres. Ele não é o favorito do Lorde Prefeito? Não é o historiador-chefe? Não, ele vai me matar, a menos que eu o mate primeiro. E provavelmente vai matar você também. *Ssshinnng!* — Ela fingiu sacar uma espada e enfiar no peito de Tom.

O sol estava nascendo, fazendo subir volutas de vapor a partir da lama molhada. Londres ainda estava em movimento, visivelmente menor desde a última vez que ele havia olhado. A cidade geralmente parava por alguns dias quando comia, e alguma parte do cérebro de Tom que não estava adormecida se perguntou ociosamente, *Aonde será que ela está indo?*

Naquele momento, porém, a garota tropeçou e caiu, a perna ruim dobrada debaixo dela. Tom lutou para ajudá-la. Ela não agradeceu, mas também não o afastou. Ele puxou o braço em torno de seus ombros e a ergueu, e partiram juntos ao longo da crista de lama, seguindo a trilha de Londres para o leste.



5

O LORDE PREFEITO

QUASE DUZENTOS QUILÔMETROS ADIANTE, O NASCER DO SOL BRILHAVA NO CIRCLE PARK, O ELEGANTE laço de gramados e canteiros de flores que cercavam o nível um. Brilhava em lagos ornamentais e em caminhos reluzentes com orvalho, e brilhava nas torres de metal branco da Casa Clio, o casarão de Valentine entre cedros escuros à beira do parque, como um casco gigante de conchas abandonado pela maré alta.

No quarto e último andar, Katherine acordou e se deitou observando os raios de sol passarem pelas persianas. Ela sabia que estava infeliz, mas, de início, não soube dizer por quê.

E então se lembrou da noite anterior, do ataque nas Entranhas e como aquele aprendiz pobre, doce e jovem perseguiu a assassina e acabou morrendo. Ela tinha corrido atrás do pai, mas, quando chegou à calha de lixo, tudo havia acabado; um jovem engenheiro aprendiz estava indo embora tropeçando, o rosto chocado, tão branco quanto seu casaco de borracha, e

mais à frente, encontrou o pai, pálido e irritado, cercado por policiais. Ela nunca o vira daquele jeito antes, tampouco ouvira a voz áspera e anormal com a qual ele a ordenou que fosse direto para casa.

Parte dela só queria se enrolar e voltar a dormir, mas tinha que vê-lo e ter certeza de que estava bem. Ela puxou a colcha e levantou-se, pegando a roupa da noite passada que estava toda amassada no chão, ainda cheirando às fornalhas.

Do lado de fora da porta do quarto, um corredor inclinava-se suavemente para baixo, com teto redondo, que se curvava em si mesmo como o interior de uma amonite. Ela se apressou pelo corredor, parando para fazer uma reverência à estátua de Clio, deusa da História, em um nicho do lado de fora da porta para a sala de jantar. Em outros nichos, os tesouros que seu pai havia trazido de expedições: cacos, fragmentos de teclados de computador e crânios de metal enferrujados dos Stalkers — aqueles estranhos soldados meio mecânicos da guerra esquecida. Seus olhos de vidro rachados miravam Katherine com fúria enquanto ela passava apressada.

O pai dela estava bebendo café no átrio, o grande espaço aberto no centro da casa. Ele ainda estava de roupão, o rosto longo sério enquanto andava de um lado para o outro entre os xaxins de samambaias. Um olhar foi suficiente para dizer a Katherine que ele não tinha dormido nada.

— Papai? — ela perguntou. — O que aconteceu?

— Oh, Kate! — Valentine se aproximou e a abraçou com força. — Que noite!

— Aquele pobre garoto — Katherine sussurrou. — Pobre Tom! Suponho que não… *acharam* nada?

Valentine negou com a cabeça.

— A assassina o levou com ela quando pulou. Ambos se afogaram na lama do Exterior, ou foram esmagados sob as esteiras.

— Oh — sussurrou Katherine, sentando-se na beira de uma mesa, sem nem notar quando Cão entrou para descansar a cabeça em seu joelho.

Pobre Tom!, ela pensou. Ele tinha sido tão doce, tão ansioso para agradar. Ela realmente tinha gostado dele. Até pensou em pedir ao pai para levá-lo para trabalhar na Casa Clio de forma que ela e Cão pudessem conhecê-lo melhor. E agora estava morto, sua alma foi para o País sem Sol e seu corpo estava caído, sem vida na lama gelada, em algum lugar na esteira da cidade.

— O Lorde Prefeito não está feliz — disse Valentine, olhando o relógio de relance. — Uma assassina solta nas Entranhas de Londres no primeiro dia depois de voltarmos ao Campo de Caça. Ele está descendo aqui pessoalmente para falar sobre o assunto. Você vai se sentar comigo enquanto eu espero por ele? Pode tomar o meu café da manhã se quiser. Há café na mesa, pães, manteiga. Não estou com apetite.

Katherine também não sentia fome, mas olhou para a comida e notou uma mochila de couro maltratado no lado oposto da mesa. Era a mochila que a garota assassina tinha deixado cair nas Entranhas na noite passada, e seu conteúdo estava espalhado, como uma exposição em um estranho museu: uma garrafa de água de metal, um kit de primeiros socorros, algumas cordas, algumas tiras de carne-seca que pareciam mais duras do que linguetas de botas antigas e uma folha de papel manchada e amassada com uma fotografia grampeada. Katherine a pegou. Era um formulário de identidade, feito em uma cidade chamada "Strole", sujo e desbotado, rasgando ao longo dos vincos. Antes que ela pudesse estudar a escrita, seu olho foi atraído pela fotografia. Ela ofegou.

— Papai! O rosto dela!

Valentine se virou, viu-a segurando o papel e o tirou da mão dela com um grito de raiva.

— Não, Kate! Isso não é para você! Não é para ninguém ver…

Ele puxou o isqueiro e acendeu com cuidado um canto do formulário, dobrando-o para o cinzeiro em sua mesa enquanto queimava. Então, voltou à postura anterior, e Katherine se sentou ao seu lado, observando. Nos dez anos desde que havia chegado a Londres, Katherine passou a pensar nele como um melhor amigo, além de pai. Eles gostavam das mesmas coisas, riam das mesmas piadas e nunca tinham segredos… porém, ela podia ver que ele estava escondendo algo a respeito da garota. Ela nunca o vira tão preocupado com nada.

— Quem é ela, pai? — Katherine perguntou. — Você a conhece das expedições? Ela é tão jovem e tão… O que aconteceu com o *rosto* dela?

Houve passos, uma batida na porta e Pewsey entrou na sala.

— O Lorde Prefeito está a caminho, chefe.

— Já? — engasgou Valentine.

— Temo que sim. Gench acabou de vê-lo descendo pelo parque em seu bugue. Disse que não parecia muito feliz.

Valentine também não parecia muito feliz. Ele pegou suas vestes do encosto da cadeira, onde tinham sido jogadas, e começou a tentar tornar-se apresentável. Katherine se adiantou para ajudar, mas ele a afastou com um aceno, então ela o beijou rapidamente na bochecha e correu com Cão trotando atrás. Através das grandes janelas ovais da sala de estar, podia ver um bugue oficial branco que atravessava os portões da Casa Clio. Um esquadrão de soldados correu à frente, todos vestidos com as armaduras vermelhas brilhantes dos Alabardeiros, a guarda pessoal do Lorde Prefeito. Eles assumiram posições ao redor do jardim como enfeites feios de gramado enquanto Gench e os outros serviçais se apressaram para abrir a porta plástica do bugue. O Lorde Prefeito saiu e caminhou em direção a casa.

Magnus Crome era governante de Londres há quase vinte anos, mas ainda não *parecia* com um Lorde Prefeito. Os Lordes Prefeitos nos livros de história de Katherine eram homens de rostos vermelhos, gordos e felizes, mas Crome era magro como um corvo velho, e duas vezes mais sombrio. Nem usava as vestes escarlates que tinham sido o orgulho e a alegria de outros prefeitos, mas ainda usava seu longo casaco de borracha branca e a roda vermelha da Guilda dos Engenheiros sobre a testa. Os Lordes Prefeitos anteriores removiam as marcas das Guildas para mostrar que serviam à toda Londres, mas as coisas mudaram quando Crome assumiu o poder — e mesmo que algumas pessoas dissessem que era injusto que um homem fosse mestre dos engenheiros *e* Lorde Prefeito, eles ainda admitiam que Crome fazia um bom trabalho ao dirigir a cidade.

Katherine não gostava dele. Nunca gostou, mesmo que fosse tão bom para o pai dela. E não estava com vontade de encontrá-lo naquela manhã. Assim que ouviu a abertura da porta da frente, correu de volta pelo corredor e começou a subir, chamando Cão suavemente, para que ele a seguisse. Ela parou logo que estava ao redor da primeira curva, escondida em uma alcova pouco profunda, descansando as pontas dos dedos na cabeça do lobo para mantê-lo quieto. Conseguia notar que algum problema terrível preocupava seu pai, e não iria deixá-lo esconder a verdade como se ela ainda fosse criança.

Poucos segundos depois, viu Gench chegar à porta do átrio, segurando o chapéu nas mãos.

— Por aqui, vossa adorável excelência — murmurou, curvando-se. — Cuidado com o degrau, vossa *prefeitura*.

Logo atrás vinha Crome. Ele parou por um momento, a cabeça indo de um lado para outro de uma maneira estranhamente reptiliana, e Katherine sentiu o olhar dele varrer o corredor como o vento vindo dos Aterros Gelados. Ela se espremeu mais forte na alcova e rezou para Quirke e Clio que ele não a visse. Por um momento, ela pôde ouvir sua respiração e os fracos gemidos e rangidos do seu casaco de borracha. Então Gench levou-o para o átrio, e o perigo passou.

Com uma mão firme na coleira de Cão, ela se arrastou de volta para ouvir atrás da porta. Podia escutar a voz do pai e imaginou-o de pé ao lado da fonte ornamental enquanto seus homens levavam Crome para um assento. Começou a fazer algum comentário educado sobre o clima, mas a voz fria e fina do Lorde Prefeito o interrompeu:

— Eu li seu relatório da escapada da noite passada, Valentine. Você me assegurou que tinha lidado com toda a família.

Katherine se encolheu para longe da porta como se tivesse sido queimada. Como aquele velho ousava falar com o pai dela daquele jeito! Ela não queria ouvir mais nada, mas a curiosidade a dominou e colocou a orelha contra a madeira novamente.

— … um fantasma do meu passado — o pai dela estava dizendo. — Não consigo imaginar como escapou. E só Quirke sabe onde ela aprendeu a ser tão ágil e ganhou tamanha destreza. Mas agora está morta. Assim como o garoto que a pegou, o pobre Natsworthy…

— Você está certo disso?

— Eles caíram da cidade, Crome.

— Isso não significa nada. Estamos viajando por um terreno macio; podem ter sobrevivido. Você deveria ter enviado homens para verificar. Lembre-se: não sabemos o quanto a garota sabia do trabalho da mãe dela. Se ela dissesse a outra cidade que temos a MEDUSA, antes de estarmos prontos para usá-la…

— Eu sei, eu sei — falou Valentine irritado, e Katherine ouviu uma cadeira ser arrastada e ele se jogar nela. — Vou pegar o *Elevador do 13º Andar* e ver se consigo achar os corpos…

— Não — ordenou Crome. — Tenho outros planos para você e seu dirigível. Eu quero que voe e veja o que está entre Londres e seu objetivo.

— Crome, isso é um trabalho para o batedor do Comitê de Planejamento, não para o *Elevador*…

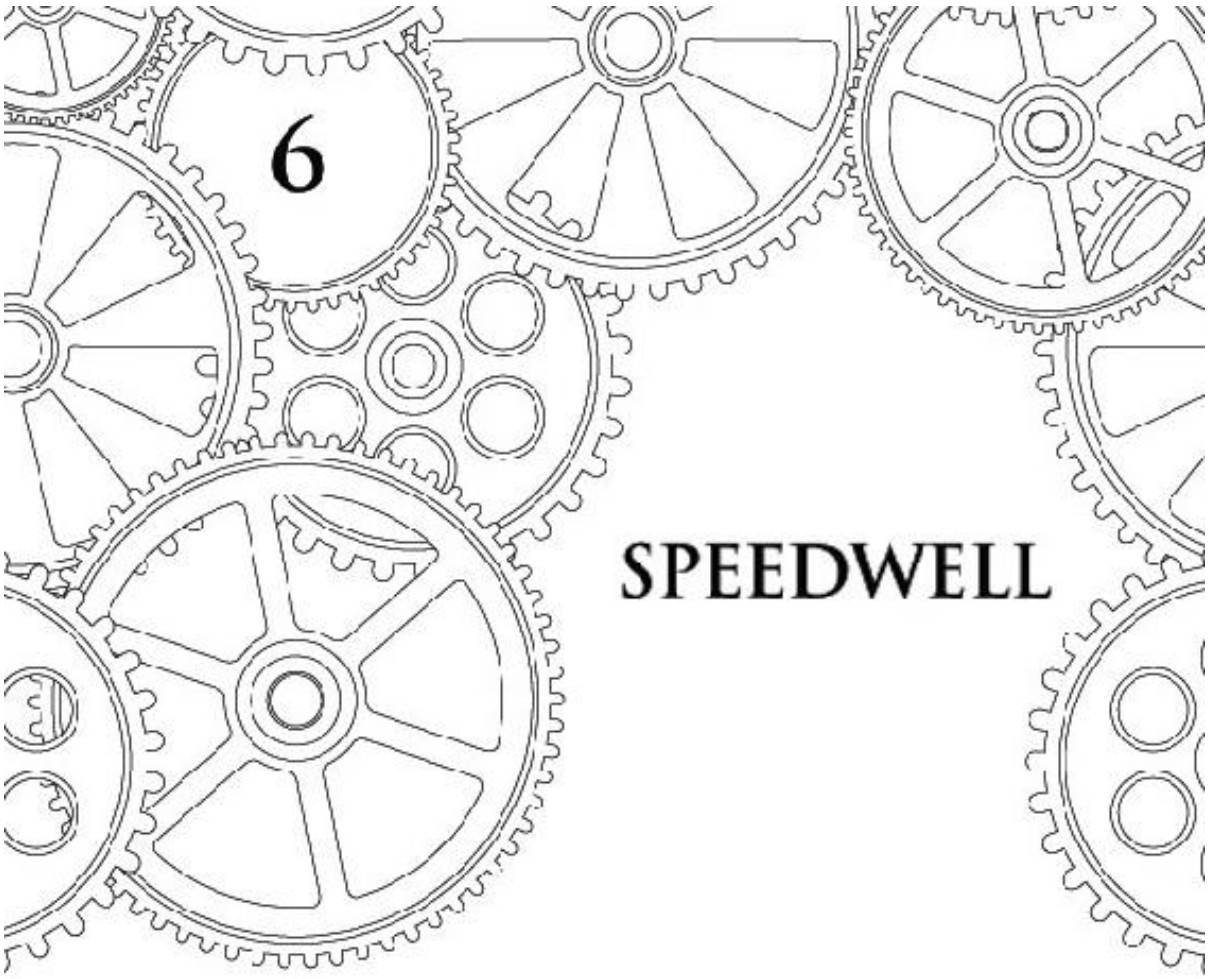
— Não — Crome se irritou de novo. — Não quero que muita gente saiba para onde estamos levando a cidade. Eles vão descobrir quando for a hora certa. Além disso, tenho uma tarefa em mente que só você é confiável para fazer.

— E a garota? — perguntou Valentine.

— Não se preocupe — assegurou o Lorde Prefeito. — Eu tenho um agente confiável para rastreá-la e terminar o trabalho que você não fez. Concentre-se na preparação do dirigível, Valentine.

A reunião estava terminando. Katherine ouviu o Lorde Prefeito se aprontando para sair, e apressou-se para o corredor antes que a porta se abrisse, a mente girando mais rápido do que uma das máquinas de secar roupas no Hall de Tecnologia Antiga do Museu de Londres.

De volta ao quarto, ela parou para pensar sobre as coisas que tinha ouvido. Esperava resolver um mistério, mas, em vez disso, o mistério tinha ficado mais profundo. Tudo o que tinha certeza era de que o pai tinha um segredo. Ele nunca tinha guardado nada dela antes. Sempre contou tudo, perguntava sua opinião, queria seus conselhos, mas agora ele estava sussurrando com o Lorde Prefeito sobre a garota ser um *"fantasma do meu passado"* e algum agente foi enviado para procurá-la e fazer… o quê? Tom e a assassina ainda poderiam estar vivos? E por que o Lorde Prefeito estava enviando o pai dela em uma missão de voo de reconhecimento com tanto segredo? E por que ele não queria dizer aonde Londres estava indo? E o que era *MEDUSA*?



DURANTE TODO AQUELE DIA ELES LUTARAM PARA SEGUIR ADIANTE, CAMINHANDO JUNTO À CICATRIZ que Londres tinha arranhado na terra macia do Campo de Caça. A cidade nunca saía do campo de visão, mas ficava cada vez menor e mais distante, afastando-se deles para o leste, e Tom percebeu que, em breve, poderia sumir de vista para sempre além do horizonte. A solidão o arruinou. Ele nunca tinha gostado muito da sua vida de historiador aprendiz da terceira classe, mas agora seus anos no Museu pareciam como um sonho bonito e dourado. Ele se viu com saudades do velho dr. Arkengarth e do pomposo Chudleigh Pomeroy. Ele sentia saudades do beliche no dormitório diminuto e as longas horas de trabalho, e sentia saudades de Katherine Valentine, embora a tivesse conhecido por apenas alguns minutos. Às vezes, se fechasse os olhos, podia ver o rosto dela com bastante clareza, os gentis olhos cinza e o lindo sorriso. Tinha certeza de que ela não sabia o tipo de homem que seu pai era…

— Olhe por onde anda! — brigou Hester Shaw, e ele abriu os olhos e percebeu que quase a tinha levado à beira do espaço de uma das marcas da trilha.

Eles prosseguiram, e prosseguiram, e Tom começou a pensar que o que mais sentia falta da sua cidade era da comida. Não era muito o que serviam na cantina da guilda, mas era melhor do que nada, e nada era o que havia agora. Quando perguntou a Hester Shaw sobre o que comeriam ali, ela respondeu apenas:

— Aposto que você gostaria de não ter perdido minha mochila, londrininho. Eu tinha uma boa carne-seca de cachorro lá.

No início da tarde, encontraram alguns arbustos modestos e acinzentados que as trilhas de Londres não haviam enterrado completamente, e Hester rasgou algumas folhas e as amassou em um purê entre duas pedras.

— Elas são melhores cozidas — afirmou, enquanto eles comiam a horrível meleca vegetal. — Eu tinha as coisas para fazer uma fogueira na mochila.

Mais tarde, ela pegou um sapo em uma das poças profundas que já estavam se formando nas trilhas em ziguezague. Ela não ofereceu a Tom, e ele tentou não olhar enquanto ela comia.

Ele ainda não sabia o que fazer com ela. A garota ficava em silêncio a maior parte do tempo, e olhava com tanta fúria quando ele tentava dizer algo que rapidamente aprendeu a andar em silêncio também. Mas às vezes, de repente, ela começava a falar:

— O terreno está subindo. Isso quer dizer que Londres vai mais devagar. Seria desperdício de combustível ir a uma velocidade máxima em uma subida direto. — Então, uma hora mais tarde: — Minha mãe costumava dizer que Cidades de Tração são estúpidas. Ela disse que havia um motivo há mil anos, quando havia todos aqueles terremotos e vulcões, e as geleiras empurrando para o sul. Agora, continuam andando e comendo umas às outras porque as pessoas são muito estúpidas para pará-las.

Tom gostava quando ela falava, mesmo que achasse que a mãe dela parecia uma perigosa antitracionista. Mas quando ele tentava manter a conversa rolando, ela voltava a ficar em silêncio, e a mão escondia o rosto. Era como se houvesse duas Hesters compartilhando o mesmo corpo magro: uma vingadora sombria que pensava apenas em matar Valentine; a outra era uma garota rápida, inteligente e simpática, que, às vezes, parecia o espiar atrás daquela máscara de cicatrizes. Ele se perguntava se ela estava minimamente

nervosa. Ver os pais serem assassinados seria o bastante para deixar qualquer um nervoso.

— Como aconteceu? — ele perguntou com gentileza. — Quero dizer, sua mãe e seu pai, você tem certeza de que foi Valentine que…?

— Cale a boca e ande — ralhou ela.

Mas muito tempo depois de ter escurecido, enquanto se aconchegavam em uma cavidade da lama para escapar do frio da noite, de repente ela começou a contar sua história:

— Eu nasci na terra nua, mas não era assim. Eu vivia na Ilha do Carvalho, no oeste longínquo. Costumava ser uma parte do Campo de Caça, mas os terremotos inundaram toda a terra e tornaram o lugar uma ilha, deixando muito longe para qualquer cidade com fome tentar atacar, e muito rochoso para as cidades anfíbias chegarem. Era adorável: colinas verdes, grandes afloramentos de pedra e riachos que atravessam emaranhados de florestas de carvalho, tudo cinza com líquen, deixando as árvores hirsutas, como cães velhos.

Tom estremeceu. Todos os londrinos sabiam que só os selvagens viviam na terra nua.

— Eu prefiro um bom e firme convés sob mim — ele disse, mas Hester não pareceu escutá-lo; as palavras continuavam escapando da boca distorcida dela como se não houvesse escolha.

— Há uma cidade por aí que se chama Dunroamin'. Era móvel no passado, mas as pessoas ficaram cansadas de correr o tempo todo de cidades maiores, então flutuaram até Ilha do Carvalho, tiraram as rodas e os motores e cavaram pela encosta. Está parada lá há cem anos ou mais, e é impossível dizer que costumava se mover.

— Mas isso é terrível! — Tom arfou. — É completamente antitracionista!

— Minha mãe e meu pai viveram pela estrada por um tempo — ela prosseguiu, falando por cima dele. — Eles tinham uma casa à beira de um atracadouro, onde o mar entrava. Papai era fazendeiro, e mamãe era historiadora, como você; só que muito mais inteligente, é claro. Ela voava a cada verão em seu dirigível, escavando tecnologia antiga, mas voltava para casa no outono. Eu costumava ir até seu escritório no sótão nas noites de inverno e comer torrada com queijo enquanto ela me contava sobre as aventuras.

"E então, em uma noite, sete anos atrás, acordei e ouvi pessoas discutindo no sótão. Assim, subi a escada e olhei, e Valentine estava lá. Eu o conhecia, porque era amigo de mamãe e costumava visitar quando passava por perto. Só que não estava sendo muito amigável naquela noite. 'Quero a máquina, Pandora', ficava falando. 'Quero a MEDUSA.' Ele não percebeu que eu estava assistindo ao que estava acontecendo. Eu estava no topo da escada, olhando para o sótão, muito assustada para subir e muito assustada para voltar. Valentine virou as costas para mim e mamãe estava de frente para ele, segurando uma máquina. Ela disse: 'Maldito seja, Thaddeus, eu a encontrei, é *minha*!'.

"E então Valentine sacou a espada e… e ele…"

Ela fez uma pausa para respirar. Queria parar, mas estava completamente imersa na onda de memória que a levava de volta àquela noite, naquele quarto e no sangue que tinha se espalhado no mapa estelar da mãe como uma nova constelação.

— E então ele se virou e me viu assistindo a tudo, veio até mim e eu desci de volta rapidamente, por isso sua espada apenas cortou meu rosto e eu caí da escada. Ele deve ter pensado que me matou. Eu o ouvi ir até a mesa da mamãe e começar a roubar os papéis, e então me levantei e corri. Papai estava deitado no chão da cozinha; também morto. Até os cães estavam mortos.

"Eu corri para fora da casa e vi o grande dirigível preto de Valentine ancorado no final do jardim com seus homens esperando. Eles vieram atrás de mim, mas escapei. Corri até o atracadouro e me enfiei no barco a remos do papai. Acho que pretendia dar a volta e ir até Dunroamin' para conseguir ajuda – eu era pequena e achei que um médico poderia ajudar mamãe e papai. Mas estava tão fraca por causa da dor e de todo aquele sangue… Eu desamarrei o barco de alguma forma, e a corrente levou-o, a próxima coisa que notei é que estava acordando nas margens do Campo de Caça.

"Vivi no Exterior depois. A princípio eu não me lembrava de muito. Era como se tivessem aberto minha cabeça e algumas memórias tivessem sido cuspidas para fora, e o resto ficou confuso. Mas lentamente comecei a me recordar, e um dia me lembrei de Valentine e do que ele havia feito. Foi quando decidi ir até ele. Matá-lo da mesma maneira que ele matou minha mãe e meu pai."

— E o que era aquela máquina? — perguntou Tom, em meio ao longo silêncio. — Essa tal de MEDUSA?

Hester deu de ombros. (Estava muito escuro para vê-la, mas ele *ouviu* os ombros dela encolherem e levantarem do lado de dentro do casaco sujo.)

— Algo que minha mãe encontrou. Tecnologia antiga. Não parecia importante. Era como uma bola de futebol de metal, com um monte de batidas e amassados. Mas foi por isso que ele a matou.

— Sete anos atrás — sussurrou Tom. — Foi quando o sr. Valentine se tornou o chefe da Guilda. Disseram que achou algo no Exterior e Crome ficou tão satisfeito que o promoveu, passando por cima das cabeças de Chudleigh Pomeroy e todo o resto. Mas nunca ouvi falar sobre o que ele tinha encontrado. E nunca ouvi falar de uma MEDUSA antes.

Hester não comentou nada. Depois de alguns minutos, ela começou a roncar.

Tom ficou acordado por um bom tempo, repassando a história dela na cabeça. Pensou nos devaneios que o faziam enfrentar os longos e tediosos dias no Museu. Ele tinha sonhado sobre ficar preso no Exterior com uma bela garota, na trilha de algum criminoso assassino, mas nunca havia imaginado que seria tão molhado e frio, ou que suas pernas doeriam tanto, ou que o assassino seria o maior herói de Londres. E quanto à bela garota…

Ele olhou para o rosto arruinado de Hester Shaw através da fraca luz da lua, franzindo o cenho mesmo em seu sono. Ele a entendia melhor agora. Ela odiava Valentine, mas se odiava ainda mais, por ser tão feia e por ainda estar viva enquanto os pais tinham morrido. Ele se lembrou de como havia se sentido quando o Grande Deslizamento aconteceu, quando voltou para casa e viu que tudo estava esmagado, e ficou sabendo que a mãe e o pai tinham partido. Ele pensou que era culpa dele de alguma forma, porque não estava lá para morrer com eles.

Eu devo ajudá-la, pensou. *Não vou deixá-la matar o sr. Valentine, mas vou encontrar uma maneira de descobrir a verdade. Se for verdade. Talvez amanhã, Londres tenha diminuído um pouco o ritmo e a perna de Hester esteja melhor. Voltaremos à cidade ao pôr do sol, e alguém vai nos escutar…*

Na manhã seguinte, no entanto, acordaram e descobriram que a cidade estava ainda mais longe, e a perna de Hester estava pior. Agora ela gemia de dor em quase todos os passos; o rosto dela estava da cor da neve velha e o sangue fresco empapava as ataduras e escorria pela bota. Tom se amaldiçoou por ter jogado aqueles retalhos da camisa fora, e por ter feito Hester perder a mochila e seu kit de primeiros socorros…

No meio da manhã, através de véus de chuva em movimento, eles viram algo adiante. Uma pilha de escórias e resíduos de carvão espalhados pelas marcas de trilha, onde Londres os tinha descartado no dia anterior. Retorcida ao lado, estava uma estranha cidade pequena e, à medida que se aproximavam, Hester e Tom podiam ver que as pessoas estavam subindo e descendo na pilha de escombros, peneirando sobras de metal derretido e fragmentos de combustível não queimado.

A vista lhes deu esperança e eles apertaram o passo. No começo da tarde, estavam sob a sombra das enormes rodas da cidadezinha, e Tom olhava com espanto seu único nível. Era menor do que muitas casas em Londres, e parecia ter sida construída com madeira por alguém cuja ideia de boa carpintaria era bater um par de pregos e esperar o melhor. Atrás do corredor da prefeitura, subiam as enormes e tortuosas chaminés de uma matriz experimental de motores.

— Bem-vindos! — gritou um homem alto de barba branca, abrindo caminho para baixo através dos dejetos de combustível, com as vestes marrons sujas batendo. — Bem-vindos a Speedwell. Sou Orme Wreyland, prefeito. Vocês falam anglês?

Hester recuou com desconfiança, mas Tom achou que o velho parecia bastante amigável. Ele deu um passo à frente e disse:

— Por favor, senhor, precisamos de comida, e de um médico para dar uma olhada na perna da minha amiga…

— Não sou sua amiga — sibilou Hester Shaw. — E não tem nada de errado com a minha perna. — Mas ela estava branca, tremendo, e o rosto brilhava de tanto suor.

— Não tem médico em Speedwell, de todo jeito — riu Wreyland. — Nenhum. E quanto à comida… Bem, são tempos difíceis. Vocês têm alguma coisa para negociar?

Tom bateu nos bolsos da túnica. Ele tinha um pouco de dinheiro, mas não conseguia ver como o dinheiro de Londres seria útil para Orme Wreyland.

Então tocou algo duro. Era o objeto antigo que encontrou nas Entranhas. Ele puxou-o e olhou melancolicamente por um momento antes de entregá-lo ao velho. Ele estava planejando dar de presente para Katherine Valentine um dia, mas agora comida era mais importante.

— Bonito! Muito bonito! — admitiu Orme Wreyland, inclinando o disco e admirando o arco-íris que formava. — Não muito útil, mas vale algumas noites de abrigo e um pouco de comida. Não é uma comida muito boa, diga-se, mas é melhor do que nada…



Ele estava certo: *não* era muito boa, mas Tom e Hester comeram vorazmente de todo o jeito e estenderam as tigelas, pedindo mais.

— É majoritariamente feito de algas — explicou Orme Wreyland, quando sua esposa derramou a segunda porção da pasta azulada. — Cultivamos em cubas embaixo da sala principal do motor. É bem desagradável, mas mantém corpo e alma juntos quando as colheitas são escassas, e cá entre nós, as colheitas nunca foram tão escassas. É por isso que ficamos tão felizes em encontrar este monte de lixo.

Tom assentiu, inclinando-se para trás na cadeira e olhando ao redor pelos aposentos de Wreylands. Era uma salinha triangular e nem um pouco o que ele esperaria da residência de um prefeito — mas Orme Wreyland também não era exatamente o que se esperaria de um prefeito. O velho maltrapilho parecia governar uma cidade composta principalmente de sua própria família: filhos e filhas, netos, sobrinhas, sobrinhos e os esposos e esposas que encontraram nas cidades por que passavam.

Porém Wreyland não era um homem feliz.

— Não é divertido dirigir uma Cidade de Tração — ficava dizendo. — Não é divertido mesmo. Houve uma época em que um lugarzinho como Speedwell poderia seguir seus negócios de forma bastante segura, pequeno demais para que qualquer outra cidade se incomodasse em comer. Mas agora não. Não com presas tão escassas. Todo mundo que vemos quer nos devorar. Nós até nos deparamos com uma cidade indo atrás da gente outro dia. Uma dessas grandes *Villes Mobiles* frankesas. Eu pergunto que utilidade um lugar como

Speedwell pode ter para um monstro como esse? Nós mal daríamos para o buraco dos dentes. Mas eles nos perseguiram mesmo assim.

— Sua cidade deve ser bem rápida — disse Tom.

— Oh, sim — concordou Wreyland, radiante, e a esposa acrescentou:

— Centenas de quilômetros por hora, velocidade alta. Obra do Wreyland. É um feiticeiro com esses motores.

— Você pode nos ajudar? — perguntou Tom, inclinando-se no assento. — Nós precisamos chegar a Londres o mais rápido possível. Tenho certeza de que poderia alcançá-la, e pode haver mais montes de dejetos ao longo do caminho…

— Obrigado, garoto — disse Wreyland, negando com a cabeça. — O que Londres dispensa não vale o sacrifício de ir tão longe, não nos dias de hoje. Tudo é tão reciclado agora que as presas são poucas. Eu me lembro da época quando os dejetos de cidades costumavam apontar no Campo de Caça como montanhas. Oh, havia boas colheitas! Mas não mais. Além disso — acrescentou com um encolher de ombros —, também não levaria minha cidade perto de Londres, ou de qualquer outra. Não se pode mais confiar neles. Eles se virariam e nos devorariam, é certo. *Nhac, nhac!* Não, não.

Tom assentiu, tentando não mostrar decepção. Ele olhou para Hester de relance, mas a cabeça dela estava dependurada e parecia estar dormindo, ou inconsciente. Ele esperava que fossem apenas os efeitos da longa caminhada e do estômago cheio, mas quando começou a verificar se ela estava bem, Wreyland disse:

— Digo o seguinte, contudo, rapaz, vamos levá-los ao agrupamento!

— Até onde?

— Ao agrupamento de trocas! É uma reunião de pequenas cidades, a alguns dias a sudeste daqui. Nós estávamos indo de qualquer maneira.

— Haverá muitas cidades no agrupamento — concordou a sra. Wreyland. — E mesmo que nenhuma possa levar você e sua amiga para Londres, vai encontrar em breve um comerciante de ar que o fará. Com certeza vai haver comerciantes de ar no agrupamento.

— Eu… — começou Tom, depois parou. Ele não estava se sentindo muito bem. A sala parecia vacilar, e então começou a rodar como uma tela mal sintonizada. Olhou para Hester e viu que ela tinha deslizado do assento para o

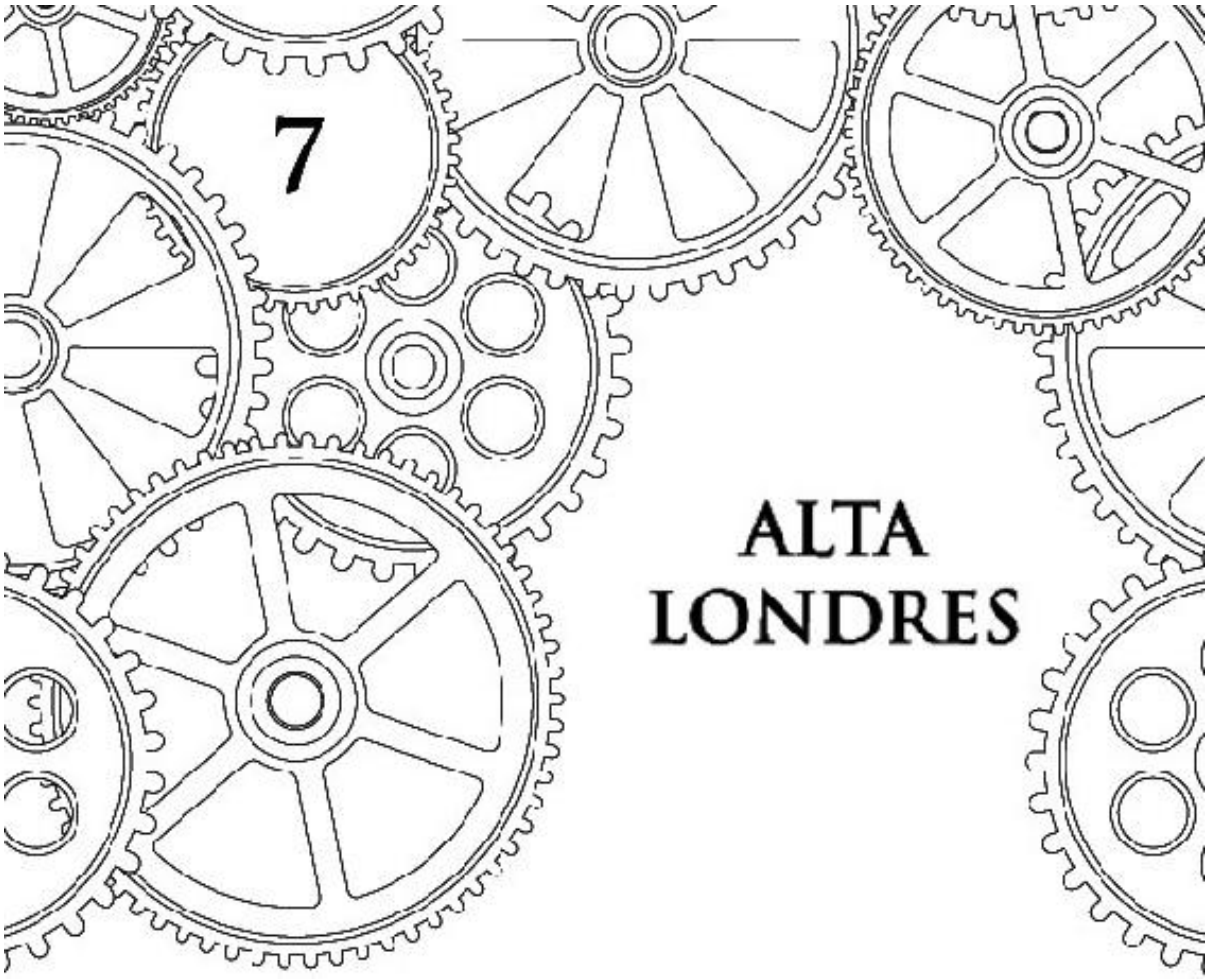
chão. Os deuses domésticos de Wreylands sorriram para ele de seu santuário na parede, e um parecia estar dizendo na voz de Orme Wreyland:

— Com certeza haverá dirigíveis lá, Tom, sempre há dirigíveis no agrupamento de trocas…

— Você gostaria de mais algumas algas, querido? — perguntou a sra. Wreyland, conforme ele caiu de joelhos. De muito longe, ele a ouviu dizendo: — Levou um tempo terrivelmente longo para fazer efeito, não é, Ormey? — E Wreyland respondendo:

— Precisaremos colocar mais da próxima vez, querida.

Então, os padrões que giravam no tapete subiram e se torceram ao redor, puxando Tom para um sono tão suave quanto o algodão e cheio de sonhos com Katherine.



ACIMA DO NÍVEL UM, ACIMA DAS LOJAS MOVIMENTADAS DE MAYFAIR E PICCADILLY, ACIMA DE QUIRKE Circus, onde a estátua do salvador de Londres está orgulhosa em sua coluna de aço estriado, o nível superior está dependurado sobre a cidade como uma coroa de ferro, apoiada por vastos pilares. É o menor e o mais importante dos sete níveis e, embora apenas três edifícios estejam ali, são os três principais de Londres. Na parte de trás, elevam-se as torres do Salão das Guildas, onde as guildas maiores e menores têm seus escritórios e se encontram no conselho uma vez por mês. Do lado oposto, o prédio onde as decisões *verdadeiras* são tomadas: a garra de vidro preto do Engineerium. Entre eles, St. Paul, o antigo templo cristão que Quirke reergueu lá em cima quando transformou Londres em uma Cidade de Tração. É uma visão triste agora, coberta de andaimes e segura por apoios, pois não tinha sido feito para se mexer, e as jornadas de Londres abalam a antiga cantaria. Mas muito em breve estaria aberto ao público de novo: a

Guilda dos Engenheiros tinha prometido restaurar o lugar, e se parasse para escutar de perto, poderia ouvir as brocas e martelos de seus homens trabalhando lá dentro.

Magnus Crome os ouve enquanto o bugue dele passa ronronando através da sombra da velha catedral ao Engineerium. Elas o trazem um sorriso fraco e secreto.

Dentro do Engineerium a luz do sol é mantida à distância por janelas pretas. Um brilho de neon frio lava as paredes metálicas, e o ar tem um cheiro antisséptico, o que Crome pensa que é um alívio bem-vindo ante o cheiro de flores e grama recém-cortada que pairava sobre a Alta Londres naquele dia quente de primavera. Uma jovem aprendiz salta em atenção enquanto ele entra no lobby e curva a cabeça calva quando ele ladra:

— Leve-me à dra. Twix.

Um carro de monotrilho está à espera. A aprendiz ajuda o Lorde Prefeito a entrar e leva-o girando em uma espiral lenta através do coração do Engineerium. Ele passa andar por andar de escritórios, salas de reuniões e laboratórios, e vislumbra as formas de máquinas estranhas através de paredes de vidro fosco. Por toda parte, parece que vê seus engenheiros no trabalho, mexendo com fragmentos de tecnologia antiga, fazendo experimentos em ratos e cães, ou grupos de crianças com cabeça raspada das escolas da guilda, que estão em dia de excursão nas Entranhas Profundas. Ele se sente seguro e satisfeito, aqui no santuário limpo, brilhante e interno de sua guilda. Faz com que lembre por que ama tanto Londres, e por que dedicou toda a sua carreira a encontrar maneiras de mantê-la em movimento.

Quando Crome era um jovem aprendiz, muitos anos antes, leu previsões sombrias que diziam que as presas estavam acabando e as Cidades de Tração estavam condenadas. Ele tornou o trabalho de sua vida provar que isso estava errado. Fazer sua escalada rumo ao topo de sua guilda e, em seguida, para o trono de Lorde Prefeito, tinha sido apenas o começo. Suas leis ferozes de reciclagem e antidesperdício eram meramente um tampão. Agora está quase pronto para revelar seu plano real. Mas primeiro deve ter certeza de que a garota Shaw não causará mais problemas.

O carro chega a um dos laboratórios superiores. Uma mulher atarracada como um barril e usando um casaco branco está parada na entrada, pulando nervosamente de um pé para o outro. Evadne Twix é uma das melhores engenheiras de Londres. Ela pode parecer a tia tontinha de alguém e decorar

seu laboratório com fotos de flores e cachorros (uma clara violação das regras da guilda), mas quando se trata de trabalho, é totalmente implacável.

— Olá, Lorde Prefeito. — Ela dá um sorriso afetado, curvando-se. — Que agradável vê-lo! Veio visitar meus bebês?

— Eu quero ver Shrike — ele fala com rispidez, seguindo em frente, e ela dança em seu rastro como uma folha na corrente de uma cidade passando.

Eles atravessam o laboratório dela, passam por engenheiros que se sobressaltam e fazem reverências, por cintilantes prateleiras de vidro e mesas onde esqueletos de metal enferrujados estão sendo cuidadosamente reparados. A equipe da dra. Twix passou anos estudando os Stalkers, Homens Ressuscitados cujos restos às vezes apareciam no Exterior — e ultimamente tinham mais do que apenas restos para trabalhar.

— Você completou suas pesquisas com o Shrike? — pergunta Crome enquanto continua pelo caminho. — Você está certa de que não é de mais utilidade?

— Oh, descobri tudo o que podia, Lorde Prefeito — chilreia a doutora. — Ele é um trabalho fascinante, mas realmente muito mais complicado do que seria bom para ele, quase desenvolveu sua própria personalidade. E quanto à sua estranha fixação com essa garota… Devo garantir que meus novos modelos sejam muito mais simples. Deseja que o desmonte?

— Não. — Crome para perto da pequena porta redonda e toca uma viga que a deixa escancarada. — Pretendo manter minha promessa para Shrike. E tenho um serviço para ele.

Além da porta, há sombras e um cheiro de óleo. Uma silhueta alta permanece sem se mexer contra uma parede distante. À medida que o Lorde Prefeito entra na sala, dois olhos redondos e verdes se abrem como duas lanternas.

— Sr. Shrike! — diz Crome, soando quase animado. — Como estamos? Espero que não estivesse dormindo.

— EU NÃO DURMO — responde uma voz das trevas. É uma voz horrível, aguda como o guincho de engrenagens enferrujadas. Até mesmo a dra. Twix, que a conhece bem, se encolhe no casaco de borracha. — GOSTARIA DE ME EXAMINAR DE NOVO?

— Não, Shrike — Crome responde. — Você se lembra do que avisou quando veio pela primeira vez para mim? Um ano e meio atrás? Sobre a garota Shaw?

— EU LHE DISSE QUE ELA ESTÁ VIVA E A CAMINHO DE LONDRES.

— Bem, parece que estava certo. Ela apareceu como disse que aconteceria.

— ONDE ESTÁ ELA? TRAGA-A PARA MIM!

— Temo que seja impossível. Ela pulou por uma calha de lixo, de volta para o Exterior.

Há um silvo lento, como o escape de vapor.

— DEVO IR ATRÁS DELA.

Crome sorri.

— Estava esperando que dissesse isso. Um dos dirigíveis de reconhecimento da minha Guilda, um Goshawk 90, foi preparado. Os pilotos voltarão pelas trilhas da cidade até encontrar o local onde a menina caiu. Se ela e seu companheiro estiverem mortos, tudo muito bem. Se estiverem vivos, mate-os. Traga seus corpos para mim.

— E ENTÃO? — pergunta a voz.

— Então, Shrike — Crome responde —, eu lhe darei o desejo de seu coração.

Era uma época estranha para Londres. A cidade ainda estava viajando a uma velocidade bastante alta, como se houvesse uma captura à vista, mas não havia outra cidade nas planícies cinzas e lamacentas do noroeste do Campo de Caça, e todos estavam se perguntando o que o Lorde Prefeito poderia estar planejando.

— Não podemos apenas ir dirigindo desse jeito. — Katherine ouviu um dos seus criados murmurar. — Há grandes cidades mais a leste, que nos engolirão e cuspirão os ossos!

Mas a sra. Mallow, a governanta, sussurrou de volta:

— Você não sabe nada, Sukey Blinder? O próprio sr. Valentine não está sendo mandado para espionar o terreno adiante? Ele e Magnus Crome estão de olho em algum grande e vasto prêmio, pode ter certeza disso!

Algum grande e vasto prêmio talvez, mas ninguém sabia o quê, e quando Valentine chegou em casa para o almoço depois de outra reunião com a Guilda dos Engenheiros, Katherine perguntou:

— Por que precisam mandar *você* em um voo de reconhecimento? Esse é um serviço para um navegador, não o melhor arqueólogo do mundo. Não é justo!

Valentine suspirou com paciência.

— O Lorde Prefeito confia em mim, Kate. E volto logo. Três semanas. Um mês. Não mais. Agora, desça para o hangar comigo, e veremos o que Pewsey e Gench têm feito no meu dirigível.



No longo milênio desde a Guerra dos Sessenta Minutos, a tecnologia dos dirigíveis atingiu níveis que nem os antigos chegaram a sonhar. Valentine tinha mandado construir o *Elevador do 13º Andar* usando um pouco do dinheiro que Crome lhe pagou por causa da tecnologia antiga que havia achado na América, vinte anos antes. Ele disse que era o melhor dirigível já construído, e Katherine não viu motivos para duvidar. Claro que ele não mantinha a aeronave no aeroporto do nível cinco junto com as dos mercadores comuns, mas em um cais aéreo privado a algumas centenas de metros da Casa Clio.

Katherine e o pai caminharam em direção a ele através do parque iluminado pelo sol. O hangar e o anexo de metal na frente estavam ocupados com pessoas e insetos, quando Pewsey e Gench começaram a carregar o *Elevador* com provisões para o vindouro voo. Cão foi apressando-se para cheirar as pilhas de caixotes e enlatados: carne enlatada, gás de elevação, remédios, kits de reparação de lonas de dirigível, protetor solar, máscaras de gás, roupas à prova de fogo, armas, capas de chuva, casacos de frio, equipamentos de cartografia, fogões portáteis, meias extras, copos plásticos, três botes infláveis e um cartaz de papelão rotulado "Sapatos de lama para o Exterior Pink's Patent – *Ninguém afunda com os Pink's!*".

Nas sombras do hangar, o grande dirigível esperava, seu envelope elegante, preto e blindado coberto por lonas. Como de costume, Katherine sentiu uma emoção crescente ao pensar naquele enorme veículo levantando o pai no céu — e uma tristeza também, pois ele a estava deixando para trás e ela temia que não voltasse.

— Oh, eu gostaria de ir com você! — exclamou.

— Dessa vez não, Kate — o pai disse a ela. — Talvez um dia.

— É porque sou uma garota? — perguntou. — Mas isso não importa. Quero dizer, mulheres das épocas antigas podiam fazer as mesmas coisas que os homens faziam e, de todo jeito, as aeronaves estão cheias de pilotos mulheres. Você mesmo teve uma, na viagem para a América, eu me lembro de ver fotos dela…

— Não é isso, Kate — ele disse, abraçando a filha. — É só que pode ser perigoso. Enfim, não quero que você comece a se transformar em uma aventureira maltrapilha como eu; quero que fique aqui, acabe os estudos e se torne uma bela e fina dama da Alta Londres. E, acima de tudo, quero que você impeça Cão de fazer xixi nas minhas latas de sopa…

Quando Cão já tinha sido arrastado para fora e repreendido, eles se sentaram juntos na sombra do hangar e Katherine falou:

— Então, você vai me dizer para onde está indo e o que é tão importante e perigoso?

— Eu não posso dizer — falou Valentine, olhando para ela de relance com o canto do olho.

— Ah, qual é! — Ela riu. — Não somos melhores amigos? Sabe que eu nunca diria a ninguém. E estou desesperada para saber para onde Londres está indo! Todo mundo na escola fica perguntando. Estamos viajando para leste na velocidade máximas por dias e dias. Não paramos sequer quando devoramos Salthook…

— Bem, Kate — ele admitiu —, o fato é que Crome me pediu para dar uma olhada em Shan Guo.

Shan Guo era a nação líder da Liga Antitração, a aliança bárbara que controlava o velho subcontinente indiano e o que restava da China, protegida de cidades famintas por uma grande cadeia de montanhas e pântanos que marcavam os limites orientais do Campo de Caça. Katherine tinha estudado isso em geografia. Havia apenas uma passagem por essas montanhas, e estava protegida pela terrível fortaleza-cidade de Batmunkh Gompa, a Muralha-Escudo, sob armas perante as quais cem cidades haviam caído nos primeiros séculos de Tração.

— Mas por que lá? — perguntou. — Londres não pode estar indo para lá!

— Eu não disse que estava — respondeu Valentine. — Mas algum dia nós *podemos* ir para Shan Guo e penetrar as defesas da Liga. Você sabe o quão

escassas se tornaram as presas. Cidades estão começando a ficar famintas e se virar umas contra as outras.

Katherine estremeceu.

— Mas deve haver outra solução — protestou. — Não podemos falar com os Lordes Prefeitos de outras cidades e chegar a algum acordo?

Ele riu com gentileza.

— Temo que o Darwinismo Municipal não funcione assim, Kate. É um mundo no qual cidades comem cidades. Mas você não deve se preocupar. Crome é um grande homem, e ele encontrará uma maneira.

Ela assentiu, infeliz. Os olhos de seu pai tinham aquele olhar assombrado e atormentado de novo. Ainda não tinha conversado com ela sobre a menina assassina, e agora Katherine podia dizer que ele estava mantendo outra coisa em segredo, algo sobre essa expedição e os planos do Lorde Prefeito para Londres. De alguma forma, tudo estava conectado? Ela não podia perguntar-lhe diretamente sobre as coisas que tinha ouvido no átrio sem admitir que o havia espionado, mas apenas para ver o que ele diria, perguntou:

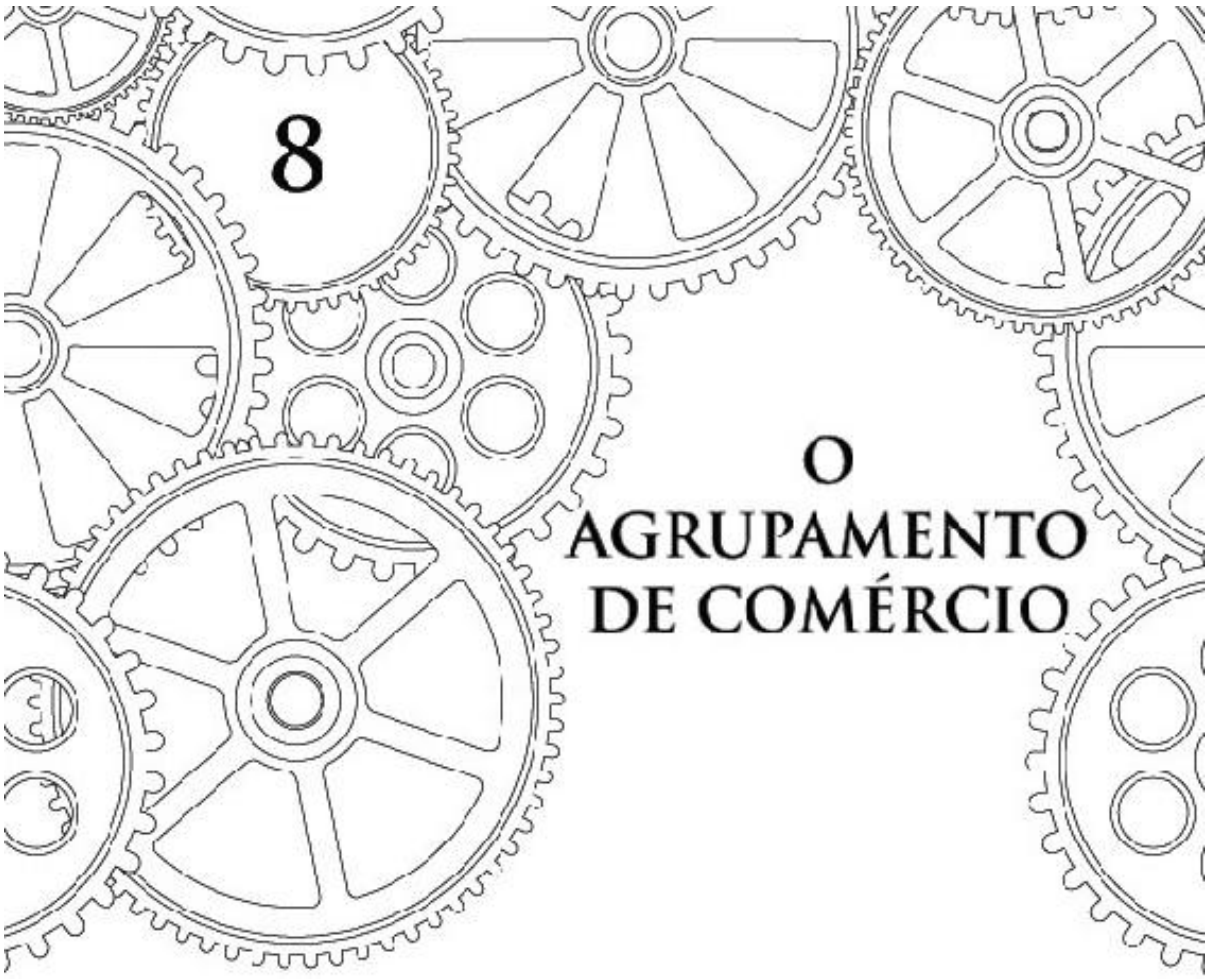
— Isso tem alguma coisa a ver com aquela garota terrível? *Ela* era de Shan Guo?

— Não — Valentine respondeu rapidamente, e ela viu a cor escorrer de seu rosto. — Ela está morta, Kate, e não há mais motivos para se preocupar. Vamos. — Ele se levantou rapidamente. — Nós temos mais alguns dias juntos antes que eu parta, então vamos aproveitá-los. Nós nos sentaremos junto ao fogo, comeremos torradas com manteiga e conversaremos sobre velhos tempos e não pensaremos… naquela pobre garota desfigurada.

Enquanto caminhavam de mãos dadas pelo parque, uma sombra deslizou sobre eles, Goshawk 90 partindo do Engineerium.

— Viu? — disse Katherine. — A Guilda dos Engenheiros tem seus próprios dirigíveis. Eu acho horrível Magnus Crome mandar você para longe de mim.

Porém o pai dela pôs as mãos acima dos olhos para poder vislumbrar o dirigível branco que circundou o nível superior e voou rápido para o oeste.



8

O AGRUPAMENTO DE COMÉRCIO

TOM ESTAVA SONHANDO COM KATHERINE. ELA CAMINHAVA AO LADO DELE PELAS SALAS FAMILIARES do Museu, só que não havia curadores ou homens da Guilda, ninguém para dizer, "Encere o chão, Natsworthy", ou "Espane os ornamentos de vidro do século XLIII". Ele estava mostrando o lugar para ela como se fosse o dono, e ela sorria enquanto ele explicava os detalhes das réplicas de dirigíveis e a grande maquete em corte de Londres. Através de tudo aquilo, uma música ressoava como um gemido, e não foi até chegarem à galeria de História Natural que perceberam que era a baleia-azul cantando para eles.

O sonho evanesceu, mas as notas estranhas da canção da baleia demoraram a passar. Ele estava deitado em um convés de madeira tremendo. Paredes de madeira se estendiam em cada um dos lados, com a luz do sol brilhando entre as lacunas das tábuas e, por cima, uma confusão louca de

tubos e dutos rastejava pelo teto. Era o encanamento de Speedwell, e seu borbulhar e resmungos eram o que ele confundiu com a música da baleia.

Tom rolou e olhou ao redor pela salinha. Hester estava sentada contra a parede mais distante. Ela assentiu quando notou que ele estava acordado.

— Onde estou? — ele resmungou.

— Não sabia que alguém poderia falar isso de fato — disse ela. — Pensei que só se falasse isso em livros. "Onde estou?" Que interessante.

— Não, de verdade — protestou Tom, olhando para as paredes ásperas e a porta estreita de metal. — Ainda é Speedwell? O que aconteceu?

— A comida, é claro — respondeu ela.

— Você quer dizer que Wreyland nos drogou? Mas por quê? — Ele se levantou e abriu caminho para a porta em frente ao convés.

— Nem tente — Hester o avisou —, está trancada.

Ele tentou mesmo assim. Ela estava certa. Em seguida, Tom tropeçou para examinar uma rachadura na parede. Além disso, podia ver uma estreita passarela de madeira que cintilava como a tela de imagens quando a sombra de uma das rodas de Speedwell passou por ela. O Exterior estava passando rápido, parecendo muito mais pedregoso e íngreme do que quando o viu pela última vez.

— Nós estamos indo para o sul pelo sudeste desde o nascer do sol — explicou Hester, cansada, antes que ele pudesse perguntar. — Provavelmente há mais tempo, mas eu também estava dormindo.

— Para onde estão nos levando?

— Como vou saber?

Tom sentou-se num monte com as costas para a parede, estremecendo.

— Então é isso! — exclamou. — Londres deve estar a centenas de quilômetros de distância! Nunca mais vou voltar para casa!

Hester não falou nada. Seu rosto estava branco, fazendo as cicatrizes se destacarem ainda mais, e o sangue embebia a prancha ao redor da perna ferida.

Uma hora se arrastou, depois outra. Às vezes, pessoas se apressavam ao longo da passarela do lado de fora, sombras bloqueando as magras faixas de luz solar. O encanamento fazia um som contínuo. Por fim, Tom ouviu o ruído de um cadeado sendo aberto. Uma escotilha baixou, uma porta se abriu e um rosto espiou.

— Todo mundo bem? — perguntou o rosto.

— Tudo bem? — gritou Tom. — Claro que não! — Ele se aproximou da porta. Wreyland estava com as mãos e os joelhos lá fora, agachado para poder ver a escotilha (que Tom suspeitava ser na verdade uma daquelas portinholas para gatos). Atrás, botas de alguns de seus homens, de pé, em guarda. — Por que fez isso? Não lhe fizemos mal nenhum!

O velho prefeito parecia envergonhado.

— Isso é verdade, querido, mas a época é difícil, sabe, cruelmente difícil. Não é divertido gerir uma Cidade de Tração. Temos que pegar o que pudermos. Então pegamos vocês. Nós vamos vendê-los como escravos. É assim que as coisas são. Haverá algumas cidades escravagistas no agrupamento, vamos vendê-los. É preciso. Precisamos de peças extras para nossos motores, se quisermos nos manter adiante das cidades maiores…

— Nos vender? — Tom tinha ouvido falar de cidades que usavam escravos para trabalhar em salas de máquinas, mas sempre parecia algo distante e exótico que nunca o afetaria. — Eu preciso alcançar Londres! Não podem me vender!

— Oh, tenho certeza que vai conseguir um bom preço — afirmou Wreyland, como se fosse algo com o qual Tom deveria se sentir satisfeito. — Um rapaz bonitão e saudável. Vamos garantir que vá para um bom proprietário. Eu não garanto nada sobre sua amiga, é claro; parece meio morta, e não é nenhuma pintura a óleo para começar. Mas talvez possamos vendê-los juntos, algo como "compre dois pelo preço de um". — Ele empurrou duas tigelas através da aba, tigelas redondas de metal, como as de um cachorro. Uma continha água, a outra mais da alga azulada. — Comam! — disse animadamente. — Queremos que tenham uma aparência agradável e bem alimentada para o leilão. Estaremos no agrupamento ao pôr do sol e venderemos vocês pela manhã.

— Mas… — Tom protestou.

— Sim, eu sei, sinto muito mesmo, mas o que posso fazer? — disse Wreyland tristemente. — A época está difícil, sabe?

A escotilha se fechou.

— E quanto à minha relíquia? — gritou Tom. Não houve resposta. Ele ouviu a voz de Wreyland na passagem de fora, conversando com o guarda e depois nada. Colocou as mãos em concha e bebeu um pouco de água, e levou a tigela para Hester. — Temos que escapar!

— Como?

Tom olhou ao redor. A porta era inútil, trancada e guardada como estava. Ele olhou para cima, para o encanamento, até que doesse o pescoço, mas, embora alguns dos tubos parecessem grandes o suficiente para que uma pessoa rastejasse por eles, não podia ver nenhuma maneira de entrar ou mesmo alcançá-los. De todo jeito, não gostaria de rastejar por qualquer que fosse o fluido espesso que podia ouvir gorgolejando. Ele voltou a atenção para a parede, sentindo o caminho pelas tábuas. Por fim, encontrou uma que estava ligeiramente solta, e a soltou ainda mais, gradualmente.

Foi um trabalho lento, difícil e doloroso. Os dedos de Tom se encheram de farpas, o suor escorria pelo rosto e ele tinha que parar a cada vez que alguém passava pela passarela lá fora. Hester observava em silêncio, até que ele começou a ficar bravo por ela não ajudar. Ao anoitecer, quando o céu lá fora ficou vermelho e a cidade corredora começou a desacelerar, ele tinha feito uma brecha boa o suficiente para passar a cabeça.

Tom esperou até ter certeza de que não havia ninguém, depois se inclinou. Speedwell estava passando através das sombras de grandes espinhaços de pedra, os núcleos roídos de velhas montanhas. Adiante, um anfiteatro natural, uma tigela rasa entre mais torres de rocha, e cheio de cidades. Tom nunca vira tantos subúrbios comerciais e vilas de tração reunidas.

— Chegamos! — contou a Hester. — É o agrupamento!

Speedwell reduziu, manobrando em um espaço entre uma pequena aldeia movida a vela e uma cidade-mercado maior. Tom podia ouvir as pessoas nas novas cidades cumprimentando Speedwell, perguntando de onde veio e o que tinha para negociar.

— Ferro-velho — ouviu a sra. Wreyland gritar do fundo —, um pouco de madeira, uma relíquia bonita e dois belos, frescos e saudáveis jovens escravos!

— Oh, Quirke! — murmurou Tom, trabalhando para ampliar o buraco que havia feito.

— Nunca será grande o bastante — disse Hester, que sempre esperava o pior e geralmente estava certa.

— Você poderia tentar ajudar, em vez de ficar sentada aí! — Tom gritou de volta, mas se arrependeu imediatamente, pois podia ver que ela estava bem doente. Ele se perguntou o que aconteceria se ela estivesse fraca demais para escapar. Não podia fugir sozinho para o Exterior e largá-la. Mas se ficasse, acabaria como um escravo em uma dessas cidadezinhas imundas!

Tentou não pensar sobre isso e se concentrou em aumentar o buraco, enquanto o céu estava escuro e a lua subia. Podia ouvir música e risos a caminho do agrupamento, e o som de passadiços sendo colocados enquanto o pessoal de Wreyland saía para se divertir a bordo de outras cidades. Ele raspou e arranhou o buraco, perfurando as tábuas, raspando-os com um prego enferrujado, mas não servia de nada. Por fim, desesperado, virou-se para Hester e sibilou:

— Por favor! Ajuda!

A menina se levantou, cambaleando, e caminhou até onde ele estava agachado. Ela parecia doente, mas não estava tão ruim quanto ele temia. Talvez estivesse se poupando, guardando suas últimas reservas de força até que estivesse escuro o suficiente para escapar. Ela sentiu as bordas do buraco que ele havia feito e assentiu. Então, inclinando todo o peso no ombro de Tom, bateu com o pé bom com força contra a parede. Ela bateu duas vezes e a madeira ao redor do buraco se estilhaçou e cedeu, e, no terceiro chute, toda uma seção de prancha caiu na passarela lá fora.

— *Eu* podia ter feito isso! — disse Tom, olhando para o buraco escancarado e se perguntando por que não tinha pensado nisso.

— Mas não fez, não é? — disse Hester, e tentou sorrir. Foi a primeira vez que ele a viu sorrir; uma coisa feia e torta, mas muito bem-vinda; aquilo o fazia sentir que ela estava começando a gostar dele e não o considerava apenas um aborrecimento.

— Venha então — ela disse —, se quiser vir.

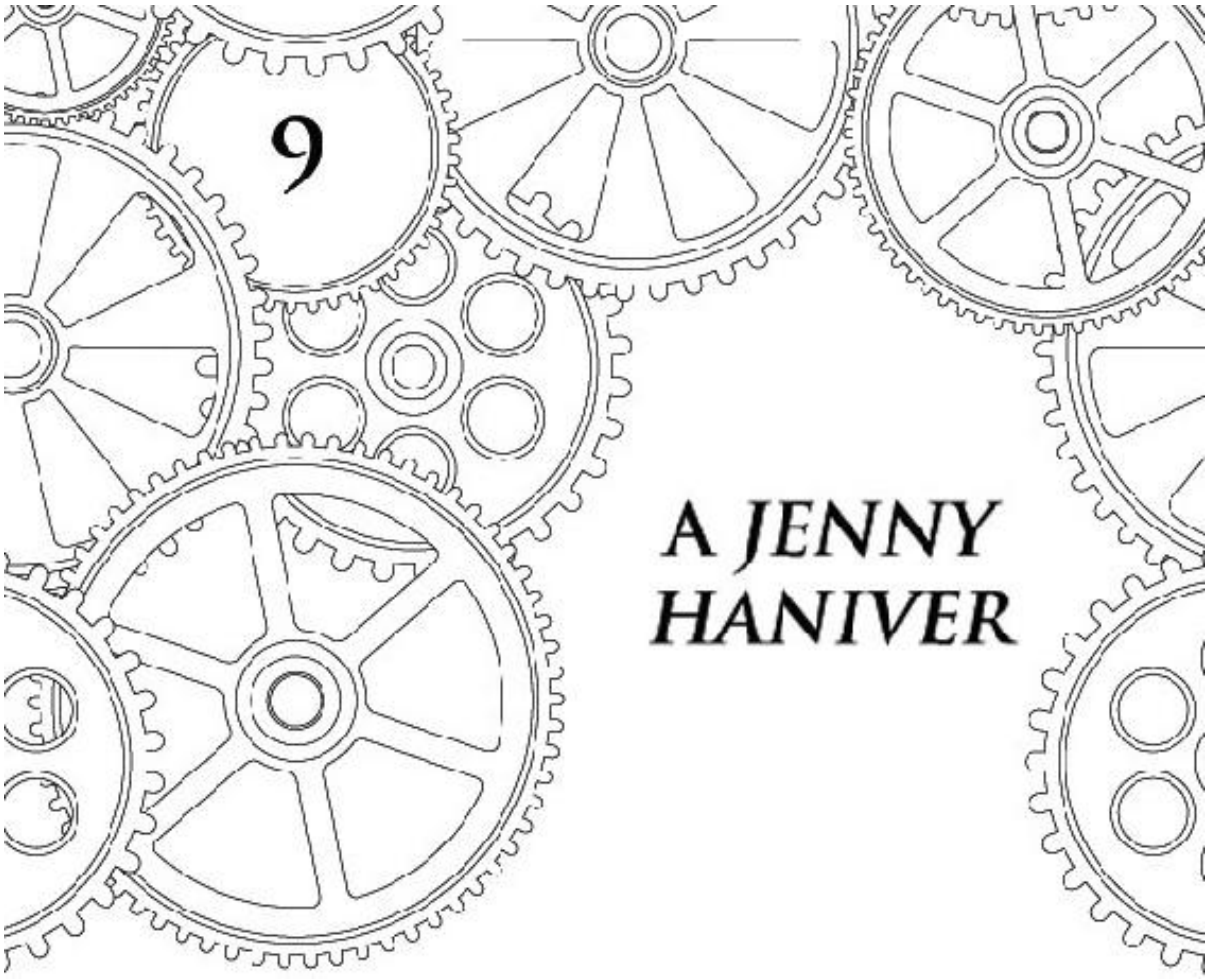
Centenas de quilômetros através da lama iluminada pela lua, Shrike vislumbra algo. Ele sinaliza para os pilotos engenheiros, que assentem e resmungam conforme guiam Goshawk 90 em direção ao solo.

— E agora? Quanto tempo mais vamos continuar voando para a frente e para trás ao longo dessas trilhas antes que ele admita que as crianças estão mortas? — Mas eles resmungam baixinho: Shrike os apavora.

A escotilha se abre e Shrike espreita para fora. Os olhos verdes varrem de um lado para o outro até encontrar o que estão procurando. Um trapo de tecido branco de uma

camisa rasgada, encharcada de chuva, meio enterrado na lama.

— HESTER SHAW ESTEVE AQUI — ele diz ao Exterior em geral, e começa a farejar atrás de um rastro.



NO COMEÇO, PARECIA QUE SUA SORTE PODERIA DURAR. ELES ATRAVESSARAM RAPIDAMENTE A passarela mal iluminada e desceram nas sombras sob um dos arcos das rodas de Speedwell. Eles podiam ver as estruturas sombrias das outras cidades, com as luzes acesas nas janelas e uma grande fogueira no topo do convés de uma delas — um município de mineração no outro lado do agrupamento onde uma festa barulhenta estava em andamento.

Eles se arrastaram ao longo da borda externa de Speedwell para um lugar onde um passadiço se esticava até a cidade-mercado estacionada ao lado. Não tinha guardas, mas estava acesa de forma brilhante, e quando chegaram ao fim e pisaram no convés, uma voz em algum lugar atrás gritou:

— Ei! — Depois, mais alto: — Ei! Ei! Tio Wreyland! Os escravos estão fugindo!

Eles correram, ou melhor, Tom correu e arrastou Hester ao lado, ouvindo seus gemidos de dor a cada passo. Subindo por uma escadaria, através de uma passarela, passaram por um santuário à Peripatética, deusa de cidades errantes, e estavam em uma praça do mercado alinhada com grandes gaiolas de ferro, em algumas das quais escravos magros e miseráveis esperavam para serem vendidos. Tom se forçou a diminuir o ritmo e tentou parecer discreto, atento o tempo todo a possíveis sons de perseguição. Não havia nenhum. Talvez os Wreyland tivessem desistido da perseguição, ou talvez não tivessem permissão para perseguir as pessoas em outras cidades; Tom não sabia quais eram as regras no agrupamento de comércio.

— Vá para os arcos — disse Hester, soltando o braço dele e puxando a gola do casaco para esconder o rosto. — Se tivermos sorte, haverá um porto aéreo.

Eles estavam com sorte. Na parte da frente do convés principal da cidade havia uma seção elevada na qual uma meia dúzia de aeronaves estava amarrada, seus envelopes escuros e cheios de gás eram como baleias dormindo.

— Vamos roubar um? — Tom sussurrou.

— Não, a menos que saiba como pilotar um dirigível — disse Hester, fraquinho. — Há um café de aviadores ali, teremos que tentar reservar uma passagem como pessoas normais.

O café era apenas uma antiga gôndola de dirigível enferrujada aparafusada no convés. Algumas mesas de metal estavam na frente debaixo de um toldo. Lampiões queimavam lá e um velho aviador roncava em uma cadeira. O único outro cliente era uma mulher oriental de aspecto sinistro com um longo casaco de couro vermelho, sentada nas sombras, perto do bar. Apesar da escuridão, usava óculos de sol, as pequenas lentes pretas como asas de besouros. Ela se virou para encarar Tom enquanto caminhava para o balcão.

Um homem pequeno com um bigode enorme que caía pelas beiradas estava polindo os óculos. Ele olhou para cima sem muito interesse quando Tom disse:

— Estou procurando uma nave.

— Para onde?

— Londres — respondeu Tom. — Minha amiga e eu temos que voltar para Londres, precisamos partir hoje.

— Londres, é? — Os bigodes do homem torciam-se como se as caudas de dois esquilos tivessem sido enfiadas em seu nariz e começassem a ficar um

pouco agitados. — Apenas naus com licenças da Guilda dos Mercadores de Londres podem atracar lá. Não temos nenhuma dessas por aqui. Stayns não é esse tipo de cidade.

— Talvez eu possa ajudar? — sugeriu uma voz suave e estrangeira no ombro de Tom. A mulher do casaco vermelho surgiu silenciosamente ao seu lado; magra e bela, com faixas grisalhas nos curtos cabelos pretos. Reflexos dos lampiões dançaram nos óculos de sol dela e, quando sorriu, Tom percebeu que os dentes eram vermelhos. — Não tenho uma licença para Londres, mas estou indo para Airhaven. Talvez lá você encontre uma nave que os leve pelo resto do caminho. Tem algum dinheiro?

Tom não tinha pensado nessa parte. Ele revirou a túnica e puxou duas notas de papel com o rosto de Quirke na frente e Magnus Crome olhando severamente no verso. Ele as colocou no bolso na noite em que caiu de Londres, na esperança de gastá-las na festa da captura em Kensington Gardens. Ali, sob os lampiões efervescentes do porto aéreo, pareciam fora do lugar, como dinheiro de brinquedo.

A mulher parecia pensar aquilo também.

— Ah — disse ela. — Vinte Quirkes. Mas notas como essas só podem ser gastas em Londres. Não há muito uso para uma pobre errante como eu. Vocês não têm nenhum ouro? Ou tecnologia antiga?

Tom encolheu os ombros e murmurou algo. Pelo canto do olho, viu alguns recém-chegados abrindo caminho entre as mesas.

— Veja, tio Wreyland! — gritou um deles. — Ali estão! Nós os pegamos!

Tom olhou em volta e viu Wreyland e alguns dos seus garotos se fechando em torno deles, carregando porretes pesados. Ele pegou Hester, que estava encostada ao balcão, quase inconsciente. Um dos homens de Speedwell se mexeu para impedir a fuga, mas a mulher do casaco vermelho abriu caminho e Tom ouviu-a dizer:

— São meus passageiros. Eu estava apenas acertando uma taxa.

— São nossos escravos! — gritou Wreyland, empurrando para passar por ela. — Tom Nitsworthy e sua amiga. Nós os encontramos no Exterior, sem truques. Achado não é roubado…

Tom apressou Hester a atravessar o convés de metal, para escadas que levavam até os portos onde os dirigíveis estavam amarrados. Ele podia ouvir os homens de Wreyland se separando, gritando um para o outro enquanto

procuravam, depois um grunhido e um acidente como se um tivesse caído. *Muito bom*, pensou, mas sabia que logo os outros iam encontrá-los.

Ele arrastou Hester para uma pequena escada de ferro até o cais. Havia luzes em alguns dos dirigíveis lá atracados, e ele teve uma vaga ideia de forçar seu caminho a bordo de um e fazê-lo levá-los para Londres. Mas não tinha nada que pudesse servir de arma, e antes que conseguisse procurar algo, havia pés tocando na escada atrás dele e a voz de Wreyland dizendo:

— Por favor, tente ser razoável, sr. Nitsworthy! Não quero ter que machucá-lo. Fred! Tenho os moleques encurralados. Fred?

Tom sentiu a esperança se esvair. Não havia escapatória. Ele ficou parado derrotado quando Wreyland entrou na luz das escotilhas de um dirigível próximo, balançando o porrete. Hester mancou contra o suporte do cabo de atracação e gemeu.

— É justo — disse Wreyland, como se pensasse que ela estava reclamando. — Odeio essa droga de escravidão tanto quanto vocês, mas a época está difícil, e nós *pegamos* vocês, não há como negar…

De repente, mais rápido do que Tom teria pensado ser possível, Hester moveu-se. Ela arrancou uma alavanca de metal que prendia o cabo de atracação e atacou Wreyland. O porrete dele caiu rodando de sua mão e bateu no convés com o som de um instrumento de percussão, e a barra de metal deu-lhe um golpe no lado da cabeça.

— Oh! — lamentou, curvando-se no chão.

Hester avançou e ergueu a barra novamente, mas antes que ela pudesse atacar de novo contra o crânio do velho, Tom segurou o braço dela.

— Pare! Você vai matá-lo!

— E daí? — Ela se virou para ele, rilhou os dentes, parecia um macaco demente. — E daí?

— Ele está certo, minha querida — disse uma voz gentil. — Não há necessidade de acabar com ele.

Das sombras, saiu a mulher do bar, o casaco vermelho girando em torno dos tornozelos enquanto caminhava em direção a eles.

— Acho que devemos embarcar na minha aeronave antes que o resto do pessoal venha atrás de vocês.

— Você disse que não temos dinheiro suficiente — Tom a recordou.

— Não têm, sr. Nitsworthy — falou a aviadora. — Mas dificilmente posso ficar assistindo a vocês serem levados para ser vendidos como escravos, posso? Fui uma escrava, e não recomendo. — Ela tirou os óculos. Os olhos eram escuros e amendoados, e finas linhas de riso se enrugaram nos cantos da boca quando sorriu. — Além do mais — acrescentou —, vocês me intrigam. Por que um londrino está vagando pelo Campo de Caça, se metendo em confusão? — Ela estendeu a mão para Tom, uma mão longa e escura com a maquinaria de ossos e tendões claramente visível, deslizando sob a pele fina como papel.

— Como saberemos que não vai nos trair como Wreyland? — ele quis saber.

— Vocês não saberão, é claro! — Ela riu. — Terão apenas que confiar em mim.

Depois de Valentine e Wreyland, Tom pensou que nunca mais poderia confiar em alguém, mas essa estranha estrangeira era a única esperança que tinha.

— Certo. Mas Wreyland entendeu meu nome errado, é *Natsworthy*.

— E o meu é Fang — disse a mulher. — Srta. Anna Fang. — Ela ainda tinha a mão esticada como se ele fosse um animal assustado que ela queria domar, e ainda estava sorrindo o sorriso vermelho alarmante. — Meu dirigível está no cais aéreo seis.

Então foram com ela, e em algum lugar nas sombras oleosas sob os cais, passaram pelos companheiros de Wreyland, caídos contra um pilar com as cabeças girando, tontos.

— Eles estão…? — sussurrou Tom.

— Desmaiados — disse a srta. Fang. — Eu simplesmente não sei como controlar minha própria força.

Tom queria parar e verificar se os homens estavam bem, mas ela os conduziu rapidamente e subiram uma escada para o cais seis. A nave que pendia no atracadouro não era o elegante cortador de céu que Tom esperava. Na verdade, era pouco mais do que um saco de gás escarlate e um conjunto de cápsulas de motor enferrujadas aparafusadas a uma gôndola de madeira.

— É feito de lixo! — engasgou.

— Lixo? — riu a srta. Fang. — Ora, *Jenny Haniver* foi feito de pedaços dos melhores dirigíveis que já voaram! Um envelope de silicone e seda de um

cortador Shan Guo, dois motores aéreos gêmeos Jeunet-Carot de um dirigível bélico de Paris, as células de gás reforçadas de um balão de guerra Spitzbergen… É incrível o que se pode encontrar nos depósitos de sucatas…

Ela os levou por um passadiço na apertada gôndola com cheiro de especiarias. Era apenas um tubo de madeira estreito com uma plataforma de voo na frente e os aposentos da srta. Fang na popa, uma confusão de outras pequenas cabines no meio. Tom teve que continuar se esquivando para evitar se machucar em armários superiores e por emaranhados perigosos de cabos dependurados de painéis de instrumentos no teto, mas a aviadora flanava ao redor com facilidade praticada, murmurando em alguma língua estrangeira estranha enquanto virava interruptores, puxava alavancas e acendia uma luz elétrica verde fraca que encheu a cabine com um brilho de aquário. Ela riu quando viu o olhar preocupado de Tom.

— É arsperanto, a linguagem comum do céu. É uma vida solitária nas estradas dos pássaros, e tenho o hábito de falar comigo mesma…

Ela puxou uma última alavanca e o crepitar e o suspiro de válvulas de gás ecoaram através da gôndola. Houve uma queda quando as braçadeiras de ancoragem magnéticas foram liberadas, e o rádio criou vida e disparou:

— *Jenny Haniver*, aqui é o controle do porto de Stayns. Você não tem permissão para decolar!

Porém *Jenny Haniver* estava partindo mesmo assim. Tom sentiu o estômago virar quando subiu no céu da meia-noite. Ele correu para uma vigia, e viu a cidade-mercado desaparecendo abaixo. Então Speedwell entrou na vista, e logo todo o agrupamento se espalhava abaixo dele como uma exposição de maquetes do Museu.

— *Jenny Haniver* — insistiu o barulhento alto-falante —, retorne ao atracadouro! Temos um pedido do conselho da cidade de Speedwell para que entregue seus passageiros, do contrário serão forçados a…

— Que chato! — cantarolou a srta. Fang, desligando o rádio.

Uma bateria de foguetes caseiros no telhado da Câmara Municipal de Speedwell cuspiu um bando efervescente de mísseis atrás deles. Três passaram zumbindo sem causar mal, um quarto explodiu do lado quarto de estibordo, fazendo a gôndola girar como um pêndulo, e o quinto passou ainda mais perto. (Anna Fang levantou uma sobrancelha diante desse, enquanto Tom e Hester mergulharam procurando proteção, como coelhos assustados.) Logo

estavam fora de alcance; a *Jenny Haniver* subia para os espaços frios da noite, e o agrupamento era apenas uma mancha distante de luz sob as nuvens.



10

O ELEVADOR DO 13º ANDAR

TINHA CHOVIDO NAQUELA NOITE EM LONDRES, MAS A PRIMEIRA LUZ NO CÉU ERA LIMPA E PÁLIDA, COMO água parada, e a fumaça dos motores da cidade subiam direto para o ar sem vento. Conveses molhados brilhavam prateados com o nascer do sol e todas as bandeiras do nível um estavam penduradas e ainda presas em seus mastros. Era uma boa manhã de primavera, a manhã que Valentine esperava, e Katherine estava ansiosa. Era o clima perfeito para voar.

Embora fosse bem cedo, multidões haviam se formado ao longo da borda do nível um para assistir ao *Elevador do 13º Andar* decolar. Enquanto Gench conduzia Katherine e seu pai para o cais aéreo, ela viu que o Circle Park também estava lotado; parecia que toda a Alta Londres tinha vindo celebrar Valentine em sua partida. Nenhum deles sabia aonde ele estava indo, claro, mas enquanto Londres acelerava para o leste, os moinhos de rumores da cidade giravam noite e dia: todos tinham certeza de que a expedição de

Valentine estava relacionada com algum grande prêmio que o Lorde Prefeito esperava pegar no Campo de Caça central.

Posições temporárias foram erguidas pelo Conselho de Guildas e, quando ela, acompanhada de Cão, tinha dado adeus ao pai nas sombras movimentadas do hangar, Katherine foi tomar seu lugar com os historiadores, espremida entre Chudleigh Pomeroy e dr. Arkengarth. Ao redor, os grandes e notáveis de Londres: as túnicas pretas sóbrias da Guilda do pai e as roxas da Guilda dos Mercadores, navegadores sombrios em túnicas verdes limpas e uma fileira de engenheiros vestidos e encapuzados em borracha branca, parecendo borrachas escolares novas. Até mesmo Magnus Crome tinha vindo para a ocasião, e a velha corrente de comando do Lorde Prefeito pendia brilhando em torno do pescoço fino.

Katherine desejava que todos ficassem em casa. Era difícil dizer adeus a alguém quando se fazia parte de uma grande multidão agitando bandeiras e mandando beijos. Ela acariciou a cabeça nodosa de Cão e disse a ele:

— Veja, ali está o papai, subindo no passadiço. Vão ligar os motores a qualquer momento.

— Só espero que nada dê errado — murmurou dr. Arkengarth. — Já ouvi histórias desses dirigíveis estourando sem nenhum motivo aparente.

— Talvez possamos ficar um pouco mais para trás? — sugeriu a srta. Plym, a curadora de mobiliário do Museu, tremendo de medo.

— Bobagem — Katherine disse-lhes de mau humor. — Nada vai dar errado.

— Sim, cale a boca, Arkengarth, seu velho pateta bobo — concordou Chudleigh Pomeroy, surpreendendo-a. — Não há nada a temer, srta. Valentine. Seu pai tem o melhor dirigível e os melhores pilotos do mundo: nada pode dar errado.

Katherine sorriu com gratidão, mas manteve os dedos cruzados do mesmo jeito, e Cão sentiu alguma coisa no seu humor e começou a chorar baixinho. De dentro do hangar, o som de escotilhas se fechando e o chocalho das escadas de embarque arrastadas. Um silêncio expectante caiu sobre as arquibancadas. Ao longo do limite do nível, a Alta Londres prendeu a respiração. Então, conforme a banda chegou a "Rule Londinium", a equipe de solo de Valentine começou a puxar o *Elevador do 13º Andar* em direção à luz do sol, um lustroso dardo preto cujo envelope blindado brilhava como seda. Na

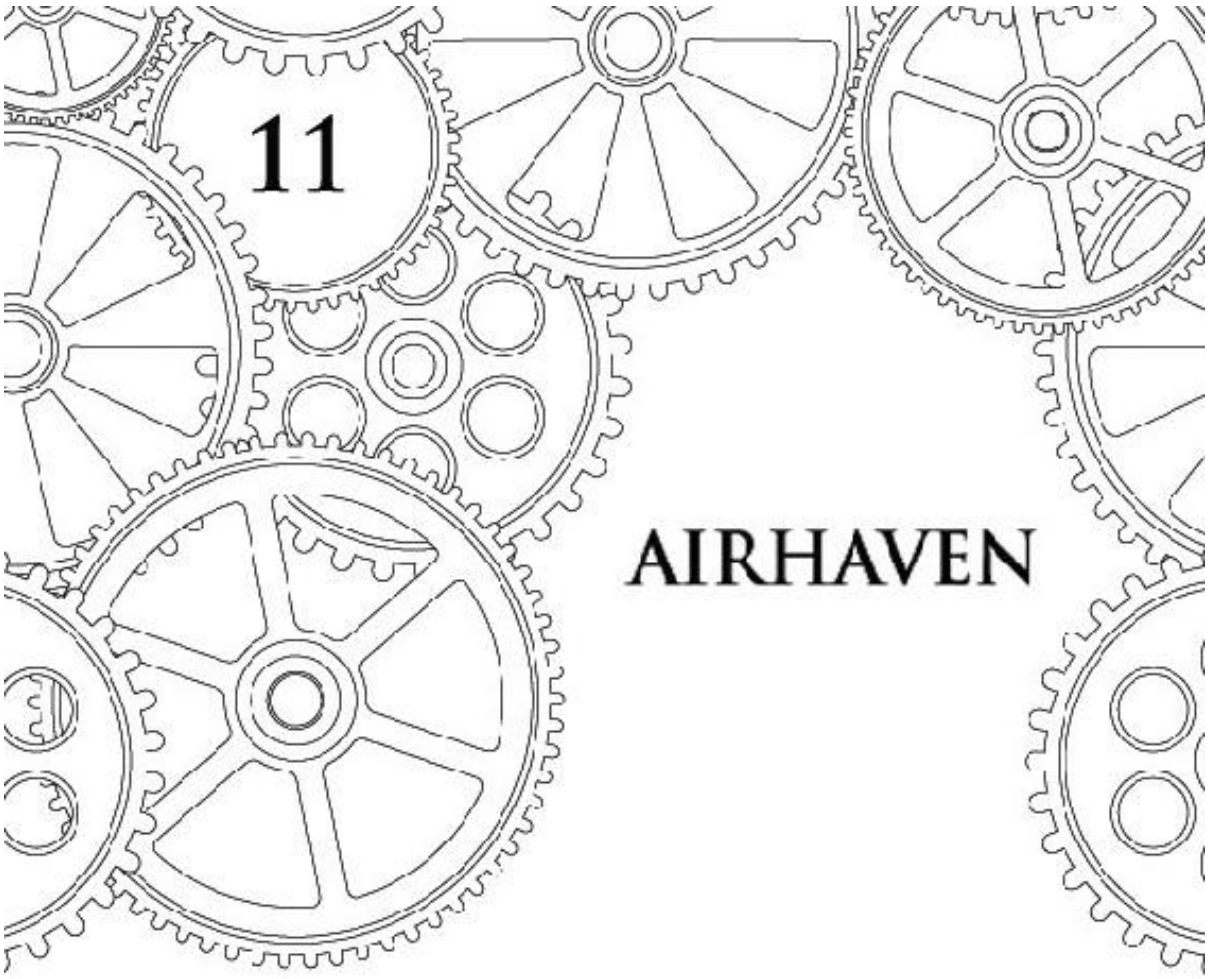
plataforma aberta na popa da gôndola de controle, Valentine acenava de pé. Ele saudou a equipe de solo e as arquibancadas cheias de bandeiras e então sorriu direto para Katherine, pegando o rosto dela na multidão sem hesitação.

Ela acenou de volta freneticamente, e a multidão se animou e ganhou força conforme as cápsulas de motores do *Elevador do 13º Andar* giraram para a posição de decolagem. A equipe de solo soltou os cabos de atracação, os propulsores foram ligados e tempestades de confetes caíram em espiral nas correntes de ar para baixo enquanto a enorme máquina levantava no ar. Alguns historiadores aprendizes abriram uma faixa em que se lia *Feliz Dia de São Valentine!*; e os aplausos aumentaram cada vez mais, como se as multidões achassem que apenas o seu amor bastasse para manter o explorador no ar.

— *Va-len-tine! Va-len-tine!*

Mas Valentine não tomou conhecimento do barulho ou das bandeiras. Ele ficou de pé observando Katherine, uma mão levantada em despedida, até que o dirigível estivesse tão alto e distante que ela não conseguia distingui-lo de longe.

Por fim, quando o *Elevador* era apenas uma mancha no céu oriental e as arquibancadas estavam esvaziando, ela limpou as lágrimas, pegou a guia de Cão e se virou para voltar. Ela já estava sentindo falta do pai, mas agora tinha um plano. Enquanto ele estava fora, ela faria suas próprias perguntas e descobriria quem era aquela garota misteriosa, e por que ela o assustava tanto.



11

AIRHAVEN

UMA VEZ QUE TINHA SE LAVADO, DORMIDO E COMIDO ALGUMA COISA, TOM COMEÇOU A PENSAR que aquela aventura talvez não fosse assim tão ruim. No pôr do sol, já estava começando a esquecer o tormento de sua caminhada pela lama e da prisão em Speedwell. A vista das grandes janelas frontais de *Jenny Haniver* à medida que o dirigível voava entre montanhas douradas iluminadas pelas nuvens do crepúsculo era o bastante para fazer até a dor da traição de Valentine sumir um pouco. No café da manhã, tomando chocolate quente com a srta. Fang no convés de voo, descobriu que estava gostando da situação.

Logo que *Jenny Haniver* estava em segurança longe do alcance dos foguetes de Speedwell, a aviadora tinha ficado só sorrisos e bondade. Ela programou o dirigível e foi procurar um casaco quente forrado de lã para Tom e arrumar uma cama para ele no porão, um espaço no alto do balão da aeronave, lotado com uma carga de pele de foca de Spitzbergen. Depois levou Hester para a

enfermaria e começou a trabalhar na perna ferida. Quando Tom olhou para ela depois do café da manhã naquele dia, a garota dormia profundamente sob um cobertor branco.

— Eu dei algo para a dor — explicou a srta. Fang. — Ela vai dormir por horas, mas não precisa temer.

Tom observou o rosto adormecido de Hester. De alguma forma, esperava que ela parecesse melhor agora que tinha tomado banho, estava alimentada e tinha feito um curativo na perna, mas é claro que estava tão horrível como sempre.

— Ele fez um estrago nela, esse terrível sr. Valentine — disse a aviadora, levando-o de volta para o convés de voo e tirando os controles do automático.

— Como você sabe a respeito de Valentine? — perguntou Tom.

— Oh, todo mundo já ouviu falar de Thaddeus Valentine — riu. — Eu sei que ele é o maior historiador de Londres, e também sei que é apenas um disfarce para o seu trabalho *real* como agente secreto de Crome.

— Isso não é verdade! — Tom começou a falar, ainda defendendo instintivamente seu ex-herói. Mas sempre houve rumores de que as expedições de Valentine envolviam algo mais sombrio do que simples arqueologia, e agora que ele tinha visto o trabalho implacável do grande homem, acreditava neles. Ele corou, envergonhado por Valentine, e envergonhado por tê-lo amado.

A srta. Fang o observou com um sorriso fraco e compreensivo.

— Hester me contou muito mais ontem à noite, enquanto eu estava cuidando da ferida dela — disse ela com gentileza. — Ambos têm muita sorte por estarem vivos.

— Eu sei — Tom concordou, mas não pôde deixar de sentir-se desconfortável com o fato de Hester ter compartilhado sua história com aquela estranha.

Sentou-se no banco do copiloto e estudou os controles; um conjunto desconcertante de botões, interruptores e alavancas rotulados em uma mistura de arsperanto, anglês e chinês. Acima deles, um pequeno santuário envernizado tinha sido fixado à antepara, decorado com fitas vermelhas e fotos dos antepassados da srta. Fang. Aquele sorridente comerciante aéreo de Manchu devia ser o pai dela, supôs. E aquela moça de cabelo vermelho dos Aterros Gelados era a mãe?

— Então diga-me, Tom — pediu a srta. Fang, colocando a aeronave em um novo curso —, para onde Londres está *indo*? — A pergunta foi inesperada.

— Eu não sei! — Tom respondeu.

— Oh, certamente deve saber *alguma coisa*! — Ela riu. — Sua cidade deixou o esconderijo no oeste, voltou a atravessar a ponte terrestre e agora está passando o Campo de Caça central "como um morcego fora da caverna", como diz o ditado. Você deve ter ouvido pelo menos um rumor. Não?

Os longos olhos dela deslizaram para Tom, que lambeu os lábios nervosamente, imaginando o que dizer. Nunca havia prestado atenção às estúpidas histórias que os outros aprendizes trocavam sobre para onde Londres estava indo; realmente não tinha ideia. E mesmo se tivesse, seria errado revelar os planos de sua cidade para aviadoras orientais misteriosas. E se a srta. Fang voasse e dissesse a uma cidade maior onde esperar Londres, em troca de uma recompensa? E ainda: e se contasse *qualquer coisa*, ela poderia expulsá-lo de sua aeronave — talvez sem nem sequer se preocupar em pousar primeiro!

— Presas! — deixou escapar. — A Guilda dos Navegadores diz que há muitas presas no Campo de Caça central.

— É mesmo? — O sorriso vermelho cresceu ainda mais.

— Ouvi do próprio navegador-chefe — disse Tom, mais ousado.

A srta. Fang assentiu, radiante. Então puxou uma longa alavanca de latão. Válvulas de gás chiaram no envelope e as orelhas de Tom estouraram conforme *Jenny Haniver* começou a descer, mergulhando em uma camada grossa e branca de nuvem.

— Deixe-me mostrar o Campo de Caça central — riu ela, verificando as cartas de navegação presas à antepara ao lado do santuário.

Desceram e desceram, então a nuvem se afinou e sumiu, e Tom viu o vasto Exterior espalhar-se abaixo como uma folha amassada de papel pardo, cortadas com formas longas e azuis que eram as trilhas inundadas de inúmeras cidades. Pela primeira vez desde que o dirigível se afastou de Stayns, Tom sentiu medo, mas a srta. Fang murmurou:

— Nada a temer, Tom.

Ele se acalmou e ficou embasbacado pela incrível vista. Longe ao norte, podia ver o brilho frio dos Aterros Gelados e os cones escuros das montanhas de fogo de Tannhäuser. Ele procurou Londres, e eventualmente pensou tê-la

visto, uma partícula minúscula e cinza que levantava uma nuvem de poeira em seu caminho, muito mais longe do que ele esperava. Havia também outras vilas e cidades, pontuando um pouco a planície, ou espreitando nas sombras das serras meio devoradas, mas nem perto da quantidade que ele imaginava. A sudeste, não havia nenhuma, apenas uma camada sombria de névoa acima de um trecho de pântano, e, além, o brilho prateado de água.

— É o grande Mar interior de Khazak — disse a aviadora, quando ele apontou. — Tenho certeza de que ouviu a antiga canção. — Em uma voz alta e aguda, ela cantou: — *Cuidado, cuidado com o Mar de Khazak, para a cidade que se aproxima, nunca mais voltará…*

Tom, porém, não estava mais ouvindo. Ele notou algo muito mais terrível do que qualquer mar interior.

Diretamente abaixo, com a pequena sombra de *Jenny Haniver* oscilando por suas vigas esqueléticas, estava uma cidade morta. Ela estava no chão marcado pelas trilhas de centenas de cidades menores, inclinando-se em um ângulo estranho, e à medida que *Jenny Haniver* fez um rasante para dar uma olhada melhor, Tom notou que suas esteiras e entranhas tinham sumido, e que suas plataformas estavam sendo despojadas por um enxame de pequenas cidades que se mexiam nas sombras de seus níveis mais baixos, arrancando grandes partes enferrujadas com mandíbulas e mandando grupos de busca, cujas tochas brilhavam e cintilavam nas sombras entre os níveis como luzes feéricas nas árvores de Quirkenatal.

Houve um sopro de fumaça de uma das cidades e um foguete veio em direção ao dirigível e explodiu algumas dezenas de metros abaixo. As mãos da srta. Fang se moveram rapidamente pelos controles e Tom sentiu a nave subir de novo.

— Metade dos catadores do Campo de Caça está trabalhando nos escombros de Motorópolis, e são muito ciumentos. Atiram em qualquer um que chega perto, e quando ninguém se aproxima, atiram uns contra os outros.

— Mas como ela ficou assim? — perguntou Tom, encarando de volta o grande esqueleto enquanto *Jenny Haniver* o carregava para cima.

— Morreu de fome — respondeu a aviadora. — Ficou sem combustível, e quando ficou sem se mover, um bando de cidades menores veio e começou a despedaçá-la. O frenesi de alimentação tem acontecido por meses, e espero que outra cidade venha em breve e termine o trabalho. Você vê, Tom, não há

presas suficientes para sair circulando pelo Campo de Caça central, então não pode ser isso o que fez Londres sair da toca.

Tom se torceu para ver a cidade morta caída para trás. Um grupo de minúsculos predadores suburbanos estava saqueando as cidades catadoras no lado noroeste, destacando o mais fraco e mais lento e indo atrás, mas antes que o pegassem, *Jenny Haniver* subiu de novo para o mundo puro e limpo sobre as nuvens e a carcaça de Motorópolis sumiu de vista.

Quando a srta. Fang olhou para ele de novo, ainda estava sorrindo, mas havia um estranho brilho nos olhos dela.

— Então não é atrás de presas que Magnus Crome está indo. O que pode ser?

Tom negou com a cabeça.

— Sou apenas um historiador aprendiz — confessou. — Terceira classe. Eu não conheço *de fato* o navegador-chefe.

— Hester mencionou algo — a aviadora prosseguiu. — A coisa que o sr. Valentine pegou de seus pobres pais. MEDUSA. Um nome estranho. Já ouviu falar? Sabe o que significa?

Tom negou com a cabeça e ela o observou de perto, observou seus olhos até sentir como se estivesse olhando diretamente para sua alma. Então ela riu.

— Bem, não importa. Preciso ir a Airhaven, e vamos encontrar uma nave para levá-lo para casa.



Airhaven! Era uma das cidades mais famosas de toda a Era da Tração, e quando o gorjeio de seu sinal veio pelo rádio naquela noite, Tom foi correndo para a frente no convés de voo. Ele encontrou Hester nas portas que davam para a enfermaria, despenteada, sonolenta e mancando. Anna Fang ajudou com a perna ferida, mas não melhorou as maneiras da menina. Ela escondeu o rosto quando viu Tom e lhe lançou olhares raivosos e grunhiu quando ele perguntou como se sentia.

No convés, a aviadora virou-se para cumprimentá-los com um sorriso radiante.

— Vejam, meus queridos! — exclamou, apontando adiante através das grandes janelas. — Airhaven!

Eles ficaram de pé atrás do assento dela, olharam e, longe do mar de nuvens, viram o brilho do sol do oeste em um lado em uma única camada de liga leve e um nimbo de sacos de gás de cores vivas.

Muito tempo atrás, a cidade de Airhaven decidiu escapar das cidades famintas ao ir para o céu. Era um ponto de troca e de encontro para aviadores, voando acima do Campo de Caça por todo o verão, depois indo para o sul no inverno, em busca de céus mais quentes. Tom lembrou-se de como uma vez ela tinha se ancorado sobre Londres por uma semana inteira; os balões turísticos subindo e descendo de Kensington Gardens e Circle Park, e a inveja que havia tido de pessoas como Melliphant, ricas o suficiente para fazer uma viagem e voltar cheias de histórias sobre a cidade flutuante. Agora ele estava indo lá em pessoa, e não só como turista! Que história ele poderia contar aos outros aprendizes quando chegasse em casa!

Lentamente, o dirigível subiu em direção à cidade e, à medida que o sol mergulhou atrás dos bancos de nuvens no oeste, a srta. Fang desligou os motores e deixou que subisse à deriva em direção a uma estrutura para atracagem, enquanto os oficiais do porto em uniformes azuis-celestes agitavam bandeiras multicoloridas para guiá-la com segurança até o cais. Atrás dela, o convés estava cheio de turistas e aviadores, e até mesmo um pequeno grupo de observadores de dirigíveis que anotaram o número de *Jenny Haniver* nos seus cadernos conforme os grampos de amarração foram presos.

Alguns momentos depois, Tom estava caminhando pelo crepúsculo e pelo fino ar gelado, observando as aeronaves indo e vindo, linhas elegantes e barcaças enferrujadas, pequenos cortadores de ar com envelopes transparentes e cargueiros de especiarias listrados como tigres das Ilhas Centena.

— Vejam! — ele disse, apontando para os telhados. — Ali está o Mercado Flutuante e aquela igreja é São Miguel do Céu, tem uma foto dela no Museu de Londres!

Mas a srta. Fang tinha visto aquilo muitas vezes antes, e Hester apenas fez uma careta ante as multidões no cais e escondeu o rosto.

A aviadora fechou as escotilhas de *Jenny* com uma chave pendurada em uma correia ao redor do pescoço, mas um menino descalço correu e puxou seu casaco dizendo:

— Posso olhar, tia? — Ela riu e jogou três moedas quadradas de bronze na palma da mão dele. — Não vou deixar ninguém entrar! — ele prometeu, ocupando seu posto ao lado da prancha.

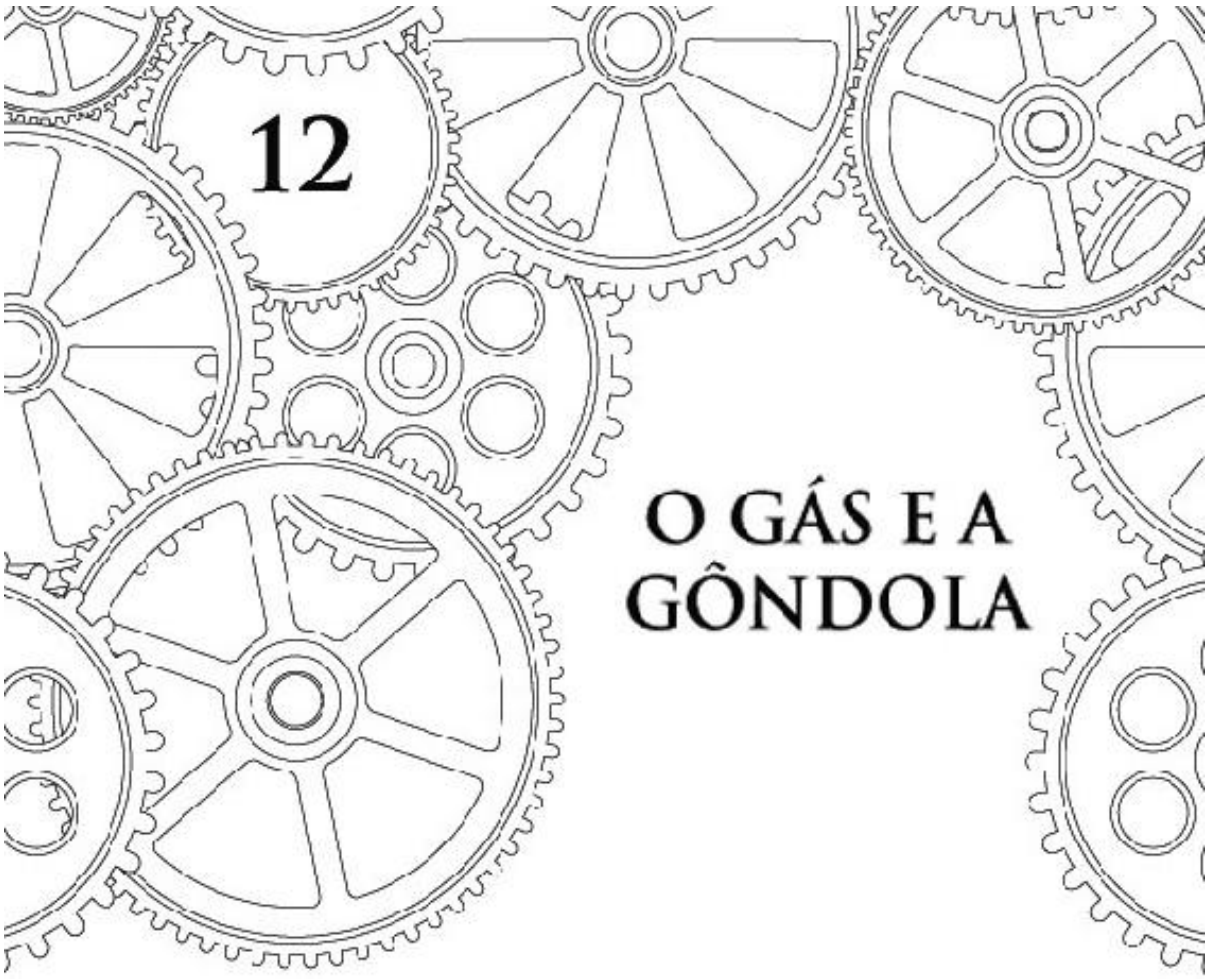
Funcionários uniformizados do porto apareceram, sorrindo para a srta. Fang, mas olhando com desconfiança para seus novos amigos de terra firme. Eles verificaram que os recém-chegados não tinham biqueiras metálicas em suas botas ou cigarros acesos, depois os levaram de volta ao escritório do porto, onde um grande aviso de letras grosseiras insistia: NÃO FUME, DESLIGUE TODOS OS EQUIPAMENTOS ELÉTRICOS E NÃO FAÇAM FAÍSCAS. Faíscas eram o terror do comércio aéreo, por causa do perigo de que pudessem inflamar o gás nos balões dos dirigíveis. Em Airhaven, mesmo uma penteada forte de cabelo era crime grave, e todos os recém-chegados tinham que assinar acordos de segurança rigorosos e convencer o dono do porto de que não corriam o risco de explodir em chamas.

Finalmente, foram autorizados a subir por uma escada de metal para a Rua Alta. A única via da Airhaven era uma armação de placas de convés de liga leve alinhadas com lojas e barracas, mercearias, cafés e hotéis para aviadores. Tom olhava para todos os lados, tentando absorver tudo e se certificar de que se lembraria daquilo para sempre. Ele viu turbinas girando em cada telhado, e mecânicos rastejando como aranhas sobre as enormes cápsulas de motores. O ar estava cheio de cheiros exóticos de comida estrangeira, e em todos os lugares que olhava havia aviadores, caminhando com a confiança descuidada de pessoas que haviam vivido toda a vida no céu, seus casacos longos se agitando atrás como asas coriáceas.

A srta. Fang indicou um prédio ao longo da curva da Rua Alta com uma placa de um dirigível.

— Esse é o Gás e Gôndola. Vou lhes pagar um jantar, e então encontraremos um capitão simpático para levá-los de volta a Londres.

Caminharam em direção ao lugar: a aviadora na liderança, Hester escondendo-se do mundo atrás de sua mão levantada, Tom ainda olhando com admiração e achando uma pena que suas aventuras fossem acabar em breve. Não notou uma Goshawk 90 circulando entre um cardume de naves maiores, esperando por um cais. Mesmo se tivesse, não teria conseguido ler seus números de registro a essa distância, ou ver que a insígnia no envelope era a roda vermelha da Guilda dos Engenheiros.



12

O GÁS E A GÔNDOLA

A POUSADA ERA GRANDE, ESCURA E MOVIMENTADA. AS PAREDES DECORADAS COM AERONAVES EM garrafas e as hélices de famosos velhos cortadores de céu com os nomes cuidadosamente pintados nas pás, *Nadhezna* e *Rato Alado* e *Verme Invisível*. Aviadores se reuniam em mesas de metal, falando sobre cargas e o preço do gás. Havia jains, tibetanos e xhosa, inuites e tuaregs do ar, e gigantes revestidos de peles dos Aterros Gelados. Uma garota uighur tocava "Serenata em Fluxo" em seu violão de quarenta cordas, de vez em quando um alto-falante anunciava: "Chegada no atracadouro três; o *Vento Idiota* direto do Nuevo-Maia Palatinates com uma carga de chocolate e baunilha", ou, "Agora aportando no atracadouro sete; *Minha Shirona* de saída para Arkangel…".

Anna Fang parou em um pequeno templo logo na entrada e agradeceu aos deuses do céu por uma jornada segura. O Deus dos Aviadores era um companheiro de aparência amigável — a estátua gorda e vermelha no templo

fez Tom se lembrar de Chudleigh Pomeroy —, mas sua esposa, a Dama do Alto Paraíso, era cruel e sorrateira; se ofendida, podia preparar furacões ou explodir uma célula de gás. Anna fez uma oferenda de bolos de arroz e dinheiro da sorte para a deusa, e Tom e Hester deram graças, só para garantir.

Quando olharam para cima, a aviadora já se afastava em direção a um grupo de outros aviadores em uma mesa de canto.

— Khora! — ela gritou, e quando eles a alcançaram, estava sendo girada e rodada nos braços de um jovem africano bonito e falando rapidamente em arsperanto. Tom estava quase certo de que ouviu ela mencionar "MEDUSA" quando olhou de volta para ele e Hester, mas quando se aproximaram, a conversa trocou para anglês, e o africano dizia:

— Enfrentamos ventos de altos níveis desde Zagwa! — E sacudiu a areia vermelha do Sahara de seu capacete voador para provar.

Ele era o capitão Khora da nave de artilharia *Mokele Mbembe* e tinha vindo de um enclave estático nas Montanhas da Lua, um aliado da Liga Antitração. Agora estava indo para Shan Guo, começar um tour de trabalho na grande fortaleza da Liga em Batmunkh Gompa. A princípio, Tom ficou chocado por compartilhar uma mesa com um soldado da Liga, mas Khora parecia um bom homem, tão amável e acolhedor quanto a própria srta. Fang. Enquanto ela pedia comida, ele apresentou seus amigos: o alto e sombrio era Nils Lindstrom do *Garden Aëroplane Trap*, e a jovem e bela dama árabe sorridente era Yasmina Rashid do corsário *Palmyrene Zainab*. Logo os aviadores estavam todos rindo, lembrando-se mutuamente de batalhas sobre as Ilhas Centena e bebedeiras no bairro dos aviadores em Panzerstadt-Linz, e entre as histórias, Anna Fang empurrou pratos pela mesa para seus convidados.

— Mais arganaz ao murro, Tom? Hester, experimente um pouco deste delicioso morcego apimentado!

Enquanto Tom cutucava a estranha comida estrangeira com o par de palitos de madeira que havia recebido em vez de garfo e faca, Khora inclinou-se para perto e disse suavemente:

— Então você e sua namorada estão tripulando *Jenny* agora?

— Não, não! — Tom assegurou-lhe rapidamente. — Quero dizer, não, ela não é minha namorada, e não, somos apenas passageiros… — Ele se atrapalhou com alguns gafanhotos triturados e perguntou: — Conhece bem a srta. Fang?

— Oh, sim! — riu Khora. — Todo mundo no comércio aéreo conhece Anna. E todo mundo na Liga também, é claro. Em Shan Guo, eles a chamam de *Feng Hua*, a "Flor do Vento".

Tom se perguntou por que a srta. Fang teria um nome especial em Shan Guo, mas antes que pudesse perguntar, Khora prosseguiu:

— Sabia que ela construiu *Jenny Haniver* sozinha? Quando era apenas uma menina, ela e seus pais tiveram o azar de estar a bordo de uma cidade comida por Arkangel. Eles foram colocados para trabalhar como escravos nos estaleiros de dirigíveis, ao longo dos anos, ela conseguiu esconder um motor, uma vara de direção, até que construiu *Jenny* e escapou.

Tom ficou impressionado.

— Ela não contou *isso* — murmurou, olhando para a aviadora por um novo prisma.

— Ela não fala sobre isso — explicou Khora. — Sabe, os pais dela não viveram para escapar; ela os viu morrer nas senzalas.

Tom sentiu simpatia pela pobre srta. Fang, sua colega órfã. Era por isso que ela sorria o tempo todo: para esconder a tristeza? E era por isso que havia resgatado Hester e ele, para salvá-los do destino de seus pais? Ele sorriu para ela da forma mais bondosa que pôde, e ela pegou o olhar dele, sorriu de volta e passou para ele um prato de pernas pretas torcidas.

— Aqui, Tom, experimente um pouco de tarântula *sauté*…

— Chegada no atracadouro quatorze! — retumbou o alto-falante acima. — Dirigível de Londres GE47 carregando apenas passageiros.

Tom saltou e sua cadeira caiu para trás com um barulho. Ele se lembrou dos pequenos e rápidos dirigíveis batedores que os engenheiros usavam para pesquisar trilhas e superestruturas de Londres, e lembrou como não tinham nomes, apenas códigos de registro e como todos os códigos começavam com GE.

— Eles mandaram alguém atrás da gente! — ofegou.

A srta. Fang também se levantou.

— Pode ser apenas uma coincidência. Deve haver muitos dirigíveis de Londres… E mesmo que Valentine tenha mandado alguém, vocês estão entre amigos. Somos um bom páreo para os terríveis Alamburgueiros.

— *Alabardeiros* — Tom a corrigiu automaticamente, muito embora soubesse que ela tinha cometido o erro de propósito, apenas para quebrar a

tensão. Ele viu Hester sorrir e sentia-se feliz por ela estar ali, também ferozmente decidido a protegê-la.

Então todas as luzes se apagaram. Houve gritos, vaias, um barulho de louça caindo na cozinha. As janelas eram formas discretas de crepúsculo cortadas do escuro.

— A energia elétrica foi desligada em toda Airhaven! — disse a voz sombria de Lindstrom. — A usina deve ter falhado!

— Não — disse Hester rapidamente. — Eu conheço esse truque. É para criar o caos e impedir que a gente saia. Alguém está vindo atrás de nós… — Havia uma ponta de pânico na voz dela que Tom não tinha ouvido antes, nem mesmo na perseguição em Stayns. De repente, sentiu-se muito assustado.

Do outro lado da sala, onde multidões de pessoas se espalhavam pela Rua Alta iluminada pela lua, surgiu um grito repentino. Então outro, e um longo barulho de vidro se quebrando, gritos, xingamentos, o alvoroço de cadeiras e mesas caindo. Duas lâmpadas verdes se moviam acima da multidão como lanternas.

— Isso não é um Alabardeiro! — exclamou Hester.

Tom não sabia se ela estava assustada ou aliviada.

— HESTER SHAW! — gritou uma voz como uma serra de metal. Ao longo da entrada, uma nuvem repentina de vapor floresceu e dela surgiu um Stalker.

Tinha mais de dois metros de altura e, sob seu casaco, brilhava uma armadura de metal. A pele do rosto grande era pálida, brilhando com uma cobertura de muco como de lesma, e alguns entalhes de ossos espalhados através da pele. A boca era uma abertura cheia de dentes metálicos. O nariz no topo da cabeça era coberto por uma longa peça de crânio de metal com tubos e cabos arrastando-se como dreadlocks, as extremidades encaixadas em orifícios no peito. Os olhos redondos de vidro davam uma aparência alarmada, como se nunca tivesse superado a horrível surpresa do que aconteceu com ele.

Porque essa era a pior coisa a respeito dos Stalkers: tinham sido humanos e um cérebro humano estava preso em algum lugar embaixo daquela cobertura de ferro.

— É impossível! — Tom choramingou. — Não *existem* mais Stalkers! Foram todos destruídos séculos atrás! — Mas o Stalker ainda estava ali, horrivelmente real. Tom tentou se afastar, mas não conseguia se mover. Algo

estava escorrendo pelas suas pernas, tão quente como o chá derramado, e ele percebeu que tinha se urinado.

O Stalker veio para a frente lentamente, afastando as cadeiras e mesas vazias. Vidros caídos explodiam sob seus pés. Das sombras atrás dele, um aviador avançou com o brandir de uma espada, mas a lâmina rebateu na armadura e acertou o homem com um golpe arrebatador de um punho enorme, sem sequer se incomodar em olhar para trás.

— HESTER SHAW. THOMAS NATSWORTHY.

Essa coisa sabe meu nome!, Thomas pensou.

— Eu… — começou a srta. Fang, mas até mesmo ela pareceu perder a fala. Ela puxou Tom para trás enquanto Khora e os outros desembainharam suas espadas e se colocaram entre a criatura e a presa. Mas Hester passou por entre eles.

— Está tudo bem — disse com uma voz estranha e fina. — Eu o conheço. Deixe-me falar com ele.

O Stalker mudou de direção seu rosto branco e cadavérico de Tom para Hester, lentes zumbindo dentro de olhos mecânicos.

— HESTER SHAW — repetiu, acariciando o nome dela com o silvo da voz de escape de gás.

— Olá, Shrike — respondeu Hester.

A grande cabeça inclinou-se para olhar para ela. Uma mão de metal se ergueu, hesitou, então tocou o rosto dela, deixando listras de óleo.

— Sinto muito que nunca tive a chance de me despedir…

— AGORA EU TRABALHO PARA O LORDE PREFEITO DE LONDRES. ELE ME MANDOU PARA MATAR VOCÊ.

Tom choramingou de novo. Hester deu uma risada frágil.

— Mas… você não vai, né, Shrike? Não *me* mataria?

— MATARIA — respondeu Shrike sem rodeios, ainda a encarando.

— Não, Shrike! — sussurrou Hester, e a srta. Fang aproveitou a chance. Ela sacou uma pequena tira de metal em forma de ventilador de um bolso na manga do casaco e mandou girando contra o pescoço do Stalker. Fez um estranho gemido enquanto voava, desdobrando-se num disco cintilante e afiado.

— Um disco de batalha Nuevo-Maia! — ofegou Tom, que tinha visto tal arma em segurança em uma caixa vidro na seção Armas & Guerra do Museu.

Sabia que podiam cortar o pescoço de um homem a sessenta passos, e ele ficou tenso, esperando que o crânio do Stalker caísse dos ombros... mas o disco apenas acertou a garganta protegida de Shrike com uma batida e se alojou lá, tremendo.

A fenda da boca se alongou em um longo sorriso e o Stalker avançou, rápido como um lagarto. A srta. Fang esquivou-se, saltou e deu um chute alto, mas ele foi muito rápido.

— Corram! — gritou ela para Hester e Tom. — Voltem para *Jenny*! Eu vou atrás!

O que mais poderiam fazer? Eles correram. O monstro arrancou enquanto mergulharam para passar, mas Khora estava lá para pegar o braço da coisa e Nils Lindstrom golpeou o rosto do inimigo com a espada. O Stalker arremessou Khora e levantou a mão: houve faíscas e um guincho de metal contra metal, e Lindstrom jogou fora a espada quebrada, uivou e agarrou o braço. A coisa o jogou de lado e levantou Anna do chão quando ela atacou de novo, lançando-a com força contra Khora e Yasmina quando foram ajudá-la.

— Srta. Fang! — gritou Tom.

Por um momento, pensou em voltar, mas sabia o suficiente sobre Stalkers para ter certeza de que não havia nada que pudesse fazer. Ele correu atrás de Hester, por sobre um monte de corpos na entrada e em direção às sombras, ao crepúsculo e às multidões assustadas e amontoadas. Uma sirene lamentava tristemente. Havia uma fumaça acre na brisa e, perto da usina de força, achou que viu o cintilar da coisa que todos os aviadores mais temiam: fogo!

— Eu não entendo — ofegou Hester, falando consigo mesma, não com Tom. — Ele não *me* mataria, não! — Mas continuou correndo, e juntos chegaram no atracadouro sete onde *Jenny Haniver* os esperava.

Porém Shrike já tinha se certificado que a pequena aeronave não pudesse a ir a lugar nenhum naquela noite. O envelope tinha sido rasgado, o capô da cápsula do motor estibordo tinha sido aberto como lata velha e um espaguete de fiação rasgada se derramava no cais. Dentro daquilo estava o corpo quebrado do garoto que a srta. Fang tinha pagado para olhar a nave. Tom parou, olhando os destroços. Atrás dele, de forma distinta, cada vez mais perto, passos pisavam no convés de metal: *pung, pung, pung, pung*.

Ele procurou Hester e descobriu que ela tinha sumido; mancando ao longo do anel de ancoragem — *descendo*, ele percebeu, a cidade aérea

danificada estava desenvolvendo uma inclinação preocupante. Ele gritou o nome dela e correu, seguindo-a para um atracadouro vizinho. Um balão de aparência acabada tinha acabado de chegar, cuspindo uma família de turistas assustados que não tinham certeza se a escuridão e os gritos significavam uma emergência ou algum tipo de festival. Hester passou por eles usando os ombros e pegou o baloeiro pelos óculos, tirando-o da cesta. O balão afastou-se do cais enquanto ela pulava.

— Parem! Ladrões! Sequestradores! Socorro! — o baloeiro gritava, mas tudo o que Tom podia ouvir era o distinto e apavorante *pung-pung-pung* se aproximando rápido pela Rua Alta.

— Tom! Vamos!

Ele convocou toda a sua coragem e saltou atrás de Hester. Ela estava mexendo de forma desajeitada com as cordas de amarração quando pousou no fundo da cesta.

— Jogue tudo fora — gritou para ele.

Ele fez o que lhe foi dito e o balão subiu, alinhando-se com as janelas do primeiro andar, com os telhados, com o pináculo de São Miguel. Logo, Airhaven era uma rosquinha de trevas caindo atrás, e Shrike era só um ponto, olhos verdes brilhando enquanto observava de longe no atracadouro enquanto eles iam embora.



13

O HOMEM RESSUSCITADO

NA IDADE DAS TREVAS ANTES DO AMANHECER DA ERA DA TRAÇÃO, IMPÉRIOS NÔMADES SE ENFRENTARAM ao longo da Europa mazelada por vulcões. Foram quem construíram os Stalkers, pegando guerreiros mortos dos campos de batalha e trazendo-os de volta a uma espécie de vida por estranhas máquinas de tecnologia antiga que ligavam fios em seus sistemas nervosos.

Os impérios há muito tinham sido esquecidos, mas os terríveis Homens Ressuscitados não. Tom se lembrava de brincar de ser um quando criança no orfanato da Guilda, pisoteando com os braços abertos na frente dele, gritando:

— SOU-UM-STAL-KER! EX-TER-MI-NAR! — Até a srta. Plym mandasse ele falar mais baixo.

Mas ele nunca havia esperado *encontrar* um.

Quando o balão roubado derivou para o leste, no vento noturno, sentou-se tremendo na cesta balançando, virou de lado de forma que Hester não

pudesse ver a mancha molhada nas calças, e disse:

— Pensei que todos tinham morrido há centenas de anos! Pensei que todos tinham sido destruídos em batalhas, ou ficado loucos e sido despedaçados…

— Shrike não — disse Hester.

— E ele *conhecia* você!

— Claro que sim. Somos velhos amigos, Shrike e eu.



Ela o tinha encontrado na manhã depois dos pais terem morrido, no dia em que acordou nas margens do Campo de Caça na chuva sussurrante. Ela não fazia ideia de como tinha ido parar lá, e a dor em sua cabeça era tão forte que mal podia mover-se ou pensar.

Nas proximidades, estava a menor e mais imunda cidade que já havia visto. Pessoas com grandes cestas de vime nas costas desciam em pranchas e escadas e peneiravam os destroços na costa antes de retornar com cestos cheios de sucatas e madeira de naufrágios. Alguns estavam levando o barco a remo do pai dela, e não demorou muito para que descobrissem Hester. Dois homens vieram e olharam para ela. Um era o típico catador, pequeno e sujo, com pedaços de um bugue antigo empilhados na cesta. Depois que ele olhou para ela por um tempo, deu um passo atrás e disse para o companheiro:

— Desculpe, sr. Shrike; pensei que ela poderia ser mais um para a sua coleção, mas é de carne e osso…

Ele se virou e caminhou pelo lixo fumegante, perdendo todo interesse em Hester. Ele só queria coisas que pudesse vender, e não havia valor em uma criança meio morta. Velhos pneus de bugues, *isso* era algo importante…

O outro homem ficou onde estava, olhando para Hester. Foi só quando ele se abaixou e tocou seu rosto e ela sentiu o ferro frio e duro sob as luvas que percebeu que não era realmente um homem. Quando ele falou, a voz soou como uma escova de arame sendo raspada em um quadro-negro:

— VOCÊ NÃO PODE FICAR AQUI, CRIANÇA — disse ele, e a pegou, a jogou por cima do ombro e a levou para a cidade.

A cidade se chamava Strole, e era o lar de cinquenta catadores durões e cobertos de pó que roubavam sítios de tecnologia antiga quando conseguiam encontrá-los e surrupiavam o butim de cidades maiores caso contrário. Shrike vivia com eles, mas não era um catador. Quando os criminosos de uma das grandes Cidades de Tração escapavam para o Exterior, Shrike os perseguia e lhes cortava as cabeças, as quais preservava com cuidado. Quando ele cruzava o caminho daquela cidade de novo, levava a cabeça para as autoridades e pegava sua recompensa.

Por que ele se incomodou em resgatá-la Hester nunca descobriu. Não podia ser por pena, já que ele não tinha isso. O único sinal de ternura que ela viu nele era quando se ocupava da coleção. Era fascinado por autômatos e brinquedos mecânicos, e comprava qualquer um que os catadores traziam. Seus aposentos desolados em Strole estavam cheios: animais, cavaleiros de armadura, soldadinhos de corda com chaves nas costas, até mesmo um Anjo da Morte em tamanho real tirado de um relógio elaborado. Mas seus favoritos eram mulheres ou crianças: lindas senhoras em vestidos comidos por traças e meninas e meninos com faces de porcelana. Shrike passavas as noites pacientemente os desmontando e os consertando, explorando os escapes intrincados de seus corações, como se procurasse alguma pista sobre o seu próprio funcionamento.

Às vezes parecia a Hester que ela também era parte de sua coleção. Será que ela o lembrava das feridas que sofrera nos campos de batalha das guerras esquecidas, quando ainda era humano?

Hester compartilhou a casa dele por cinco longos anos, enquanto seu rosto se curava em uma carranca arruinada permanente e as memórias voltavam lentamente. Algumas eram surpreendentemente claras: as ondas na costa da Ilha do Carvalho, a voz da mãe, o vento da charneca com cheiro de grama úmida e de esterco. Outras eram obscuras e difíceis de entender; apareciam na mente quando estava adormecida, ou a pegavam sem querer enquanto vagava entre as figuras mecânicas silenciosas da casa de Shrike. *Sangue e um mapa estelar. Um barulho metálico. Um rosto longo e bonito de um homem com olhos cinza*. Eram fragmentos de memória e tiveram que ser cuidadosamente coletados e reunidos, assim como os pedaços de máquinas que os catadores desenterravam.

Foi só quando ouviu alguns homens contando histórias sobre o grande Thaddeus Valentine que começou a entender tudo. Ela descobriu que reconhecia aquele nome: era do homem que matara sua mãe e seu pai e a transformara em um monstro. Ela soube o que tinha que fazer sem sequer precisar pensar no assunto. Ela foi até Shrike e contou que queria ir atrás de Valentine.

— VOCÊ NÃO DEVE IR — foi tudo o que o Stalker disse. — SERÁ MORTA.

— Então venha comigo! — implorou, mas ele não foi. Ele tinha ouvido a respeito de Londres e sobre o amor de Magnus Crome por tecnologia. Achava que se fosse até lá, a Guilda dos Engenheiros o dominaria e o cortaria em pedaços para estudá-lo nos laboratórios secretos.

— VOCÊ NÃO DEVE IR — era tudo o que ele dizia.

Então, ela seguiu de qualquer jeito, esperando que ele estivesse ocupado com seus autômatos, escapando por uma janela para fora de Strole, e saindo para o Exterior gelado com uma faca roubada no cinto, em busca de Londres e de vingança.



— Eu nunca mais o vi desde então — ela contou a Tom, tremendo no cesto do balão roubado. — Strole desceu pela costa do Mar Anglês quando parti, mas aqui está Shrike, trabalhando para Magnus Crome, e querendo me matar. Não faz nenhum sentido!

— Talvez você o tenha magoado quando fugiu? — sugeriu Tom.

— Shrike não tem sentimentos — disse Hester. — Eles limparam todas as memórias e sentimentos *dele* quando o transformaram em um Stalker.

Parece que ela o inveja, pensou Tom. Mas pelo menos o som de sua voz ajudara a acalmá-lo, e ele parou de tremer. Sentou-se e ouviu o vento suspirar através da armação do balão. Havia uma mancha preta nas nuvens ocidentais que ele achava que deveria ser a fumaça de Airhaven. Será que os aviadores tinham conseguido controlar, ou talvez a cidade tivesse sido destruída? E quanto a Anna Fang? Ele percebeu que Shrike provavelmente a tinha matado, junto com todos os amigos dela. Aquela aviadora bondosa e risonha estava

morta, tão morta quanto os pais dele. Era como se houvesse uma maldição sobre ele que destruía todos ao redor que lhe demonstravam alguma gentileza. Se ao menos nunca tivesse conhecido Valentine! Se ao menos ele tivesse ficado seguro no Museu onde pertencia!

— Ela pode estar bem — disse Hester de repente, como se tivesse adivinhado o que ele estava pensando. — Acho que Shrike estava apenas brincando com ela; ele não sacou suas garras nem nada do tipo.

— Ele tem *garras*?!

— Contanto que ela não o aborrecesse demais, ele provavelmente não perderia tempo a matando.

— E quanto a Airhaven?

— Suponho que, se estiver realmente danificada, descerá em algum lugar para reparos.

Tom assentiu. Aí um pensamento feliz o ocorreu.

— Você acha que a srta. Fang virá atrás da gente?

— Eu não sei — respondeu Hester. — Mas Shrike virá.

Tom olhou por cima do ombro de novo, horrorizado.

— Pelo menos — disse ela —, ainda estamos indo na direção certa para Londres.

Ele olhou cautelosamente ao longo da borda da cesta. As nuvens estavam abaixo deles como um edredom branco colocado sobre a terra, escondendo qualquer coisa que pudesse dar uma pista sobre onde estavam ou para onde estavam indo.

— Como você sabe? — perguntou ele.

— Por causa das estrelas, é claro — esclareceu Hester. — Mamãe me mostrou. Ela também era uma aviadora, lembra? Esteve em toda parte. Foi até para a América uma vez. Você tem que usar as estrelas para encontrar seu caminho em lugares como esse, onde não há mapas ou ponto de referência. Veja, a Estrela Polar, e a constelação é o que os antigos costumavam chamar de Ursa Maior, mas a maioria das pessoas hoje em dia chama de Cidade. E se mantivermos *isto* a estibordo saberemos que estamos indo para nordeste…

— Há tantas! — disse ele, tentando seguir o dedo dela apontado. Ali, acima das nuvens, sem véus de fumaça da cidade e a poeira do Exterior para esconder, o céu noturno brilhava com um milhão de pontos frios de luz. — Eu nunca soube que havia tantas estrelas antes!

— Todas elas são sóis, queimando bem longe no espaço, milhares e milhares de quilômetros de distância — afirmou Hester, e Tom teve a sensação de que ela se sentia orgulhosa de mostrar-lhe o quanto sabia. — Exceto por aquelas que não são estrelas. Algumas das realmente brilhantes são luas mecânicas que os antigos colocaram em órbita milhares de anos atrás, ainda rodando e rodando a pobre Terra.

Tom olhou para o brilho escuro.

— E qual é aquela? — perguntou, apontando uma estrela brilhante baixa no oeste.

Hester olhou, e o sorriso desapareceu. Ele viu as mãos dela se apertarem em punhos.

— Aquilo ali? É um dirigível, e está vindo atrás da gente.

— Será que a srta. Fang veio nos resgatar? — perguntou Tom, esperançoso.

Mas o dirigível distante estava ganhando terreno rapidamente, e em poucos minutos puderam ver que era uma pequena nave batedora de Londres, uma Raio Solar Spudbury ou uma Goshawk 90. Podiam quase sentir os olhos verdes de Shrike observando-os através dos desertos do céu.

Hester começou a mexer com as rodas enferrujadas e as alavancas que controlavam a pressão do gás no balão. Depois de alguns segundos, ela encontrou o que queria e um sibilo feroz veio de algum lugar em cima.

— O que está fazendo? — chiou Tom. — Você vai deixar o gás sair! Vamos cair!

— Vou nos esconder do Shrike — respondeu a garota, e abriu a válvula ainda mais.

Olhando para cima, Tom viu o saco de gás começar a cair. Ele olhou de novo para o dirigível perseguidor. Estava se aproximando, mas ainda a alguns quilômetros. Esperavam que daquela distância parecesse que algum tipo de acidente acertou o balão. Esperavam que Shrike não adivinhasse o plano de Hester. Esperavam que sua pequena nave não estivesse equipada com lançadores de foguetes…

E então se afundaram nas nuvens e não conseguiram ver nada além de ondas e às vezes um rápido vislumbre da lua se movendo vagamente acima. O cesto crepitou e o envelope se agitou e a válvula de gás sibilou como uma cobra irritada.

— Quando tocarmos o chão, pule do cesto o mais rápido que puder — disse Hester.

— Sim, mas… você quer dizer que vamos deixar o balão?

— Não temos a menor chance contra Shrike no ar — ela explicou. — Espero que no chão eu possa superá-lo.

— No chão? — gritou Tom. — Oh, não o Exterior de novo!

O balão estava afundando rápido. Eles viram a paisagem negra que se aproximava abaixo, manchas escuras de vegetação e alguns finos reflexos de luz da lua. Acima, nuvens espessas corriam para o leste. Não havia sinal do dirigível de Shrike. Tom se preparou. O chão estava a trinta metros de distância, depois quinze, depois três metros. Ramos vinham e raspavam a quilha e a cesta balançava e mergulhava, caindo contra a terra lamacenta e saltando para cima e para baixo novamente.

— Pule! — gritou Hester, na próxima vez que tocou o chão. Ele pulou, caindo por ramos que o arranhavam em um colchão macio de lama. O balão subiu de novo e por um momento ele temeu que Hester o tivesse abandonado para perecer na terra nua.

— Hester! — ele gritou tão alto que a garganta doeu. — Hester! — E depois houve um barulho no matagal afastado para a esquerda e ela estava mancando em direção a ele. — Oh, graças a Quirke! — sussurrou.

Ele esperava que ela parasse e se sentasse para descansar um pouco e agradecer aos deuses por deixá-los em terra macia e molhada em vez de pedra dura. Em vez disso, Hester passou por ele, mancando para o nordeste.

— Pare! — gritou Tom, ainda muito sem fôlego e trêmulo para sequer ficar de pé. — Espere! Onde você está indo?

Ela olhou de volta como se ele estivesse louco.

— Londres — respondeu ela.

Tom rolou de costas e gemeu, reunindo forças para mais uma jornada cansativa.

Acima dele, liberado do peso, o balão voltou para o céu, uma gota de lágrima escura que rapidamente foi engolida na barriga das nuvens. Alguns momentos depois, ele ouviu o ruído surdo dos motores do dirigível de Shrike indo atrás do balão. A seguir, apenas a noite e o vento frio, e faixas de luar rondando as colinas quebradas.



14

SALÃO DAS GUILDAS

KATHERINE DECIDIU COMEÇAR PELO TOPO. NO DIA SEGUINTE À PARTIDA DE SEU PAI, MANDOU UMA mensagem pelo sistema de tubos pneumáticos para o escritório do Lorde Prefeito a partir do terminal na sala do pai, e meia hora depois veio uma resposta da secretária de Crome: o Lorde Prefeito veria a srta. Valentine ao meio-dia.

Katherine foi para o quarto se vestir e escolheu as roupas que lhe deixavam com mais cara de jovem de negócios — calças pretas retas e casaco cinza com ombreiras. Prendeu os cabelos com uma presilha feita a partir das luzes traseiras de um carro antigo e pegou um chapéu elegante com abas para orelhas que tinha comprado seis semanas antes, mas ainda não tinha estreado. Colocou uma cor nos lábios e fez formas suaves de vermelho nas maçãs do rosto, além de um pequeno triângulo azul entre as sobrancelhas, uma falsa marca da Guilda, como as damas na moda usavam. Encontrou um caderno e um lápis e os colocou em uma das maletas pretas do pai, de aspecto

importante, junto com o passe que ele lhe deu no seu 15º aniversário, o dourado que lhe permitia acessar quase todas as partes de Londres. Então estudou sua aparência no espelho, imaginando-se em algumas semanas indo encontrar a expedição de retorno. Ela poderia dizer ao pai: *"Está tudo certo, eu entendo tudo; você não precisa temer mais nada…"*.

Faltando quinze para o meio-dia, ela foi com Cão até a estação de elevador em Quirke Circus, curtindo os olhares que as pessoas lhe davam enquanto passava. *"Ali vai a srta. Katherine Valentine"*, ela os imaginava dizendo. *"Indo ver o Lorde Prefeito…"* A equipe do elevador conhecia seu rosto, e eles sorriram e disseram:

— Bom dia, srta. Katherine. — Acariciaram a cabeça do Cão e não se incomodaram em olhar para o passe quando ela embarcou no 11.52 para o nível elevado.

O elevador zumbiu para cima. Andou rapidamente através da Paternoster Square, onde Cão olhou pensativo para os pombos circulando e levantou as orelhas para o som dos trabalhos de reparação em curso dentro da igreja de St. Paul. Logo ela subiu os degraus do Salão das Guildas e foi levada para um pequeno elevador interno, e um minuto antes do meio-dia foi introduzida pela porta circular de bronze do escritório privado do Lorde Prefeito.

— Ah, srta. Valentine. Você chegou um minuto mais cedo. — Crome olhou para ela do outro lado da enorme mesa e voltou ao relatório que estava lendo. Atrás da cabeça dele, uma janela redonda com vista para a igreja de St. Paul, deslumbrante e irreal através do espesso vidro, como um templo naufragado visto por água cristalina. A luz do sol brilhava vagamente sobre os painéis de bronze manchados das paredes do escritório. Não havia fotos, nada pendurado e nenhum tipo de decoração, e o chão era metal nu. Katherine estremeceu, sentindo o frio subir pelas solas dos sapatos.

O Lorde Prefeito a manteve esperando por 59 segundos que pareceram se estender por uma eternidade. Ela estava completamente desconfortável quando ele baixou o relatório. O homem sorriu fracamente, como alguém que nunca tinha visto um sorriso, mas tinha lido um livro de como fazê-lo.

— Você ficará feliz em saber que acabei de receber um sinal de rádio codificado enviado da expedição do seu pai pouco antes de sair do alcance. Tudo bem a bordo do *Elevador do 13º Andar*.

— Ótimo! — disse Katherine, sabendo que seria a última vez que ouviria falar do pai antes que ele estivesse voltando para casa; mesmo os engenheiros nunca conseguiram mandar sinais de rádio por mais do que algumas centenas de quilômetros.

— Tem algo mais? — perguntou Crome.

— Sim… — começou Katherine, e hesitou, com medo de que pudesse soar tola. Diante do escritório frio de Crome e de um sorriso ainda mais frio, ela se viu desejando que não tivesse colocado tanta maquiagem ou usado aquelas roupas rígidas e formais. Mas foi por isso que ela tinha ido ali, afinal. Deixou escapar: — Eu quero saber sobre a garota, e por que ela quis matar o meu pai.

O sorriso do Lorde Prefeito desapareceu.

— Seu pai nunca achou necessário me contar quem ela é. Não tenho ideia do que a fez ficar tão ansiosa para assassiná-lo.

— Você acha que tem algo a ver com a MEDUSA?

O olhar de Crome ficou alguns graus mais frio.

— Esse assunto não lhe diz respeito! — brigou. — O que Valentine lhe contou?

— Nada! — exclamou Katherine, ficando nervosa. — Mas posso ver que ele está com medo, e eu preciso saber o motivo, porque.…

— Ouça-me, criança — disse Crome, levantando-se e dando a volta na mesa para ir até ela. As mãos magras agarraram os ombros dela. — Se Valentine mantém segredos de você é por uma boa razão. Há aspectos do trabalho que você não entenderia. Lembre-se: ele começou com nada, era um simples catador no Exterior antes que eu me interessasse por ele. Você quer vê-lo reduzido a isso de novo? Ou pior?

Katherine sentiu como se ele a tivesse a estapeado. O rosto estava vermelho de raiva, mas ela se controlou.

— Vá para casa e espere pela volta de seu pai — ordenou Crome. — E deixe assuntos de adultos para aqueles que os entendem. Não fale com ninguém a respeito da garota ou da MEDUSA.

"Assuntos de adultos?", Katherine pensou com raiva. *"Que idade ele pensa que eu tenho?"* Mas inclinou a cabeça e disse mansamente:

— Sim, Lorde Prefeito. — E depois: — Venha, Cão.

— E não traga mais esse animal ao nível elevado de novo — Crome deu uma bronca, a voz seguindo-a no escritório externo, onde as secretárias se viraram para encarar o rosto dela furioso e cheio de lágrimas.

No elevador de volta para Quirke Circus, ela sussurrou no ouvido do lobo:

— Ele vai ver só, Cão!



Em vez de ir direto para casa, ela parou no Templo de Clio, no limite do Circle Park. Lá na escuridão perfumada, ela se acalmou e tentou descobrir o que fazer a seguir.

Desde que Nikolas Quirke havia sido declarado deus, a maioria dos londrinos deixou de pensar muito sobre os deuses e deusas antigos, e então Katherine tinha o templo para si. Ela gostava de Clio, a deusa mãe lá em Puerto Angeles, e cuja a estátua parecia um pouco com sua mãe, com olhos escuros amáveis e sorriso paciente. Ela lembrou o que sua mãe tinha ensinado, sobre como a pobre deusa estava sendo soprada constantemente para trás pela tempestade do progresso, mas podia alcançar as pessoas e inspirá-las a mudar todo o curso da história. Olhando agora para o rosto gentil da estátua, ela disse:

— O que devo fazer, Clio? Como posso ajudar meu pai se o Lorde Prefeito não me conta nada?

Ela realmente não esperava resposta, e não veio nenhuma, então fez uma rápida oração pelo pai e outra pelo pobre Tom Natsworthy, fez suas oferendas e saiu.

Foi só quando já estava na metade do caminho para a Casa Clio que a ideia lhe ocorreu, um pensamento tão inesperado que poderia ter sido mandado pela própria deusa. Ela lembrou que, conforme corria em direção às calhas de lixo na noite em que Tom caiu, passou por alguém que ia na outra direção, um jovem engenheiro aprendiz, parecendo tão pálido e chocado que ela teve *certeza* que ele tinha testemunhado o que havia acontecido.

Ela correu para casa através do parque iluminado pelo sol. Aquele jovem engenheiro teria a resposta! Poderia voltar às Entranhas e encontrá-lo!

Descobriria o que estava acontecendo sem qualquer ajuda daquele velho perverso, Magnus Crome!



15

OS BREJOS ENFERRUJADOS

TOM E HESTER CAMINHARAM A NOITE INTEIRA E, QUANDO O PÁLIDO SOL SUBIU POR TRÁS DE CORRENTES de névoa matinal, continuaram a caminhar, parando de vez em quando para recuperar o fôlego. A paisagem era bastante diferente das planícies barrentas que haviam atravessado dias atrás. Ali, tiveram que continuar fazendo desvios em torno de pântanos e lagoas de água salobre e, embora às vezes tropeçassem nas marcas profundas e com ervas daninhas de trilhas antigas, ficou claro que nenhuma cidade tinha passado ali em muitos anos.

— Veja como o mato cresceu — disse Hester, apontando para sulcos cheios de videiras e encostas verdes com árvores jovens. — Mesmo uma pequena semiestática teria derrubado essas mudas por combustível.

— Talvez a terra aqui seja muito macia — sugeriu Tom, afundando até a cintura pela vigésima vez na lama grossa. Ele se lembrava do enorme mapa do Campo de Caça pendurado no lobby do Museu de Londres, o grande pedaço

de brejos que se esticava das montanhas centrais às costas do Mar de Khazak, quilômetros e quilômetros de junqueiras e finos riachos azuis, tudo marcado como *Impróprio para Vila ou Cidade*. Ele disse: — Acho que isso deve ser a beira dos Brejos Enferrujados. Eles chamam assim porque a água supostamente estaria manchada de vermelho com a ferrugem das cidades que se desviaram e afundaram. Somente o prefeito mais temerário traria sua cidade aqui.

— Então Wreyland e Anna Fang nos levaram muito mais a sul do que eu pensava — sussurrou Hester para si mesma. — Londres deve estar a mais de mil quilômetros de distância. Precisaremos de meses para a alcançarmos de novo, com Shrike atrás de mim o tempo todo.

— Mas você o enganou! — Tom a lembrou. — Escapamos!

— Ele não vai ser ludibriado por muito tempo. Logo vai nos rastrear de novo. Stalker significa perseguidor.



Ela o levou adiante, arrastando-o sobre colinas e através de charcos e vales baixos, onde o ar estava coberto de enxames de moscas zumbindo e picando. Ambos ficaram cansados e irritados. Uma vez que Tom sugeriu que se sentassem e descansassem um pouco, Hester retrucou:

— Faça o que quiser. Por que eu me importaria?

Depois disso, ele caminhou em silêncio, zangado. Que garota horrível, feia, rancorosa e egoísta! Depois de tudo pelo que tinham passado, e da maneira como ele a tinha ajudado no Exterior, ainda estava pronta para abandoná-lo. Ele desejou que Shrike a tivesse pegado e fosse a srta. Fang ou Khora que tivesse escapado. *Eles* o teriam deixado descansar os pés doloridos…

Mas estava feliz o suficiente com Hester quando a escuridão caiu, quando surgiram grossos coágulos de nevoeiro dos brejos como fantasmas de mamutes e todo sussurro na mata subterrânea soava como o caminhar de um Stalker. Ela encontrou um lugar para passarem a noite, no abrigo de algumas árvores atrofiadas, e, mais tarde, quando o grito repentino de uma coruja caçando o despertou num sobressalto de seu sono incômodo, ele encontrou sua guarda sentada ao lado dele como uma gárgula amigável.

— Está tudo bem — contou a ele. E depois de um momento, em um daqueles reluzentes flashes de suavidade que ele havia notado antes, ela disse: — Eu sinto falta deles, Tom. Minha mãe e meu pai.

— Eu sei. Eu também sinto falta dos meus.

— Você não tem nenhuma família em Londres?

— Não.

— Nem amigos?

Ele pensou na resposta.

— Na verdade, não.

— Quem era aquela garota? — perguntou ela, depois de um pouco de tempo.

— O quê? Onde?

— Nas Entranhas naquela noite, com você e Valentine.

— Aquela era Katherine — respondeu ele. — Ela é… Bem, é a filha de Valentine.

Hester assentiu.

— Bonita.

Depois disso, ele dormiu mais facilmente, sonhando que Katherine estava vindo para resgatá-los em um dirigível, levando-os de volta à luz de cristal acima das nuvens. Quando abriu os olhos em seguida, estava amanhecendo e Hester o sacudia.

— Escute!

Ele apurou os ouvidos, e ouviu um som que não era o de madeiras ou de água.

— É uma cidade? — perguntou, esperançoso.

— Não… — Hester inclinou a cabeça para um lado, saboreando o som. — É um motor aeronáutico Rotwang…

Ficou mais alto, descendo vibrando do céu. Acima da névoa rodopiante, uma nave batedora de Londres cintilou.

Eles congelaram, esperando que a gaiola escura de ramos acima da cabeça deles os escondesse. O rosnado do dirigível desapareceu e depois aumentou novamente, circulando.

— Shrike pode nos ver — sussurrou Hester, olhando para cima, para a névoa branca e cega. — Posso senti-lo nos observando…

— Não, não — insistiu Tom. — Se não podemos ver o dirigível, como ele pode nos ver? Parece lógico…

Porém, bem acima, o Homem Ressuscitado sintoniza os olhos em infravermelho e liga seus sensores de calor e vê duas formas humanas brilhantes em meio à estática cinza e suave das árvores.

— ME LEVE PARA MAIS PERTO — ordena.

— Se você pode vê-los tão claramente agora — resmunga o piloto do dirigível —, é uma pena que não pôde dizer que aquela porcaria de balão estava vazio antes que o perseguíssemos por metade do Campo de Caça.

Shrike não diz nada. Por que deveria se explicar para esse chorão nascido uma vez? Ele viu que o balão estava vazio assim que apareceu acima das nuvens, mas decidiu não falar. Ficou satisfeito com o rápido pensamento de Hester Shaw e decidiu deixá-la viver mais algumas horas como recompensa, enquanto este engenheiro-aviador lerdo perseguia o balão vazio.

Ele traz os olhos de volta para a configuração normal. Vai caçar Hester do jeito difícil, com cheiro, som e visão comum. Ele chama uma lembrança do rosto dela e o faz girar em sua mente enquanto a aeronave varre através da névoa.

— Corra! — exclamou Hester.

O dirigível surgiu da brancura a alguns metros de distância, baixando no chão com os rotores batendo a neblina como uma batedeira. Ela tirou Tom do esconderijo inútil deles e os levou por solo encharcado, enrolado com raízes de árvores. Rastros brancos de água jorravam a cada passo, e lodo preto borbulhava em suas botas. Eles correram cegamente, até que Hester parou de forma tão abrupta que Tom caiu contra ela por trás e ambos se estatelaram.

Eles entraram em um círculo. O dirigível estava preso logo adiante, e uma figura gigante barrava o caminho. Dois feixes de luz verde pálida projetavam-se contra eles, cheios de gotas de água dançantes.

— HESTER — raspou uma voz de metal.

Hester procurou algo que pudesse usar como arma e achou um velho pedaço de pau retorcido.

— Não chegue mais perto, Shrike! — avisou. — Vou esmagar os seus belos olhos verdes! Vou esmagar os seus miolos!

— Venha! — chiou Tom, puxando o casaco dela e tentando arrastá-la para longe.

— Para onde? — indagou Hester, arriscando uma olhada rápida de volta. Ela apertou mais forte o pedaço de pau e ficou firme quando Shrike se aproximou.

— VOCÊ FOI BEM, HESTER, MAS A CAÇADA TERMINOU. — O Stalker estava se movimentando com cuidado no terreno úmido. Cada vez que dava um passo com os pés de metal, uma espiral de vapor sibilava. Ele levantou as mãos e lâminas como garras apareceram.

— O que fez você mudar de ideia quanto a Londres, Shrike? — gritou Hester, com raiva. — Como se tornou o lacaio de Crome?

— *VOCÊ* ME LEVOU A LONDRES, HESTER. — Shrike parou, e o rosto morto se esticou em um sorriso de aço. — EU SABIA QUE IRIA PARA LÁ. VENDI MINHA COLEÇÃO E FRETEI UM DIRIGÍVEL DE FORMA QUE PUDESSE IR ATRÁS DE VOCÊ.

— Você vendeu seus bonecos mecânicos? — Hester soou surpresa. — Shrike, se me queria de volta tanto assim, por que não me rastreou simplesmente?

— DECIDI DEIXAR VOCÊ CRUZAR O CAMPO DE CAÇA SOZINHA — disse Shrike. — ERA UM TESTE.

— Eu passei?

Shrike a ignorou.

— QUANDO CHEGUEI A LONDRES FUI LEVADO DIRETO PARA O ENGINEERIUM, COMO ESPERAVA. PASSEI DEZOITO MESES LÁ ESPERANDO VOCÊ CHEGAR. OS ENGENHEIROS ME DESMONTARAM E ME REMONTARAM UMA DÚZIA DE VEZES. MAS VALEU A PENA. FIZ UM ACORDO COM MAGNUS CROME. ELE ME PROMETEU QUE DARIA O DESEJO DO MEU CORAÇÃO.

— Oh, que bom — disse Hester debilmente, perguntando sobre o que ele estava falando.

— MAS PRIMEIRO VOCÊ DEVE MORRER.

— Mas, Shrike, por quê?

A resposta foi afogada por um barulho grosso e ferrífero que fez Tom se perguntar se o dirigível do Stalker estava prestes a levantar sem ele. Olhou para cima. Ainda estava na mesma posição de antes, mas o chilreio constante das hélices havia sido encoberto pelo novo ruído, um rugido ressoante e rastejante que aumentava a cada segundo. Até Shrike parecia preocupado: seus olhos cintilaram e ele inclinou a cabeça para um lado, ouvindo. Sob os pés, o chão começou a tremer.

Da névoa por trás do Stalker explodiu uma parede de lama e água, enrolando sobre a parte superior, coberta com espuma branca. Atrás havia uma cidade, bem pequena, antiquada, correndo com oito rodas grandes. Hester voltou-se para trás, e Shrike viu o olhar em seu rosto e se virou para ver o que tinha causado. Tom mergulhou de lado, agarrando a garota pelo pescoço e lançando-a para a segurança. O dirigível tentou se afastar, mas as rodas da cidade apressada pegaram-no, destruíram-no e lançaram os escombros ardentes na lama. Um instante depois, eles ouviram o Stalker gritar à medida que a enorme roda dianteira caía sobre ele:

— HESTER!

Eles se abraçaram, rolando e rolando enquanto a cidade passava rugindo, um lampejo de raios e pistões, luz de fogo no metal, pequenas figuras olhando para baixo das plataformas de observação, o gemido prolongado de uma buzina elétrica ecoando pelo nevoeiro. Então, tão repentinamente quanto apareceu, desapareceu. O ar fedia a fumaça e metal quente.

Eles se sentaram. Pedaços de dirigível iam descendo, brilhando alegremente. Onde o Stalker tinha estado, uma profunda marca de rodas se enchia com uma lama preta e reluzente. Algo que poderia ter sido uma mão de ferro avançava da meleca e uma pálida nuvem de vapor subia para o ar e sumia lentamente.

— Ele está… *morto*? — perguntou Tom, a voz tremendo de medo.

— Uma cidade acabou de passar por cima dele — disse Hester. — Eu não acho que esteja muito bem…

Tom se perguntou vagamente o que Shrike quis dizer sobre o "desejo do coração". Por que ele teria vendido a preciosa coleção para vir atrás de Hester, se tudo o que queria fazer era matá-la? Não havia mais como saber.

— E os pobres homens no dirigível… — sussurrou.

— Eles foram enviados para ajudá-lo a nos matar, Natsworthy — disse a garota. — Não desperdice sua pena com eles.

Ficaram quietos por um momento, olhando a névoa. Então Tom disse:

— Eu me pergunto: do que ela estava fugindo?

— O que quer dizer?

— Aquela cidade — disse Tom. — Estava se movendo tão rápido… Algo deve estar perseguindo ela…

Hester olhou para ele e lentamente percebeu o que queria dizer.

— Oh, *droga*! — ela disse.

A segunda cidade surgiu sobre eles quase imediatamente. Era maior do que a primeira, com grandes rodas em forma de barril. Em sua mandíbula escancarada, algum engraçadinho desenhou um sorriso dentado e as palavras, *"COMENSAL FELIZ"*.

Não havia tempo para sair do caminho. Hester pegou Tom desta vez e ele a viu gritando algo, mas o trovão dos motores significava que ele levou um momento para descobrir o que era.

— *Podemos pular! Faça como eu fizer!*

A cidade rolou por sobre eles, rodas passando de ambos os lados fazendo com que fossem levantados como duas formigas no caminho de um arado, elevados em uma onda de lama que quase os esmagou contra a barriga pesada de metal acima da cabeça deles. Hester se agachou na crista da onda como uma surfista e Tom balançou ao lado, esperando que a qualquer momento perdesse a vida por uma torre derrubada ou sendo atirado debaixo das rodas. Hester gritava de novo e apontava. Um escapamento estava passando por eles como uma cobra monstruosa, e pelo brilho da luz do forno das aberturas na parte inferior da cidade, ele viu o corrimão de uma plataforma de manutenção. Hester agarrou-o e se puxou para cima, e Tom se atirou atrás. Por um momento, suas mãos se agarraram violentamente em nada, então havia um ferro enferrujado debaixo dos dedos, quase arrancando seus braços das bases, e Hester se abaixou e agarrou firmemente o cinto dele e o puxou para a segurança.

Passou muito tempo antes que parassem de tremer e conseguissem ficar de pé. Ambos pareciam ter sido modelados grosseiramente com lama do Exterior, cobria suas roupas, se aderia aos cabelos e faces. Tom ria sem conseguir se segurar por terem escapado por tão pouco e com a surpresa de

ainda estar vivo, e Hester ria junto. Ele nunca a ouvira rir antes, e nunca se sentiu tão próximo de alguém como naquele momento.

— Vamos ficar bem! — disse ela. — Nós vamos ficar bem agora! Vamos subir e descobrir com quem pegamos uma carona!



Fosse qual fosse a cidade, era pequena, só um subúrbio. Tom se divertiu tentando descobrir o que poderia ser enquanto Hester arrombou uma fechadura em uma escotilha e o conduziu até uma longa escadaria com paredes enferrujadas com vapor no calor dos motores. Ele pensou que parecia um pouco com Crawley, ou Purley Spokes, os subúrbios que Londres havia construído nos velhos grandes tempos, quando havia tantas presas que as cidades podiam construir pequenas cidades-satélites. Se assim fosse, poderiam ter seus próprios dirigíveis mercantes, licenciados para negociar com Londres.

Mas algo ainda o incomodava no fundo da mente. *Somente o prefeito mais temerário traria sua cidade aqui…*

Por que diabos Crawley ou Purley Spokes estariam perseguindo uma vila nos terríveis Brejos Enferrujados? Subiram a escada até chegarem a uma segunda escotilha. Estava aberta e permitia que saíssem para o convés superior. Um vento frio soprava névoa entre os prédios de metal e os pavimentos tremiam e se moviam quando o subúrbio seguia em frente. As ruas pareciam desertas, mas Tom sabia que pequenas cidades geralmente tinham apenas algumas centenas de habitantes. Talvez estivessem todos ocupados nas salas de máquinas ou esperando em segurança dentro de casa até que a caçada acabasse.

Porém havia algo sobre esse lugar de que ele não gostava; certamente não era o pequeno subúrbio que esperava. Os conveses estavam enferrujados e carcomidos, e as casas surradas pareciam pequenas ante os grandes motores auxiliares que tinham sido arrancados de outras cidades e aparafusados ao acaso, ligados aos motores principais no convés abaixo por uma cama de gato gigante que se enrolava nos edifícios e atravessava buracos cortados na plataforma. Além deles, onde Tom esperaria parques e plataformas de

observação, uma bagunça de colocações de armas e paliçadas de madeira rodeavam a borda do subúrbio.

Hester fez sinal para que ele ficasse quieto e os dois foram até a popa nebulosa, onde podiam ver um prédio alto que deveria ser a Câmara Municipal. À medida que se aproximavam, eles viram uma placa acima da entrada em que se lia:

Bem-vindos a
TUNBRIDGE WHEELS
População: ~~500~~ ~~467~~ 212
E aumentando!

Acima disso, uma bandeira em preto e branco com uma caveira sorridente e dois ossos cruzados.

— Grande Quirke! — exclamou Tom. — É um subúrbio pirata!

E, de repente, de ruas nebulosas à sua volta, surgiam homens e mulheres tão maltrapilhos quanto a cidade, magros, duros e ferozes, e carregando as maiores armas que ele já havia visto.



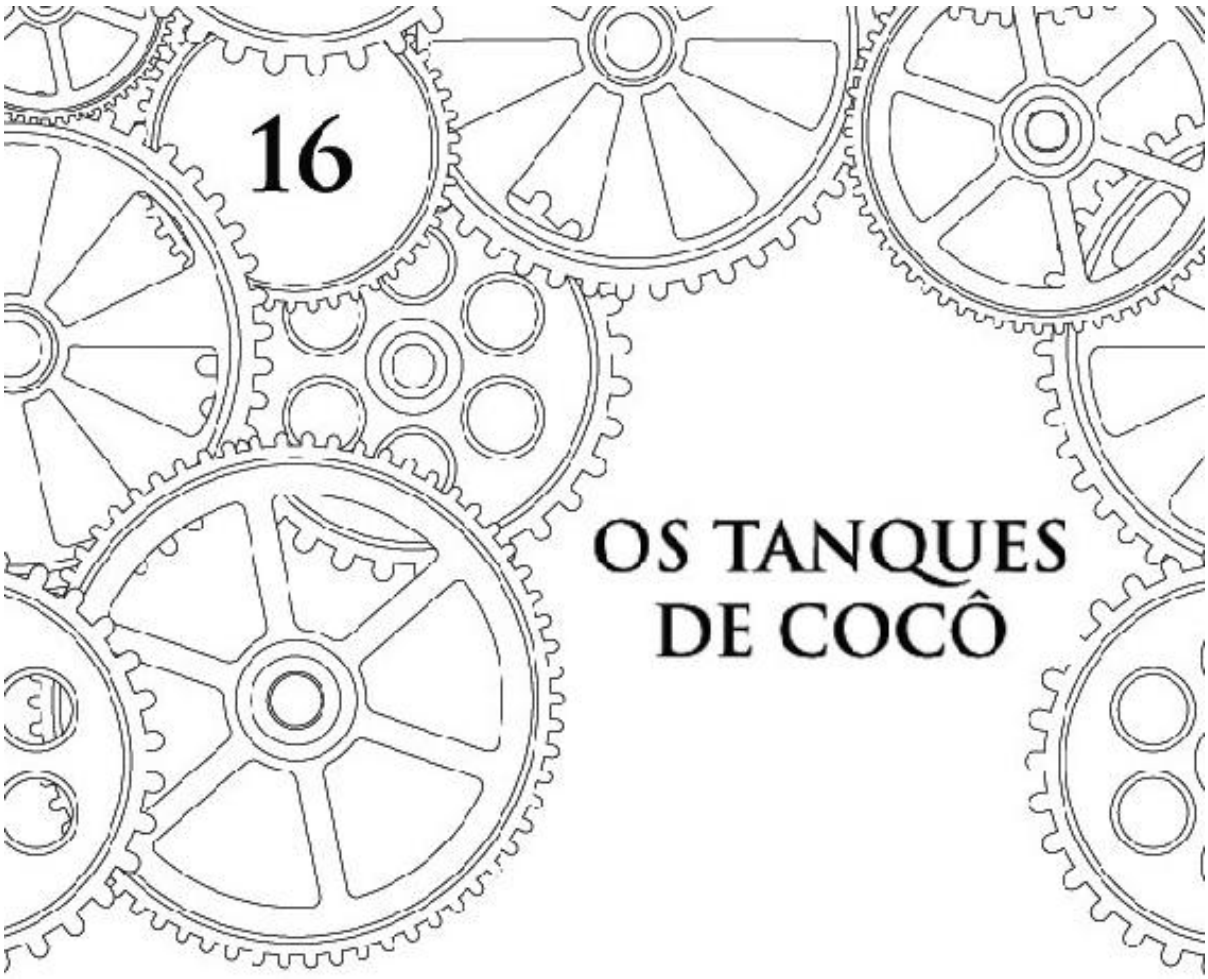
À medida que o subúrbio pirata acelerava, o silêncio retornava para os Brejos Enferrujados, quebrado apenas pelos sons de criaturas pequenas que se deslocavam nos juncos. Então a meleca em um dos sulcos profundos das rodas ferveu, elevou-se e vomitou os destroços de Shrike.

Ele foi conduzido para baixo na lama como um espeque, enfiado, esmagado e retorcido. O braço esquerdo pendurado por alguns fios desgastados, a perna direita sem se mover. Um dos olhos escuro e cego e a vista do outro turva, de modo que ele precisa continuar espancando a cabeça para limpar a vista. Pedaços de sua memória já evanesceram, mas outros surgem espontaneamente. À medida que sai das marcas de rodagem do subúrbio, ele lembra as antigas guerras para que foi construído. No Monte 20, as Armas Tesla estalavam como raio gelado, envolvendo-o no fogo até que sua carne começasse a fritar nos ossos de ferro. Mas sobreviveu. Ele foi o último da Brigada de

Lázaro, e sempre sobrevive. Seria preciso muito mais do que ser atropelado por uma cidade para acabar com Shrike.

Lentamente, ele se arrasta até chegar a um terreno mais firme, e fareja, escuta e faz uma varredura até ter certeza que Hester escapou com vida. Ele se sente muito orgulhoso dela. O desejo do seu coração! Logo ele a encontrará novamente, e a solidão de sua eterna vida acabará.

O subúrbio deixou sulcos profundos em toda a paisagem. Será fácil rastrear, mesmo com a perna arrastando inutilmente, mesmo com só um olho e com a mente falhando. O Stalker joga a cabeça para trás e lança seu grito de caça nos pântanos vazios.



16

OS TANQUES DE COCÔ

LONDRES CONTINUOU A SE MOVER, DIA APÓS DIA, ATRAVESSANDO O CONTINENTE ANTERIORMENTE CONHECIDO por Europa como se houvesse algum prêmio fantástico à frente — mas tudo o que os observadores avistaram desde que a cidade tinha comido Salthook eram algumas minúsculas cidades catadoras, e Magnus Crome nem sequer alterava o curso para pegá-las. As pessoas estavam começando a ficar inquietas, perguntando uns aos outros em sussurros o que o Lorde Prefeito poderia estar aprontando. Londres nunca tinha ido tão longe e tão rápido. Havia conversas sobre escassez de comida, e o calor dos motores espalhou-se pelas placas dos conveses até começarem a dizer que se podia fritar um ovo no chão do nível seis.

Nas Entranhas, o calor era terrível, e, quando Katherine saiu do elevador em Tartarus Row, sentiu como se tivesse acabado de entrar em um forno. Ela nunca havia entrado tão no fundo das Entranhas antes, e por um tempo ficou

piscando nos degraus do terminal do elevador, atordoada pelo barulho e escuridão. No nível um, tinha deixado o sol brilhando no Circle Park e um vento fresco que agitava os arbustos de rosas: lá embaixo, gangues de homens corriam, sons constantes de buzinas e enormes contêineres de combustível passavam por ela em direção aos fornos.

Por um momento, sentiu vontade de voltar para casa, mas sabia que tinha que continuar com o plano, pelo seu pai. Respirou profundamente e saiu na rua.

Não era nem um pouco como a Alta Londres. Ninguém conhecia seu rosto ali. Os transeuntes foram grosseiros quando pediu orientações, e os trabalhadores que descansavam nas calçadas assobiavam enquanto ela passava e gritavam: "Oi, gatinha!" e "Onde arrumou esse chapéu?". Um capataz corpulento empurrou-a de lado para conduzir uma brigada de condenados. Em santuários sob os dutos de combustível, estátuas malcriadas de Pete Fuligem, o deus corcunda das casas de máquinas e chaminés. Katherine levantou o queixo e manteve Cão em uma pegada firme na coleira, contente por ele estar lá para protegê-la.

Mas ela sabia que este era o único lugar onde poderia esperar encontrar a verdade. Com o pai longe e Tom perdido ou morto, e Magnus Crome não querendo conversar, havia apenas uma pessoa em Londres que poderia conhecer o segredo da menina com cicatrizes.

Tinha sido muito difícil encontrá-lo, mas, felizmente, a equipe do escritório de registros da Guilda de Catadores, Fogueiros, Fiscais de Rodas e Funcionários Associados das Entranhas ficou feliz o bastante por atender a filha de Thaddeus Valentine. Se houvesse um engenheiro aprendiz perto das calhas de lixo naquela noite, disseram, devia estar supervisionando trabalhadores condenados, e se estava supervisionando condenados ele deve ter vindo da prisão experimental dos engenheiros nas Entranhas Profundas. Mais algumas perguntas e um suborno para um capataz das Entranhas e ela tinha um nome: engenheiro aprendiz Pod.

Agora, quase uma semana depois do encontro com o Lorde Prefeito, ela estava indo falar com ele.



A Prisão das Entranhas Profundas era um complexo de edifícios do tamanho de uma pequena cidade que se agrupava em torno da base de um gigantesco pilar de apoio. Katherine seguiu as placas para o bloco de administração, um edifício de metal esférico levantado em pórticos com ferrugem e rodando lentamente para que os supervisores pudessem olhar para baixo a partir de suas janelas e observar seus blocos de celas, pátios de exercícios e as fazendas de algas girando sem parar no entorno. No hall de entrada, luz neon cintilava em acres de metal branco. Um engenheiro veio deslizando até Katherine enquanto ela entrava.

— Não são permitidos cães.

— Ele não é um cão, é um lobo — respondeu Katherine, com seu sorriso mais doce, e o homem pulou para trás quando Cão farejou seu casaco de borracha. Ele tinha uma aparência afetada, com boca fina e franzida e manchas de eczema na cabeça calva. O distintivo no casaco dizia: *Supervisor das Entranhas Nimmo*. Katherine sorriu, e antes que ele pudesse levantar mais objeções, mostrou o passe dourado e disse: — Estou aqui em uma missão para o meu pai, o historiador-chefe. Tenho que ver um de seus aprendizes, um garoto chamado Pod.

Supervisor Nimmo piscou para ela e disse:

— Mas… Mas…

— Acabei de vir direto do escritório de Magnus Crome — mentiu Katherine. — Chame a sua secretária se quiser checar…

— Não, tenho certeza que está tudo certo… — murmurou Nimmo. Ninguém de fora da Guilda quisera falar com um aprendiz antes, e ele não gostava disso. Provavelmente havia uma regra contra. Mas não queria discutir com alguém que conhecia o Lorde Prefeito. Ele pediu a Katherine para esperar e correu para longe, desaparecendo em um escritório com paredes de vidro no outro lado do corredor.

Katherine esperou, acariciando a cabeça de Cão e sorrindo polidamente aos transeuntes carecas de casacos brancos. Logo Nimmo tinha voltado.

— Eu localizei o aprendiz Pod — anunciou. — Ele foi transferido para a Seção 60.

— Oh, muito bem, sr. Nimmo! — sorriu Katherine. — Pode mandá-lo subir?

— Certamente que não — retorquiu o engenheiro, que não tinha certeza se gostava de receber ordens de uma mera filha de historiador. Mas se ela quisesse ver a Seção 60, ele a levaria para lá. — Siga-me — disse ele, indicando o caminho até o elevador. — A Seção 60 está nos conveses inferiores.

Os conveses inferiores eram onde Londres mantinha seus encanamentos. Katherine tinha lido sobre eles nos livros escolares, então estava preparada para a longa descida, mas nada poderia prepará-la para o cheiro. Aquilo a acertou logo que o elevador chegou no fundo e a porta se abriu. Era como entrar em uma parede de esgoto.

— Esta é a Seção 60, uma das nossas unidades de trabalhos experimentais mais interessantes — disse Nimmo, que não parecia notar o cheiro. — Os condenados a este setor estão ajudando a desenvolver novas e emocionantes formas de reciclagem dos resíduos.

Katherine deu um passo para fora, cobrindo o nariz com o lenço. Ela estava em um espaço enorme e mal iluminado. À frente dela havia três tanques, cada um maior que a Casa Clio e todos os seus jardins. A imundície marrom-amarelada escorria nos tanques de um labirinto de tubos que se agarravam ao teto baixo, e as pessoas em macacões de prisão cinzentos e enfadonhos estavam atoladas até o peito naquilo, raspando a superfície com ancinhos longos.

— O que estão fazendo? — perguntou Katherine. — O que *é* essa coisa?

— Detritos, srta. Valentine — disse Nimmo, soando orgulhoso. — Efluente. Dejetos. Subprodutos nutricionais humanos.

— Você quer dizer… cocô? — indagou Katherine, chocada.

— Obrigado, srta. Valentine, talvez essa fosse a palavra que eu estava procurando. — Nimmo olhou para ela. — Não há nada de nojento, eu lhe asseguro. Nós todos… ah… usamos o banheiro de vez em quando. Bem, agora sabe onde o seu… hã… *cocô* acaba. "Não desperdice, não fique sem" é o lema dos engenheiros, srta. Valentine. Dejetos humanos devidamente processados produzem um combustível muito útil para os motores da cidade. E estamos experimentando uma forma de transformá-lo em um lanche gostoso e nutritivo. Alimentamos nossos prisioneiros só com isso. Infelizmente, continuam a morrer. Mas isso é apenas um contratempo, tenho certeza.

Katherine caminhou na beira do tanque mais próximo. *Eu desci até Onde o Sol não Brilha!*, pensou. *Oh, Clio! Esta é a terra dos mortos!*

Mas nem mesmo Onde o Sol não Brilha poderia ser tão terrível quanto aquele lugar. A pasta se dilatava e se mexia, batendo nas bordas dos tanques enquanto Londres atravessava uma série de colinas acidentadas. As moscas zumbiam em nuvens grossas sob o teto abobadado e pousavam nos rostos e nos corpos dos trabalhadores. As cabeças raspadas brilhavam na meia-luz, os rostos vazios enquanto raspavam a espessa crosta da superfície e a transferiram para dentro dos recipientes que outros condenados rodavam sobre trilhos ao lado dos tanques. Engenheiros aprendizes de caras severas os observavam, balançando longos cassetetes pretos. Só Cão parecia feliz, ele estava esticando sua coleira, a cauda balançando, e de vez em quando ele olhava ansiosamente para Katherine como se quisesse agradecê-la por trazê-lo a algum lugar com cheiros tão interessantes.

Ela lutou para segurar o almoço no estômago e se virou para Nimmo.

— Essas pobres pessoas! Quem são?

— Oh, não se preocupe com *eles* — disse o supervisor. — São condenados. Criminosos. Merecem.

— O que fizeram?

— Oh, uma coisa ou outra. Pequenos roubos. Evasão fiscal. Criticar nosso Lorde Prefeito. Eles são muito bem-tratados, considerando tudo. Agora, vamos ver se podemos encontrar o aprendiz Pod…

Enquanto ele falava, Katherine observava o tanque mais próximo. Um dos homens que trabalhava parou de se mover e soltou o ancinho, segurando a cabeça como se estivesse tonto. Agora, uma aprendiz também o notara e se aproximou da borda do tanque e acertou o homem com o seu cassetete. Faíscas azuis piscaram onde o tocou, e ele se debateu, uivou e se soltou, finalmente sumindo sob a superfície pesada. Outros presos encararam o lugar onde ele tinha afundado, muito assustados para ir e ajudar.

— Faça alguma coisa! — ofegou Katherine, virando-se para Nimmo, que parecia não ter notado.

Outro aprendiz veio correndo ao longo da borda do tanque, gritando para os prisioneiros abaixo dele ajudarem seu camarada. Dois ou três deles o puxaram para cima e o novo aprendiz se inclinou no tanque e o puxou para fora, recebendo respingos com a pasta no processo. Ele estava usando uma

pequena máscara de gaze, como muitos dos guardas, mas Katherine tinha certeza de que ela o reconhecia, e, ao seu lado, ouviu Nimmo gritar:

— *Pod!*

Eles se apressaram em sua direção. O aprendiz Pod tinha arrastado o condenado meio afogado para a passarela metálica entre os tanques e estava tentando lavar a pasta do rosto dele com água de um cano de uma caixa d'água nas proximidades. A outra aprendiz, a que tinha acertado o homem em primeiro lugar, olhou com uma expressão de nojo.

— Você está desperdiçando água, Pod! — ela disse, conforme Katherine e Nimmo se aproximaram.

— O que está acontecendo aqui, aprendizes? — perguntou Nimmo, zangado.

— Este homem estava afrouxando — disse a garota. — Eu só estava tentando fazê-lo trabalhar um pouco mais rápido.

— Ele está com febre! — disse o aprendiz Pod, olhando para cima, indignado, coberto do muco fedido. — Não é à toa que não podia trabalhar.

Katherine se ajoelhou ao lado e ele a notou pela primeira vez, com os olhos arregalados de surpresa. Ele conseguiu lavar a maior parte da pasta do rosto do homem, e ela estendeu a mão e a colocou na testa úmida. Mesmo para os padrões das Entranhas Profundas, estava quente.

— Está doente mesmo — ela disse olhando para Nimmo. — Está queimando de febre. Deveria estar em um hospital…

— Hospital? — repetiu Nimmo. — Não temos hospital aqui embaixo. São prisioneiros, srta. Valentine. Criminosos. Não requerem cuidados médicos.

— Logo será outro caso para a Divisão K — observou a aprendiz.

— Quieta! — sibilou Nimmo.

— O que quer dizer com isso? Divisão K? — perguntou Katherine.

Nimmo não respondeu. O aprendiz Pod a estava encarando, e ela pensou ter visto lágrimas escorrendo pelo rosto dele, embora pudesse ser sido transpiração. Ela olhou para o condenado, que parecia ter caído em uma espécie de letargia. O chão de metal parecia terrivelmente duro, e, com um impulso súbito, ela tirou o chapéu, dobrou-o e o deslizou debaixo da cabeça dele como um travesseiro.

— Ele não deveria estar aqui! — falou com raiva. — Ele está muito fraco para trabalhar nos seus terríveis tanques!

— É espantoso — concordou Nimmo. — Os prisioneiros que estamos recebendo nos dias de hoje são muito fracos. Se a Guilda dos Mercadores fizesse mais esforço para resolver a falta de comida, poderiam ser um pouco mais saudáveis... Ou os navegadores começassem a trabalhar e rastrear alguma presa decente de uma vez… Mas acho que você já viu o suficiente, srta. Valentine. Por favor, pergunte ao aprendiz Pod o que quer que seu pai deseja saber, e eu a acompanharei de volta aos elevadores.

Katherine olhou ao redor procurando Pod. Ele tinha tirado a máscara, e era inesperadamente bonito, com grandes olhos escuros e uma boca pequena e perfeita. Ela o encarou por um momento, sentindo-se estúpida. Ali estava ele, sendo corajoso, tentando ajudar aquele pobre homem, e ela o estava incomodando com algo que de repente parecia bastante trivial.

— Você é a srta. Valentine, não é? — disse nervosamente, enquanto Cão se empurrava para cheirar os dedos do homem doente.

Katherine assentiu.

— Eu o vi nas Entranhas na noite em que comemos Salthook — disse ela. — Perto das calhas de lixo. Eu acho que você viu a garota que tentou matar meu pai. Poderia me contar tudo do que se lembra?

O garoto a encarou, fascinado pelos longos e escuros fios de cabelo que caíam em seu rosto agora que o chapéu tinha saído. Então seus olhos se afastaram para olhar para Nimmo.

— Eu não vi nada, senhorita. Quero dizer, ouvi uma gritaria e corri para ajudar, mas com toda a fumaça e outras coisas… não vi ninguém.

— Tem certeza? — implorou Katherine. — Pode ser extremamente importante.

O aprendiz Pod negou com a cabeça, sem a olhar nos olhos.

— Sinto muito…

O homem no convés de repente se moveu e deu um grande suspiro, e todos olharam para ele. Katherine levou um momento para entender que ele estava morto.

— Viu? — disse a aprendiz presunçosamente. — Falei que era para a Divisão K.

Nimmo estava cutucando o corpo com a ponta da bota.

— Leve-o daqui, aprendiz.

Katherine estava tremendo. Ela queria chorar, mas não conseguia. Se ao menos pudesse fazer algo para ajudar essas pobres pessoas!

— Eu vou contar ao meu pai tudo o que acontece aqui quando ele voltar para casa — prometeu. — E quando ele descobrir o que está acontecendo neste lugar terrível… — Ela queria nunca ter descido ali.

Por trás dela, ouviu Pod falar de novo:

— Sinto muito, srta. Valentine.

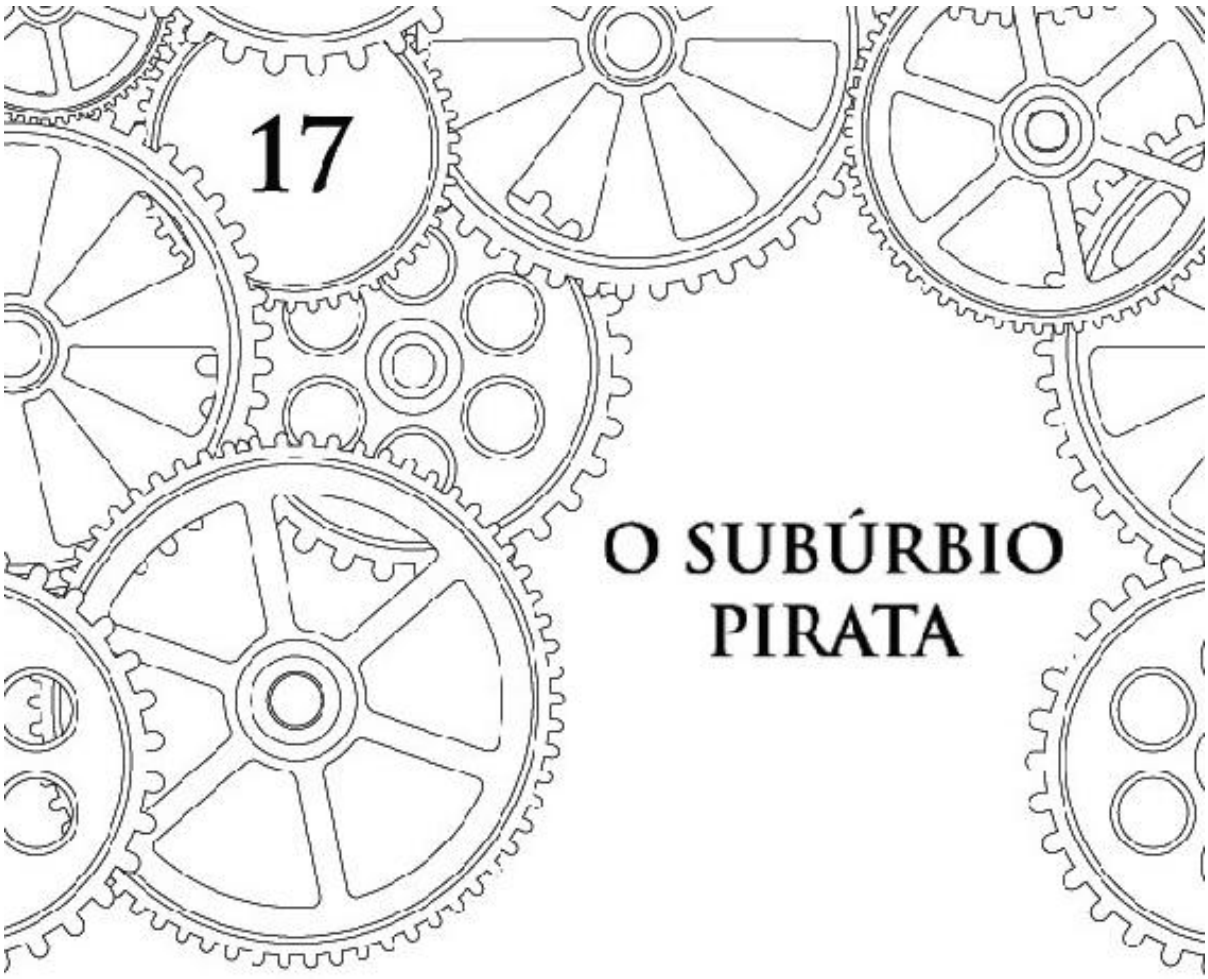
E ela não tinha certeza se ele sentia muito porque não podia ajudá-la ou sentia muito porque ela tinha descoberto a verdade sobre como era a vida sob Londres.

Nimmo estava ficando impaciente.

— Srta. Valentine, insisto que você deva partir agora. Não deveria estar aqui. Seu pai deveria ter enviado um membro oficial da Guilda se tinha negócios com este aprendiz. O que ele esperava saber do menino mesmo?

— Estou indo — disse Katherine, e fez a única coisa que podia fazer para o condenado morto: estendeu a mão e gentilmente fechou os olhos dele.

— Sinto muito — sussurrou o aprendiz Pod, enquanto eles a levavam embora.



17

O SUBÚRBIO PIRATA

TARDE NAQUELA NOITE, E FUNDO NOS BREJOS ENFERRUJADOS, TUNBRIDGE WHEELS FINALMENTE pegou sua presa. A exausta vila tinha entrado em um sumidouro e o subúrbio bateu de lado nela, sem se preocupar em diminuir a velocidade troante. O impacto despedaçou a vila e as aparas vieram chovendo nas ruas do subúrbio enquanto ele girava e acelerava para engolir os destroços.

— Refeição sobre rodas! — os piratas uivavam.

De sua gaiola nas entranhas do subúrbio, Tom e Hester assistiram com horror quando os motores de desmantelamento começaram a trabalhar, destroçando o município em montes de sucata sem sequer se incomodar em deixar os sobreviventes saírem. Os poucos que escapavam tropeçando eram agarrados pelos piratas à espera. Se fossem jovens e aptos, eram arrastados para outras gaiolas minúsculas como aquela em que Hester e Tom haviam

sido presos. Se não, eram mortos, e seus corpos eram adicionados ao monte de lixo na borda do pátio de digestão.

— Oh, grande Quirke! — Tom sussurrou. — Isso é horrível! Estão quebrando todas as leis do Darwinismo Municipal…

— É um subúrbio pirata, Natsworthy — disse Hester. — O que você esperava? Eles tiram suas presas o mais rápido possível e fazem dos cativos escravos em suas salas de máquinas. Não desperdiçam comida e espaço em pessoas que são muito fracas para trabalhar. Não é realmente tão diferente do que sua preciosa Londres apronta. Pelo menos esse lote tem a honestidade de se chamar pirata.

O brilho de um manto cor-de-rosa nos estaleiros de digestão chamou a atenção de Tom. O prefeito do subúrbio pirata tinha vindo dar uma olhada em sua captura mais recente, e estava se pavoneando ao longo da passarela fora das celas, cercado por seus guarda-costas. Ele era um homenzinho pequeno, curvado e com ombros arqueados, uma cabeça calva e um pescoço magricela saindo da gola de sua roupa, que era de pele de animal. Ele não parecia amigável.

— Ele se parece mais com um abutre carcomido do que um prefeito! — sussurrou Tom, puxando a manga de Hester e apontando. — O que acha que ele vai fazer com a gente?

Ela deu de ombros, olhando para a equipe que se aproximava.

— Nós seremos arrastados para as salas de máquinas, suponho… — Então ela parou, encarando o prefeito como se fosse a coisa mais incrível que já havia visto. Empurrando Tom de lado, jogou o rosto contra as barras da gaiola e começou a gritar: — Peavey! — Esforçando-se para se fazer ouvir sobre o troar das entranhas. — Peavey! Aqui!

— Você o conhece? — perguntou Tom, confuso. — É um amigo? É legal?

— Eu não tenho amigos — Hester se irritou —, e ele não é legal; é um animal implacável e assassino e eu o vi matar pessoas apenas por olharem para ele de maneira engraçada. Então, esperemos que a captura o tenha deixado de bom humor. Peavey! Aqui! Sou eu! Hester Shaw!

O animal implacável e assassino virou-se em direção à cela e franziu o cenho.

— O nome dele é Chrysler Peavey — Hester explicou com raiva. — Ele parou para negociar em Strole poucas vezes quando eu vivia lá com Shrike. Era prefeito de outra cidadezinha catadora. Só os deuses sabem como ele

conseguiu um subúrbio bonitão como este aqui… Agora fique quieto, deixe que eu falo!

Tom estudou Chrysler Peavey à medida que ele se aproximava para dar uma espiada nos cativos, com capangas se aglomerando atrás. Ele não era muito bonito. O couro cabeludo refletia o brilho dos fornos e o suor escorrendo fazia listras pálidas na sujeira do rosto. Como que para compensar pela careca, ele tinha cabelo em quase todo o resto, cerdas brancas sujas saindo do queixo, tufos cinzentos grossos brotando de orelhas e narinas, e um par de sobrancelhas enormes e espessas, que se contorciam. Uma pesada corrente baça de senescal estava pendurada no pescoço, e um macaco magricela estava sentado em um de seus ombros.

— Quem são eles? — indagou.

— Um par de mochileiros, chefe, quero dizer, vossa alteza… — disse um dos guardas, uma mulher cujo cabelo tinha sido trançado e laqueado em dois longos chifres curvos.

— Subiram a bordo no meio da perseguição, vossa alteza — acrescentou outro, o homem que supervisionou a captura dos recém-chegados. Ele mostrou a Peavey o casaco que estava vestindo, o casaco do aviador de lã que ele tirara de Tom. — Peguei isso de um deles…

Peavey grunhiu. Ele parecia se afastar, mas Hester ficou sorrindo seu sorriso torto para ele e dizendo:

— Peavey! Sou eu! — Até que conseguisse lançar uma fagulha de reconhecimento naqueles olhos gananciosos e escuros.

— Maldito Hull! — rosnou. — É a filha do homem de lata!

— Você está bem, hein, Peavey? — disse Hester, e Tom notou que ela não tentava esconder o rosto dos piratas, como se soubesse que não deveria deixar que vissem qualquer sinal de fraqueza.

— Caramba! — exclamou Peavey, olhando-a de cima a baixo. — Caramba! É você mesmo! A ajudante do Stalker, toda crescida e mais feia do que nunca! Onde está o bom e velho Shrike então?

— Morto — respondeu Hester.

— Morto? Do quê, fadiga metal? — Ele deu uma grande gargalhada e os guarda-costas todos seguiram, obedientes, até mesmo o macaco começou a gritar e a bater a corrente. — Fadiga metal! Sacou?

— Então, como ficou no comando de Tunbridge Wheels? — perguntou Hester, enquanto ele ainda estava limpando as lágrimas dos olhos e rindo. — A

última vez que eu ouvi a respeito desse lugar, era um subúrbio respeitável. Costumava caçar no norte, nos limites do gelo.

Peavey riu, inclinando-se contra as barras.

— Doido, né? Este lugar comeu minha velha cidade alguns anos atrás. Veio correndo um dia e mandou goela abaixo. Eles foram bonzinhos, porém não tinham contado comigo e com meus rapazes. Estouramos as entranhas e tomamos todo o lugar, colocamos o prefeito e o conselho para trabalhar arrumando suas próprias caldeiras, e pegamos suas casas confortáveis na prefeitura chique. Não sou mais catador! Sou um prefeito de verdade. Sua majestade Chrysler Peavey, a seu serviço!

Tom estremeceu, imaginando as terríveis coisas que devem ter acontecido ali quando os durões de Peavey assumiram — mas Hester apenas assentiu como se estivesse impressionada.

— Parabéns. É uma boa cidade. Rápida, quero dizer. Bem constituída. Está correndo um risco, no entanto. Se sua presa não tivesse parado quando parou, você teria mergulhado diretamente no coração dos Brejos Enferrujados e afundado como uma pedra.

Peavey dispensou o aviso com um aceno.

— Não Tunbridge Wheels, queridinha. Este subúrbio é especializado. Atoleiros e pântanos não nos incomodam. Há gordas cidades escondidas nestes pântanos, e presas mais gordas ainda onde eu estou planejando ir a seguir.

Hester assentiu.

— Então, que tal nos deixar sair? — perguntou casualmente. — Com essa presa para pegar provavelmente poderia usar um par de bons ajudantes durões lá em cima.

— Ha, ha, ha! — gargalhou Peavey. — Boa tentativa, Hettie, mas está sem sorte. As presas estão escassas nos últimos anos. Eu preciso de todo o saque e comida que puder encontrar apenas para manter os rapazes felizes, e não vão ficar felizes se começar a trazer novas caras a bordo. Especialmente caras tão feias quanto a sua. — Ele berrou novamente com uma risada, olhando em volta para os guarda-costas para se certificar de que estavam imitando. O macaco correu para o topo da cabeça dele e agachou-se lá, fazendo barulho.

— Mas você precisa de mim, Peavey! — Hester falou, esquecendo completamente de Tom em seu desespero. — Não sou molenga.

Provavelmente sou mais durona do que metade dos seus melhores rapazes. Eu vou lutar por um lugar no topo, se for preciso…

— Oh, posso usar você, sim — concordou Peavey. — Mas não lá em cima. Nas salas de máquinas é onde preciso de ajuda. Sinto muito, Hettie! — Ele se virou e acenou para a mulher com os chifres. — Coloque esses dois nos grilhões, Maggs, e leve-os para as senzalas.

Hester desceu no chão da gaiola, desesperada. Tom tocou seus ombros, mas ela os encolheu com irritação. Ele olhou além dela, para Peavey afastando-se pelos estaleiros manchados de sangue e para os piratas avançando na gaiola com armas e algemas. Para sua surpresa, sentiu-se mais com raiva do que com medo. Depois de tudo o que passaram, acabariam como escravos! Não era *justo*! Antes que soubesse o que estava fazendo, levantou-se batendo nas barras gordurosas e se ouviu gritando com uma voz cansada:

— NÃO!

Peavey deu meia-volta. As sobrancelhas escalaram a testa escarpada como lagartas fazendo montanhismo.

— NÃO! — gritou Tom mais uma vez. — Você a conhece, e ela pediu sua ajuda, e deve ajudá-la! Você não passa de um covarde, comendo pequenas cidades que não podem escapar, e assassinando pessoas, jogando gente nas senzalas porque tem medo que seus próprios homens as ajudem!

Maggs e os outros guardas levantaram suas armas e olharam para Peavey esperando que ele desse a ordem para destruir o impertinente prisioneiro. Mas ele ficou de pé e o olhou fixamente, depois caminhou lentamente de volta para a gaiola.

— O que você disse?

Tom deu um passo para trás. Quando tentou falar novamente, nenhuma palavra saiu.

— Você é de Londres, não é? — perguntou Peavey. — Eu reconheceria esse sotaque em qualquer lugar! E não é da região de Nether Boroughs, não. De que nível?

— Do-dois — gaguejou Tom.

— Nível dois? — Peavey olhou ao redor para os companheiros. — Ouviram isso? Isso é quase Alta Londres! Este cara é um cavalheiro da Alta Londres. O que você queria ao atirar um cavalheiro como este nas carceragens, Maggs?

— Mas você disse… — protestou Maggs.

— Não importa o que eu *DISSE* — gritou Peavey. — TIRA ELE DAÍ!

A mulher de chifres mexeu na fechadura até a porta se abrir, e os outros piratas pegaram Tom e o arrastaram para fora da gaiola. Peavey o empurrou de lado e começou a espaná-lo com uma espécie de gentileza áspera, murmurando:

— Isso não é jeito de tratar um cavalheiro! Spanner, devolva o casaco dele!

— O quê? — gritou o pirata usando o casaco de Tom. — De jeito nenhum!

Peavey puxou uma arma e atirou nele, matando-o.

— Eu mandei DEVOLVER O CASACO PRA ELE! — berrou ao corpo com cara de assustado, e os outros correram para tirar o casaco e colocá-lo de volta em Tom. Peavey deu um tapinha no furo de bala ardente no peito. — Desculpe pelo sangue — disse com sinceridade. — Esses caras não têm boas maneiras. Por favor, permita-me me desculpar humildemente pelo mal-entendido e recebê-lo a bordo da minha humilde cidade. É uma honra ter um cavalheiro de verdade a bordo, senhor. Eu espero que se junte a mim no chá da tarde na prefeitura…

Tom ficou boquiaberto. Ele tinha acabado de perceber que não seria morto. O chá da tarde era a última coisa que esperava. Mas quando o prefeito pirata começou a levá-lo, ele se lembrou de Hester, ainda encolhida na gaiola.

— Não posso deixá-la aqui embaixo! — exclamou.

— O quê, *Hettie*? — Peavey parecia desconcertado.

— Estamos viajando juntos — explicou Tom. — Ela é minha amiga…

— Há muitas outras garotas em Tunbridge Wheels — disse Peavey. — Muito melhores, com narizes e tudo mais. Até minha filha encantadora ficaria muito satisfeita em conhecê-lo…

— Não posso deixar Hester para trás — disse Tom, da forma mais firme que ousava, e o prefeito simplesmente se curvou e gesticulou para que seus homens abrissem a gaiola novamente.

No início, Tom achou que Peavey estava interessado no mesmo que a srta. Fang: informação sobre para onde Londres estava indo, e o que a tinha trazido para o Campo de Caça central. Mas, embora o prefeito pirata estivesse cheio de perguntas sobre a vida de Tom na cidade, não parecia ter muito interesse nos movimentos dela; só estava feliz de ter o que ele chamava de "um cavalheiro da Alta Londres" a bordo de sua cidade.

Ele deu a Tom e Hester um tour pela prefeitura, e os apresentou para os seus "conselheiros", uma gangue de sujeitos com aparência de durões com nomes que combinavam: Janny Maggs, Mungo Grosso, Stadtsfesser Zeb, Pogo Nadgers, Zip Perigoso e o Traktiongrad Kid. Então chegou a hora do chá da tarde em seus aposentos privativos — uma sala cheia de tesouros saqueados no alto da prefeitura, onde sua turba de filhos choramingando e com nariz escorrendo ficavam entrando debaixo dos pés de todo mundo. A filha mais velha, Cortina, trouxe chá em delicadas xícaras de porcelana e sanduíches de pepino em uma bandeja de vidro. Era uma menina fraca e aterrorizada com olhos azuis lacrimejantes e, quando o pai viu que ela não tinha cortado as cascas dos sanduíches, deu um tapa no traseiro dela por trás do pufe.

— Thomas aqui é de LONDRES! — gritou, lançando os sanduiches contra ela. — Ele espera coisas CHIQUES! E você deveria ter feito em pequenos TRIÂNGULOS! Não consegue fazer nada direito — disse ele com indignação, virando-se para Tom. — Eu tentei transformá-la numa dama, mas não aprende. Porém é uma boa garota. Olho para ela às vezes e quase desejo nunca ter dado um tiro na mãe dela… — Ele fungou e enxugou os olhos com um grande lenço com uma caveira e ossos cruzados, e Cortina voltou, tremendo, agora com lanches frescos. — O lance é — Peavey continuou, com a boca cheia de pão e pepino —, Tom, não quero ser um pirata por toda a vida.

— Ah, não? — indagou Tom.

— Não — disse Peavey. — Sabe, Tommy, eu não tive as vantagens que você obteve quando era criança. Eu não obtive educação nem nadinha, e sempre fui feio como o cão…

— Oh, eu não diria isso — murmurou Tom polidamente.

— Eu tive que cuidar de mim mesmo, nos montes de poeira e nas valas. Mas sempre soube que um dia seria grande. Vi Londres uma vez, sabe? De longe. Saindo para suas viagens em algum lugar. Achei que era o lugar mais bonito que já tinha visto, todos aqueles níveis, e as moradias brancas em cima

do topo brilhando ao sol. E então ouvi falar sobre os ricos que viviam lá em cima e decidi que era assim que queria viver; todas aquelas roupas elegantes, festas de jardim e idas ao teatro e tal. Então me tornei um catador, daí consegui uma cidadezinha para mim, agora tenho uma maior. Mas o que eu quero mesmo… — ele se inclinou para perto de Tom —, o que quero mesmo é ser *respeitável*.

— Sim, sim, claro — concordou Tom, observando Hester de relance.

— Vou lhe dizer o que estou pensando — continuou Peavey — Se essa viagem de caça funcionar como espero, Tunbridge Wheels será rica em breve. Rica mesmo. Eu amo este subúrbio, Tom. Quero vê-lo crescer. Quero ter um nível superior apropriado com parques, mansões sem indesejáveis, e elevadores subindo e descendo. Quero que Tunbridge Wheels vire uma cidade, uma cidade mesmo, comigo como Lorde Prefeito, algo que dê para deixar aos meus filhos. E você, Tommy, quero que diga como uma cidade deve ser, e me ensine a ter boas maneiras. Etiqueta, sabe? Assim poderei ter com outros Lordes Prefeitos e eles não rirão de mim pelas costas. Bem como todos os meus rapazes... eles vivem como porcos no momento. Então o que me diz? Você nos transformará em cavalheiros?

Tom piscou, lembrando os rostos duros da turma de Peavey e imaginando o que fariam se ele começasse a dizer-lhes para abrir portas uns para os outros e parar de mastigar com a boca aberta. Ele não sabia o que dizer, mas, no final, Hester respondeu por ele:

— Foi um dia de sorte para você quando Tom veio a bordo. Ele é um expert em etiqueta. Ele é a pessoa mais educada que conheço. Vai saber lhe ensinar tudo o que quiser, Peavey.

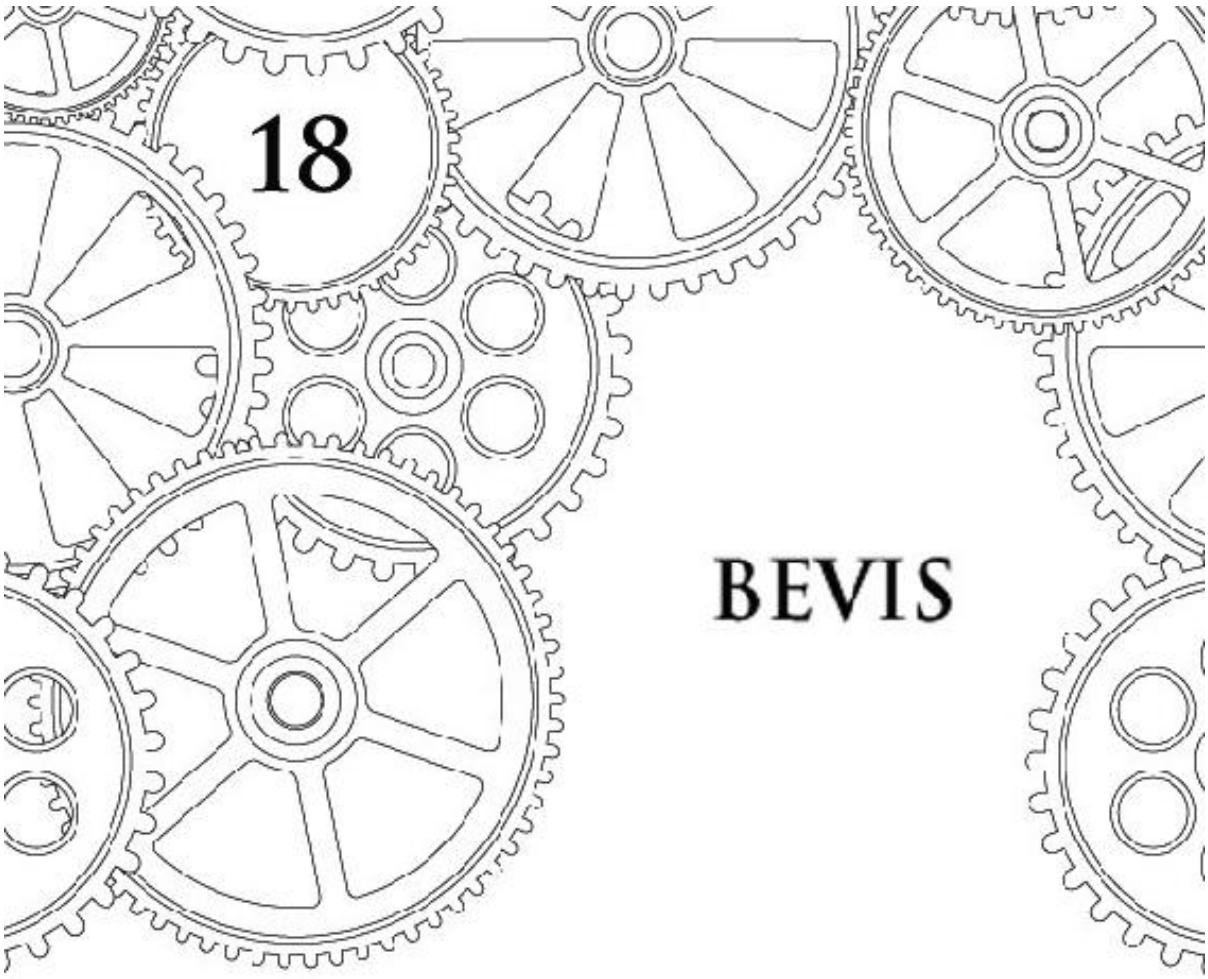
— Mas… — começou Tom, e estremeceu quando ela chutou o seu tornozelo.

— Mel na chupeta! — cacarejou Peavey, lançando perdigotos do sanduíche meio comido em ambos. — Venha com o velho Chrysler, Tommy, e nada dará errado. Assim que devorarmos nossa grande captura, poderá começar a trabalhar. Está nos esperando no outro lado desses brejos. Devemos chegar até o final da semana…

Tom bebericou do chá. Na cabeça, via de novo o grande mapa do Campo de Caça, os grandes Brejos Enferrujados e além deles…

— Além dos brejos? — perguntou. — Mas além deles não há nada além do Mar de Khazak!

— Relaxe, Tommy! — riu Chrysler Peavey. — Eu não te contei? Tunbridge Wheels é *especializada*! Mar espere e verá. *Mar* espere e verá, entendeu? *Mar* espere e verá, ha, ha, ha, ha! — Ele bateu nas costas de Tom e deu um trago do chá, o dedinho delicadamente levantado.



18

BEVIS

ALGUNS DIAS DEPOIS, LONDRES VISLUMBROU UMA PRESA DE NOVO, UM AGLOMERADO DE VILAS DE tração eslavas tentando se esconder entre os penhascos de algumas colinas antigas de calcário. Para lá e para cá, a cidade foi abocanhando-a, enquanto metade de Londres lotava as plataformas de observação para assistir e torcer. As lindas planícies do Campo de Caça ocidental tinham ficado para trás, e o descontentamento de ontem fora esquecido. Quem se importava se as pessoas estivessem morrendo de calor lá embaixo nos Nether Boroughs? Boa e velha Londres! Bom e velho Crome! Esta era a melhor série de capturas há anos!

A cidade perseguiu e comeu as vilas mais rápidas e depois se voltou para as mais lentas. Passou quase uma semana até que a última delas fosse pega, um lugar grande, orgulhoso no passado, e que agora manquitolava com as esteiras rasgadas por subúrbios predadores. Na noite em que foi finalmente comida, houve festas de capturas em todos os parques de Londres, e as

celebrações ficaram ainda mais frenéticas quando um grupo de luzes foi avistado longe ao norte. Um rumor começou a circular: que as luzes pertenciam a uma cidade enorme, mas aleijada; que Valentine tinha sido mandado para encontrá-la, e sinais de rádio tinham vindo do *Elevador do 13º Andar* que levariam Londres para norte, atrás da maior refeição de todos os tempos. Fogos de artifício estouraram e fizeram algazarra até as duas da manhã, e Chudleigh Pomeroy, o historiador-chefe em exercício, reduziu Herbert Melliphant a aprendiz de terceira classe depois que ele lançou uma bombinha no saguão principal do Museu.

Mas, ao amanhecer, a felicidade e os rumores desapareceram. As luzes no norte pertenciam mesmo a uma grande cidade, mas não aleijada; estava indo para sul na velocidade máxima, parecia faminta. A Guilda dos Navegadores logo a identificou como Panzerstadt-Bayreuth, uma conurbação formada pela junção de quatro grandes *Traktionstadts*, mas ninguém mais se importou muito em *como* se chamava; só queriam se afastar daquilo.

Londres disparou os motores e correu para o leste até a aglomeração se afundar abaixo do horizonte. Mas na manhã seguinte, lá estava ela de novo, o topo brilhando ao nascer do sol, ainda mais perto.



Katherine Valentine não tinha se juntado às festas e celebrações, nem se juntaria agora ao pânico que havia se apoderado da cidade.

Desde a volta dela das Entranhas Profundas, tinha se mantido em seu quarto, lavando-se repetidamente para se livrar do terrível fedor do poço da Seção 60. Ela quase não comeu nada, e fez os criados arremessarem todas as roupas que havia usado naquele dia nos lixos de reciclagem. Parou de ir à escola. Como poderia encarar suas amigas, com todas as suas conversas tolas sobre roupas e meninos, sabendo o que sabia? Lá fora, a luz solar manchava os gramados, as flores estavam florescendo e as árvores estavam desdobrando folhas verdes frescas, mas como poderia curtir a beleza da Alta Londres de novo? Tudo o que ela podia pensar era nos milhares de londrinos trabalhando e morrendo de miséria para que algumas pessoas sortudas e ricas como ela pudessem viver com conforto.

Ela escreveu uma carta para o pessoal das telas a respeito daquilo, e outra para a polícia, mas rasgou ambas antes de enviar. Por que mandá-las, quando todo mundo sabia que Magnus Crome controlava a polícia e as telas de transmissão? Até mesmo o alto sacerdote de Clio tinha sido indicado por Crome. Teria de esperar a volta do pai antes de poder fazer qualquer coisa a respeito das Entranhas Profundas — considerando que Londres não tivesse sido comida quando tivesse chegado em casa.

E a busca pela verdade a respeito da garota com cicatriz tinha sido paralisada. O aprendiz Pod não sabia nada — ou fingia não saber —, e ela não conseguia pensar em outro lugar onde pudesse procurar.

Então, no café da manhã do terceiro dia da fuga de Londres de Panzerstadt-Bayreuth, Katherine recebeu uma carta. Ela não tinha ideia de quem teria escrito, e virou o envelope em suas mãos algumas vezes, encarando a marca do correio do nível seis e sentindo-se estranhamente amedrontada.

Quando finalmente a rasgou para abrir, um pedaço de papel caiu em cima dos seus flocos de algas; papel ordinário de Londres, reciclado tantas vezes que era tão macio e peludo como feltro, com uma marca d'água que dizia "Não desperdice, não fique sem".

Querida srta. Valentine,

Por favor, ajude-me, há algo que devo lhe dizer. Eu vou estar no café Pete's Eats em Belsize Park, nível cinco, às onze da manhã.

Sinceramente,

Um amigo.

Algumas semanas antes, Katherine teria ficado animada, mas não estava mais empolgada para mistérios. Era provavelmente uma brincadeira, pensou. Ela também não estava no clima para brincadeiras. Como poderia estar, com Londres fugindo e os níveis inferiores cheios de sofrimento e desgraça? Jogou a folha no lixo de reciclagem e empurrou o café da manhã sem comer, depois foi se lavar novamente.

Mas ela era curiosa, apesar do que estava sentindo. Então, quando deu nove da manhã, disse:

— Eu não vou.

Às nove e meia, ela disse a Cão:

— Não faria sentido, não vai ter ninguém lá.

Dez da manhã, murmurou:

— Pete's Eats, que tipo de nome é esse? Provavelmente é inventado.

Meia hora depois, estava esperando no terminal Central por um elevador para descer.

Chegou a Low Holborn e caminhou até a borda do nível através de ruas de apartamentos de metal surrado. Ela tinha vestido suas roupas mais antigas e caminhou rápido com a cabeça baixa, com Cão perto dela. Ela não se sentia mais orgulhosa quando as pessoas a encaravam. Imaginava o que eles diziam: *"Aí vai Katherine Valentine, uma senhorita mimada do nível um. Esses londrinos de cima não sabem que nós os sustentamos"*.

Belsize Park estava quase deserto, o ar pesado com poluição dos motores de Londres. Os gramados e canteiros tinham sido entregues há anos para a agricultura e as únicas pessoas que Katherine podia ver eram alguns trabalhadores dos Parques & Jardins se movendo ao longo das filas de repolhos, pulverizando-os com algo para matar pulgões. Nas proximidades, havia um edifício cônico com uma placa no telhado que dizia "Pete's Eats" e, em letras menores, embaixo, "Café". Havia mesas de metal debaixo de toldos no pavimento diante da porta, e mais mesas dentro. As pessoas estavam sentadas conversando e fumando sob a luz fina de um globo de argônio a meia potência. Um garoto sentado sozinho na mesa perto da porta se levantou e acenou. Cão abanou a cauda. Katherine demorou um tempo para reconhecer o aprendiz Pod.

— Sou Bevis — disse, sorrindo nervoso enquanto Katherine sentou-se no lado oposto ao dele. — Bevis Pod.

— Eu lembro.

— Estou feliz que veio, senhorita. Eu queria falar com você desde que desceu à Seção 60, mas não queria que a Guilda soubesse. Eles não gostam que conversemos com pessoas de fora. Mas ganhei um dia de folga porque estão se preparando para uma grande reunião, então subi aqui. Não se vê muitos engenheiros por aqui.

— Não estou surpresa — disse Katherine para si mesma, olhando para o menu. Havia uma grande imagem colorida de algo chamado "Lanche Feliz",

uma fatia de carne impossivelmente rosa imprensada entre dois círculos de pães-de-alga. Ela pediu chá de menta. Veio em um copo glástico e tinha gosto de produtos químicos. — Todos os restaurantes no nível cinco são assim?

— Oh, não — respondeu Bevis Pod. — Este é muito melhor. — Ele não conseguia evitar encará-la. Tinha passado toda a vida nas áreas dos engenheiros nas Entranhas e nunca tinha visto ninguém com um cabelo como o dela, tão longo, brilhante e cheio de vida. Os engenheiros diziam que cabelos eram desnecessários, um vestígio do passado aterrado, mas quando viu o de Katherine, começou a questionar aquilo…

— Você disse que precisava da minha ajuda… — Katherine encorajou.

— Sim — disse Bevis. Ele olhou por cima do ombro como se quisesse verificar se ninguém estava observando. — É sobre o que perguntou. Eu não podia responder lá embaixo nos Tanques de Cocô. Não com Nimmo olhando. Já estava em problemas suficientes, por tentar ajudar aquele pobre homem…

Seus olhos escuros estavam cheios de lágrimas novamente, e Katherine achou estranho que um engenheiro pudesse chorar tão facilmente.

— Bevis, não foi culpa sua. Agora, e quanto a garota? Você a viu?

Bevis assentiu, pensando naquela noite em que Londres comeu Salthook.

— Eu a vi passar correndo, com aquele historiador aprendiz a perseguindo. Ele gritou pedindo ajuda, então corri atrás. Eu vi a garota se virar quando chegou à calha de lixo. Havia algo errado com a cara dela…

Katherine assentiu.

— Prossiga.

— Ouvi a menina gritando com ele. Não consegui ouvir tudo com os motores e os Estaleiros de Desmontagem. Mas ela disse algo a respeito do seu pai, senhorita. E então ela apontou para si mesma e falou "alguma coisa Hester Shaw". Daí ela pulou.

— E arrastou o pobre Tom com ela.

— Não, senhorita. Ele ficou lá, parecendo um pouco estúpido. Foi então que a fumaça desceu e eu não consegui ver nada, a próxima coisa que vi foi que havia policiais em todos os lugares, então saí correndo. Eu não deveria deixar meu posto, então não poderia dizer a ninguém o que tinha visto.

— Mas está falando para mim — disse Katherine.

— Sim, senhorita. — O aprendiz corou.

— Hester Shaw? — Katherine revirou o nome na mente, mas não significava nada para ela. Também não entendia a descrição dele dos eventos,

que não parecia bater com a do pai. Bevis devia estar enganado.

Ele voltou a olhar ao redor nervosamente e depois baixou a voz para um sussurro:

— Você foi sincera no que falou, senhorita, quanto ao seu pai? Ele poderia realmente fazer algo para ajudar os prisioneiros?

— Ele fará quando eu contar o que está acontecendo — jurou Katherine. — Tenho certeza de que não sabe. Não há necessidade de me chamar de senhorita, sou Katherine. Kate.

— Certo — disse Bevis solenemente. — Kate. — Ele sorriu de novo, mas ainda parecia perturbado. — Sou leal à Guilda — explicou. — Nunca quis ser nada além de engenheiro. Mas nunca esperei acabar sendo designado para a prisão experimental. Manter as pessoas em celas e fazê-las trabalhar nas Entranhas, e andar por aqueles tanques de merda, isso não é engenharia. É apenas perverso. Faço o que posso para ajudá-los, mas não posso muito, e os supervisores querem que trabalhem até a morte, e depois que sejam mandados para a Divisão K em sacos plásticos, então, mesmo quando estiverem mortos, não terão descanso.

— O que é essa tal de Divisão K? — perguntou Katherine, lembrando como Nimmo tinha se irritado com a aprendiz quando ela mencionou aquilo. — É uma parte da prisão?

— Oh, não. É lá em cima. No Engineerium. É algum tipo de departamento experimental, dirigido pela dra. Twix.

— E para que ela usa corpos mortos? — perguntou Katherine, nervosa, não completamente certa de que queria saber.

Bevis Pod ficou um pouco mais pálido.

— É só um rumor, senhorita, mas algumas pessoas na Guilda dizem que ela está construindo Stalkers. Homens Ressuscitados.

— Grande Clio! — Katherine pensou no que tinha aprendido a respeito dos Stalkers. Ela sabia que seu pai tinha desenterrado alguns esqueletos enferrujados para os Engenheiros estudarem, mas ele havia dito que só estavam interessados nos cérebros elétricos. Realmente estariam tentando fazer novos? — Por quê? — perguntou. — Quero dizer, são soldados, não são? Uma espécie de tanques humanos, construídos para uma guerra antiga…

— Trabalhadores perfeitos, senhorita — disse Bevis, com olhos arregalados. — Eles não precisam se alimentar, vestir roupas ou de casa para morar, e quando não há nenhum trabalho a ser feito, você pode simplesmente

desligá-los e guardá-los em um depósito, então são muito mais fáceis de armazenar. A Guilda diz que no futuro quem morrer nos níveis mais baixos será ressuscitado, e não precisaremos de pessoas vivas, exceto como supervisores.

— Mas isso é horrível! — protestou Katherine. — Londres será uma cidade de mortos!

Bevis Pod deu de ombros.

— Lá nas Entranhas Profundas parece que já é assim. Só estou contando o que eu ouvi. Crome quer Stalkers construídos, e é isso que a dra. Twix faz com os corpos da nossa seção.

— Tenho certeza de que se as pessoas soubessem sobre esse plano horrível… — Katherine começou a falar. Daí uma ideia lhe ocorreu. — Isso tem um codinome? Chamam isso de MEDUSA?

— Caramba! Como você sabe sobre MEDUSA? — O rosto de Bevis tinha ficado mais pálido do que nunca. — Ninguém deveria saber!

— Por quê? — perguntou Katherine. — O que é? Se não tem a ver com esses novos Stalkers…

— É um grande segredo da Guilda — sussurrou Bevis. — Os aprendizes não devem sequer saber o nome. Mas você ouve os supervisores falarem sobre isso. Sempre que algo dá errado, ou a cidade está com problemas, eles falam sobre como tudo estará bem uma vez que despertemos MEDUSA. Como nessa semana, com a conurbação nos perseguindo. Todo mundo está correndo em pânico pensando que é o fim de Londres, mas o pessoal mais acima nas Guildas apenas diz uns aos outros, "MEDUSA vai resolver tudo". É por isso que terão uma grande reunião no Engineerium esta noite. Magnus Crome vai fazer um anúncio.

Katherine estremeceu, pensando no Engineerium e nas coisas misteriosas que aconteciam por trás de suas janelas pretas. Era ali que encontraria a pista para os problemas de seu pai. MEDUSA. Tudo estava relacionado a MEDUSA.

Ela se aproximou do garoto e sussurrou:

— Bevis, escute, você vai a essa reunião? Você pode me contar o que Crome vai dizer?

— Oh, não, senhorita… Quero dizer, Kate. Não! Estritamente para homens da guilda. Nenhum aprendiz…

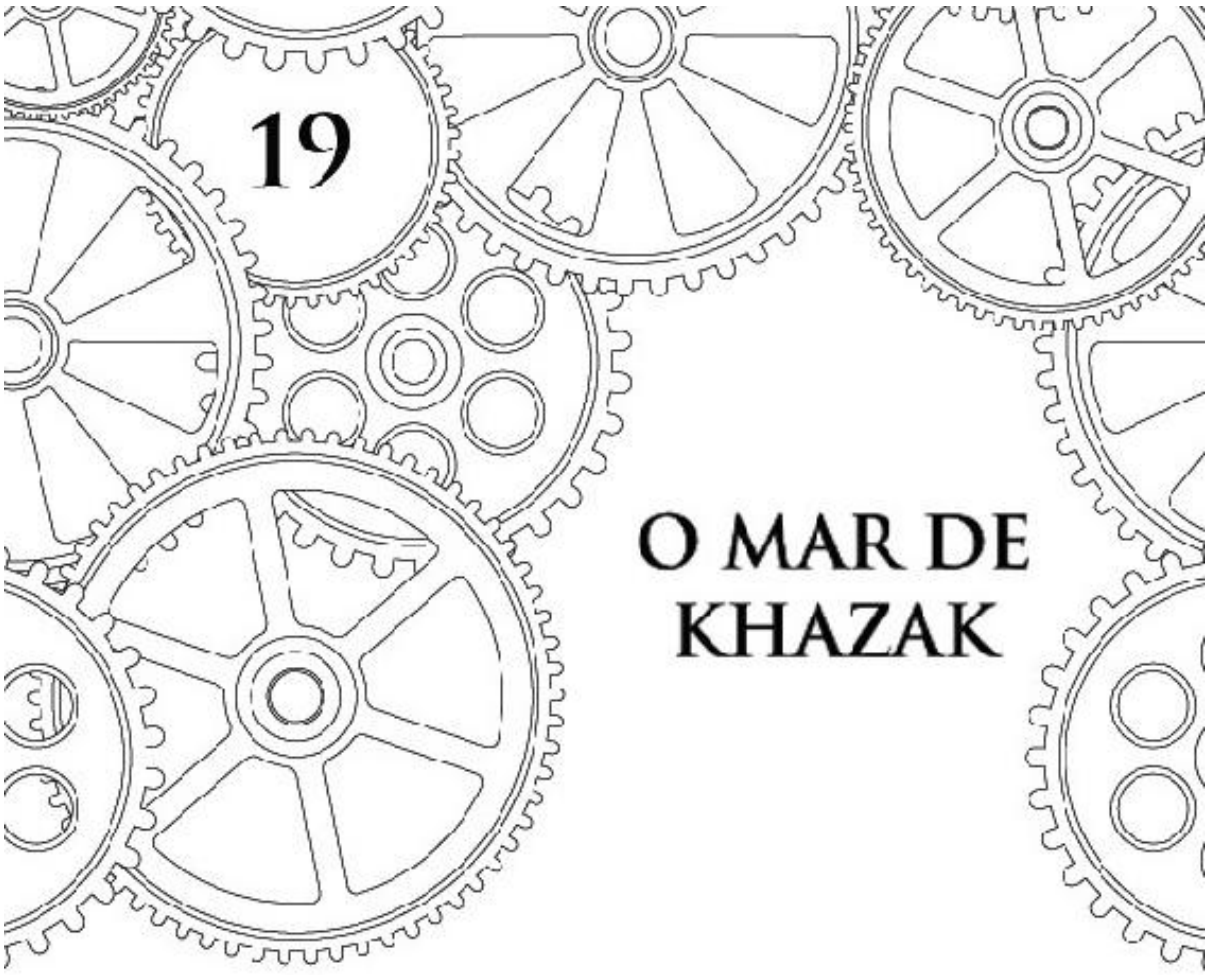
— Você pode se passar por um homem da guilda ou algo do tipo? — Katherine o instou. — Tenho a sensação de que há algo de ruim acontecendo,

e acho que esse assunto da MEDUSA está no fundo disso.

— Sinto muito, senhorita — desculpou-se Bevis, negando com a cabeça. — Eu não ousaria. Não quero ser morto e mandado para o nível elevado, e acabar virando um Stalker.

— Então ajude para que *eu* consiga ir! — disse Katherine ansiosamente. Ela pegou a mão dele, e ele encolheu ao toque e puxou a mão para trás, olhando seus dedos com espanto, como se nunca tivesse lhe ocorrido que alguém poderia querer tocá-lo. Katherine persistiu, suavemente tomando as duas mãos trêmulas nas dela e olhando profundamente nos olhos do rapaz.

— Preciso descobrir o que Crome realmente está aprontando — explicou —, pelo meu pai. Por favor, Bevis. Eu preciso entrar no Engineerium!



19

O MAR DE KHAZAK

ALGUMAS HORAS DEPOIS, CONFORME A NÉVOA NOTURNA VEIO ONDULANDO DOS BREJOS Enferrujados, Tunbridge Wheels rolou até a beira do mar. Parou ali por um momento, olhando para um conjunto de ilhas que surgiam escuras e acidentadas da água prateada. As aves estavam vindo do mar em longos bandos e quando o subúrbio desligou seus motores, a batida de asas veio ecoando sobre a lama intramareal. Pequenas ondas batiam constantemente contra a costa e um vento do leste soprava sibilando através da magra grama cinzenta. Não havia outro som, nenhum outro movimento, sem luz ou trilha de fumaça de uma cidade errante em qualquer lugar nos brejos ou no mar.

— Natswurvy! — gritou Chrysler Peavey, de pé, com um telescópio no olho na janela de sua ponte de observação, no alto da prefeitura. — Onde está o rapaz? Chamem Natswurvy! — Quando uma dupla dos seus piratas guiou Tom e Hester até ele, Peavey virou com um sorriso largo e segurou o

telescópio, dizendo: — Dê uma olhada, Tommy! Eu falei que o levaria para lá, não falei? Não disse que passaríamos por esses brejos em segurança? Agora, olhe para onde estamos indo!

Tom pegou o telescópio e colocou no olho, piscando no círculo trêmulo e desfocado de visão até que ficou claro. Havia dezenas de ilhazinhas salpicando o mar à frente, e uma maior que se assomava no leste como as costas de um enorme monstro pré-histórico saindo da água.

Ele baixou o telescópio e estremeceu.

— Mas não tem nada ali…



Tinha demorado mais de uma semana para Tunbridge Wheels pegar o caminho lento através do pântano, e embora Chrysler Peavey tivesse se encantado por Tom, ainda não tinha explicado o que esperava encontrar do outro lado. Seus homens também não tinham sido informados, mas estavam felizes o suficiente para pegar os pequenos municípios que tinham se abrigado nos labirintos dos Brejos Enferrujados, lugares semiestáticos com rodas cobertas de musgo e delicadas, belas esculturas em seus topos de madeira. Eles eram lugares tão pequenos que quase não valiam a pena, mas Tunbridge Wheels os comeu mesmo assim, e assassinou ou escravizou seu povo e alimentou os fornos com as lindas esculturas.

Era um período terrível e confuso para Tom. Tinha sido criado para acreditar que o Darwinismo Municipal era um sistema nobre e belo, mas não viu nada nobre ou bonito a respeito de Tunbridge Wheels.

Ele ainda era um convidado de honra na prefeitura, assim como Hester, embora Peavey claramente não entendesse seu apego à garota cheia de cicatrizes, mal-humorada e silenciosa.

— Por que não chama minha Cortina para sair? — adulou ele uma noite, sentado perto de Tom no velho salão do conselho que agora era uma sala de jantar. — Ou por que nenhuma dessas garotas que pegamos na última captura? Adoráveis, e não falavam uma palavra de anglês, então nunca vão lhe responder…

— Hester não é minha namorada! — Tom começou a falar, mas não queria ter que sair com a filha do prefeito e ele sabia que Peavey nunca entenderia a verdade: que estava apaixonado pela imagem de Katherine Valentine, cuja face tinha ficado presa em sua mente como uma lanterna através de todos os quilômetros de aventuras. Então ele disse: — Hester e eu passamos por muita coisa juntos, sr. Peavey. Prometi que a ajudaria a alcançar Londres.

— Mas isso foi antes — argumentou o prefeito. — Agora você é de Tunbridge Wheels. Vai ficar aqui comigo, como o filho que nunca tive, e só estou pensando que talvez os rapazes o aceitassem um pouco mais facilmente se tivesse uma garota de aparência melhor, sabe, mais como uma dama.

Tom olhou para o outro lado da confusão de mesas e viu os outros piratas olhando para ele, com os dedos nos fios das facas. Ele sabia que nunca o aceitariam. Eles o odiavam por ser um morador da cidade e por ser o favorito de Peavey, e não podia realmente culpá-los.

Mais tarde, no quartinho que dividia com Hester, ele disse:

— Precisamos sair desta cidade. Os piratas não gostam da gente, estão começando a ficar cansados de Peavey ficar querendo ensinar boas maneiras a eles. Não quero nem pensar no que aconteceria com a gente se fizessem um motim.

— Vamos esperar para ver — murmurou a garota, enrolada em um canto distante. — Peavey é durão, e será capaz de manter seus rapazes na linha contanto que pegue esse grande prêmio que tem prometido. Mas só Quirke sabe o que vai acontecer.

— Vamos descobrir amanhã — afirmou Tom, derivando em um sono incômodo. — Amanhã estes horríveis pântanos ficarão para trás…



No dia seguinte, aqueles horríveis pântanos *ficaram* para trás. Conforme o navegador de Peavey espalhou seus mapas na ponte de observação, um estranho som sibilante ecoou nas escadarias da prefeitura. Tom deu uma olhada para os rostos dos capangas de Peavey à medida que se reuniram ao

redor da mesa cartográfica, mas, além de Hester, ninguém parecia ter ouvido. Ela olhou nervosa para ele e estremeceu.

O navegador era um homem magro e de óculos chamado sr. Ames. Ele tinha sido professor do subúrbio até Peavey assumir. Agora, estava se sentindo feliz em sua nova vida como pirata: era muito mais divertido, as horas de trabalho eram melhores e os rufiões de Peavey se comportavam melhor do que seus antigos pupilos. Alisando os mapas com as mãos longas e finas, disse:

— Costumava ser o campo de caça para centenas de pequenas cidades aquáticas, mas todas elas comeram umas às outras, e agora invasores antitracionistas começaram a descer das montanhas e montar casas em ilhas como essa aqui…

Tom aproximou-se. O grande Mar de Khazak estava salpicado com dezenas de ilhas, mas a que Ames estava apontando era a maior, um formato de diamante desgastado com cerca de trinta quilômetros de comprimento. Ele não podia imaginar o que era tão interessante a respeito, e a maioria dos outros piratas também ficou desconcertada, mas Peavey estava rindo e esfregando as mãos de alegria.

— A Ilha Negra não é tão bonita, né? Mas ela vai nos deixar ricos, rapazes. Depois desta noite, a velha Tunbridge Wheels vai poder se estabelecer como cidade de fato.

— Como? — quis saber Mungo, o pirata que menos confiava em Chrysler Peavey e que mais se ressentia de Tom. — Não há nada lá, Peavey. Apenas algumas árvores antigas e uns Limos sem valor.

— O que é "Limo"? — Tom sussurrou para Hester.

— Ele se refere a pessoas que vivem em assentamentos estáticos — ela sussurrou de volta. — Sabe, como no velho ditado: "Cidade que rola não cria limo"…

— O fato é, senhoras e senhores — anunciou Peavey —, que *tem* algo na Ilha Negra. Alguns dias atrás, logo antes de vocês subirem a bordo, Tom, derrubamos um dirigível que estava circulando pelos brejos. Sua tripulação me disse algo muito interessante antes de nós os matarmos. Parece que houve uma grande batalha em Airhaven... fogo, dano nos motores, vazamentos de gás... todo o lugar sofreu tanto que não conseguia ficar no céu, teve que descer para reparos. E onde acha que desceram?

— Na Ilha Negra? — sugeriu Tom, deduzindo a partir do sorriso ganancioso de Peavey.

— Este é meu garoto, Tommy! Há uma hospedaria aérea para caravanas, onde os comboios reabastecem no caminho para o território da liga a sul das montanhas. Foi onde Airhaven caiu. Eles acham que estão a salvo, com mar ao redor e seus amigos Limo para ajudar. Mas não estão a salvo de Tunbridge Wheels!

Uma onda de animação percorreu os piratas reunidos. Tom virou-se para Hester, mas ela estava olhando para a ilha distante atravessando o mar. Metade dele ficou consternada com o pensamento de que a bela cidade voadora estava ferida, esperando para ser comida — a outra metade estava ocupada pensando como Peavey planejava chegar até lá.

— Para seus postos, marujos! — gritou o prefeito pirata. — Liguem os motores! Preparem as armas! Amanhã de manhã, todos seremos ricos!

Os piratas se mexeram para obedecer suas ordens, e Tom correu até a janela. Estava quase escuro, com um último resplendor sinistro do pôr do sol, abrindo o céu acima dos pântanos. Mas as ruas de Tunbridge Wheels estavam cheias de luzes, e ao redor da borda do subúrbio, grandes formas de laranja estavam se desdobrando, crescendo como fungos em um filme acelerado. Agora, o sibilo vindo do convés inferior fazia sentido, enquanto Peavey falava, sua cidade estava ocupada em bombear ar para câmaras de flutuação e boias de borracha infláveis.

— Vamos nadar! — gritou o prefeito pirata, sentado em sua cadeira giratória e sinalizando as salas de máquinas. Os motores enormes retomaram à vida, uma nuvem de gases de escape flutuou na popa, e Tunbridge Wheels avançou pela praia e entrou no mar.



No começo, tudo correu bem; nada se agitou nas águas escurecidas enquanto Tunbridge Wheels foi balançando para o leste, e adiante a Ilha Negra ficou ainda maior. Tom abriu uma pequena janela lateral na ponte e ficou parado experimentando o sal que o ar da noite espalhava sobre ele, sentindo-se estranhamente animado. Ele podia ver os piratas reunidos na antiga praça do

mercado no extremo dianteiro do subúrbio, preparando ganchos de abordagem e escadas de embarque, porque Airhaven seria muito grande para caber em sua mandíbula — eles teriam que pegá-la a força e separá-la. Ele não gostava da ideia, especialmente quando lembrava que seus amigos aviadores ainda poderiam estar em Airhaven, mas era um mundo de cidade comendo cidade, afinal — e *havia* algo excitante a respeito do plano temerário de Peavey.

E, de repente, algo caiu do céu e explodiu na praça do mercado, havia um talho negro no convés e os homens que ele observava não estavam mais lá. Outros vieram correndo com baldes e extintores de incêndio.

— Dirigível! Dirigível! Dirigível! — alguém estava gritando, e então havia mais coisas voando e edifícios explodiam por todo o subúrbio, com pessoas pulando e caindo pelo ar como acrobatas insanos.

— Pela graça de Pete Fuligem! — gritou Peavey, correndo para a janela de observação destruída e olhando para as ruas cheias de fumaça. O macaco pulava no ombro, gritando. — Esses Limos são mais bem organizados que esperávamos. Holofotes, rápido!

Dois dedos vacilantes de luz subiram acima da cidade, procurando pelo céu cheio de fumaça. Onde eles se encontraram, Tom viu um brilho crescente em uma forma brilhante vermelha. As armas do subúrbio balançaram para cima e dispararam uma salva ondulante, e pulsos de fogo perseguiram as nuvens à deriva.

— Erramos! — falou Peavey entredentes, apertando os olhos através do telescópio. — Maldição, eu devia ter antecipado que Airhaven teria naves batedoras. E se não estiver enganado, é aquele poço de ferrugem da bruxa Fang!

— É *Jenny Haniver*! — ofegou Tom.

— Não precisa ficar tão satisfeito — rosnou Peavey. — Ela é uma ameaça. Você não ouviu falar da Flor do Vento?

Tom não tinha contado ao prefeito pirata sobre suas aventuras a bordo de Airhaven. Ele tentou esconder sua felicidade ao pensar que a srta. Fang ainda estava viva e disse:

— Eu *ouvi* falar dela. É uma comerciante aérea…

— Ah, é? — Peavey cuspiu no convés. — Você acha que uma comerciante carrega esse tipo de poder de fogo? Ela é uma das principais agentes da Liga Antitração. Não vai parar diante de nada para nos prejudicar, pobres Cidades

de Tração. Foi ela quem plantou a bomba que afundou Marselha, e que estrangulou a pobre sultana de Palau Pinang. Ela tem o sangue de milhares de pessoas em suas mãos! Ainda assim, vamos mostrar a ela, não vamos, Tommy? Vamos usar as entranhas dela como guisado! Eu vou pendurar sua carcaça para os urubus! Mungo! Pogo! Maggs! Uma parte extra do butim para quem derrubar esse dirigível vermelho!

Ninguém derrubou o dirigível vermelho, já há muito fora de alcance, zumbindo de volta para a Ilha Negra para avisar Airhaven do perigo. Mas Tom não poderia ter ficado mais cheio de tristeza e raiva se o tivesse visto em chamas. Então foi por isso que a srta. Fang tinha o resgatado e sido tão gentil! Tudo o que ela queria era informação para a Liga — e o amigo dela, capitão Khora estava nessa também, inventando aquela história sobre ela apenas para conseguir a simpatia de Tom. Graças a Quirke que ele não pôde contar nada!

Tunbridge Wheels estava danificada e queimada, mas os foguetes de *Jenny Haniver* tinham sido muito pequenos para fazer qualquer dano mais sério, e agora que o elemento surpresa estava perdido, a srta. Fang não arriscou outro ataque. O subúrbio prosseguia a leste, empurrando uma espessa quantidade de água iluminada pelas chamas. Agora Tom conseguia ver luzes na Ilha Negra, lanternas cintilando ao longo da costa. Mais perto, entre a ilha e o subúrbio, brilhava outro conjunto de luzes.

— Barcos! — gritou Mungo, examinando a mira da arma.

Peavey ficou de pé na janela, as vestes esvoaçando na brisa.

— Frota de pesca! — grunhiu, parecendo satisfeito. — Primeira refeição da noite. Vamos devorá-los, como um *aperitivo*. Isso significa "entrada", rapazes.

Os barcos de pesca começaram a se espalhar enquanto Tunbridge Wheels avançava, com as velas abertas em asa de pombo em direção à costa, mas um, maior e mais lento do que o resto, caiu para barlavento.

— Vamos perseguir — grunhiu Peavey, e Maggs transmitiu o pedido pelo interfone.

O subúrbio mudou o curso ligeiramente, os motores resmungando. Os penhascos íngremes da Ilha Negra encheram o céu, ocultando as estrelas do leste. *E se tiverem armas lá em cima?*, Tom pensou, mas, se havia alguma, estava em silêncio. Ele conseguiu ver a esteira do barco à frente na água, e além dele uma débil linha de rebentações na maré…

E daí havia outras rebentações mais perto, bem adiante, e Hester estava gritando:

— Peavey! É uma armadilha!

Todos viram então, mas era tarde demais. O barco de pesca com a quilha rasa correu através do recife, mas a grande e pesada estrutura de Tunbridge Wheels prendeu-se na velocidade máxima nas rochas afiadas que abriram a sua barriga. O subúrbio se enroscou e parou, derrubando Tom e o fazendo rolar com força contra as pernas da mesa cartográfica. Os motores falharam, e no silêncio terrível que se seguiu, uma buzina começou a tocar como um touro assustado.

Tom rastejou de volta para a janela. Abaixo, viu as ruas escurecerem quando uma grande onda de água veio atravessando as paliçadas. Gêiseres brancos de espuma espirravam pela amurada do convés inferior inundado, e, misturado com a brancura, viu manchas negras de detritos e figuras pequenas lutando. O barco estava longe, afastado para admirar sua obra. Cem metros de mar separavam o subúrbio condenado das costas íngremes da ilha.

Uma mão bateu em seu ombro, direcionando-o para a saída.

— Você vem comigo, Tommy — rosnou Chrysler Peavey, pegando uma enorme arma de uma prateleira na parede e jogando-a sobre ombro. — Vocês também, Amesy, Mungo, Maggs, sua esposa…

Eles estavam com ele, os piratas formando um forte nó de proteção em torno do prefeito enquanto ele apressava Tom descendo as escadas. Hester vinha mancando atrás. Havia gritos abaixo e rostos amedrontados encarando-os de um desembarque no terceiro andar, já com a água nos joelhos.

— Abandonar cidade! — berrou Peavey. — Mulheres e prefeitos primeiro!

Eles entraram em seus aposentos privados, onde sua filha estava abraçada com os irmãos e as irmãs, todos assustados. Peavey a ignorou e caminhou até um baú no corredor, fazendo uma careta de concentração enquanto virava a combinação para lá e pra cá. O baú se abriu, ele puxou um pequeno pacote laranja e depois estavam de novo em movimento, para a varanda onde o mar já estava transbordando pelas grades. Tom virou-se para dentro do aposento, pretendendo ajudar Cortina e as crianças, mas Peavey tinha se esquecido completamente deles. Ele jogou o pacote nas ondas, que se desdobrou com um assobio complicado, flutuando em um pequeno e circular bote salva-vidas.

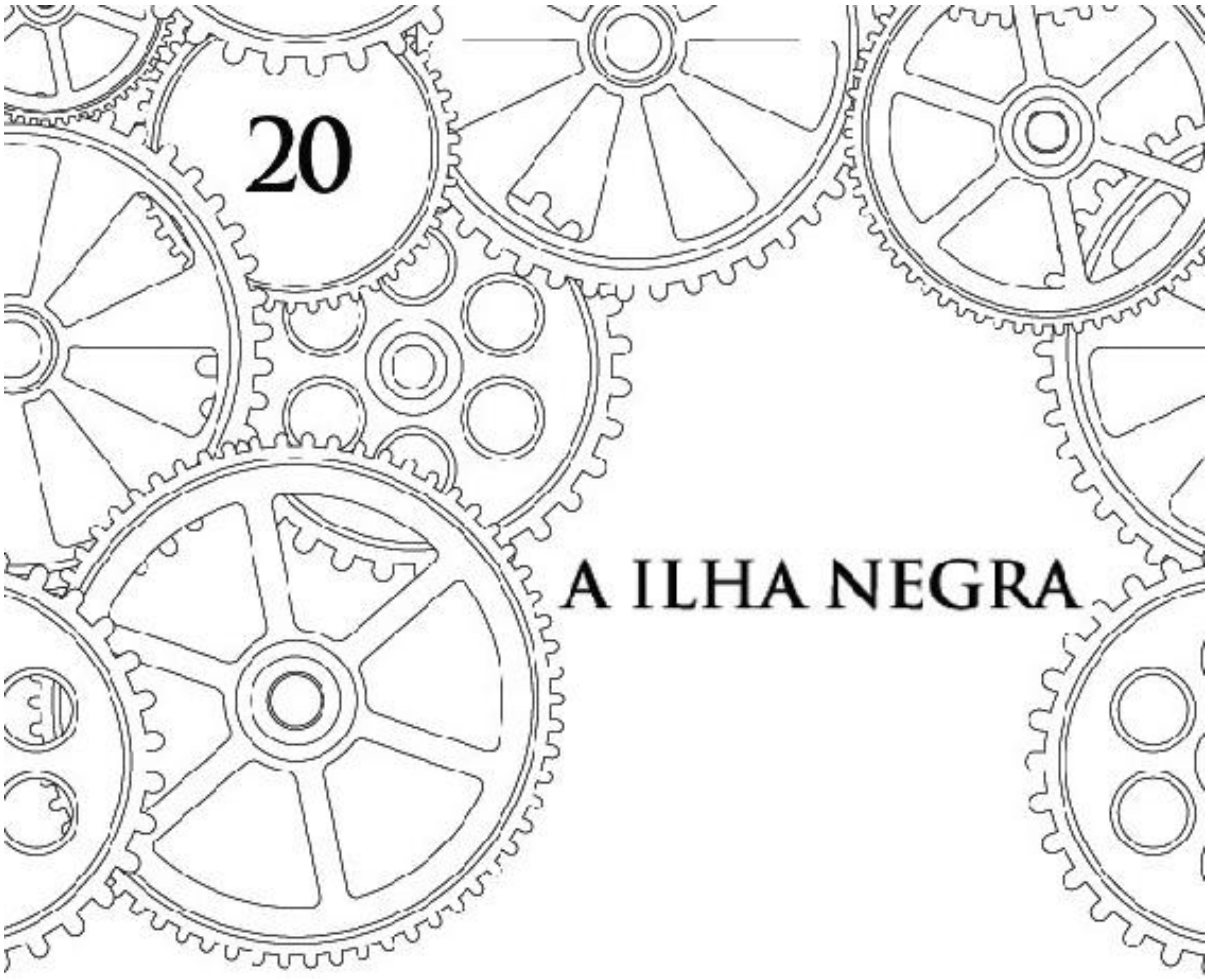
— Subam — ordenou, pegando Tom e o jogando para dentro.

— Mas…

— Subam! — Um pé no seu traseiro mandou-o por cima da amurada e até o piso mole de borracha do bote. Mungo foi em seguida, então os outros se empilharam tão rápido que o bote se afundou profundamente e a água subiu sobre as bordas.

— Oh! Oh! Oh! — gemeu Cortina Peavey em algum lugar distante à esquerda, mas no momento em que Tom conseguiu sair debaixo do sr. Ames, o subúrbio já estava longe, sua popa submersa e a proa inclinada para o céu noturno. Ele olhou para Hester e a encontrou agachada ao lado. O macaco de Peavey berrava com medo, pulando para cima e para baixo na cabeça dele. — Oh! Oh! Oh! — vinham os gritos distantes, e havia salpicos brancos, dezenas de salpicos à medida que as pessoas pulavam de paliçadas e os farrapos inúteis dos air-bags. Mãos agarrando os lados do bote, e Mungo e Peavey as afastando com violência. Figuras frenéticas vinham espirrando água através das ondas, e Janny Maggs se levantou e disparou a metralhadora, acumulando água vermelha ao redor da jangada. O subúrbio estava inclinado de forma cada vez mais íngreme; houve uma onda de vapor quando o mar entrou em suas caldeiras e, então, numa velocidade súbita e chocante, afundou de vez. A água fervia e saltava. Por um tempo, houve gritos, pedidos enfraquecidos de socorro, um breve barulho de tiros conforme um escombro mudou de mãos, um mais longo quando alguns piratas sortudos lutaram para chegar à praia.

Depois houve silêncio, e o bote girava em círculos lentos enquanto a corrente o atraía para a costa.



20

A ILHA NEGRA

AO AMANHECER, SHRIKE CHEGA NA BEIRA DO MAR. A MARÉ ESTÁ MUDANDO E AS PROFUNDAS MARCAS de rodas que *conduzem à rebentação já estão começando a apagar. Para o leste, fumaça sopra de assentamentos na costa da Ilha Negra. O Stalker arranca o rosto morto em um sorriso, sentindo-se muito agradado com Hester Shaw e a trilha de destruição que ela deixa por onde passa.*

Pensar em Hester foi tudo o que o arrastou pelos brejos. Sempre em frente, arrastou-o, através da lama que sugava sua perna danificada e atoleiros cujas águas amargas às vezes passavam da cabeça. Mas pelo menos as trilhas que o subúrbio deixou eram fáceis de seguir. Ele as segue de novo, perseguindo-as pela praia e pelas ondas como um nadador dando o mergulho matinal. A água salgada bate nas lentes dos olhos e se infiltra através dos cortes na armadura. Os sons das gaivotas e o vento desaparecem, substituídos pelo silvo fraco do fundo do mar. Ar ou água, não havia diferença para os Homens Ressuscitados. Peixes olhavam para ele e disparavam em direção a florestas de algas. Caranguejos andavam de lado para fora de seu caminho,

erguendo-se e acenando com as pinças, como se estivessem adorando um deus-caranguejo, encouraçado, invencível. Ele segue em frente, arando o chão, seguindo o cheiro de óleo na água e da graxa de eixo que o levará a Tunbridge Wheels.



A alguns quilômetros da entrada de onde tinham vindo em terra, Chrysler Peavey parou no alto de um escarpado e esperou pelos outros. Eles vieram devagar, primeiro Tom e Hester, depois Ames com o mapa, finalmente Maggs e Mungo, curvados devido ao peso de suas armas. Olhando para trás, podiam ver os íngremes flancos rochosos da ilha caindo para o mar, e um conjunto de barcos reunidos acima do naufrágio de Tunbridge Wheels, onde uma jangada com um guindaste já estava ancorada. Os ilhéus não perderam tempo em saquear o subúrbio afogado.

— Limos escória! — grunhiu Peavey.

Tom mal havia falado com o prefeito desde que tinham lutado para chegar em terra. Agora estava surpreso em ver lágrimas brilhando nos olhos do homenzinho. Ele disse:

— Sinto muito pela sua família, sr. Peavey. Eu tentei alcançá-los…

— Imbecis! — bufou Peavey. — Eu não estou chorando por causa *deles*. É por causa do meu adorável subúrbio! Olhe! Malditos Limos…

Bem então, de algum lugar ao sul, eles ouviram o barulho fraco de tiros. O rosto de Peavey se iluminou. Ele se dirigiu aos outros:

— Escutem isso! Alguns dos rapazes devem ter desembarcado! Eles serão um páreo duro para esses Limos! Vamos nos encontrar! Ainda vamos capturar Airhaven, manter um pouco do pessoal de lá vivo para repará-la, matar o resto e voltar ricos voando para a terra. Cair do céu em algumas cidades gordas antes que a notícia de que Airhaven se tornou pirata se espalhe! Talvez pegar uma cidade para nós!

Ele começou a andar de novo, arrastando-se de rocha em rocha com o macaco montando em seus ombros encurvados. Os outros seguiam atrás. Maggs e Mungo pareciam atordoados pela perda de Tunbridge Wheels e ainda não convencidos pelo último plano de Peavey. Ficavam trocando olhares e murmurando um para o outro quando o prefeito estava fora do alcance para

ouvir — mas estavam em um país estranho, e Tom não achava que teriam coragem de atacar Peavey. Ainda não. Já o sr. Ames... nunca tinha colocado os pés em terra firme antes.

— É terrível! — resmungou. — Tão difícil de caminhar… Cheio de grama! Pode ter animais selvagens, ou cobras… Entendo por que nossos antepassados decidiram parar de viver no chão!

Tom sabia exatamente como ele se sentia. Para o norte e o sul deles, o lado íngreme da Ilha Negra esticava-se e, acima deles, a inclinação subia quase verticalmente em penhascos escuros que gemiam com vozes fantasmagóricas enquanto o vento soprava ao redor. Alguns dos pináculos mais altos foram esculpidos em formas tão selvagens que, da praia, pareciam fortalezas, e Peavey tinha levado o grupo em um longo desvio para evitá-los antes de perceber que eram apenas pedras.

— É adorável — suspirou Hester, mancando ao lado de Tom. Ela estava sorrindo para si mesma, algo que ele nunca tinha visto, e assobiando um pouco entre os dentes.

— Por que está tão feliz? — perguntou.

— Estamos indo para Airhaven, né? — respondeu ela baixinho. — Está adiante em algum lugar, e a pequena gangue de Peavey nunca a tomará, não com os Limos e o pessoal de Airhaven contra eles. Eles serão mortos e encontraremos uma nave para nos levar para o norte, para Londres. Anna Fang está lá, lembra? Ela pode nos ajudar novamente.

— Ah, ela — disse Tom, com raiva. — Você não ouviu o que Peavey disse? Fang é uma espiã da Liga.

— Eu imaginei — admitiu Hester. — Quero dizer, todas as perguntas que ela nos fez sobre Londres e Valentine.

— Você deveria ter me contado! — protestou ele. — Talvez eu tenha revelado um importante segredo!

— Por que eu me importaria? — perguntou Hester. — E desde quando um historiador aprendiz sabe segredos importantes? De todo jeito, pensei que você tivesse percebido que ela era uma espiã.

— Ela não parecia uma espiã.

— Bem, espiões não costumam parecer espiões. Você não pode esperar que usem uma grande placa escrita "ESPIÃO", ou um chapéu especial de espionagem. — Ela estava com um humor estranho e alegre, e Tom se perguntou se era porque aqueles escarpados lúgubres a lembraram de sua

infância na outra ilha. De repente, ela tocou o braço dele e disse: — Pobre Tom. Está aprendendo o que Valentine me ensinou todos aqueles anos atrás: não se pode confiar em ninguém.

— Ah, é? — disse Tom.

— Oh, não me refiro a *você* — acrescentou apressadamente. — Acho que quase confio em você. E o que fez por mim em Tunbridge Wheels… fazendo Peavey me soltar daquele jeito… Muitas pessoas não teriam se importado. Não por alguém como eu.

Tom virou para vê-la, e viu com mais clareza do que nunca a Hester bondosa e tímida espiando por trás da máscara sombria. Ele sorriu com tanto calor que ela enrubesceu (pelo menos, o rosto estranho ficou com manchas vermelhas e a cicatriz ficou roxa) e Peavey olhou para eles e gritou:

— Venham, pombinhos! Parem de ficar fazendo juras de amor e *marchem*!



Tarde, as nuvens se limpam para o leste e a luz solar vem deslumbrante através das ondas, refletindo no topo de Tunbridge Wheels. Shrike se move pelas ruas do subúrbio com a cabeça balançando lentamente de um lado para o outro. Os corpos flutuam nos quartos inundados, como sacos de chá frios há muito tempo largados na xícara. Um peixe pequeno dardeja para dentro e para fora da boca de um pirata. Os cabelos de uma menina derivam na corrente. Quilhas escuras de barcos de salvamento se deslocam sobre a sua cabeça. E espera, escondido nas sombras enquanto três garotos nus descem mergulhando, passam por ele com movimentos urgentes dos braços e pernas, e deixam para trás bolhas prateadas. Eles retrocedem à superfície carregando armas, garrafas e um cinto de couro.

Hester não está ali. Shrike se vira para longe do subúrbio naufragado, seguindo as sombras das manchas de óleo a deriva sobre os sedimentos. Destroços estão espalhados ao longo do fundo do mar, e os corpos flutuantes o indicam para as raízes da Ilha Negra.

É de noite quando ele sai da rebentação, arrastando longas algas marinhas, água pingando de dentro da armadura avariada. Ele balança a cabeça para limpar a visão e olha fixamente para uma praia de areia negra debaixo de penhascos escuros. Ele leva mais uma hora para achar o bote salva-vidas, escondido embaixo de uma avalanche de

pedregulhos do tamanho de uma casa. Ele solta as garras de metal e arranca o fundo, acabando com a rota de fuga. Hester é dele de novo. Quando ela estiver morta, ele a levará suavemente pela luz do sol afogada e pelas florestas da alga marinha, de volta aos pântanos e às longas léguas do Campo de Caça, até Crome. Vai levá-la até Londres em seus braços como um pai carregando a filha adormecida.

Ele cai de quatro na areia, farejando à procura do cheiro dela.



Em direção ao pôr do sol, eles finalmente alcançaram o topo da encosta, e se encontraram olhando para o centro da Ilha Negra.

Tom não tinha percebido até então que era um vulcão extinto, mas dali era óbvio; o escarpado, penhascos negros rodeavam uma tigela quase circular de terra, verde e remendada com campos. Quase diretamente abaixo do lugar onde os piratas se agachavam, um pequeno assentamento estático estava ao lado de um lago azul. Havia hangares de dirigíveis e mastros de amarração ao lado dos edifícios de pedra, e na planície atrás, diminuindo todo o lugar, Airhaven empoleirada em uma centena de magros trens de pouso, parecendo tão indefesos como um pássaro aterrado.

— A hospedaria de caravanas aéreas! — riu Peavey. Ele puxou o telescópio e o colocou no olho. — Vejam como trabalham! Estão bombeando gás de sustentação de novo, desesperados para voltar ao céus… — Ele balançou o telescópio rapidamente através das encostas circundantes. — Não há sinal dos nossos rapazes. Oh, se eu ainda tivesse um canhão! Mas vamos dar um jeito, né, pessoal? Um bando de fadinhas não é páreo para nós! Venham, vamos nos aproximar…

Havia uma entonação estranha na voz do prefeito. *Ele está assustado*, Tom percebeu. *Mas não pode admitir, no caso de Mungo, Maggs e Ames perderem a fé nele.* Ele nunca pensou que teria empatia pelo prefeito pirata, mas era o que estava acontecendo. Peavey tinha sido gentil com ele, do seu jeito, e doía vê-lo reduzido a isso, atravessando o chão molhado com o seu pessoal murmurando e amaldiçoando-o pelas costas.

Eles ainda o seguiam, entre os seixos na cratera da antiga montanha de fogo. Em um momento, viram as silhuetas de cavaleiros em um penhasco

distante — uma patrulha de ilhéus caçando sobreviventes da cidade pirata naufragada. Outrora, um dirigível voou baixo, e Peavey sibilou a todos para ficarem deitados e quietos, envolvendo seu macaco sob suas vestes para abafar as queixas estridentes. O dirigível circulou, mas, quando o sol desceu, o piloto não tinha visto as figuras que se encolheram no crepúsculo abaixo como ratos escondidos de uma coruja. Ele voou de volta para o solo, para perto da caravana aérea enquanto uma lua gorda se elevava sobre os penhascos orientais.

Tom deu um forte suspiro de alívio e subiu. Ao redor, os outros também estavam começando a se mover, grunhindo, derrubando pedras pequenas que se espalhavam pela encosta. Ele podia ver pessoas correndo com lanternas e tochas nas ruas da caravana aérea, e janelas iluminadas por lâmpadas que o fizeram pensar quão maravilhoso seria estar quente e seguro dentro de casa. Airhaven estava brilhando com luzes elétricas, e o vento trouxe os sons distantes de ordens gritadas, música, celebração.

— Pela graça de Pete! — sibilou Mungo. — Chegamos tarde demais! Está levantando voo!

— Nunca — zombou Peavey.

Mas todos podiam ver que os balões de Airhaven estavam quase cheios. Poucos minutos depois, o grunhido dos motores veio se retorcendo pela encosta, subindo e caindo enquanto o vento rebentava. A cidade voadora estava se esforçando para subir, suas pernas de caranguejo se dobrando de volta no lugar embaixo dela.

— Não! — gritou Peavey.

Em seguida, ele estava correndo ladeira abaixo, subindo e caindo por cascalhos em direção à terra plana, pantanosa no chão da cratera, e enquanto ele corria, gritava:

— Volte aqui! Você é minha *captura*! Eu afundei minha cidade por você!

Mungo, Maggs e Ames foram atrás; Hester e Tom também. Ao pé da encosta, o chão ficou macio e úmido debaixo dos pés e piscinas de água refletiam a lua e as luzes da cidade em ascensão.

— Volte aqui! — Podiam ouvir Peavey gritar, de algum lugar adiante. — Volte aqui! — Depois: — Ah! Oh! Socorro!

Eles se apressaram em direção ao som de sua voz e os altos gritos do macaco, e todos pararam juntos na borda de um pedaço profundo de pântano.

Peavey já estava mergulhado até a cintura naquilo. O macaco em cima de sua cabeça como um marinheiro em um navio afundado, com os dentes arreganhados de pavor.

— Deem uma mão, rapazes! — pediu o prefeito. — Me ajudem! Ainda podemos pegá-la! Só está testando seus motores! Vai descer de novo!

Os piratas o observaram silenciosamente. Eles sabiam que não tinham chance de chegar à cidade voadora, e que seus gritos provavelmente avisaram os ilhéus de sua presença.

— Temos que ajudá-lo! — sussurrou Tom, começando a ir para a frente, mas Hester o segurou de volta.

— Tarde demais — disse ela.

Peavey estava afundando mais, o peso da sua corrente o puxando para baixo. Ele balbuciava enquanto lama negra entrava pela boca.

— Vamos lá, rapazes! Maggs? Mungo? Sou seu prefeito! Fiz tudo isso por vocês! — Ele procurou Tom com olhos aterrorizados. — Conte, Tommy! — gemeu. — Conte que eu queria fazer de Tunbridge Wheels um lugar grandioso! Eu queria ser respeitável! Conte…

O primeiro tiro de Mungo tirou o macaco do topo da cabeça de Peavey em uma nuvem de pele chamuscada. O segundo e terceiro passaram por seu peito. Ele curvou a cabeça, e a barriga o engoliu com ruídos de gases.

Os piratas se viraram para olhar para Tom.

— Provavelmente não estaríamos aqui se não fosse por você — disse Mungo.

— Se não tivesse enchido a cabeça do chefe com todas essas ideias sobre boas maneiras e cidades e outras coisas — concordou Maggs.

— Garfos diferentes para cada refeição e não falar de boca cheia! — escarneceu Ames.

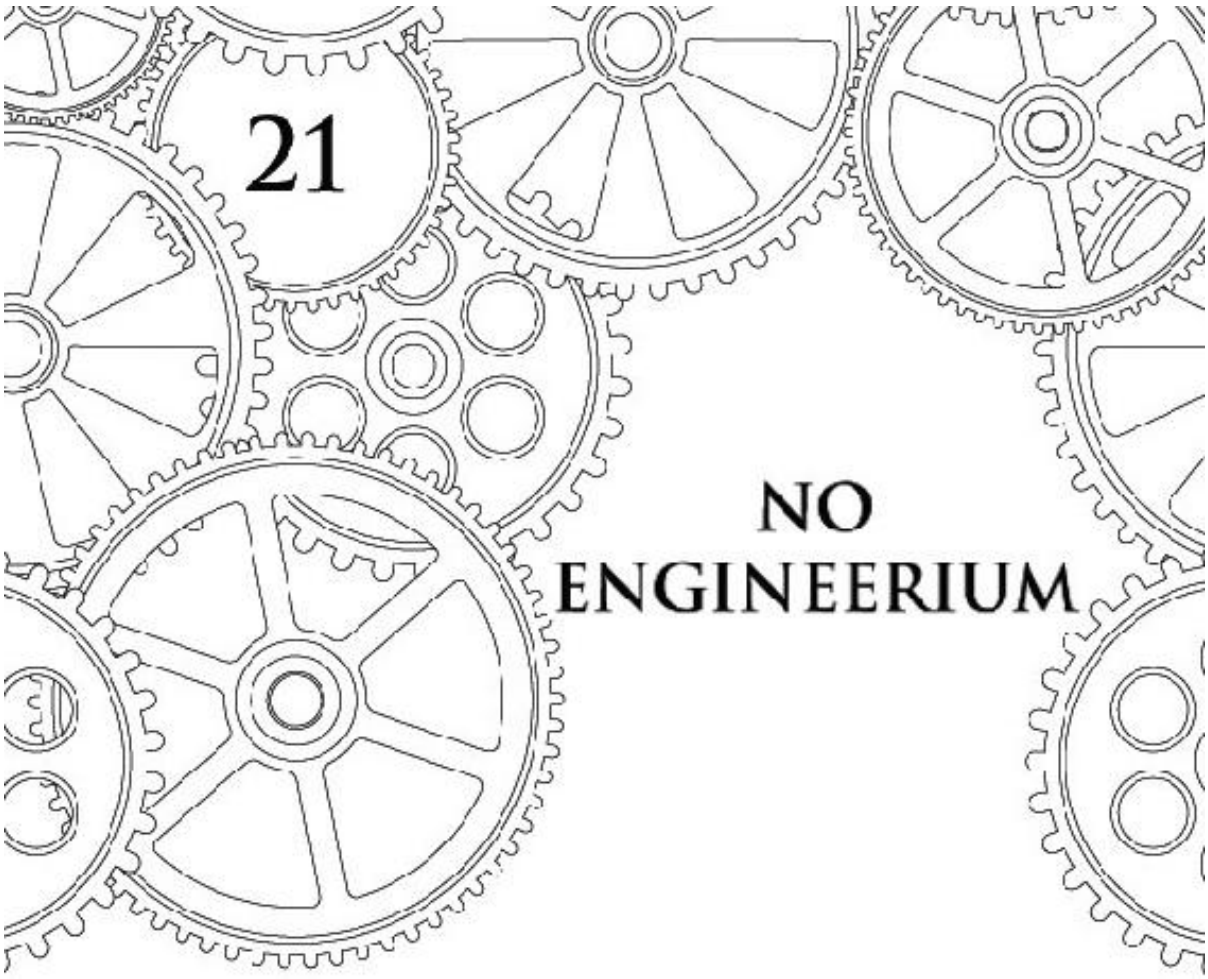
Tom começou a se afastar. Para sua surpresa, Hester rapidamente se enfiou entre ele e os piratas.

— Não é culpa de Tom!

— Você também não é útil para nós — rosnou Mungo. — Nenhum dos dois. Somos piratas. Não precisamos de lições de etiqueta e não vamos deixar uma garota idiota e cheia de cicatrizes nos segurar. — Ele levantou a arma, e Maggs o seguiu. Até o sr. Ames puxou o revólver.

E então uma voz surgiu das trevas:

— ELES SÃO MEUS.



21

NO ENGINEERIUM

LONDRES SUBIA EM DIREÇÃO A UM ALTO PLANALTO ONDE A TERRA DEVASTADA POR CIDADES ESTAVA ESPANADA com finas camadas de neve. Bem atrás — mas não longe o bastante — vinha Panzerstadt-Bayreuth; não apenas um borrão ameaçador no horizonte, mas uma enorme massa escura de esteiras e pneus, a filigrana de ouro do convés superior ornamentado claramente visível acima da fumaça de fábricas e motores. Londrinos lotavam as plataformas de observação de trás e observavam em silêncio enquanto o espaço entre as duas cidades diminuía lentamente. Naquela tarde, o Lorde Prefeito anunciou que não havia necessidade de pânico e que a Guilda dos Engenheiros guiaria a cidade em segurança através daquela crise — mas já havia tumultos e saques nos níveis mais baixos e esquadrões de Alabardeiros tinham sido enviados para manter a ordem nas Entranhas.

— O velho Crome não sabe do que está falando — murmurou um dos homens de plantão na estação de elevador Quirke Circus naquela noite. — Nunca pensei que falaria isso, mas ele é um tolo. Levando a pobre e velha Londres tão a leste desse jeito, dia após dia viajando, semana após semana, apenas para sermos devorados por uma velha conurbação. Queria que Valentine estivesse aqui. Ele saberia o que fazer…

— Quieto, Bert — sibilou o companheiro —, aí vem mais deles.

Ambos os homens se curvaram educadamente quando dois engenheiros caminharam até as catracas, um homem jovem e uma garota, vestidos de forma idêntica em óculos de proteção verdes e casacos e capuzes brancos de borrachas. A garota mostrou um passe dourado. Quando ela e seu companheiro subiram ao elevador que esperava, Bert virou-se para o amigo e sussurrou:

— Deve ser importante, esta reunião no Engineerium. Eles estão pululando para fora de seus ninhos nas Entranhas Profundas, como um monte de larvas brancas. Imagine fazer uma reunião da Guilda numa época como essa!



Dentro do elevador, Katherine sentou-se ao lado de Bevis Pod, já se sentindo com calor e constrangida dentro do casaco que ele tinha lhe emprestado. Ela o olhou e depois verificou o reflexo da janela, certificando-se de que as rodas vermelhas que tinham desenhado com tanta atenção sobre a testa um do outro não tinham sido manchadas. Ela pensou que ambos pareciam ridículos com aqueles capuzes e óculos, mas Bevis assegurou-lhe que muitos engenheiros os usavam hoje em dia e o outro ocupante do elevador, um navegador gordo, nem olhou para eles enquanto começaram a subir para o nível elevado.

Katherine passara o dia inteiro esperando inquieta que Bevis chegasse com seu disfarce. Para passar o tempo, procurou o nome HESTER SHAW nos índices de todos os livros de seu pai, mas não conseguiu encontrar nada. O *Catálogo Completo do Museu de Londres* continha uma breve referência a uma *Pandora* Shaw, mas só dizia que era uma catadora do Exterior que tinha

fornecido alguns fósseis menores e partes de tecnologia antiga para a Guilda dos Historiadores, e dava a data da morte dela, sete anos antes. Depois disso, tentou procurar MEDUSA, apenas para descobrir que era uma espécie de monstro em uma história antiga. Ela não achava que Magnus Crome e seus engenheiros acreditassem em monstros.

Ninguém deu uma segunda olhada quando ela e Bevis caminharam através do nível elevado em direção à entrada principal do Engineerium. Dezenas de engenheiros já estavam correndo pelos degraus. Katherine se juntou a eles, apertando o passe dourado e mantendo-se perto do aprendiz, aterrorizada pela possibilidade de perdê-lo naquela multidão de casacos brancos idênticos. *Isso nunca vai funcionar!*, ela ficava pensando, mas os homens da Guilda de plantão na porta não estavam parando para olhar os passes. Ela olhou uma última vez para o pôr do sol sumindo atrás do domo de St. Paul, então deu um passo adentro.

Era maior do que esperava, e mais brilhante, iluminada por centenas de globos de argônio que pendiam no grande eixo aberto no centro do prédio como planetas pendurados no espaço. Ela olhou em volta procurando a escada, mas Bevis puxou o braço dela e disse:

— Vamos subir de monotrilho. Veja…

Os engenheiros estavam entrando em pequenos carros no monotrilho. Katherine e Bevis juntaram-se à fila, ouvindo conversas murmuradas e o barulho estridente de casacos se esfregando. Os olhos de Bevis estavam arregalados e assustados atrás dos óculos de proteção. Katherine esperava que pudessem conseguir um carro de monotrilho para conversar, mas mais engenheiros estavam chegando o tempo todo e ela acabou sentada no lado oposto dele em um carro cheio, encaixada firmemente com um grupo da Divisão de Pesquisa Mag-Lev.

— De onde você é, pessoa da Guilda? — perguntou o homem sentado ao lado.

— Hã… — Katherine olhou freneticamente para Bevis, mas ele estava muito longe para sussurrar uma resposta. Ela deixou escapar a primeira coisa que veio à mente. — Divisão K.

— A velha Twixie, né? — disse o homem. — Eu ouvi que ela está tendo resultados surpreendentes com os novos modelos!

— Oh, sim, muito — ela respondeu. Então, o carro saiu com uma sacudida e o vizinho virou-se para a janela, fascinado pela visão passageira.

Katherine esperava que o monotrilho parecesse com o elevador, mas a velocidade e o movimento em espiral eram bem diferentes, e, por um momento, teve que se concentrar em não passar mal. Os outros engenheiros pareciam não notar.

— Sobre o que será o discurso do Lorde Prefeito? — um deles perguntou.

— Deve ser sobre MEDUSA — respondeu outro. — Ouvi que estão preparando um teste.

— Vamos esperar que funcione — disse uma mulher sentada bem em frente a Katherine. — Foi Valentine que encontrou a máquina, afinal, e é apenas um historiador. Não se pode confiar neles.

— Oh, Valentine é homem do Lorde Prefeito — falou outra. — Não deixe que a marca de guilda de historiador o engane. Ele é leal como um cachorro, se lhe dermos muito dinheiro para que ele consiga fingir que a filha estrangeira dele é uma dama da Alta Londres.

Eles prosseguiram andar por andar, passando por escritórios e oficinas cheios de engenheiros ocupados, como uma enorme colmeia. O carro parou no quinto andar e Katherine saiu, ainda corada de raiva pelo que os outros haviam dito. Ela se aproximou novamente de Bevis e trotaram juntos ao longo de corredores brancos e frios, e através de cortinas penduradas de plástico transparente. Ela podia ouvir o balbucio de vozes à frente, e depois de algumas voltas, chegaram a um imenso auditório. Bevis a levou até um assento perto de uma das saídas. Ela olhou ao redor para ver se conseguia ver o supervisor Nimmo, mas era impossível divisá-lo. O auditório era um mar de casacos brancos e cabeças carecas ou encapuzadas, e mais pessoas estavam passando pelas entradas o tempo todo.

— Veja! — indicou Bevis, cutucando Katherine. — Aquela é dra. Twix, de quem eu falei! — Ele apontou para uma pequena mulher em forma de barril sentada na primeira fila, conversando animada com os vizinhos. — Todas as principais pessoas da Guilda estão aqui! Twix, Chubb, Garstang… e ali está dr. Vambrace, chefe da segurança!

Katherine começou a se sentir assustada. Se tivesse sido desmascarada na porta, poderia ter sido capaz de passar como uma brincadeira tola, mas agora estava no santuário interno dos engenheiros, e podia notar que algo importante ia acontecer. Ela lembrou a si mesma que, mesmo que a

descobrissem, os engenheiros nunca ousariam fazer mal à filha de Thaddeus Valentine. Ela tentou não pensar sobre o que eles poderiam fazer com Bevis.

Por fim, as portas estavam fechadas e as luzes se apagaram. Um silêncio expectante encheu o auditório, quebrado apenas pelo sussurro fino de quinhentos engenheiros levantando-se.

Katherine e Bevis pularam com eles, olhando para o palco sobre os ombros das pessoas na frente. Magnus Crome estava de pé em um púlpito de metal, olhos frios varrendo o público. Por um momento, pareceu olhar diretamente para Katherine, e ela teve que se lembrar de que ele não conseguiria reconhecê-la, não com o capuz e os óculos e o colarinho do casaco levantado alto.

— Podem se sentar — disse Crome, e esperou até que se instalassem antes de continuar: — Este é um dia glorioso para a nossa Guilda, meus amigos.

Uma onda de excitação percorreu o auditório, e também por Katherine. Crome fez um gesto pedindo silêncio. No teto do auditório, um projetor de slides girou, e uma imagem apareceu em uma tela atrás da cabeça dele. Era um diagrama de uma máquina enorme e complicada.

— MEDUSA! — anunciou Crome, e houve uma espécie de eco quando todos os engenheiros suspiraram:

— *MEDUSA!*

— Como alguns já sabem — prosseguiu ele —, MEDUSA é uma arma de energia experimental da Guerra dos Sessenta Minutos. Nós sabemos disso há algum tempo, de fato, desde que Valentine encontrou esses documentos em sua viagem para a América, há vinte anos.

A tela do projetor estava cintilando com diagramas desbotados e escrita à mão. *Papai nunca me contou isso!*, Katherine pensou.

— Claro, esses planos fragmentários não foram suficientes para nos permitir reconstruir MEDUSA — disse Crome. — Mas há sete anos, novamente graças a Valentine, adquirimos uma peça notável de tecnologia antiga, tirado de um sítio militar há muito perdido no deserto americano. É talvez o núcleo de computador antigo mais bem preservado já descoberto; é mais do que isso, é o cérebro da MEDUSA, a inteligência artificial que no passado alimentou essa máquina notável. Graças ao trabalho duro do dr. Splay e de seus colegas na Divisão B, finalmente conseguimos restaurá-lo para o funcionamento. Pessoas da Guilda, os dias em que Londres tem que correr e

se esconder de outras cidades famintas estão no fim! Com MEDUSA sob nosso controle, poderemos reduzir qualquer uma delas a cinzas em um piscar de olhos!

Os engenheiros aplaudiram eufóricos, e Bevis Pod cutucou Katherine para que ela fizesse o mesmo, mas suas mãos pareciam ter ficado congeladas nos braços de metal do assento. Ela sentiu-se tonta de choque. Lembrava de tudo que ouvira a respeito da Guerra dos Sessenta Minutos, sobre como as terríveis armas de raios dos antigos tinham estourado as suas cidades estáticas e envenenado a terra e o céu. O pai dela nunca ajudaria os engenheiros a recriar uma coisa tão terrível!

— Nós também não iremos atrás de migalhas como Salthook — continuou Crome. — Em uma semana, Londres estará no alcance de Batmunkh Gompa, a Muralha. Por mil anos, a Liga Antitração tem se escondido covardemente atrás disso, segurando contra o curso da história. MEDUSA irá destruí-la em um único golpe. As terras além disso, com todas as suas grandes cidades estáticas, as suas fazendas e florestas, a sua riqueza mineral inexplorada, vão se tornar o novo campo de caça de Londres!

E então ficou difícil ouvi-lo, pois os aplausos dos engenheiros rolavam como disjuntores contra a parede atrás dele, e ela estava levemente aberta, revelando uma longa vista em direção à Catedral St. Paul e às torres do Salão das Guildas.

— Mas, primeiro — gritou ele —, temos negócios mais urgentes para tratar. Embora eu esperasse que pudéssemos manter MEDUSA escondida até chegar à Muralha, tornou-se necessário dar uma demonstração de seu poder. Enquanto eu falo, a equipe do dr. Splay está preparando um teste para a nova arma.

Mesmo que Katherine quisesse ouvir mais, logo se tornaria impossível, pois a audiência de Crome estava falando entusiasmada entre si. Alguns engenheiros, presumivelmente aqueles ligados ao projeto MEDUSA, estavam indo apressados para as saídas. Em pé, Katherine começou a seguir o caminho até a porta. Um momento depois, ela estava no corredor antisséptico, imaginando o que fazer a seguir.

— Kate? — Bevis Pod apareceu atrás dela. — Aonde você vai? As pessoas notaram que você saiu! Eu vi algumas pessoas da segurança da Guilda nos observando…

— Temos que sair daqui — sussurrou Katherine. — Onde é a saída?

— Eu não sei — admitiu o garoto. — Nunca estive neste andar antes. Suponho que teremos que encontrar o caminho de volta ao monotrilho… — Ele afastou Katherine quando ela tentou pegar a mão dele. — Não! Alguém vai ver. Engenheiros não devem tocar uns aos outros…

Eles correram ao longo dos corredores tubulares, e Katherine disse:

— Crome estava mentindo! Meu pai não foi para a América sete anos atrás. Ele apenas fez uma pequena viagem às ilhas do Oceano Ocidental. E nunca me disse que achou algo importante. Ele teria me dito, se realmente tivesse encontrado MEDUSA. Ele não ia querer nada com armas do velho mundo, de todo jeito…

— Mas por que o Lorde Prefeito mentiria? — perguntou Bevis, secretamente bastante satisfeito pelo fato de sua Guilda ter encontrado as chaves de outro segredo antigo. — De qualquer forma, ele não disse que seu pai foi para a América atrás dessa coisa, apenas que adquiriu isso. Talvez tenha comprado de um catador ou algo assim. Eu me pergunto o que Crome quis dizer sobre demonstração…

Ele parou. Chegaram ao fim do corredor, e não havia monotrilhos à vista. Três portas adiante. Duas trancadas, e a terceira levava apenas para uma varanda estreita que parecia ser o flanco do Engineerium, bem acima da Paternoster Square.

— E agora? — perguntou Katherine, ouvindo a própria voz alta e fina de susto, e Bevis, tão nervoso quanto, respondeu:

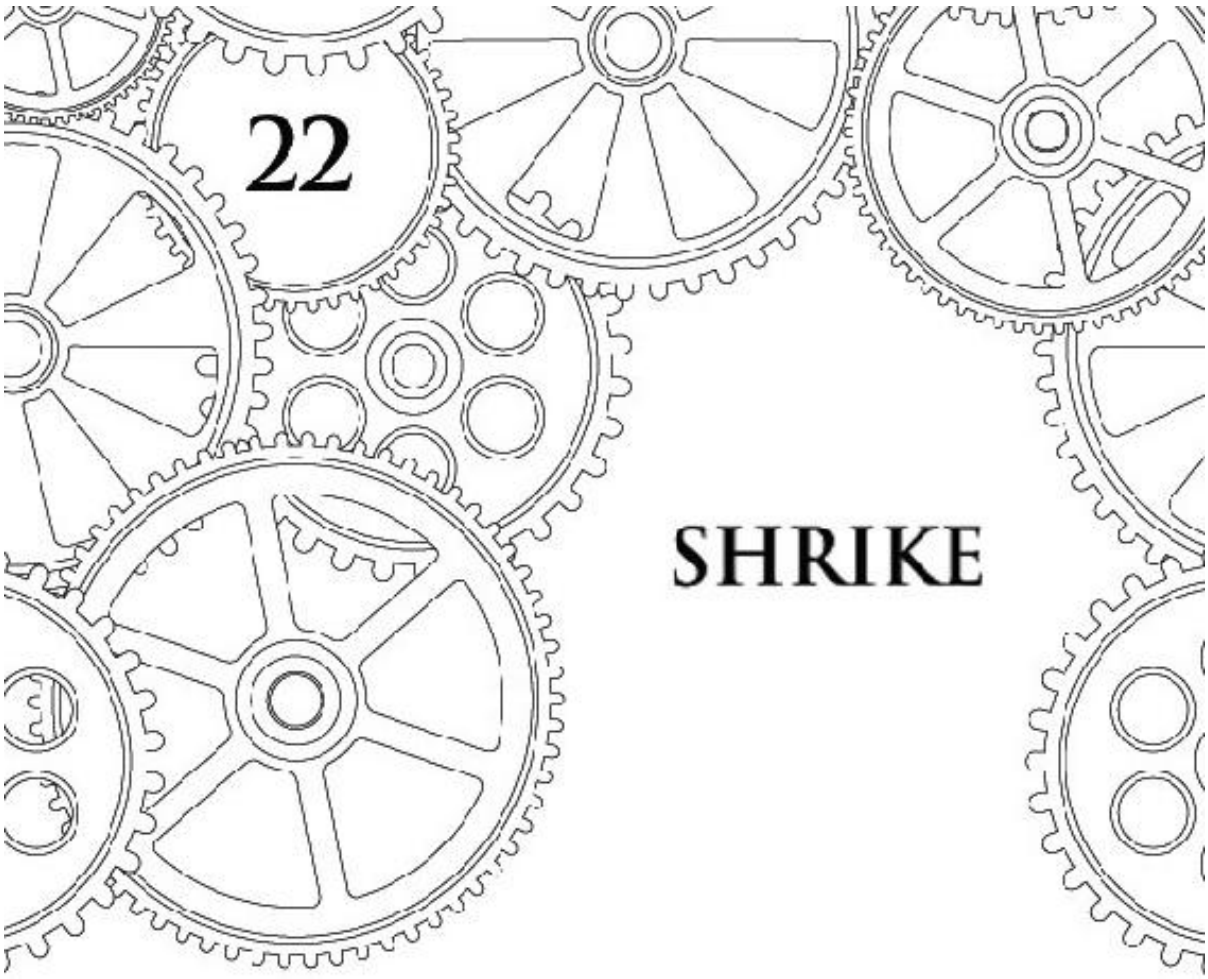
— Eu não sei.

Entrou na varanda para recuperar o fôlego. A lua estava parada, mas encoberta por uma nuvem fina, e uma garoa fria caía. Ela puxou os óculos de proteção e deixou a chuva pousar em seu rosto, o prazer em estar livre do calor e do fedor químico. Ela pensou no pai. Será que realmente tinha encontrado MEDUSA? Bevis estava certo, Crome não tinha motivo para mentir. *Pobre papai!* Ele estaria no ar, em algum lugar acima dos picos nevados de Shan Guo. Se ao menos tivesse alguma maneira de avisá-lo o que estavam planejando fazer com sua descoberta!

Um barulho baixo e mecânico veio à deriva através do quadrado iluminado pela lua. Ela olhou para baixo, para as plataformas molhadas do convés, mas não conseguiu ver o que estava fazendo o barulho. Então, algo fez sua visão ir para St. Paul. Ela ofegou.

— Bevis! Veja!

Lentamente, como um enorme broto que florescia, a cúpula da antiga catedral se abria.



O STALKER TINHA ACABADO DE CHEGAR OU ESTAVA ESPERANDO, OBSERVANDO A DISCUSSÃO DELES, nas sombras e parado na encosta rochosa como uma pedra? Ele deu um passo para a frente, e a grama úmida queimou onde pôs o pé.

— ELES SÃO MEUS.

Os piratas se mexeram, a metralhadora de Maggs pulverizou correntes de balas no homem de ferro enquanto o canhão de mão de Mungo perfurou buracos negros em sua armadura e Ames atacou com o revólver. Pego na rede de disparos, Shrike continuou a balançar por um momento. Então, lentamente, como um homem andando contra um vento forte, começou a ir para a frente. Balas bateram em sua armadura e seu casaco rasgou em trapos e farrapos. Os buracos que o canhão fez vomitou algo que poderia ser sangue ou talvez óleo. Ele esticou os braços, e uma garra de ferro foi arrancada, e outra. Então ele alcançou Maggs, e ela fez um som sufocante e foi para trás

contra as plantas e caiu. Ames jogou fora a arma e começou a correr, mas Shrike de repente estava atrás dele e o fez parar, agarrando um punhado de picos vermelhos que brotavam do peito.

A arma de Mungo estava vazia. Ele jogou de lado e puxou a espada, mas antes que pudesse brandi-la, Shrike o agarrou pelo cabelo e empurrou a cabeça para trás e cortou o pescoço com um golpe.

— Tom — disse Hester. — *Corra!*

Shrike jogou a cabeça de lado e avançou, e Tom correu. Ele não queria, sabia que não adiantava, e sabia que devia ficar ao lado de Hester, mas suas pernas pensavam diferente; todo o seu corpo queria apenas estar longe da coisa terrível e mortal que estava vindo, descendo a colina. Então o chão cedeu debaixo dele, ele mergulhou em lama fria e caiu, rolando, e parou contra um afloramento de pedra na borda da mesma lama que havia engolido Chrysler Peavey.

Tom olhou para trás. O Stalker estava de pé dentre os corpos espalhados. Airhaven estava acima, testando os motores, um por um, e as luzes projetaram reflexos frios em sua caveira prateada.

Hester se levantou o encarando, bravamente mantendo terreno. Tom pensou: *Ela está tentando me salvar! Está ganhando tempo para que eu possa escapar! Mas não posso simplesmente deixá-lo matá-la, não posso!*

Ignorando as inúmeras vozes de seu corpo que ainda estavam gritando para ele correr, começou a rastejar de volta à colina.

— HESTER SHAW. — Ele ouviu Shrike dizer, a voz arrastada e amarrada, como uma gravação defeituosa. Vapores sibilaram do peito do Stalker e icor preto pingava dele e borbulhava no canto da boca.

— Você vai me matar? — a garota perguntou.

Shrike assentiu a cabeçorra apenas uma vez.

— POR UM POUCO DE TEMPO.

— O que quer dizer?

A boca longa se arrastou de lado, sorrindo.

— NÓS SOMOS DOIS INDIVÍDUOS ÚNICOS. EU SABIA ASSIM QUE A ENCONTREI NAQUELE DIA NA COSTA. DEPOIS QUE VOCÊ ME DEIXOU, A SOLIDÃO…

— Eu tive que ir, Shrike — sussurrou ela. — Eu não era parte da sua coleção.

— VOCÊ ME ERA MUITO QUERIDA.

Tem algo de errado com ele, pensou Tom, subindo a colina. Stalkers não deveriam ter *sentimentos*. Ele se lembrou do que tinha aprendido sobre todos os Homens Ressuscitados terem ficado loucos. Eram algas que pendiam dos dutos na cabeça de Shrike? Será que seus miolos tinham ficado enferrujados? Faíscas piscavam dentro de seu peito, por trás dos buracos de bala…

— HESTER — rangeu Shrike, caindo fortemente em seus joelhos para que o rosto ficasse no mesmo nível que o dela. — CROME ME FEZ UMA PROMESSA. SEUS SERVIÇAIS APRENDERAM O SEGREDO DA MINHA CONSTRUÇÃO.

O medo arrepiou a nuca de Tom.

— LEVAREI O SEU CORPO PARA LONDRES — Shrike contou à garota. — CROME VAI RESSUSCITÁ-LA COMO UMA MULHER DE FERRO. SUA CARNE SERÁ SUBSTITUÍDA POR AÇO, SEUS NERVOS POR FIAÇÃO, SEUS PENSAMENTOS POR ELETRICIDADE. VOCÊ VAI FICAR LINDA! SERÁ MINHA COMPANHEIRA POR TODA A ETERNIDADE.

— Shrike — bufou Hester. — Crome não vai querer *me* ressuscitar…

— POR QUE NÃO? NINGUÉM VAI RECONHECÊ-LA NO NOVO CORPO; VOCÊ NÃO TERÁ MEMÓRIAS, SENTIMENTOS, NÃO SERÁ NENHUMA AMEAÇA PARA ELE. MAS *EU* VOU LEMBRAR PARA VOCÊ, MINHA FILHA. VAMOS CAÇAR VALENTINE JUNTOS.

Hester riu, um som estranho, louco e terrível que deixou Tom desconfortável quando chegou ao lugar onde o corpo de Mungo estava caído. A espada pesada ainda estava apertada no punho do pirata, e Tom estendeu a mão e começou a tentar soltá-la. Olhando rápido para cima, ele viu que Hester tinha dado um passo para mais perto do Stalker. Ela inclinou a cabeça para trás, abriu a garganta, preparando-se para suas garras.

— Certo — disse. — Mas deixe Tom ir.

— ELE DEVE MORRER — insistiu Shrike. — É PARTE DA MINHA BARGANHA COM CROME. VOCÊ NÃO VAI SE LEMBRAR DELE QUANDO ESTIVER NO CORPO NOVO.

— Oh, por favor, Shrike, não — implorou Hester. — Diga a Crome que ele escapou, se afogou ou algo assim, que morreu em algum lugar no Exterior e você não pôde levá-lo. Por favor.

Tom agarrou-se à espada, o punho ainda estava úmido com o suor de Mungo. Agora que tinha chegado a hora, ele estava tão assustado que mal conseguia respirar, sozinho, levantar-se e confrontar o Stalker. *Não posso fazer isso!*, pensou. *Sou um historiador, não um guerreiro!* Mas ele não podia abandonar Hester, não enquanto ela estava barganhando pela vida dele. Ele estava perto o suficiente para ver o medo nos olhos dela e o brilho afiado das garras de Shrike enquanto ele a alcançava.

— MUITO BEM — disse o Stalker. Gentilmente, ele acariciou o rosto de Hester com a ponta das lâminas. — O GAROTO PODE VIVER. — A mão recuou para atacar. Hester fechou os olhos.

— Shrike! — berrou Tom, lançando-se para cima e para a frente com a espada estendida rígida na frente dele, sentindo a luz verde se derramando em seu rosto à medida que Shrike girou sibilando para encontrá-lo. Um braço de ferro atacou, lançando-o para trás. Ele sentiu uma dor abrasadora no peito e por um momento teve certeza de que havia sido rasgado em dois, mas foi o antebraço do Stalker que o acertou, não a mão com as lâminas, e Tom caiu inteiro e rolou para trás, ofegando de dor, esperando ver Shrike se esgueirar para ele e depois nada, nunca mais.

Mas Shrike estava no chão, e Hester estava curvando-se sobre ele, e, enquanto Tom observava o olho do Stalker cintilar, algo explodiu dentro dele com um flash em uma fenda e uma espiral de fumaça vazando para cima. O punho da espada saltava de um dos cortes no peito, estalando com faíscas azuis.

— Oh, Shrike! — sussurrou Hester.

Shrike cuidadosamente recolheu as garras para que ela pudesse pegar sua mão. Memórias inesperadas flutuavam por sua mente que se desintegrava, e de repente ele soube quem era antes de o terem arrastado na Tábua de Ressurreição para transformá-lo num Stalker. Ele queria dizer a Hester, e ergueu sua grande cabeça de ferro na direção dela, mas antes mesmo que pudesse forçar as palavras, a morte já estava sobre ele, e não foi mais fácil desta vez do que da última.

A grande carcaça de ferro parou imóvel, e fumaça explodiu no vento. No vale, as buzinas estavam soprando, e Tom pôde ver um grupo de cavaleiros começando a descer a colina a partir da caravana, alertados pelo som de tiros. Eles carregavam lanças e tochas flamejantes, e ele não achava que seriam

amigáveis. Tentou empurrar-se para cima, mas a dor no peito quase o fez desmaiar.

Hester o ouviu gemer e se virou para ele.

— Pra que você fez isso? — gritou.

Tom não teria ficado mais surpreso se ela tivesse dado um tapa nele.

— Ele ia matar você! — protestou.

— Ele ia me fazer como *ele*! — gritou Hester, abraçando Shrike. — Você não ouviu o que ele disse? Fazer de mim tudo o que sempre quis, sem memórias, sem sentimentos. Imagine a cara de Valentine quando eu fosse atrás dele! Oh, *por que* você continua a *interferir*?

— Ele a teria transformado em um monstro! — Tom ouviu a própria voz crescer em um grito conforme toda a sua dor e medo queimaram em raiva.

— Eu já sou um monstro! — gritou ela.

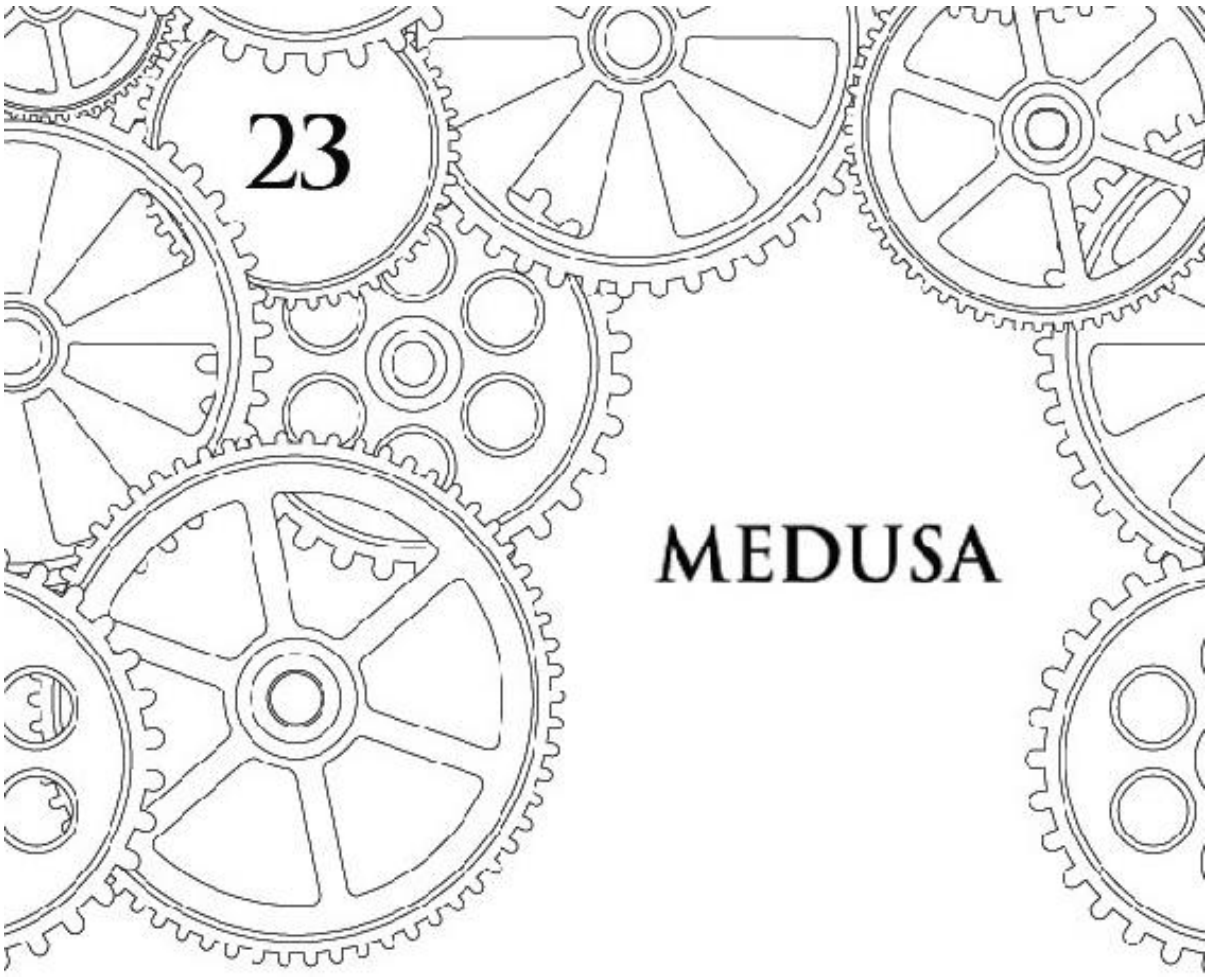
— Não, você não é! — Tom conseguiu levantar-se de joelhos. — É minha amiga! — ele berrou.

— Eu odeio você! Odeio! — bradava Hester.

— Bem, eu gosto de você, queira ou não! — Tom gritou. — Acha que é a única pessoa que perdeu a mãe e o pai? Eu me sinto tão irritado e solitário quanto você, mas você não me vê querendo matar pessoas e tentando me transformar em um Stalker! Você é uma pessoa rude, cheia de autocomiseração…

Porém o resto do que ele estava planejando dizer desapareceu em um soluço atônito, porque de repente ele podia ver a cidade abaixo dele e Airhaven e os pilotos que se aproximavam tão claramente como se fosse o meio do dia. Ele viu as estrelas sumirem, viu o rosto de Hester se congelar no meio de um grito com saliva de seus cantos da boca; ele viu sua própria sombra vacilante dançando na grama ensopada de sangue.

Acima dos penhascos, o céu noturno estava cheio de uma luz sobrenatural, como se um novo sol tivesse nascido do Exterior, em algum lugar longe ao norte.



23

MEDUSA

KATHERINE OBSERVOU, PETRIFICADA, ENQUANTO O DOMO DE ST. PAUL DIVIDIU-SE COM COSTURAS PRETAS e as seções se dobraram como pétalas. Lá dentro, algo se elevava lentamente em uma torre central e abrindo enquanto subia, uma orquídea de metal branco e frio. O resmungo do vasto equipamento hidráulico ecoou pela praça e tremeu através do tecido do Engineerium.

— MEDUSA! — sussurrou Bevis Pod, de pé atrás dela na porta aberta. — Na verdade, eles não estavam realmente reparando a catedral em absoluto! Eles construíram MEDUSA dentro de St. Paul!

— Pessoas da Guilda?

Eles viraram. Um engenheiro estava parado atrás deles.

— O que estão fazendo? — brigou ele. — Este pórtico é fora de limites para todos, exceto as pessoas da Divisão L…

Ele parou, encarando Katherine, e ela viu que Bevis também estava olhando, os olhos escuros arregalados e horrorizados. Por um momento ela não podia imaginar o que estava errado com ele. Então entendeu. A chuva! Tinha se esquecido da marca da Guilda que pintara com tanta atenção entre as sobrancelhas, e agora estava escorrendo pelo rosto em fios vermelhos finos.

— O quê, em nome de Quirke? — ofegou o engenheiro.

— Kate, corra! — gritou Bevis, e empurrou o engenheiro de lado.

Katherine correu e ouviu o grito irritado do homem às suas costas enquanto ele caía. Então Bevis estava com ela, agarrando-a pela mão, pulando para a esquerda e para baixo em corredores vazios até uma escadaria aberta. Desceram um lance, depois outro, e, atrás deles, ouviram mais gritos e o brusco som alto de um alarme. Então estavam no fim, em um pequeno lobby, em algum lugar na parte traseira do Engineerium. Havia grandes portas que levavam para o nível elevado, e dois homens da Guilda de guarda.

— Temos um intruso! — ofegou Bevis, apontando de onde tinham vindo. — No terceiro andar! Acho que está armado!

Os homens da Guilda já estavam assustados com o súbito toque do alarme. Eles trocaram olhares chocados, então um começou a subir as escadas, puxando uma pistola de gás de seu cinto.

Bevis e Katherine aproveitaram a chance e se apressaram.

— Minha colega foi ferida — explicou Bevis, apontando para o rosto de Katherine manchado de vermelho. — Estou levando ela para a enfermaria! — A porta se abriu e os derramou na escuridão bem-vinda.

Corriam o mais rápido possível para a sombra de St. Paul, daí pararam e escutaram. Katherine podia ouvir o pesado palpitar do maquinário, e uma palpitação mais próxima, mais intensa que era a batida do seu próprio coração. A voz de um homem estava gritando ordens em algum lugar, e havia um bater de pés blindados, aproximando-se.

— Alabardeiros! — gemeu ela. — Eles vão querer ver nossos papéis! Eles vão tirar meu capuz! Oh, Bevis, eu nunca deveria ter pedido que você me colocasse lá! Corra! Deixe-me!

Bevis olhou para ela e negou com a cabeça. Ele tinha desafiado sua Guilda e arriscado tudo para salvá-la, não ia abandoná-la agora.

— *Oh, Clio nos ajude!* — Katherine falou entre a respiração, e algo fez com que olhasse para a Paternoster Square. Ali estava o velho Chudleigh Pomeroy

de pé nos degraus do Salão das Guildas com os braços cheios de envelopes e panfletos, olhando para cima. Ela nunca tinha estado tão feliz em ver alguém em sua vida inteira e correu para ele, arrastando Bevis Pod junto e chamando suavemente: — Sr. Pomeroy!

Ele olhou fixamente para eles, então engasgou de surpresa quando Katherine puxou o estúpido capuz e ele viu seu rosto e cabelos empapados de suor.

— Senhorita Valentine! O quê, em nome de Quirke, está acontecendo? Veja o que esses malditos engenheiros que gostam de interferir fizeram com St. Paul!

Ela olhou para cima. A orquídea de metal estava aberta em toda a sua extensão agora, lançando uma sombra profunda na praça abaixo. Só que não era uma orquídea. Era uma coisa encapuzada e cintilante como a pele de uma cobra enorme, e estava girando para apontar para Panzerstadt-Bayreuth.

— MEDUSA! — exclamou ela.

— Quem? — perguntou Chudleigh Pomeroy.

Uma sirene de bugue pranteou.

— Oh, por favor! — chorou, virando-se para o historiador gordo: — Eles estão atrás de nós! Se pegarem Bevis, não sei o que vai acontecer com ele…

Bendito seja — ele não disse "Por quê?" ou "O que vocês fizeram de errado?", apenas pegou Katherine por um braço e Bevis Pod por outro e os apressou em direção à garagem do Salão das Guildas onde seu bugue estava esperando. Enquanto o chofer os ajudava a entrar, um grupo de Alabardeiros passou ruidosamente, mas não prestaram atenção em Pomeroy e seus companheiros. Ele escondeu o casaco e o capuz de Katherine atrás do assento e fez Bevis Pod se agachar no chão do bugue. Então ele apertou-se ao lado de Katherine no banco de trás e disse enquanto o bugue saiu produzindo um ruído surdo na Paternoster Square:

— Deixe que eu falo.

Havia uma multidão de pessoas diante da estação de elevador, olhando com espanto para a coisa que brotou de St. Paul. Alabardeiros pararam o bugue enquanto um jovem engenheiro observava. Pomeroy abriu um pouco a tampa de glástico e perguntou:

— Algum problema, homem da Guilda?

— Uma invasão ao Engineerium. Terroristas antitracionistas…

— Bem, não olhe para a gente — riu Pomeroy. — Fiquei trabalhando no meu escritório no Salão das Guildas a noite inteira, e a srta. Valentine tem ajudado gentilmente a resolver alguns documentos…

— Mesmo assim, senhor, tenho que procurar no seu bugue.

— Oh, é mesmo! — gritou Pomeroy. — Parecemos terroristas? Você não tem coisas melhores para fazer na última noite de Londres, com uma grande conurbação chegando atrás da gente? Eu vou fazer uma reclamação ao Conselho nos termos mais fortes possíveis! É ultrajante!

O homem parecia incerto, depois assentiu e se afastou para permitir que o motorista de Pomeroy dirigisse o bugue a um elevador de carga que esperava. Conforme as portas se fecharam, Pomeroy deixou sair um suspiro de alívio.

— Esses malditos engenheiros. Sem ofensas, aprendiz Pod…

— Não ofendeu — disse a voz abafada de Bevis de algum lugar abaixo.

— Obrigada! — sussurrou Katherine. — Oh, e obrigada por nos ajudar!

— Sem problemas — riu Pomeroy. — Sempre fico feliz de fazer qualquer coisa que incomode Crome e seus lacaios. Aquela catedral tinha milhares de anos, e eles a transformam em… em qualquer coisa que transformaram, sem nem pedir permissão… — Ele olhou nervosamente para Katherine e viu que ela não estava realmente ouvindo. Gentilmente, perguntou: — Mas o que fez para agitá-los, srta. Valentine? Não precisa me dizer se não quiser, mas se você e seu amigo estão com problemas, e se houver algo que um velho como eu possa fazer…

Katherine sentiu lágrimas inevitáveis apontando nos olhos.

— Por favor — ela sussurrou —, pode apenas nos levar para casa?

— Claro.

Eles ficaram em um silêncio constrangedor enquanto o bugue andava através das ruas no nível um, até o parque. A escuridão estava cheia de pessoas correndo e gritando, apontando para a catedral. Mas também havia outros corredores: seguranças engenheiros liderando esquadrões de Alabardeiros. Quando o bugue parou diante da Casa Clio, Pomeroy saiu para acompanhar Katherine até a porta. Ela sussurrou um adeus sincero para Bevis e o seguiu.

— Você poderia levar o aprendiz Pod para uma estação de elevador? — pediu. — Ele precisa voltar para as Entranhas.

Pomeroy pareceu preocupado.

— Eu não sei, srta. Valentine — suspirou. — Você viu como os engenheiros estão. Eles já devem ter bloqueado todas as fábricas e blocos de

dormitórios, e devem ter verificações de segurança em andamento. Talvez já tenham notado que ele desapareceu, bem como dois casacos e dois capuzes…

— Você quer dizer que ele não pode voltar? — Katherine sentiu-se tonta com o pensamento do que tinha feito com o pobre Pod. — Nunca mais?

Pomeroy assentiu.

— Então vou mantê-lo comigo na Casa Clio! — decidiu Katherine.

— Ele não é um gato perdido, minha querida.

— Mas quando papai voltar para casa, vai conseguir resolver tudo, não vai? Explicar ao Lorde Prefeito que não tem nada a ver com Bevis…

— É possível — concordou Pomeroy. — Seu pai é bem próximo da Guilda dos Engenheiros. Alguns dizem que próximo *demais*. Mas não acho que a Casa Clio seja o lugar ideal para manter seu amigo. Vou levá-lo ao Museu. Há espaço suficiente para ele lá, e os engenheiros não poderão procurá-lo sem nos avisar primeiro.

— Você faria mesmo isso? — perguntou Katherine, com medo de que ela estivesse arrastando mais uma pessoa inocente para o problema que criara. Mas, afinal de contas, seria apenas por alguns dias, até que o pai voltasse para casa. Daí tudo voltaria ao normal. — Oh, obrigada! — agradeceu, feliz, e ficou na ponta dos pés para dar um beijo na bochecha de Pomeroy. — Obrigada!

Pomeroy corou e sorriu para ela, e começou a falar outra coisa — mas, embora a boca se movesse, ela não podia ouvir as palavras. Sua cabeça estava cheia de um som estranho, um rugido que se tornou cada vez mais alto até que ela percebeu que não estava dentro dela, mas vindo de algum lugar acima.

— Veja! — gritou o historiador, apontando para cima.

O medo dela a fez esquecer-se de St. Paul. Agora, olhando para cima, para o nível elevado, viu a pele de cobra da MEDUSA começar a se abrir emitindo relâmpagos violetas. Os pelos dos braços e das nucas formigaram, e quando ela alcançou a mão de Pomeroy, as faíscas pálidas pularam entre as pontas de seus dedos e suas vestes.

— Sr. Pomeroy! — gritou ela. — O que está acontecendo?

— Grande Quirke! — berrou o historiador. — O que esses idiotas despertaram agora?

Esferas de luz fantasmagóricas se separaram da máquina brilhante e desceram sobre Circle Park como balões de fogo. Relâmpagos dançaram em torno das torres do Salão das Guildas. O rugido aumentou e aumentou, cada

vez mais alto. Até mesmo com as mãos apertadas sobre os ouvidos, Katherine sentiu que não podia suportar mais um momento. Então, bem subitamente, veio um fluxo de explosão de energia incandescente da pele de cobra e se esticou para o norte, um chicote de nove pontas se lançando para acertar o topo de Panzerstadt-Bayreuth. A noite se separou e foi correndo para se esconder nos cantos do céu. Por um segundo, Katherine viu os níveis da distante conurbação delineados no fogo, e então se foram. Um pulso de brilho se levantou da terra, ofuscante em branco, depois em vermelho, um pilar de fogo apressando-se em silêncio para o céu, e através da neve flamejante, a onda sonora veio rolando, uma explosão baixa e prolongada como se uma grande porta tivesse se fechado em algum lugar nas profundezas da terra.

O raio se interrompeu, mergulhando Circle Park em escuridão repentina, e no silêncio ela ouviu Cão uivar loucamente dentro da casa.

— Grande Quirke! — Pomeroy falou baixinho. — Todas aquelas pobres pessoas…!

— Não! — Katherine se ouviu dizer. — Oh, não, não, não! — Ela começou a atravessar o jardim, olhando para a nuvem de relâmpagos que enrolava os destroços da conurbação. De Circle Park e todas as plataformas de observação vieram o som de vozes sem palavras, e ela pensou, a princípio, que estavam chorando de horror, como ela queria que fosse, mas não, estavam celebrando e celebrando.

PARTE 2



24

UM AGENTE DA LIGA

A ESTRANHA LUZ NO NORTE HAVIA DESAPARECIDO E O LONGO TROVÃO HAVIA PASSADO, ECOANDO E reverberando nas paredes do velho vulcão. Dominando seus cavalos em pânico, os homens da Ilha Negra vieram ao longo das margens do pântano em meio a um tambor de cascos galopantes e o som de seda rasgada de tochas sopradas pelo vento.

Tom levantou as mãos e gritou:

— Somos amigos! Não piratas! Viajantes! De Londres! — Mas os cavaleiros não queriam ouvir, até mesmo os poucos que entendiam.

Estavam caçando sobreviventes do subúrbio naufragado o dia todo, tinham visto o que os piratas de Peavey haviam feito nas aldeias de pescadores ao longo da costa ocidental, e agora gritavam um ao outro em sua própria língua e galopavam mais perto, levantando arcos. Uma flecha com plumas cinzas cravou-se no chão diante dos pés de Tom, fazendo-o tropeçar para trás.

— Somos amigos! — ele gritou de novo.

O homem liderando puxou a espada, mas outro cavaleiro espiou na frente, gritando algo na língua da Ilha, depois em anglês:

— Eu os quero vivos!

Era Anna Fang. Ela freou o cavalo, saltou da sela e correu em direção a Tom e Hester, o casaco batendo contra a luz do fogo como uma bandeira vermelha. Ela usava uma espada com uma longa bainha nas costas, e em seu peito Tom viu um emblema de bronze na forma de uma roda quebrada: o símbolo da Liga Antitração.

— Tom! Hester! — Ela os abraçou um a um, sorrindo seu sorriso mais doce. — Eu pensei que estivessem mortos! Mandei Lindstrom e Yasmina procurarem vocês, na manhã seguinte à luta em Airhaven. Eles encontraram seu balão destruído naqueles horríveis pântanos e disseram que deviam estar mortos. Eu queria procurar por seus pobres corpos, mas *Jenny* estava danificada, e eu estava tão ocupada ajudando a guiar a cidade até o pátio de reparos aqui… Mas fizemos orações por você, e sacrifícios funerários aos deuses do céu. Você acha que poderíamos pedir-lhes um reembolso?

Tom ficou quieto. Seu peito doía de forma que ele mal podia respirar, muito menos falar. De qualquer forma, o emblema do casaco da aviadora lhe disse que as histórias de Peavey eram verdadeiras: ela era uma agente da Liga. Ele não estava mais atraído por sua bondade e risada tilintante.

Ela gritou algo sobre o ombro para os cavaleiros que esperavam, e um casal pulou de seus pôneis e os conduziu para a frente, olhando maravilhados para o cadáver de Shrike.

— Tenho que deixá-los por um tempo — explicou ela. — Vou levar *Jenny* a norte para ver o que é essa coisa demoníaca que iluminou o céu. Os ilhéus cuidarão de vocês. Sabem cavalgar?

Tom nunca tinha sequer visto um cavalo antes, foi colocado sozinho sentado em um, mas estava tão aturdido com dor e choque que não conseguia protestar enquanto o levaram para a sela de um pônei peludo e começaram a dirigi-lo colina abaixo. Ele olhou de volta para Hester e viu ela franzindo o cenho para ele, arqueada na sela de um segundo pônei. Então o grupo de cavaleiros se fechou sobre ela, e ele a perdeu de vista nas ruas estreitas e lotadas da cidade hospedagem de caravanas, onde famílias inteiras ficavam de fora de suas casas para contemplar o céu do norte, e poeira e lixo giravam

entre os prédios enquanto Airhaven mergulhava acima, testando os rotores um por um.

Havia uma pequena casa de pedra onde alguém achou um assento para ele, e um homem com roupões pretos e um grande turbante branco examinava seu peito ferido.

— Quebradas! — disse alegremente. — Sou Ibrahim Nazghul, médico. Quatro de suas costelas estão bastante esmagadas!

Tom assentiu, em vertigem com a dor e o choque, mas começando a sentir-se com sorte de estar vivo, e feliz que estas pessoas não eram os antitracionistas selvagens que estava esperando. Dr. Nazghul enrolou curativos ao redor do peito dele, e a esposa do doutor trouxe uma tigela fumegante de caldo de carneiro e ajudou Tom a comer, colocando a colher em sua boca. Luzes de lanternas iluminavam os cantos da sala e, na entrada, os filhos do médico estavam olhando para Tom com grandes olhos escuros.

— Você é um herói! — explicou o doutor. — Dizem que enfrentou um gênio de ferro que poderia ter matado a nós todos.

Tom piscou sonolento. Quase esqueceu a pequena batalha miserável na beira do pântano: os detalhes estavam desaparecendo rapidamente, como um sonho. *Eu matei Shrike*, pensou. *Certo. Ele já estava morto, tecnicamente, mas ainda era uma pessoa. Ele tinha esperanças, planos e sonhos, e coloquei um fim em todos.* Ele não se sentia como um herói, sentia-se como um assassino, e sentiu culpa e vergonha manchando seus sonhos no tempo em que a cabeça caiu sobre a tigela de guisado enquanto pegava no sono.

Então ele estava em outro aposento, em uma cama, havia um céu azul e branco agitado além da janela e um pedaço de luz solar indo e vindo na parede rústica.

— Como está se sentindo, matador de Stalker? — perguntou uma voz. Srta. Fang ficou sobre ele, observando-o com o gentil sorriso de um anjo em uma foto antiga.

Tom respondeu:

— Tudo dói.

— Bem o bastante para viajar? *Jenny Haniver* está esperando, e eu gostaria de estar longe antes do pôr do sol. Você pode comer quando estivermos no ar; fiz sapo no buraco, com sapo de verdade.

— Onde está Hester? — perguntou Tom, grogue.

— Oh, ela vem também.

Ele se sentou, estremecendo pela dor aguda no peito e a lembrança de tudo o que aconteceu.

— Não vou a lugar nenhum com *você* — disse ele.

A aviadora riu como se pensasse que ele estava brincando, então percebeu que não e se sentou na cama, parecendo preocupada.

— Tom? Eu fiz algo que o magoou?

— Você trabalha para a Liga! — ele disse com raiva. — É uma espiã, não é melhor que Valentine! Só nos ajudou porque esperava que disséssemos coisas sobre Londres!

O sorriso da srta. Fang desapareceu por completo.

— Tom — disse ela gentilmente —, eu os ajudei porque gostei de vocês. E se você tivesse visto sua família ser escravizada até a morte a bordo de uma cidade implacável, acha que não teria decidido ajudar a Liga em sua luta contra o Darwinismo Municipal?

Ela estendeu a mão para afastar o cabelo despenteado da testa dele, e Tom lembrou-se de algo que ele havia esquecido, quando era pequeno e estava muito doente e sua mãe se sentou assim. Mas o distintivo da Liga ainda estava no peito da srta. Fang, e a ferida da traição de Valentine ainda estava aberta: não se deixaria enganar novamente por sorrisos e gentileza.

— Você mata pessoas! — disse ele, afastando a mão dela. — Você afundou Marselha…

— Se não tivesse feito isso, teriam atacado Ilhas Centena, matando ou escravizando centenas de pessoas a mais do que eu afundei com minha bomba.

— E você estrangulou a… Soberana de Sei-lá-onde!

— A Sultana de Palau Pinang? — O sorriso veio piscando de volta. — Não a estrangulei! Que insinuação terrível! Apenas quebrei seu pescoço. Ela deixava cidades anfíbias e navegantes reabastecerem na ilha dela, então tinha que ser deposta.

Tom não achou que fosse algo para sorrir. Ele se lembrou dos homens de Wreyland caindo nas sombras do cais aéreo em Stayns, e a srta. Fang contando que estavam apenas inconscientes.

— Eu posso não ser melhor que Valentine — ela prosseguiu —, mas ainda há uma diferença. Valentine tentou matá-lo, e eu quero mantê-lo vivo. Então,

virá comigo?

— Para onde? — perguntou Tom, suspeitando dela.

— Para Shan Guo — respondeu ela. — Estou disposta a apostar que o que iluminou o céu na noite passada teve algo a ver com o que Valentine tirou da mãe de Hester. E descobri que Londres está indo direto para a Muralha-Escudo.

Tom ficou espantado. O Lorde Prefeito poderia mesmo encontrar uma brecha nas fronteiras da Liga? Se sim, era a melhor notícia em anos! Mas ir para Shan Guo, o coração da Liga Antitração, era o último lugar em que um londrino decente deveria ir.

— Não vou fazer nada para ajudá-la a prejudicar Londres — afirmou. — Ainda é a minha casa.

— Claro — respondeu ela. — Mas se a Muralha está prestes a ser atacada, não acha que as pessoas que vivem por trás disso merecem uma chance de fugir? Eu vou avisá-los do perigo, e quero que Hester venha comigo e conte seu lado da história. E Hester só vai se você vier também.

Tom riu e descobriu que isso doía.

— Eu acho que não! — ele exclamou. — Hester me odeia!

— Bobagem — riu a srta. Fang. — Ela gosta muito de você. Ela não passou metade da noite me dizendo o quão gentil você tem sido, e quão maravilhosamente corajoso foi ao matar aquele homem-máquina?

— Passou? — Tom corou, sentindo-se subitamente orgulhoso. Ele achava que nunca se acostumaria com Shaw e seus humores sempre mudando. No entanto, ela era a coisa mais próxima que tinha de uma amiga neste mundo enorme e confuso, e ainda se lembrava de como ela havia implorado a Shrike pela vida dele. Onde quer que ela fosse, ele tinha de ir também: até mesmo no coração selvagem da Liga; até mesmo para Shan Guo. — Certo. Eu vou.



25

OS HISTORIADORES

ESTÁ CHOVENDO EM LONDRES, CHUVA CONSTANTE DO CÉU BAIXO E MACHUCADO, CHOVE O SUFICIENTE PARA lavar a neve e bater a lama abaixo das esteiras da cidade em uma pasta amarela espessa, mas não para apagar os incêndios em Panzerstadt-Bayreuth, que ainda brilham como uma pira de Titã a noroeste.

Magnus Crome fica no telhado varrido pelo vento do Engineerium e assiste a fumaça que sobe. Um aprendiz segura um guarda-chuva sobre ele e, atrás dele, esperam seis figuras altas e imóveis, vestidas com versões pretas dos casacos de borracha da Guilda. Os terroristas que invadiram o Engineerium noite passada ainda não foram pegos, e a segurança está sendo fortalecida — de agora em diante, o Lorde Prefeito não vai a lugar nenhum sem seus novos guarda-costas: o primeiro lote dos Stalkers da dra. Twix.

Uma nave observadora da Guilda oscila acima e toca para baixo. Dr. Vambrace, o chefe de segurança dos engenheiros, sai e vem apressado para

onde o Lorde Prefeito espera, o casaco de borracha batendo forte no vento.

— Bem, doutor? — Crome pergunta ansiosamente. — O que viu? Conseguiu pousar?

Vambrace balança a cabeça.

— Os incêndios ainda estão queimando sobre os escombros. Mas nós rodeamos tão baixo quanto possível e tiramos fotografias. Os níveis mais altos derreteram e caíram sobre os mais baixos, e parece que todas as caldeiras e depósitos de combustível explodiram no primeiro toque de nosso feixe de energia.

Crome assentiu.

— Houve sobreviventes?

— Há poucos sinais de vida, entre os níveis, mas fora isso… — Os olhos do segurança se arregalam por trás dos grossos óculos, parecendo um par de águas-vivas em um aquário. Seu departamento está sempre interessado em encontrar maneiras novas e inventivas de matar pessoas, e ainda se sente animado quando pensa nas formas secas e carbonizadas espalhadas nas ruas e praças de Panzerstadt-Bayreuth, muitas ainda de pé, petrificadas em estátuas de carvão pelo olhar de MEDUSA.

— Você pretende voltar e devorar os destroços, Lorde Prefeito? — pergunta depois de um momento. — Os incêndios vão queimar tudo em um dia ou dois.

— Absolutamente não — disparou Crome. — Temos que prosseguir em direção a Muralha-Escudo.

— As pessoas não vão gostar — alerta Vambrace. — Eles tiveram sua vitória, agora querem os espólios. A sucata de metal e partes sobressalentes daquela conurbação…

— Eu não trouxe Londres até aqui por sucatas de metal e partes sobressalentes — Crome interrompe. Ele está no corrimão no rebordo do telhado e olha para o leste. Já pode ver as cúpulas brancas das altas montanhas no horizonte, como uma fileira de dentes perolados. — Temos de prosseguir. Mais alguns dias e chegaremos à Muralha-Escudo. Anunciei um feriado público, e uma festa no Salão das Guildas para marcar o grande evento. Pense nisso, Vambrace! Todo um novo campo de caça!

— Mas a Liga sabe que estamos chegando agora — continua a alertar Vambrace. — Eles vão tentar nos deter.

Os olhos de Crome estão brilhantes e frios, olhando para o futuro. Ele diz:

— Valentine tem suas ordens. Ele vai lidar com a Liga.



E então, Londres continuava se movendo, arrastando-se para o leste à medida que a fumaça da conurbação morta se elevava no céu atrás, e Katherine caminhou até as estações de elevador através dos destroços molhados das celebrações de ontem à noite. Lanternas chinesas quebradas andavam pelas placas de convés trêmulas, e homens no uniforme vermelho do Departamento de Reciclagem circulavam com latas de lixo com rodinhas, reunindo chapéus de festa abandonados e faixas encharcadas cujas mensagens ainda podiam ser lidas com dificuldade: *Nós* ♥ *Magnus Crome* e *Vida longa a Londres*. Cão brincava de perseguir um fiapo de papel, mas Katherine ordenou que viesse para perto. Não era hora de brincadeiras.

Pelo menos no Museu não havia faixas ou papéis. A Guilda dos Historiadores nunca foi tão rápida quanto o resto de Londres para aceitar novas invenções dos engenheiros, e eles não fizeram nenhuma exceção para MEDUSA. Nas sombras empoeiradas das galerias de exposições, havia um silêncio decente, como convinha à manhã após a morte de uma cidade inteira. Os sons das ruas do exterior pareciam abafados, como se as cortinas de tempo grossas e suaves escorressem no ar fraco entre as vitrines de exibições. A tranquilidade ajudou Katherine a organizar seus pensamentos, e quando ela chegou no escritório de Chudleigh Pomeroy estava bem ciente do que tinha a dizer.

Ela ainda não tinha contado ao sr. Pomeroy que tinha descoberto no Engineerium, mas ele tinha visto o quão nervosa ela estava quando a deixou na Casa Clio na noite anterior. Ele não pareceu surpreso ao encontrar Katherine e Cão na porta dele.

— Sr. Pomeroy — ela sussurrou —, eu tenho que falar com você. Bevis está aqui? Ele está bem?

— Claro — disse ele de uma vez. — Venha!

Bevis Pod estava esperando por ela no pequeno escritório com painéis de teca, vestido em trajes emprestados de historiadores, o crânio pálido parecendo tão frágil como uma casca de ovo no escuro brilho amarelo das

lâmpadas do Museu. Ela queria correr até ele, segurá-lo, pedir desculpas pelo que o tinha levado a fazer, mas cerca de uma dúzia de historiadores estavam em torno dele, alguns empoleirados nos braços das cadeiras e nos cantos da mesa de Pomeroy. Todos olharam culposamente para Katherine, e ela olhou para eles e sentiu um súbito e horrível medo de que Pomeroy a tivesse traído.

— Não se preocupe — disse Pomeroy gentilmente. — Se Pod será um convidado do Museu, pensei que meus colegas historiadores deveriam ser apresentados. Nenhum de nós é amigo do Lorde Prefeito. Concordamos que o aprendiz Pod pode ficar pelo tempo que for necessário.

Os historiadores abriram um espaço para que ela se sentasse ao lado de Bevis.

— Você está bem? — perguntou a ele, e ficou aliviada quando o rapaz conseguiu dar um sorriso nervoso.

— Nada mal — ele sussurrou. — É estranho. Toda essa madeira em todos os lugares e coisas antigas. Mas os historiadores são muito gentis…

Katherine olhou ao redor da sala para eles. Ela conhecia muitos de vista, dr. Arkengarth, dra. Karuna, professor Pewtertide, a jovem srta. Potts, Norman Nancarrow de Impressões e Pinturas e srta. Plym, que estava fungando em seu lenço.

— Nós estamos falando sobre a destruição de Panzerstadt-Bayreuth — disse Pomeroy, segurando uma xícara de chocolate quente nas mãos. — Sobre esse terrível dispositivo MEDUSA.

— Todo mundo parece pensar que é maravilhoso — disse Katherine, amarga. — Pude ouvi-los rir e gritar "Bom e velho Crome" durante metade da noite. Eu sei que estão aliviados de não temos sido comidos, mas… Bem, não acho que explodir outra cidade é algo para se celebrar.

— É um desastre! — concordou o velho dr. Arkengarth, torcendo as mãos ossudas. — As vibrações daquela máquina vil criaram estragos nas minhas cerâmicas!

— Oh, coitadas das suas cerâmicas, Arkengarth — brigou Pomeroy, que conseguia ver o quão chateada Katherine estava. — E quanto a Panzerstadt-Bayreuth? Queimou até as cinzas!

— É isso que vem da obsessão dos engenheiros com tecnologia antiga! — disse o professor Pewtertide. — Inúmeros séculos de história para aprender, e tudo o que os interessa são algumas máquinas antigas!

— E o que os antigos alcançaram com seus dispositivos? — reclamou Arkengarth. — Eles apenas fizeram uma confusão horrível de seu mundo e então se explodiram!

Os outros concordaram com tristeza.

— Havia um grande museu em Panzerstadt-Bayreuth — disse a dra. Karuna.

— Eu acredito que tinham algumas pinturas maravilhosas — concordou Nancarrow.

— Exemplos únicos de ma-ma-marcenaria do século XXX! — gaguejou a srta. Plym, debulhando-se em lágrimas no ombro ossudo de Arkengarth.

— Desculpe a pobre Moira, Katherine — sussurrou Pomeroy. — Teve uma notícia terrível de manhã. Crome ordenou que a coleção de móveis seja quebrada para alimentar os fornos. É a escassez de combustível, sabe? Resultado dessa viagem louca para o leste.

Katherine não se importava com mobília ou cerâmicas naquele momento, mas se sentiu feliz por não ser a única em Londres intimidada pelo que o Lorde Prefeito tinha soltado. Deu uma inspirada profunda, depois explicou rapidamente o que ela e Bevis tinham ouvido no Engineerium, sobre MEDUSA e sobre o próximo passo no grande plano de Crome: o ataque à Muralha-Escudo.

— Mas isso é terrível! — sussurraram quando ela terminou.

— Shan Guo é uma cultura grande e antiga, com ou sem Liga Antitração. Batmunkh Gompa não pode ser explodida…!

— Pensem em todos aqueles templos!

— Cerâmicas!

— Rodas de oração…

— Pinturas em seda…

— Mo-mo-mobiliário!

— Pensem nas *pessoas*! — exclamou Katherine, com raiva. — Temos que fazer alguma coisa!

— Sim! Sim! — concordaram, e então todos olharam timidamente para ela. Após vinte anos de controle de Crome, não tinham ideia de como encarar a Guilda dos Engenheiros.

— Mas o que nós *podemos* fazer? — perguntou Pomeroy por fim.

— Contar às pessoas o que está acontecendo! — instou Katherine. — Você é o historiador-chefe em exercício. Chame uma reunião do conselho! Faça com que vejam o quão errado é isso!

Pomeroy balançou a cabeça.

— Eles não vão escutar, srta. Valentine. Você os ouviu celebrando na noite passada.

— Só porque Panzerstadt-Bayreuth estava vindo nos comer! Assim que souberem que Crome planeja virar a arma para outra cidade…

— Eles só vão celebrar ainda mais alto — suspirou Pomeroy.

— Ele tem lotado as outras Guildas com aliados — observou a dra. Karuna. — Todos os velhos grandes homens das Guildas se foram; mortos, aposentados ou presos por suas ordens. Até mesmo os nossos próprios aprendizes estão tão obcecados com tecnologia antiga como os engenheiros, especialmente desde que Crome impingiu seu homem Valentine para nós como historiador-chefe… Oh, não quero ofendê-la, srta. Katherine…

— Meu pai não é pau-mandado de Crome — negou Katherine com raiva. — Tenho certeza! Se ele soubesse o que Crome estava planejando, nunca o teria ajudado. Foi provavelmente por isso que eles o enviaram nessa missão de reconhecimento, para tirá-lo do caminho. Quando chegar em casa e descobrir, fará algo para detê-lo. Vocês vão ver, foi ele quem encontrou a MEDUSA em primeiro lugar. Ele ficaria horrorizado ao pensar que isso matou todas aquelas pessoas. Vai querer consertar tudo, tenho certeza!

Ela falou tão apaixonadamente que alguns dos historiadores acreditaram, mesmo os que gostavam da dra. Karuna, aprovada para a promoção quando Crome colocou Valentine no comando da Guilda. Já Bevis Pod a observou com olhos brilhantes, cheios de um sentimento que sequer podia nomear, algo sobre o qual nunca lhe ensinaram nos Laboratórios de Aprendizado. Isso fez seu corpo inteiro tremer.

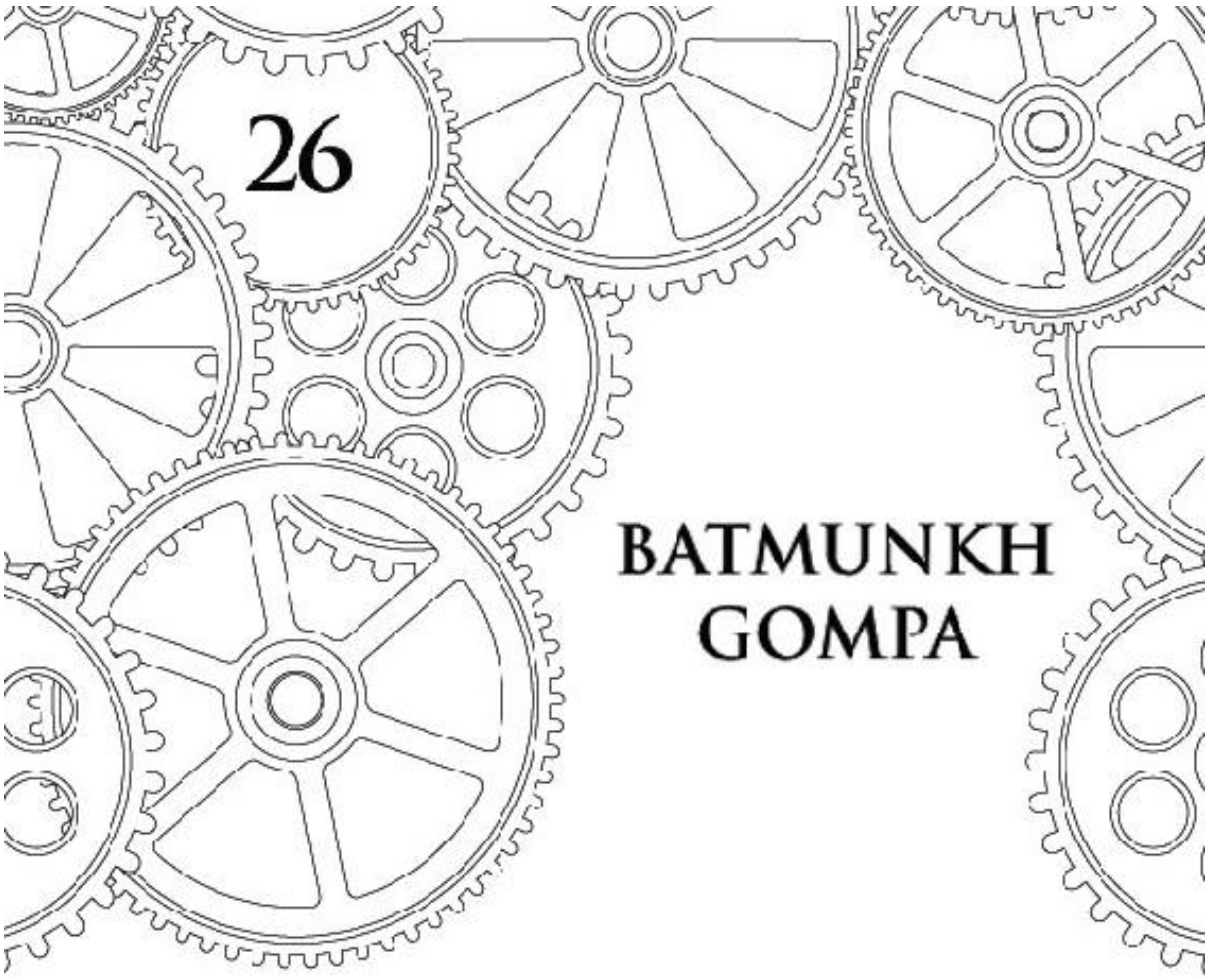
Pomeroy foi o primeiro a falar:

— Espero que esteja certa, srta. Valentine. Porque ele é o único homem que podemos esperar que enfrente o Lorde Prefeito. Devemos esperar por seu retorno.

— Mas…

— Entretanto, concordamos em manter o sr. Pod seguro, aqui no Museu. Ele pode dormir na antiga Galeria de Transportes e ajudar o dr. Nancarrow a catalogar a coleção de arte, e se os engenheiros vierem atrás dele, vamos

encontrar um lugar para escondê-lo. Não chega a ser um golpe contra Crome, eu sei. Mas, por favor, entenda, Katherine, somos velhos assustados, e não há nada mais que possamos fazer.



26

BATMUNKH GOMPA

O MUNDO ESTAVA MUDANDO. ISSO NÃO ERA NADA NOVO, É CLARO; A PRIMEIRA COISA QUE UM HISTORIADOR aprendiz sabia era que o mundo estava sempre mudando, mas agora estava tão rápido que podia realmente ver isso acontecendo. Olhando para baixo do convés de voo de *Jenny Haniver*, Tom observou as amplas planícies do Campo de Caça oriental salpicadas com cidades corredoras, fugindo em disparada do que quer que tivesse marcado o céu do norte, o mais rápido que suas rodas ou esteiras permitissem, muito preocupadas para tentarem pegar umas às outras.

— MEDUSA. — Ele ouviu a srta. Fang sussurrar consigo mesma, olhando fixamente para a fumaça distante e cheia de chamas.

— O que *é* uma MEDUSA? — perguntou Hester. — Você sabe de alguma coisa, não é? Pelo que minha mãe e meu pai foram mortos?

— Temo que não — a aviadora respondeu. — Gostaria de saber. Mas ouvi o nome uma vez. Seis anos atrás, outro agente da Liga conseguiu entrar em

Londres, disfarçado de tripulante em uma aeronave licenciada. Ouviu algo que deve tê-lo intrigado, mas nunca descobrimos o que era. A Liga recebeu apenas uma mensagem dele, apenas duas palavras: *Cuidado MEDUSA*. Os engenheiros o pegaram e o mataram.

— Como você sabe? — perguntou Tom.

— Porque nos mandaram a cabeça dele de volta — respondeu a srta. Fang. — Foi o nosso pagamento.

Naquela noite, ela pousou *Jenny Haniver* em uma das cidades em fuga, uma respeitável de quatro conveses chamada Peripatetiapolis que estava se dirigindo para o sul, para um covil nas montanhas além do Mar de Khazak. No cais aéreo de lá, ouviram mais notícias sobre o que tinha acontecido com Panzerstadt-Bayreuth.

— Eu vi! — contou um aviador. — Estava a mais de uma centena de quilômetros, mas ainda pude ver. Uma língua de fogo, saindo do nível elevado de Londres e levando morte a tudo o que tocava!

— Londres desenterrou algo da Guerra dos Sessenta Minutos — um arqueólogo freelancer contou. — O velho Império Americano estava bem insano perto do fim. Ouvi histórias sobre armas terríveis: raios de energia quântica que tiram sua força de lugares fora do universo real…

— Quem se atreverá a desafiá-los agora, quando Magnus Crome tem o poder de queimar qualquer cidade que o desobedecer? — perguntou um mercador peripatetiapolitano em pânico. — "Venham até aqui e nos deixem comê-los", Londres vai nos dizer, e teremos que ir. É o fim da civilização como conhecemos! De novo!

Mas uma coisa boa havia saído disso: as pessoas de Peripatetiapolis ficaram bastante satisfeitas em aceitar o dinheiro londrino de Tom. Por um impulso, comprou um xale de seda vermelha para substituir o cachecol que Hester perdeu naquela noite há muito tempo quando ele a perseguiu pelas Entranhas.

— Para *mim*? — ela disse com incredulidade. Ela não conseguia se lembrar de alguém algum dia ter lhe dado um presente. Ela não falou muito com ele desde que deixaram a Ilha Negra, envergonhada de sua explosão na noite anterior, mas então disse: — Obrigada. E suponho que deveria agradecer por ter salvado minha vida também. Embora eu não saiba por que continua se incomodando.

— Eu sabia que não queria mesmo acabar como uma Stalker — Tom contou a ela.

— Oh, eu queria. Isso tornaria as coisas muito mais fáceis. Mas você fez a coisa certa. — Ela desviou o olhar dele, envergonhada, olhando para o xale nas mãos. — Eu tento ser legal. Ninguém nunca fez com que eu me sentisse *querida* antes, do jeito que você faz. Então tento ser amável e sorridente, como quer que eu seja, mas vejo meu reflexo ou penso *nele* e tudo dá errado, só consigo pensar em coisas terríveis, gritar com você e machucá-lo. Sinto muito.

— Tá tudo bem — disse Tom, desconfortável. — Eu sei. Tudo bem. — Ele pegou o xale e amarrou-o cuidadosamente ao redor do pescoço dela, mas, como ele esperava, ela o puxou imediatamente para esconder a boca e o nariz. Ele se sentiu estranhamente triste: tinha se acostumado com aquele rosto, sentiria falta dos sorrisos tortos.

Eles prosseguiram antes do alvorecer, cruzando uma série de colinas íngremes como papel pardo amassado. O dia todo subiram e subiram, e Tom logo percebeu que estavam deixando de vez o Campo de Caça. Ao anoitecer, *Jenny Haniver* estava sobrevoando paisagens muito acidentadas para a maioria das cidades viajarem. Ele viu densas florestas de pinho e rododendro, com pequenas vilas estáticas de vez em quando metidas em sua enseada de terras agrícolas, e uma vez viram um assentamento empoleirado no topo de uma montanha com estradas que se aproximavam dele como raios de uma roda; estradas de verdade com carros movendo-se para cima e para baixo e um alvoroço brilhante de bandeiras de oração nas intersecções. Ele observou até que estivessem fora da vista. Ele tinha ouvido falar de estradas em suas lições de história, mas nunca pensou que *veria* uma.

No dia seguinte, Anna Fang entregou bolas de pasta avermelhada aos passageiros.

— Pó de noz-de-bétele misturado com algumas folhas secas de Nuevo Maia. Eles ajudam nessas altitudes elevadas. Mas não ganhem o hábito de mastigar isso, ou seus dentes vão ficar vermelhos como os meus. — A pasta arenosa fez a boca de Tom formigar, mas curou a fraca sensação de náusea e tonturas crescendo nele desde que o dirigível começou a subir cada vez mais alto, e também ajudou a entorpecer a dor nas costelas quebradas.

Naquele momento, a pequena sombra de *Jenny* estava cintilando em altos cumes cobertos de neve, e à frente, cumes ainda mais altos, torres brancas que

pendiam como uma miragem acima das nuvens. Além deles, elevava-se um ainda maior, e depois outro, ainda mais alto. Tom apertou os olhos, olhando para o sul com a esperança de que pudesse vislumbrar o velho Chomolungma, o Everest dos antigos, mas as tempestades estavam se formando no alto Himalaia envolto em nuvens.

Eles voaram por três dias através de um mundo preto e branco de neve e geleiras e a pura rocha escura de montanhas jovens, com Tom e Hester às vezes precisando assumir os controles enquanto Anna Fang tirava sonecas rápidas no assento atrás, com medo de deixar o convés de voo. E ainda subiram, até que finalmente estavam passando por cima dos contrafortes inferiores da grande Zhan Shan, a mais alta das novas montanhas, cuja coroa coberta de neve subia para o frio interminável acima do céu. Depois disso, os picos eram mais baixos, brancos e adoráveis, com às vezes um vale verdejante no meio, onde gigantescos rebanhos de animais se espalhavam e fugiam ao som dos motores do dirigível. Eram as Montanhas do Paraíso, e eles seguiram para o norte e para o leste, e desceram ao longe para as estepes, taigas e o brilho de pântanos intransponíveis.

— Esta é a Shan Guo dos muitos cavalos — Anna Fang contou a Tom e Hester. — Eu esperava me aposentar aqui, quando meu trabalho para a Liga tivesse acabado. Agora, suponho que tudo pode ser comido por Londres; nossa fortaleza explodida pela MEDUSA e nossos assentamentos devorados, as colinas verdes abertas para que abram mão de seus minerais, os cavalos extintos, assim como o resto do mundo.

Tom não achava que era uma ideia tão ruim, porque era natural que as Cidades de Tração eventualmente se espalhassem por todo o globo. Mas não conseguia evitar de gostar da srta. Fang, mesmo que ela fosse uma espiã e uma antitracionista, e para confortá-la, ele disse:

— Não importa o quão poderosa seja MEDUSA, levará anos para que Londres passe através dessas grandes montanhas frondosas.

— Não vai precisar — ela respondeu. — Veja.

Ele olhou para onde ela apontava e viu uma pausa na cadeia de montanhas à frente, uma ampla passagem pela qual uma cidade poderia se arrastar — exceto que se estendendo através dela, tão grande que parecia à primeira vista apenas mais um pico das montanhas, estava a Muralha-Escudo.

Era como uma muralha da noite, preta, azeviche, construída a partir de enormes blocos de pedra vulcânica, armada com as placas enferrujadas de

conveses de cidades que ousaram desafiá-la e foram destruídas pelas centenas de baterias de foguetes na sua face ocidental. Na cimeira coberta de neve, mil e duzentos metros de altura em relação ao terreno do vale, a bandeira da roda quebrada batendo contra o vento e a luz do sol brilhava em destacamentos armados e reforçados e nos capacetes de aço dos soldados da Liga.

— Se ao menos fosse tão forte quanto parece — suspirou a aviadora, descendo *Jenny Haniver* em direção a uma longa curva extensa.

Uma pequena máquina voadora, pouco mais do que uma pipa motorizada, veio subindo para encontrá-los, e ela manteve uma rápida conversa com o piloto. O veículo circundou *Jenny* uma vez e depois avançou, guiando os recém-chegados ao topo da Muralha-Escudo. Tom olhou para as largas ameias e os rostos dos soldados olhando para cima: rostos amarelos, marrons, negros, brancos, de todas as partes do mundo onde cidades estáticas bárbaras ainda se mantinham contra o Darwinismo Municipal. Daí sumiram. *Jenny* estava descendo pelo lado oriental protegido da Muralha, e ele viu que era uma cidade vertical com centenas de terraços, varandas e janelas esculpidos na rocha negra, nível sobre nível de lojas, casernas e casas com balões e pipas de cores vivas que se deslocam para cima e para baixo como pétalas.

— Batmunkh Gompa — anunciou a srta. Fang. — A Cidade da Força Eterna. Embora as pessoas que a chamem assim nunca tenham ouvido falar de MEDUSA, é claro.

Era linda. Tom, que sempre fora ensinado que os assentamentos estáticos eram sombrios, miseráveis e atrasados, foi até a janela e encarou, e Hester veio e pressionou o rosto contra o vidro ao lado, segura atrás de seu véu e quase de uma maneira muito feminina.

— Oh! É como os penhascos na Ilha do Carvalho, onde os pássaros marinhos se aninham! — gritou ela. — Veja! Veja! — Perto da base da Muralha, um lago brilhava azul celeste, salpicado com as velas dos barcos de recreação. — Tom, nós vamos nadar, eu ensino…

Jenny Haniver pousou dentre outras naves mercantes em um terraço de amarração a meio caminho da Muralha, e srta. Fang levou Tom e Hester a um balão de espera que os levaria para cima de novo, passando por parques e lojas de chá até o palácio do governador, o monastério antigo de onde Batmunkh Gompa pegou seu nome, branqueado e cheio de janelas, esculpido no lado

íngreme da montanha da Muralha. Outros balões estavam convergindo para o convés de desembarque abaixo dos jardins do palácio, os envelopes brilhando no raio de sol da montanha, e em uma das cestas penduradas, Tom viu o capitão Khora acenando.

Eles se encontraram no convés de desembarque, o jovem aviador aterrisando um pouco antes e correndo para abraçar a srta. Fang e para ajudar os amigos dela a saírem da gôndola vacilante. Ele havia ido voando para lá de Airhaven na manhã seguinte ao ataque de Shrike, e parecia impressionado e feliz por ver Tom e Hester vivos. Ele se dirigiu à aviadora:

— O governador e seus oficiais estão ansiosos pelo seu relatório, Feng Hua. Rumores terríveis chegaram de Londres…

Foi bom encontrar um rosto amigável naquela estranha cidade nova, e Tom começou a acompanhar o ritmo e andar ao lado de Khora enquanto ele conduzia os recém-chegados até a longa escada da entrada do palácio. Ele se lembrou de ter visto um asseado Achebe 2100 ancorado em uma das plataformas mais baixas e perguntou:

— Era a sua máquina que vimos no local de amarração, aquele com estabilizadores de couro?

Khora riu com alegria.

— Aquela velha vela aérea? Não, graças aos deuses! Meu *Mokele Mbembe* é um dirigível de guerra, Tom. Todo aliado da Liga fornece uma nave para a Frota Aérea do Norte, e estão estacionadas juntas, aqui em cima. — Ele parou e apontou, e Tom viu o brilho das portas de bronze muito perto da cimeira da Muralha. — Os Ninhos Altos.

— Nós vamos levá-lo lá um dia, Tom — prometeu a srta. Fang, guiando-os para além dos monges guerreiros que vigiavam a porta e por um labirinto de corredores frios de pedra. — Os grandes Destruidores Aéreos da Liga são uma das maravilhas dos céus! Mas primeiro o governador Khan deve ouvir a história de Hester.

O governador Ermene Khan era um velho amável com a expressão séria e triste de uma ovelha gentil. Ele os recebeu em seus aposentos privados e deu-

lhes chá e bolos de mel em uma sala cujas janelas redondas davam para o lago de Batmunkh Nor, reluzindo entre os retalhos de fazendas bem abaixo. Por mil anos, sua família tinha ajudado a popular a Muralha-Escudo, e ele parecia atordoado com a notícia de que todas as suas armas e foguetes eram repentinamente inúteis.

— Nenhuma cidade consegue passar por Batmunkh Gompa —ficava dizendo, quando a sala se encheu de oficiais ansiosos para ouvir o conselho da aviadora. — Minha querida Feng Hua, se Londres se atrever a se aproximar de nós, vamos destruí-la. Logo que chegar ao alcance… *boom!*

— Mas isso é o que estou tentando lhe dizer! — gritou a srta. Fang, impaciente. — Londres não precisa chegar ao alcance das suas armas. Crome vai estacionar a cidade a mais de uma centena de quilômetros de distância e queimar sua preciosa Muralha! Vocês ouviram a história de Hester. Eu acredito que a máquina que Valentine roubou da mãe dela era um fragmento de uma arma antiga… e o que aconteceu a Panzerstadt-Bayreuth prova que a Guilda dos Engenheiros conseguiu restaurá-la para que volte a funcionar.

— Sim, sim — disse um oficial de artilharia — como você diz. Mas podemos realmente acreditar que o Crome encontrou uma maneira de reativar algo que estava enterrado desde a Guerra dos Sessenta Minutos? Talvez Panzerstadt-Bayreuth tenha sido destruída por um acidente estranho.

— Sim! — o governador Khan agarrou a ideia com gratidão. — Um meteorito, ou algum tipo de vazamento de gás… — Ele acariciou a longa barba, lembrando a Tom de um dos antigos historiadores lá do Museu de Londres. — Talvez a cidade de Crome sequer venha até aqui… Talvez tenha outras presas em mente?

Mas os outros oficiais estavam mais inclinados a acreditar no relatório da Flor do Vento.

— Ele está vindo para cá, sim — disse uma delas, uma aviadora de Kerala, não muito mais velha que Tom. — Eu levei uma nave batedora a oeste anteontem, Feng Hua — explicou ela, com uma expressão de adoração para a srta. Fang. — A cidade bárbara está a menos de oitocentos quilômetros de distância, e se aproximando rapidamente. Amanhã à noite, MEDUSA pode estar no alcance.

— E há sinais de um dirigível preto nas montanhas — apontou o capitão Khora. — As naves enviadas para interceptar nunca retornaram. Meu palpite é

que seja o *Elevador do 13º Andar* de Valentine, enviado para espionar nossas cidades para que Londres possa devorá-las.

Valentine! Tom sentiu uma mistura estranha de orgulho e medo ao pensar no historiador-chefe a solta ali, no coração de Shan Guo. Ao lado dele, Hester ficou tensa com a menção do nome do explorador. Ele olhou para ela, que estava olhando a vista atrás dele, pelas janelas abertas para as montanhas, como se esperasse ver *Elevador do 13º Andar* voando.

— Nenhuma cidade pode passar pela Muralha-Escudo — falou o governador Khan, leal aos antepassados, mas parecendo não estar mais tão convencido disso.

— Você deve lançar a frota aérea, governador — insistiu a srta. Fang, inclinando-se para a frente. — Bombardear Londres antes que possam trazer MEDUSA para o alcance da nossa cidade. É o único jeito de ter certeza.

— Não! — gritou Tom, saltando da cadeira que caiu para trás com um ruído. Ele não podia acreditar no que ela havia dito. — Você disse que estávamos vindo aqui para alertar as pessoas! Não pode atacar Londres! As pessoas vão se machucar! Pessoas inocentes! — Ele estava pensando em Katherine, imaginando os torpedos da Liga se chocando contra a Casa Clio e contra o Museu. — Você prometeu! — disse ele fraquinho.

— Feng Hua não faz promessas para selvagens — brigou a garota de Kerala, mas a srta. Fang a silenciou.

— Nós vamos acertar apenas as Entranhas e as esteiras, Tom — disse ela. — Depois o nível elevado, onde está MEDUSA. Não queremos prejudicar os inocentes, mas o que mais devemos fazer, se uma cidade bárbara optar por nos ameaçar?

— Londres não é uma cidade bárbara! — gritou Tom. — Vocês que são os bárbaros! Por que Londres não deveria comer Batmunkh Gompa se é necessário? Se não gostam da ideia, deveriam ter colocado suas cidades em rodas há muito tempo, como pessoas civilizadas!

Alguns dos oficiais da Liga estavam gritando com raiva para ele ficar calado, e a menina de Kerala sacou a espada, mas a srta. Fang os acalmou com poucas palavras e virou o sorriso paciente para Tom.

— Talvez você deva nos deixar, Thomas — disse ela com firmeza. — Eu irei encontrá-lo mais tarde.

Os olhos de Tom foram assolados por lágrimas estúpidas. Ele lamentava por essas pessoas, é claro que lamentava. Podia ver que não eram selvagens, e realmente não acreditava mais que eles mereciam ser comidos, mas não podia simplesmente se sentar e ouvi-los planejar atacar sua casa.

Ele se virou para Hester com a esperança de que ela ficasse do seu lado, mas ela estava perdida em seus próprios pensamentos, os dedos traçando e retraçando as cicatrizes sob o véu vermelho. Ela se sentia culpada e estúpida. Culpada porque tinha ficado feliz no ar com Tom, e era errado estar feliz enquanto Valentine circulava por aí sem punição. Estúpida porque, quando ele lhe deu o xale, ela começou a ter esperança de que Tom realmente gostasse dela, e pensar em Valentine a fez se lembrar de que *ninguém* poderia gostar dela, não desse jeito, nunca. Quando ela o viu olhando para ela, apenas disse:

— Por mim, podem matar todo mundo em Londres, contanto que guardem Valentine para mim.

Tom virou as costas para ela e saiu dos altos aposentos, e a porta se fechou atrás dele enquanto ele ouviu a garota de Kerala sibilar para ele:

— Bárbaro!

Sozinho, dirigiu-se ao terraço onde os balões-táxi esperavam e se sentou em um banco de pedra ali, cheio de raiva, sentindo-se traído e pensando em todas as coisas que deveria ter dito para a srta. Fang, se ao menos tivesse pensado nelas na hora. Abaixo dele, os telhados e terraços de Batmunkh Gompa esticavam-se nas sombras abaixo dos rebordos brancos das montanhas, e ele se viu tentando imaginar como devia ser viver ali e acordar todos os dias da sua vida para a mesma visão. As pessoas da Muralha-Escudo não sentiam falta de movimento e mudança de cenário? Como é que sonhavam, sem as vibrações e roncos dos motores de uma cidade para balançá-los para dormir? Eles *amavam* aquele lugar? E de repente ele sentiu-se terrivelmente triste de que aquela cidade movimentada, colorida e antiga pudesse em breve ser esmagada sob os trilhos de Londres.

Ele queria ver mais. Foi até o balão-táxi mais próximo e fez o piloto entender que era um convidado da srta. Fang e queria descer até a cidade. O homem sorriu e começou a encher a gôndola com pedras de uma pilha que ficava próxima e, em seguida, Tom estava viajando pelos vários níveis da cidade novamente até sair em uma espécie de praça central, onde dezenas de outros táxis estavam indo e vindo e as escadas se ramificavam pela face da

Muralha-Escudo, subindo até os Ninhos Altos e descendo para as lojas e mercados dos níveis mais baixos.

Notícias da MEDUSA estavam se espalhando rápido por Batmunkh Gompa, e muitas casas e lojas já estavam fechadas, seus proprietários fugiram para cidades mais ao sul. Os níveis mais baixos ainda estavam cheios de pessoas, no entanto, e enquanto o sol mergulhava atrás da Muralha, Tom vagou pelos bazares lotados e passagens verticais íngremes. Havia barraquinhas de adivinhadores nas esquinas, e templos para os deuses do céu, empoeirados com as cinzas quebradiças de incenso. Acrobatas de Uighur de aspecto feroz estavam fazendo uma performance na praça central, e para todo lugar que ele olhava, via soldados e tripulantes aéreos da Liga: gigantes loiros de Spitzbergen e guerreiros azuis e negros das Montanhas da Lua, pequenas pessoas escuras dos assentamentos estáticos andinos e pessoas da cor do fogo das fortalezas da selva de Laos e de Annam.

Ele tentou esquecer que alguns desses homens e mulheres jovens poderiam logo lançar foguetes em Londres, e começou a curtir o fluxo de rostos e a incompreensível mistura de línguas — às vezes ouvia alguém dizer "Tom!" ou "Thomasz!" ou "Tao-mah!" enquanto o indicavam para seus amigos. A história da batalha dele com Shrike tinha se espalhado pelas montanhas de posto comercial em posto comercial e estava esperando por ele ali em Batmunkh Gompa. Ele não se importou. Parecia que estavam falando de um Thomas diferente, alguém corajoso e forte que entendia o que tinha que fazer e não tinha dúvidas.

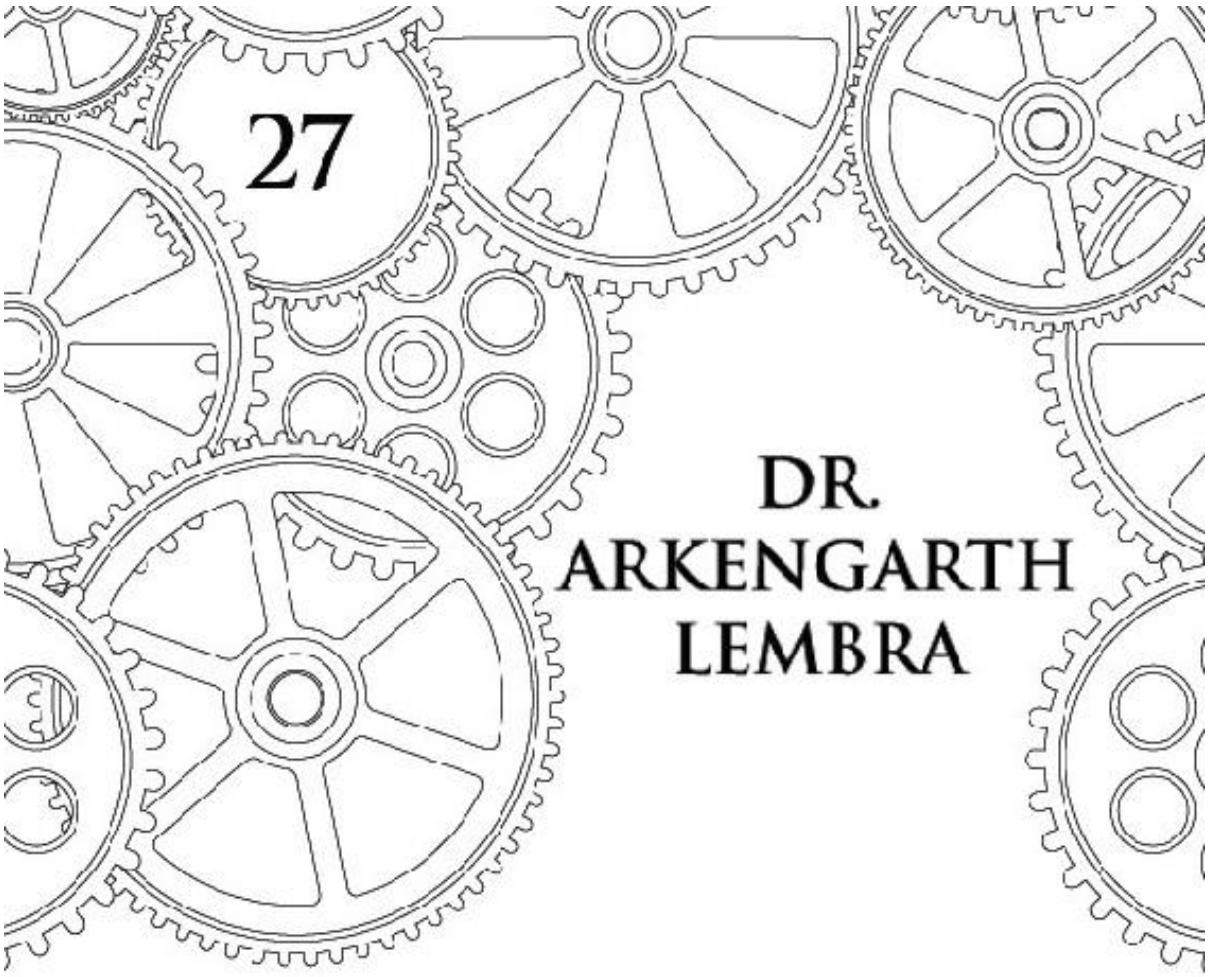
Ele só estava pensando se deveria voltar para o palácio do governador e encontrar Hester, quando notou uma figura alta subindo uma escada próxima. O homem vestia uma túnica vermelha esfarrapada com o capuz jogado sobre o rosto e carregava um bastão em uma mão e uma mochila presa sobre o ombro. Tom já vira dezenas desses homens sagrados errantes em Batmunkh Gompa, monges ao serviço dos deuses da montanha que viajavam de cidade em cidade através das passagens elevadas. (Na plataforma de amarração, Anna Fang se inclinou para beijar os pés de um, e deu seis moedas de bronze para ele abençoar *Jenny Haniver*.) Mas este homem era diferente, algo sobre ele prendeu a atenção de Tom e não o deixou ir.

Ele começou a seguir a túnica vermelha. O perseguiu através do mercado de especiarias com seus mil aromas surpreendentes, e pela rua estreita de

tecelãs, onde centenas de cestas balançavam de balizas baixas do lado de fora das lojas como ninhos pendurados, raspando o topo da cabeça quando passava por baixo. O que era aquela maneira como o homem se movia, e aquela mão marrom e longa segurando o bastão?

E então, sob uma lanterna na praça central, o monge foi parado por uma garota da rua pedindo a benção e Tom vislumbrou o rosto barbudo dentro do capuz. Ele conhecia aquele nariz parecido com o de um falcão e os olhos de marinheiro, sabia que aquele amuleto dependurado entre as sobrancelhas pretas escondia a familiar marca da Guilda de um historiador de Londres.

Era Valentine!



KATHERINE TINHA PASSADO MUITO TEMPO NO MUSEU NOS ÚLTIMOS DIAS, À MEDIDA QUE LONDRES ia rugindo em direção às montanhas. Segura em seu labirinto sombrio, ela não podia ouvir a rebarba das serras enquanto derrubavam as últimas árvores no Circle Park para alimentar os motores, ou os gritos das multidões barulhentas que se reuniam na frente das telas públicas todos os dias onde os detalhes do grande plano de Crome estavam sendo gradualmente revelados. Ela podia até esquecer o pessoal da segurança da Guilda dos Engenheiros, que agora estavam em toda parte, não apenas os mal-encarados comuns de branco, mas uma nova e estranha raça em casacos e capuzes pretos, silenciosos, rígidos em seus movimentos, com um leve brilho esverdeado atrás das viseiras coloridas: os homens ressuscitados da dra. Twix.

Mas se ela fosse honesta consigo mesma, não era apenas a paz e a quietude que continuavam a atraí-la para o Museu. Bevis estava lá, com uma

cama emprestada espalhada no chão da antiga Galeria de Transportes, sob as formas empoeiradas de modelos de planadores e máquinas voadoras. Ela precisava cada vez mais de sua companhia à medida que a cidade se dirigia para o leste. Gostava do fato de que ele era seu segredo. Gostava de sua voz suave, e a estranha risada que sempre soava como se ele estivesse experimentando aquilo, como se nunca tivesse tido muitos motivos para risadas nas Entranhas Profundas. Gostava da maneira como ele a olhava, os olhos escuros sempre se demoravam em seu rosto e especialmente nos cabelos.

— Eu nunca conheci de fato alguém que tivesse cabelo — ele contou um dia. — Na Guilda, usam substâncias químicas sobre nós quando somos aprendizes, então nunca cresce de volta.

Katherine pensou naquele escalpo pálido e liso. Ela gostava daquilo também. Meio que combinava com ele. Era assim que era se apaixonar? Não era algo grande e incrível que notava imediatamente, como em uma história, mas uma coisa lenta que se arrastava sobre você em ondas até acordar um dia e descobrir que estava louca por alguém bastante inesperado, como um engenheiro aprendiz? Queria que o pai estivesse lá, para poder perguntar.

Durante as tardes, Bevis puxava uma túnica de historiador, escondia a cabeça careca sobre um boné e descia para ajudar o dr. Nancarrow, ocupado recatalogando a enorme área de pinturas e desenhos do Museu e tirando fotografias para o caso de o Lorde Prefeito decidir alimentar as fornalhas com aquilo também. Então Katherine circulava pelo Museu acompanhada de Cão, buscando as coisas que seu pai tinha desenterrado. Máquinas de lavar roupa, peças de computador, a caixa torácica enferrujada de um Stalker: tudo tinha etiquetas em que se lia *"Descoberta de sr. T. Valentine, arqueólogo"*. Ela podia imaginá-lo levantando-os gentilmente do solo que os guardara, limpando-os, embrulhando-os em aparas para o transporte de volta a Londres. *Ele deve ter feito a mesma coisa com o fragmento da MEDUSA que descobriu*, pensou. Ela rezou baixinho para Clio, certa de que a deusa devia estar presente naqueles salões embebidos no tempo:

— *Londres precisa dele! Eu preciso dele! Por favor, envie-o com segurança para casa, e logo…*

Porém foi Cão, e não Clio, que a levou para a seção de História Natural naquela noite. Ele vislumbrou uma exibição de bichos empalhados do outro

lado do corredor e foi até eles, um rosnado borbulhando em sua garganta. O velho dr. Arkengarth, que estava passando pela galeria em seu caminho para casa, recuou nervosamente, mas Kate disse:

— Está tudo bem, doutor! Ele é bonzinho! — E ela se ajoelhou ao lado de Cão, olhando para os tubarões e golfinhos acima e a grande forma iminente da baleia, tirada dos seus cabos e apoiada contra a parede distante antes que as vibrações pudessem derrubá-la.

— Impressionante, né? — disse Arkengarth, que sempre estava pronto para começar uma palestra. — Uma baleia-azul. Caçada até a extinção na primeira metade do século XXI. Ou possivelmente do XX: os registros não estão claros. Nós nem saberíamos como se pareceria se a sra. Shaw não tivesse descoberto os ossos fossilizados…

Katherine estava pensando em outra coisa, mas o nome "Shaw" a fez se sobressaltar. A vitrine que Arkengarth apontou guardava uma prateleira de ossos acastanhados, e apoiada contra uma vértebra estava uma etiqueta que dizia: *"Ossos de uma baleia-azul, descoberta da sra. P. Shaw, arqueóloga autônoma"*.

Pandora Shaw, pensou Katherine, recordando o nome que já havia visto no catálogo do Museu. *Não Hester. Claro que não.* Mas apenas para tirar o dr. Arkengarth do modo de aula, perguntou:

— Você a conheceu? Pandora Shaw?

— A sra. Shaw, sim, sim — assentiu o velho. — Uma dama adorável. Era uma arqueóloga do Exterior, uma amiga do seu pai. Claro, o sobrenome dela era Rae naquele tempo…

— Pandora Rae? — Katherine conhecia o nome. — Então ela foi assistente do meu pai na viagem para a América! Eu vi a foto em seu livro!

— Isso mesmo — disse Arkengarth, franzindo a testa ligeiramente pela interrupção. — Uma arqueóloga, como eu disse. Era especializada em tecnologia antiga, é claro, mas nos trazia outras coisas quando as encontrava, como esses ossos de baleia. Mais tarde se casou com aquele camarada Shaw e foi morar em uma pequena ilha no oceano ocidental. Pobre garota. Uma tragédia. Terrível. Terrível.

— Ela morreu, não é mesmo? — indagou Katherine.

— Ela foi assassinada! — Arkengarth balançou as sobrancelhas dramaticamente. — Seis ou sete anos atrás. Ouvimos de outro arqueólogo.

Assassinada em sua própria casa, e o marido com ela. Algo terrível, é o que eu penso. Minha querida, você está bem? Parece ter visto um fantasma!

Katherine não estava bem. Em sua mente, todos os pedaços do quebra-cabeça estavam se juntando. *Pandora Shaw foi assassinada, sete anos atrás, na mesma época que meu pai achou a máquina… Pandora a aviadora, a arqueóloga, a mulher que esteve com ele na América quando encontrou os planos da MEDUSA. E agora uma garota chamada Shaw quer matar meu pai…*

Ela mal conseguiu forçar as palavras, mas finalmente perguntou:

— Ela tinha um bebê?

— Acho que sim, acho que sim — refletiu o velho. — Sim, lembro que a sra. Shaw me mostrou uma foto uma vez quando chegou com algumas cerâmicas para o meu departamento. Peças adoráveis. Um vaso decorado da Era do Império Elétrico, o melhor do tipo na coleção…

— Você se lembra do nome?

— Ah, sim, deixe-me ver… acredito que EE27190.

— Não do vaso! Do bebê!

O grito impaciente de Katherine ecoou através da galeria e para os corredores além, e o dr. Arkengarth olhou primeiro assustado, depois ofendido.

— Bem, na verdade, srta. Valentine, não há necessidade de ficar brava! Como posso me lembrar do nome da criança? Foi há quinze ou dezesseis anos e nunca gostei de bebês; criaturas desagradáveis, vazam em ambas as extremidades e não têm respeito pela cerâmica. Mas acredito que esta em particular se chamava Hattie ou Holly ou…

— Hester! — soluçou Katherine, e se virou e correu, com Cão logo atrás, correu e correu sem saber para onde ou por quê, já que não havia como conseguir superar a terrível verdade. Ela sabia como o pai tinha conseguido a chave da MEDUSA e por que nunca tinha falado sobre isso. Por fim, ela sabia por que a pobre Hester Shaw queria matá-lo.



28

UM ESTRANHO NAS MONTANHAS DO PARAÍSO

A MÃO DE VALENTINE DESENHOU FORMAS SUTIS E COMPLICADAS NO AR ACIMA DA CABEÇA INCLINADA da menina, e o rosto dela estava calmo e sorridente, sem suspeitar que estava sendo abençoada pelo pior inimigo da Liga.

Tom assistiu à cena por trás de um santuário para a deusa do céu. Seus olhos sabiam quem era o monge vestido de vermelho, e agora seu cérebro chegou a uma enxurrada de entendimentos. O capitão Khora havia dito que o *Elevador do 13º Andar* estava assombrando as montanhas. Deve ter deixado Valentine nos penhascos próximos de Batmunkh Gompa, e então o homem deve ter ido o resto do caminho a pé, entrando na cidade como um ladrão. Mas por quê? Que missão secreta poderia tê-lo trazido ali?

Tom não sabia o que sentir. Ficou assustado, é claro, por estar tão próximo do homem que tinha tentado matá-lo, mas, ao mesmo tempo, impressionado com a audácia de Valentine. Que coragem foi preciso, esgueirar-se na grande

fortaleza da Liga, debaixo do nariz dos inimigos de Londres! Era o tipo de aventura que Valentine havia escrito, em livros que Tom tinha lido repetidamente, escondido sob os cobertores no dormitório dos aprendizes de terceira classe com uma lanterna, muito depois das luzes terem sido apagadas.

Valentine terminou a benção e prosseguiu. Por alguns momentos Tom o perdeu de vista entre as multidões na praça, mas depois viu o manto vermelho subindo a ampla escadaria central. Ele seguiu a uma distância segura, passando por mendigos, guardas e vendedores de comida, e nenhum deles imaginou que a figura vestida de vermelho era algo além do que um desses loucos homens santos. Valentine agora mantinha a cabeça inclinada e escalava rapidamente, então Tom não sentiu nenhum perigo enquanto se apressava junto, vinte ou trinta passos atrás. Mas ainda não sabia o que deveria fazer. Hester merecia saber que o assassino de seus pais estava ali. Ele deveria encontrá-la? Contar? Mas Valentine devia estar em alguma missão importante para Londres, talvez juntando informações para que os engenheiros soubessem exatamente para onde apontar a MEDUSA. Se Hester o matasse, Tom teria traído toda a sua cidade…

Ele subiu, ignorando a dor nas costelas quebradas. Ao redor, os terraços de Batmunkh Gompa estavam salpicados com lâmpadas e lanternas, e os envelopes dos balões-táxis brilhavam de dentro enquanto subiam e caíam, como criaturas marinhas estranhas nadando em torno de um recife de coral. E lentamente percebeu que não queria que Valentine conseguisse o que estava planejando. Londres não era melhor que Tunbridge Wheels, e aquele lugar era velho e belo. Ele não deixaria ser esmagado!

— É Valentine! — gritou, disparando pelas escadas, tentando avisar os transeuntes do perigo. Mas apenas olharam para ele sem entender, e quando, finalmente, alcançou o homem de túnica vermelha e puxou o capuz, encontrou o rosto redondo e assustado de um monge peregrino piscando.

Ele olhou ao redor descontroladamente e viu o que tinha acontecido. Valentine tinha pegado uma escadaria diferente para fora da praça central, deixando Tom atrás da roupa vermelha errada. Ele correu de volta para baixo. Valentine mal estava visível, um grão vermelho subindo pela luz de lanternas em direção ao alto da cidade — e para os ninhos dos grandes destroieres aéreos.

— É Valentine! — gritou Tom, apontando, mas nenhuma das pessoas ao redor falava anglês; alguns pensaram que ele estava louco, outros achavam que

queria dizer que MEDUSA estava prestes a atacar. Uma onda de pânico se espalhou pela praça, e logo ouviu gongos de advertência que soavam nos terraços cheios de lojas e pousadas.

Seu primeiro pensamento foi encontrar Hester, mas não tinha ideia de onde procurar. Daí correu para um balão-táxi e disse à piloto:

— Sigam aquele monge! — Mas a mulher sorriu e balançou a cabeça, sem entender. — Feng Hua! — Tom gritou, lembrando-se do nome de Anna Fang na Liga, e a piloto assentiu e sorriu, decolando. Ele tentou acalmar-se enquanto o balão subia. Ele acharia a srta. Fang. Ela saberia o que fazer. Lembrou-se de como ela confiava nele com *Jenny* durante o voo pelas montanhas, e sentiu vergonha por virar-se contra ela na reunião do conselho.

Ele estava esperando que o táxi o levasse ao palácio do governador, mas em vez disso pousou perto do terraço onde *Jenny Haniver* estava ancorado. O piloto apontou para uma pousada que se agarrava na parte de baixo do terraço acima como um ninho de andorinha.

— Feng Hua! — ela disse prestativamente. — Feng Hua!

Por um momento de pânico, Tom pensou que ela o tinha levado para uma pousada com o mesmo nome da srta. Fang; então, em uma das muitas varandas do estabelecimento, vislumbrou o casaco vermelho-sangue da aviadora. Ele empurrou todo o dinheiro que tinha para a piloto, gritando:

— Fique com o troco! — E a deixou olhando para as desconhecidas faces de Quirke e Crome enquanto ele corria.

A srta. Fang estava sentada em uma mesa de varanda com o capitão Khora e a severa jovem piloto de Kerala, a que tinha ficado tão brava com a explosão de Tom mais cedo. Eles estavam bebendo chá e discutindo profundamente, mas todos pularam quando Tom entrou inadvertidamente na varanda.

— Onde está Hester? — exigiu saber.

— Lá nas plataformas de amarração, em um de seus rompantes — disse a srta. Fang. — Por quê?

— Valentine! — exclamou ele. — Ele está aqui! Vestido de monge!

Os músicos da pousada pararam de tocar, e o som dos gongos de alarme na cidade baixa veio através das janelas abertas.

— Valentine, aqui? — zombou a garota de Kerala. — Mentira! O bárbaro pensa que pode nos assustar!

— Fique quieta, Sathya! — A srta. Fang se esticou e pegou Tom pelo braço. — Ele está sozinho?

O mais rápido que pôde, Tom lhe contou o que tinha visto. Ela emitiu um sibilo através dos dentes.

— Está indo atrás da nossa frota aérea! Quer nos deixar debilitados!

— Um homem não pode destruir nossa frota aérea! — protestou Khora, sorrindo ante a ideia.

— Você nunca viu Valentine trabalhando! — disse a aviadora. Ela já estava de pé, animada com a perspectiva de cruzar espadas com o maior agente de Londres. — Sathya, desperte a guarda, diga a eles que os Ninhos Altos estão em perigo. — Ela se virou para Tom: — Obrigado por nos avisar — disse ela com gentileza, como se compreendesse a agonizante decisão que ele teve que tomar.

— Preciso contar para Hester! — protestou ele.

— Certamente não! Ela só vai se matar, ou matar Valentine, e eu quero que ele esteja vivo para o interrogatório. Fique aqui até isso acabar. — Um último sorriso feroz e ela se foi, descendo os degraus e saindo da pousada em pânico com Khora atrás. Ela parecia sombria, perigosa e muito bonita, e Tom sentiu-se tomado pelo mesmo amor feroz que ele sabia que Khora, a garota de Kerala e o resto da Liga deviam sentir por ela.

Mas então pensou em Hester, e o que ela diria quando soubesse que tinha visto Valentine e nem contado a ela.

— Grande Quirke! — gritou de repente. — Vou achá-la! — Sathya apenas o encarou, não mais severa, apenas assustada e muito jovem, e enquanto ele corria em direção às escadas, gritou de volta para ela: — Você ouviu o que a srta. Fang disse! Soe o alarme!

De novo foi para as escadas escuras, até a plataforma de amarração, onde *Jenny Haniver* estava preso.

— Hester! Hester! — gritou ele, e ali estava ela, aproximando-se dele através do brilho das luzes de pouso, puxando o xale vermelho em seu rosto. Ele contou tudo para ela, e ela recebeu as notícias com o olhar frio e silencioso que ele esperava. Então foi a vez dela de correr, e ele a seguiu até a escada sem fim.

A Muralha tinha o seu próprio clima. Quando Tom e Hester se aproximaram do topo, o ar ficou fino e frio e os grandes flocos de neve

roçavam seus rostos como asas de borboleta. Eles podiam ver luzes de lanternas em uma ampla plataforma à frente onde um veículo de abastecimento de gás estava se afastando vazio dos Ninhos Altos. Depois, houve um inacreditável derramamento de chamas saindo da face da Muralha, e outro e depois outro, como se fossem dragões, não aeronaves, estacionados lá. O balão do veículo de abastecimento explodiu, paraquedas brancos florescendo em torno dele conforme começou a cair. Hester parou por um momento e olhou para trás, chamas refletindo em seus olhos.

— Ele conseguiu! Chegamos tarde demais! Ele incendiou a frota aérea!

Continuaram a correr. As costelas de Tom o feriram a cada respiração e o ar frio queimava sua garganta, mas ele se manteve na cola de Hester tanto quanto podia, atravessando a neve ao longo de uma passagem estreita até a plataforma dos ninhos. Os portões de bronze estavam abertos e uma multidão de homens saía, protegendo o rosto do calor das chamas lá dentro. Alguns estavam arrastando camaradas feridos, e perto da porta principal, Tom viu Khora sendo cuidado por dois da tripulação terrestre.

O aviador olhou para cima enquanto Tom e Hester correram para ele.

— Valentine! — ele grunhiu. — Ele mentiu para passar pelos sentinelas, dizendo que queria abençoar nossas aeronaves. Estava colocando seus explosivos quando Anna e eu chegamos. Oh, Tom, nunca imaginaríamos que mesmo um bárbaro tentaria algo assim! Não estávamos preparados! Toda a nossa frota aérea… Meu pobre *Mokele Mbembe*… — Ele parou, tossindo sangue. A espada de Valentine tinha perfurado seu pulmão.

— E quanto à srta. Fang? — perguntou Tom.

Khora balançou a cabeça. Ele não sabia. Hester já estava perseguindo o calor abrasador dos hangares, ignorando os homens que tentavam chamá-la de volta. Tom correu atrás.

Era como correr para dentro de um forno. Ele teve impressão de uma enorme caverna, com cavernas menores que saíam dela, os hangares onde as naves de guerra da Liga estavam alojadas. Valentine deve ter passado rapidamente de uma para outra, colocando bombas de fósforo. Agora, apenas seus esqueletos em chamas eram visíveis no coração quente do fogo.

— Hester! — gritou Tom. A voz se perdeu no rugido das chamas, e ele viu a amiga um pouco à frente, se apressando para entrar em um túnel estreito que levava mais a fundo dentro da Muralha. *Não vou atrás dela ali!*, pensou. *Se*

quer ficar presa e assada, ela que está indo atrás… Mas quando ele se virou para a segurança da plataforma, as munições nas gôndolas dos movimentos ardentes pegaram fogo, e de repente havia foguetes e balas voando por toda parte, estourando contra os muros de pedra e uivando pelo ar ao redor. O túnel estava mais perto do que a entrada principal e ele foi em frente, sussurrando orações a todos os deuses que conseguia pensar.

Sentiu um ar fresco de algum lugar à frente, e ele percebeu que a passagem devia levar diretamente através da Muralha para uma das posições armadas na face ocidental.

— Hester? — gritou ele. Somente os ecos responderam, misturados com o rugido ecoado dos incêndios no hangar. Ele prosseguiu. Em uma bifurcação no túnel, havia uma forma amontoada, um jovem aviador cortado pela espada de Valentine. Tom soltou um suspiro de alívio por não ser Hester ou a srta. Fang, e então sentiu-se culpado, porque o pobre homem estava morto.

Ele estudou a ramificação do túnel. Qual caminho deveria pegar?

— Hester? — ele gritou nervosamente. Ecos. Uma bala perdida do hangar veio gemendo e derrubou faíscas da pedra acima da cabeça dele. Escolhendo muito rapidamente, abaixou-se pela passagem da direita.

Havia outro som agora, mais próximo e mais nítido do que o rugido maçante dos incêndios, um som de metal contra metal fino, parecido com um pássaro. Tom correu por um pequeno lance de escada, viu luz adiante e correu para ela. Emergiu no frio e na neve em uma ampla plataforma onde uma bateria de foguetes estava virada para o oeste. Chamas explodiram em um braseiro de ferro, iluminando as antigas ameias, os corpos esparramados da equipe do foguete e o espetáculo de espadas selvagens enquanto Valentine e a srta. Fang lutavam entre si, indo para a frente e para trás na neve raspada.

Tom agachou-se nas sombras na boca do túnel, agarrando as costelas doloridas sem tirar os olhos dos dois. Valentine lutava de forma magnífica. Ele tinha arrancado as vestes de monge para revelar uma camisa branca, longas botas e calções pretos, e esquivava, estocava e se abaixava de forma graciosa ante os ataques da aviadora — mas Tom podia ver que ele tinha encontrado um páreo à altura. Segurando a espada longa de duas mãos, a srta. Fang levou-o de volta para a bateria do foguete e aos corpos dos homens que ele tinha matado, antecipando cada golpe que Valentine fazia, fintando e balançando, pulando no ar para evitar um golpe baixo, até que, finalmente, ela derruba a

espada da mão dele. Ele caiu de joelhos para alcançá-la, mas a lâmina dela já estava em sua garganta e Tom viu uma pequena cova de sangue começar a manchar o colarinho da camisa.

— Muito bem! — disse ele, e sorriu o sorriso que Tom lembrava daquela noite nas Entranhas, um sorriso bondoso, divertido e completamente sincero. — Muito bem, Feng Hua!

— Quieto! — brigou ela. — Isto não é um jogo…

Valentine riu.

— Pelo contrário, minha querida Flor do Vento, é o maior jogo de todos, e minha equipe parece estar ganhando. Não notou que sua frota aérea está pegando fogo? Realmente deveria ter melhorado seus arranjos de segurança. Suponho que, porque a Liga fez as coisas da sua própria maneira por milênios, acha que pode sentar em seus louros. Mas o mundo está mudando…

Ele está ganhando tempo, pensou Tom. Mas não podia ver por quê. Acuado naquela plataforma, desarmado, sem chance de escapar, o que Valentine esperava ganhar com a provocação? Ele se perguntou se deveria ir adiante e pegar a espada caída e ficar ao lado da srta. Fang até que a ajuda chegasse, mas havia algo tão poderoso e perigoso sobre Valentine, mesmo na derrota, que não ousava se revelar. Ele parou para ouvir, esperando escutar os sons de soldados vindo pelo túnel e se perguntando o que tinha acontecido com Hester. Tudo o que podia ouvir era o clamor distante de gongos e alarmes de incêndio do lado mais distante da Muralha, e a voz meio zombeteira e maliciosa de Valentine:

— Você deveria vir trabalhar para Londres, minha querida. Afinal, amanhã essa Muralha-Escudo vai virar destroços. Precisará de um novo patrão. Sua Liga está acabada…

E a luz explodiu de cima; o feixe forte do holofote de um dirigível atravessou a neve. A aviadora voltou a cair cegamente para trás e Valentine saltou, pegando a espada, puxando-a com força contra ele enquanto impulsionava o objeto para cima. Por um momento, os dois tropeçaram como dançarinos bêbados no final de uma festa, perto o bastante do esconderijo de Tom para ele ver a lâmina brilhante se empurrar pela parte de trás do pescoço da srta. Fang e ouvir o sussurro engasgado e desesperado dela:

— Hester Shaw vai encontrar você. Vai encontrar e… — Então Valentine arrancou a espada e a deixou cair, virando-se e saltando para as ameias

enquanto o *Elevador do 13º Andar* veio crescendo a partir do feixe do holofote.



29

INDO PARA CASA

O DIRIGÍVEL PRETO ESTAVA À DERIVA EM SILÊNCIO, CORTANDO O VENTO PARA O SEU ALTO PONTO de encontro enquanto os defensores de Batmunkh Gompa estavam ocupados com fogo e explosões. Agora, seus motores irromperam em vida, agitando os flocos de neve e derrubando o grito de horror de Tom.

Valentine andou sobre o cano de um canhão de forma tão ágil quanto um atleta em uma barra e saltou, espalhando-se por um instante no ar livre antes de suas mãos encontrarem uma escadaria de cordas que Pewsey e Gench tinham baixado para ele. Pegando-a, ele se alçou para a gôndola.

Tom correu para a frente, e foi mergulhado em uma escuridão repentina quando o holofote foi desligado. Foguetes das baterias mais altas vieram brilhando para estourar contra a pele grossa do *Elevador*. Um quebrou alguns vidros na gôndola, mas o dirigível preto já estava se afastando da Muralha. A

retrolavagem de suas hélices bateu no rosto de Tom quando ele se ajoelhou sobre Anna Fang, sacudindo-a na vaga esperança de que ela pudesse acordar.

— Não é justo! — soluçou. — Ele esperou até que você estivesse ofuscada! Você o derrotou!

A aviadora não disse nada, mas o encarou com um olhar surpreso e estúpido, os olhos tão sem movimento quanto seixos secos.

Tom sentou-se ao lado dela na neve avermelhada e tentou pensar. Ele supôs que teria de deixar Batmunkh Gompa, sair rápido antes que Londres viesse, mas o pensamento de seguir em frente o deixou desanimado. Ele estava cansado de ser varrido de um lado para o outro pelo mundo por planos de outras pessoas. Uma raiva fina e quente começou a subir dentro dele enquanto pensava a respeito de Valentine, voando para casa, onde seria recepcionado como herói. Valentine era a causa de tudo! Era Valentine que tinha arruinado a vida dele, e a de Hester, e acabado com muitas outras. Foi Valentine que deu MEDUSA para a Guilda dos Engenheiros. Hester estava certa, ele deveria ter deixado ela matá-lo quando teve a chance…

Havia um barulho na ponta da plataforma e ele olhou para cima e viu uma massa negra de braços, pernas e casaco desenrolando-se apressada, como uma grande aranha caída do teto. Era Hester, que tinha feito a curva errada quando corria atrás de Valentine e saído em um bunker de observação bem acima. Agora estava ali, tendo descido escalando dez metros da muralha cheia de neve e caído pelos últimos três. Os olhos deles pousaram por um momento na aviadora caída, então ela se virou, foi às ameias e olhou para o escuro e para a neve dançando.

— Deveria ter sido eu — Tom a ouviu dizer. — Pelo menos me certificaria de levá-lo comigo.

Tom a observou. Ele se sentiu apertado, nauseado, trêmulo da dor e da raiva dentro de si, e sabia que era assim que Hester devia se sentir, como ela sempre se sentia, desde que Valentine matara os pais dela. Era um sentimento terrível, e ele podia pensar apenas em uma maneira de curá-lo.

Ele tateou sob a gola do casaco de Anna e encontrou a chave na correia e arrancou. Então se levantou e foi onde estava Hester e colocou os braços ao redor dela. Era como abraçar uma estátua, de tão rígida e tensa, mas ele precisava se segurar em algo, então a abraçou mesmo assim. As armas ainda

estavam disparando acima na vã esperança de acertar o *Elevador do 13º Andar*. Ele colocou o rosto perto da orelha de Hester e gritou sobre o barulho:

— Vamos pra casa!

Ela se virou para olhar para ele, intrigada e um pouco irritada.

— Tá de brincadeira?

— Você não entende? — ele gritou, rindo da ideia que tinha acabado de entrar rastejando em sua mente. — Alguém tem que fazê-lo pagar! Você tinha razão, eu não deveria tê-la detido antes, mas estou feliz por ter feito aquilo, porque a Polícia das Entranhas a teria matado e nós nunca teríamos nos conhecido. Agora posso ajudá-la a chegar até ele e ajudá-la a fugir depois. Vamos voltar para Londres! Agora! Juntos!

— Você *está* de brincadeira — disse Hester, mas foi com ele de qualquer maneira, ajudando-o a encontrar um caminho de volta pela Muralha enquanto soldados corriam na direção deles, assustados, manchados de fuligem e atrasados, gritando ao ver os corpos na plataforma de foguetes.

O céu noturno sobre Batmunkh Gompa estava cheio de fumaça e farrapos de tecido de envelope chamuscado. Fogo ainda queimava nos Ninhos Altos, mas as estradas no vale já estavam entupidas com constelações de pequenas luzes, as lanternas dos refugiados que se espalhavam pelas montanhas como a água que explodiu de uma barragem rompida. Com a morte da frota aérea, a Muralha-Escudo estava acabada, e seu povo estava fugindo tão rápido quanto pés, mulas, carros de boi e balões de carga podiam levá-los.

Embaixo, na plataforma de amarração, naves já estavam decolando no céu fumacento e se virando para o sul. A garota de Kerala, Sathya, estava tentando reunir alguns soldados atingidos pelo pânico, soluçando:

— Fiquem e segurem a Muralha! A Frota Aérea do Sul vai mandar reforços! Eles podem chegar aqui em menos de uma semana! — Mas todos sabiam que Batmunkh Gompa já teria sido destruída depois de uma semana, e Londres já estaria indo para o sul em direção ao coração da Liga. — Fiquem e segurem a Muralha! — implorou, mas os dirigíveis continuavam a subir passando por ela.

Jenny Haniver ainda estava no atracadouro, em silêncio, no escuro. A chave que Tom tinha pegado do corpo de Anna Fang se ajustou adequadamente na fechadura sobre a escotilha da frente, e logo ele estava de pé no convés de voo, olhando os controles. Havia muito mais do que ele se lembrava.

— Você tem certeza de que conseguimos? — Hester perguntou mansamente.

— Claro — respondeu Tom. Ele tentou alguns interruptores. A escotilha abriu-se novamente, as luzes da cabine acenderam, a máquina de café começou a fazer um barulho como um cão educado limpando a garganta e um pequeno bote inflável caiu do telhado e derrubou-o.

— Tem certeza? — ela perguntou enquanto o ajudava a se levantar.

Tom assentiu.

— Eu costumava construir modelos de aeronaves quando pequeno, então entendo o princípio. E a srta. Fang me mostrou os controles quando estávamos nas montanhas… Eu só queria que ela tivesse rotulado tudo em anglês.

Ele pensou por um momento, em seguida, puxou outra alavanca, e desta vez os motores pulsaram para ganhar vida. Na plataforma de amarração, as pessoas se viraram para olhar, e alguns fizeram o sinal contra o mal, pois tinham ouvido a notícia da morte de Feng Hua e se perguntaram se era o fantasma inquieto dela a bordo de *Jenny Haniver*. Mas Sathya viu Tom e Hester de pé diante dos controles e foi correndo em direção a eles.

Com medo de que ela os impedisse de decolar, Tom caçou a alavanca que moveria as cápsulas dos motores. Os rolamentos rasparam quando giraram para a posição de decolagem. Ele riu, encantado com a forma como o dirigível respondeu ao toque de suas mãos nos controles, ouvindo o familiar chiado e sopro das válvulas de gás em algum lugar acima e o barulho dos grampos de amarração se desengatando. As pessoas agitaram os braços e gritaram, e Sathya puxou uma arma, mas, no último momento, o capitão Khora veio tropeçando na plataforma, apoiado por um dos tripulantes, e gentilmente a tirou da mão dela. Ele olhou para Tom, levantando a mão para desejar-lhe sorte, e o rosa surpreendente de sua palma e ponta dos dedos foi o que ficou na mente de Tom quando o dirigível balançou incerto no céu e escalou através da fumaça dos Ninhos Altos. Ele deu uma última olhada para Batmunkh Gompa, então acertou o curso do dirigível por sobre a Muralha-Escudo e virou o nariz para oeste.

Estava indo para casa.



30

A RECEPÇÃO PARA UM HERÓI

AS NUVENS QUE HAVIAM DERRAMADO A NEVE EM BATMUNKH GOMPA VOARAM PARA OESTE PARA DERRUBAR mais chuva em Londres, e ainda estava chovendo quando o *Elevador do 13º Andar* chegou em casa, no início da tarde seguinte. Nenhuma multidão esperava para recebê-lo. Os gramados encharcados do Circle Park estavam desertos, exceto por alguns trabalhadores do Departamento de Reciclagem cortando as últimas árvores, mas a Guilda dos Engenheiros tinha sido avisada do retorno de Valentine e, à medida que o grande dirigível chegava até o faixo úmido dos faróis de pouso, correram para a área de pouso com a chuva batendo em suas cabeças carecas e as luzes projetando reflexos molhados em seus casacos.

Katherine observou da janela de seu quarto quando a equipe do solo arrumou o dirigível e os engenheiros entusiasmados se aglomeraram mais perto. Agora escotilhas eram abertas na gôndola; Magnus Crome estava indo para a frente, com um servo segurando um guarda-chuva branco de borracha

sobre ele, e o pai dela descendo pela prancha, fácil de reconhecer mesmo de longe pela altura, pelo caminhar confiante e pelo modo como a capa estilo poncho se enchia e flutuava na brisa ascendente.

Vê-lo deu a Katherine um sentimento interno retorcido, como se seu coração estivesse prestes a explodir de tristeza e raiva. Lembrou o quanto estava ansiosa para ser a primeira a cumprimentá-lo quando chegasse a bordo da cidade. Agora, não tinha certeza de que sequer conseguiria falar com ele.

Através do vidro molhado, ela o viu conversar com Crome, assentindo, rindo. Uma onda de casacos brancos o escondeu por um momento, e quando ela o viu de novo, ele tinha se afastado do Lorde Prefeito e estava apressando-se pelos gramados encharcados da Casa Clio, provavelmente perguntando por que ela não o esperava no cais.

Ela entrou em pânico por um momento e quis se esconder, mas Cão estava com ela, e lhe deu a força que precisava. Fechou as persianas e esperou até que os pés do pai estivessem na escada, que ele batesse na porta.

— Kate? — veio a voz abafada. — Kate, você está aí? Quero contar todas as minhas aventuras! Acabei de chegar das neves de Shan Guo, com todos os tipos de histórias para te entediar! Kate? Você está bem?

Ela abriu apenas um pouquinho da porta. Ele ficou do lado de fora, pingando de chuva, o sorriso desaparecendo quando viu o rosto choroso e exausto dela.

— Kate, está tudo bem! Estou de volta!

— Eu sei. E não está tudo bem. Eu gostaria que você tivesse morrido nas montanhas.

— O quê?

— Eu sei tudo sobre você — ela contou. — Descobri o que fez com Hester Shaw.

Ela o deixou entrar e fechou a porta, chamando Cão com rispidez quando o animal correu para saudá-lo. Estava escuro com as persianas fechadas, mas ela viu o pai olhar o monte de livros espalhados na mesa de canto, depois para ela. Havia uma ferida recente no pescoço dele, sangue na camisa. Ela torceu um dedo em seus cabelos emaranhados e tentou não começar a chorar de novo.

Valentine se sentou na cama desfeita. Desde Batmunkh Gompa, a última promessa de Anna Fang estava ecoando nos recantos da sua mente: *Hester*

Shaw vai encontrar você. Ter o mesmo nome lançado para ele ali, por Katherine, era como receber uma faca no coração.

— Oh, não precisa se preocupar — disse Katherine amargamente. — Ninguém mais sabe. Eu descobri o nome dela. E o dr. Arkengarth me contou como Pandora Shaw foi assassinada, e já descobri que ela morreu há sete anos, por volta da época que você voltou da expedição e o Lorde Prefeito estava tão satisfeito com você, então eu juntei as peças e…

Ela deu de ombros. A trilha tinha sido fácil de seguir uma vez que tinha todas as pistas. Pegou um livro que estava lendo e mostrou para ele. Era *Aventuras em um Continente Morto*, o relato da jornada para a América. Ela apontou um rosto em uma fotografia de grupo da expedição, uma aviadora que estava ao lado dele, sorrindo.

— Eu não percebi de cara — ela disse —, porque o nome dela tinha mudado. Você mesmo a matou? Ou obrigou Pewsey e Gench a fazerem isso pra você?

Valentine segurou a cabeça, nervoso, desesperado e envergonhado. Uma parte de Katherine desejava com todas as forças que ela estivesse errada, que ele negaria e lhe daria provas de que não era o assassino dos Shaw, mas quando viu a cabeça dele, sabia que não podia e era verdade.

— Você precisa entender, Kate, eu fiz isso por você…

— Por *mim*?

Por fim, ele olhou para cima, mas não para ela. Olhou para a parede perto do cotovelo dela e disse:

— Eu queria que você tivesse tudo. Queria que crescesse como uma dama, não como um catador do Exterior como eu. Precisava achar algo que Crome quisesse. Pandora era uma velha companheira, da viagem à América, bem como diz. E, sim, ela estava comigo quando encontrei os planos e os códigos de acesso para a MEDUSA. Nunca imaginamos que seria possível reconstruir a coisa. Mais tarde, Pandora e eu seguimos caminhos diferentes, ela se juntou aos antitracionistas, casou com um fazendeiro simplório e se estabeleceu em um lugar chamado Ilha do Carvalho. Eu não sabia que ela ainda estava pensando a respeito da MEDUSA. Ela deve ter feito outra viagem para a América, sozinha, dessa vez, e encontrou o caminho para outra parte do mesmo complexo subterrâneo antigo, uma parte que perdemos na primeira escavação. Foi onde ela encontrou…

— Um cérebro computadorizado — disse Katherine, impaciente. — A chave de MEDUSA.

— Sim — murmurou Valentine, surpreso pelo quanto ela sabia. — Ela me mandou uma carta, contando que tinha conseguido. Ela sabia que era inútil sem os planos e códigos, que estavam em Londres. Pensou que poderíamos vendê-los e dividir os lucros. E eu sabia que se pudesse dar a Crome um prêmio como esse seria minha fortuna e seu futuro estaria seguro!

— Então você a matou por isso — disse Katherine.

— Ela não ia concordar em vender para Crome — explicou o pai dela. — Ela era antitracionista. Queria que a Liga ficasse com a arma. Eu *tinha* que matá-la, Kate.

— Mas e a Hester? — questionou Katherine, entorpecida. — Por que tinha de feri-la?

— Eu não pretendia — ele disse em sofrimento. — Ela deve ter acordado e ouvido algo. Era uma criança bonita. Tinha aproximadamente sua idade, e parecia tanto com você que poderia ter sido sua irmã. Talvez *fosse* sua irmã. Pandora e eu estivemos juntos uma vez.

— Minha irmã? — engasgou Katherine. — Sua própria filha!

— Quando levantei os olhos do corpo da mãe dela e a vi olhando para mim…! Eu tinha que silenciá-la. Eu a ataquei violentamente, e fiz um estrago. Pensei que estivesse morta, mas não consegui me assegurar. Ela escapou, desapareceu em um barco. Pensei que deveria ter se afogado, até que ela tentou me esfaquear naquela noite nas Entranhas.

— E Tom… — Katherine disse. — Ele ouviu o nome dela, e então você teve que matá-lo também, porque se ele a mencionasse aos historiadores, a verdade poderia aparecer.

Valentine olhou, impotente, para ela.

— Você não entende, Kate. Se as pessoas descobrirem quem ela é e o que eu fiz, nem mesmo Crome poderá me proteger. Eu estaria acabado, e você seria arrastada comigo.

— Mas Crome sabe, não? — perguntou Katherine. — É por isso que você é tão leal. Leal como um cão, contanto que seja pago e possa fingir que sua filha estrangeira é uma dama da Alta Londres.

Chuva, chuva nas janelas e todo o ambiente estremecia enquanto Londres se arrastava pela terra encharcada. Cão deitou a cabeça nas patas, seus olhos se

dirigiam da sua senhora para Valentine, indo e voltando. Nunca os tinha visto brigar antes, e estava odiando.

— Eu costumava pensar que você era maravilhoso — afirmou Katherine. — Costumava pensar que era a melhor pessoa, a mais corajosa e mais sábia do mundo. Mas não é. Sequer é muito inteligente, né? Não percebeu para que Crome usaria essa coisa?

Valentine olhou bruscamente para ela.

— Claro que eu sabia para que ele usaria! É um mundo no qual as cidades comem as cidades, Kate. É uma pena que Panzerstadt-Bayreuth teve que ser destruída, claro, mas a Muralha-Escudo *tinha* que ser penetrada se Londres quisesse sobreviver. Precisamos de um novo campo de caça.

— Mas pessoas vivem lá! — choramingou Katherine.

— Só antitracionistas, Kate, e a maioria provavelmente vai embora.

— Eles vão nos deter. Eles têm dirigíveis…

— Não. — Apesar de tudo, Valentine sorriu, orgulhoso de si mesmo. — Por que acha que o Crome me enviou para o leste? A Frota Aérea do Norte da Liga está em cinzas. Esta noite, MEDUSA vai explodir uma passagem através da famosa Muralha. — Ele levantou-se e a alcançou, sorrindo, como se a vitória que estava entregando pudesse apagar tudo o que tinha feito errado. — Crome me contou que o disparo está agendado para as nove da noite. Haverá uma festa no Salão das Guildas antes... Vinho, petiscos e o alvorecer de uma nova era. Você vem comigo, Kate? Eu gostaria que…

A última esperança dela era que ele não conhecesse o plano louco de Crome. Agora mesmo isso havia desaparecido.

— Seu tolo! — ela berrou. — Você não entende que o que ele está fazendo é *errado*? Você precisa impedi-lo! Deve se livrar dessa máquina horrível!

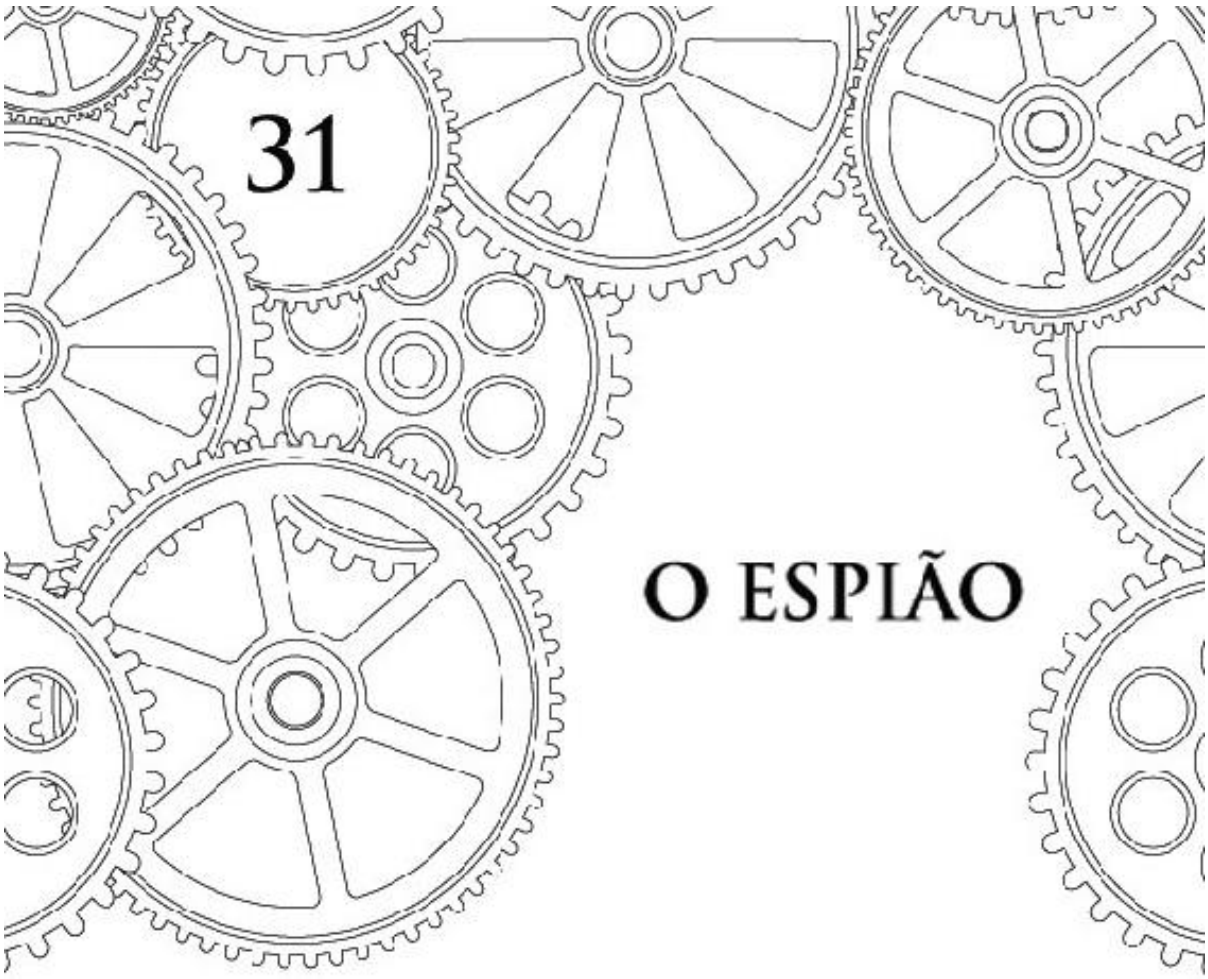
— Mas isso deixaria Londres sem defesas, no meio do Campo de Caça — apontou o pai.

— E daí? Teremos que continuar como sempre, perseguindo e comendo, e se encontrarmos uma cidade maior e acabarmos sendo comidos… bem, mesmo isso seria melhor do que sermos assassinos!

Ela não podia suportar estar naquele lugar com ele mais um segundo. Correu, e ele não tentou detê-la, nem mesmo chamá-la de volta, ficou parado ali, pálido e atordoado. Ela saiu da casa e correu soluçando pelo parque varrido pela chuva, com Cão atrás, até que toda a Alta Londres estivesse entre

ela e o pai. *Preciso fazer algo!* Foi tudo o que conseguiu pensar. *Preciso deter MEDUSA…*

Ela correu para a estação de elevador, enquanto as telas públicas começaram a dar a boa notícia do retorno de Valentine a Londres.



31

O ESPIÃO

LONDRES CONSEGUIU VELOCIDADE, CORRENDO PARA AS MONTANHAS. CIDADES SEMIESTÁTICAS QUE ESTAVAM escondidas há anos naquelas altas estepes foram surpreendidas em seu torpor pela chegada e foram embora, deixando para trás os remendos verdes das terras agrícolas e até um subúrbio estático inteiro. A cidade não prestou atenção a nenhuma delas. Toda a Londres conhecia o plano do Lorde Prefeito àquela altura. Apesar do frio, as pessoas se juntaram nas plataformas de observação à frente e examinaram os telescópios em direção a Shan Guo, ansiosas para ver pela primeira vez a lendária Muralha.

— Em breve! — diziam umas às outras.

— Esta noite!

— Um campo de caça novinho em folha!

A maioria das pessoas no Museu já tinha se habituado a Katherine e Cão, e ninguém prestou muita atenção enquanto ela corria pelas galerias inferiores com o lobo branco trotando atrás. Alguns notaram o olhar frenético em seus olhos e as lágrimas no rosto, mas antes que pudessem perguntar-lhe o que estava errado ou oferecer um lenço de bolso, ela já havia passado, dirigindo-se ao escritório do sr. Nancarrow ali perto.

Lá, encontrou o cheiro de terebintina e o odor persistente de tabaco de cachimbo do historiador da arte, mas não achou Nancarrow e nem Bevis Pod. Correu de volta para o corredor, onde um gordo aprendiz de terceira classe estava esfregando o chão.

— O sr. Nancarrow está nos armazéns, senhorita — avisou de forma rabugenta. — Está com aquele cara novo e engraçado.

O cara novo e engraçado estava ajudando o sr. Nancarrow a tirar uma pintura para fora das prateleiras de armazenamento quando Katherine entrou com tudo. Era uma enorme pintura emoldurada chamada *"Quirke supervisiona a reconstrução de Londres"*, por Walmart Strange, e quando Bevis deixou cair a ponta que estava segurando, veio um choque que ecoou e reverberou através do armazém empoeirado como uma pequena explosão.

— Cuidado, Pod! — reclamou Nancarrow com raiva, mas então ele também viu o rosto de Katherine e rapidamente se conteve. — Parece que você precisa de uma boa xícara de chá, srta. Valentine — murmurou, apressando-se para o labirinto de prateleiras.

— Kate? — Bevis Pod deu alguns passos incertos em direção a ela. — O que aconteceu? — Ele não estava acostumado a reconfortar pessoas, não era o tipo de coisa que um engenheiro aprendiz era treinado para fazer. Ergueu os braços com força para tocar os ombros dela, e ficou chocado quando ela se atirou contra ele. — Ah… Tá tudo bem, tudo bem…

— Bevis — fungou ela —, depende de nós agora. Temos que fazer algo. Esta noite…

— Esta noite? — Ele franziu o cenho, lutando para acompanhar as explicações rápidas e meio soluçadas. — Quer dizer apenas nós sozinhos? Eu pensei que seu pai iria nos ajudar…

— Ele não é mais meu pai — Katherine falou amargamente, e percebeu que era verdade. Ela se agarrou a Bevis tão forte quanto pôde, como se ele fosse uma jangada que pudesse levá-la segura por todo aquele lamaçal de miséria e culpa. — Meu pai é um homem de Crome. É por isso que tenho que me livrar da MEDUSA, entendeu? Eu tenho que corrigir as coisas que ele fez…

Nancarrow voltou com duas canecas de lata cheias de chá.

— Hã! Oh! Ah! — balbuciou, constrangido ao encontrar seus dois jovens amigos nos braços um do outro. — Quero dizer… sim. Papelada. Preciso correr. Volto em uma hora ou duas. Prossiga, Pod…

Quando ele saiu, quase caiu sobre o gordo aprendiz de terceira classe limpando a passagem logo abaixo da porta do armazém.

— Pelo amor de Quirke, Melliphant! — eles o ouviram brigar. — Não pode tirar isso do caminho?

Porém Herbert Melliphant não podia tirar do caminho. Desde a sua despromoção, ele estava procurando um apoio que o ajudasse a subir de volta para a primeira classe. Esse tal de Pod tinha chamado sua atenção alguns dias antes; aquele estranho que parecia tão amigável com os velhos homens da Guilda, que andava por aí com a filha do historiador-chefe, que se vestia como aprendiz, mas não dormia com os outros no dormitório ou se juntava a eles para as lições. Ele tinha ouvido nas telas que a Guilda dos Engenheiros ainda estava caçando pessoas que tinham se infiltrado na reunião secreta, e ele estava começando a suspeitar que o dr. Vambrace poderia estar muito interessado no pequeno ajudante de Nancarrow. Assim que o velho estava fora de vista, ele abaixou seu esfregão e o balde e voltou para a porta.

— …a Liga Antitração não pode se defender sozinha — Katherine estava falando. — Isso é o que o meu pai tem feito: espionando suas cidades e explodindo sua frota aérea. É por isso que depende de nós.

— E quanto aos historiadores? — perguntou Bevis.

Katherine deu de ombros.

— Eles estão muito assustados para nos ajudar. Mas eu consigo sozinha, sei que sim. Meu pai me convidou para a festa do Lorde Prefeito. Eu vou. Vou encontrar o pai e dizer que o perdoei, e iremos para a festa de Crome como uma pequena família feliz, mas enquanto os outros estiverem dizendo a Crome como ele é inteligente e comendo salsichas em palitos, vou escapar, encontrar MEDUSA e esmagá-la. Acha que um martelo faria o serviço? Eu sei

onde o dr. Arkengarth guarda a chave da zeladoria. Lá deve ter um martelo. Ou um pé de cabra. Será que um pé de cabra seria melhor?

Ela riu, e Bevis vacilou ao som louco e frágil. Por um momento, ela temeu que ele estivesse prestes a dizer algo como "Calma aí", ou "Isso não vai funcionar". Ela tocou seu rosto, suas orelhas coradas e sentiu o pulso rápido batendo no pescoço e os músculos flexionando enquanto engoliu em seco.

— Uma bomba — disse ele.

— O quê?

— MEDUSA deve ser enorme… provavelmente preenche metade de St. Paul. Se realmente quiser destruí-la, vai precisar de explosivos. — Ele parecia animado e assustado. — O material de limpeza que os zeladores do museu usam tem nitrogênio e se eu misturá-lo com alguns fluidos de restauração de pinturas do dr. Nancarrow, e fizer um timer…

— Como sabe tudo isso? — perguntou Katherine, chocada, porque nem ela tinha chegado a pensar nas bombas.

— Química básica — respondeu Bevis, encolhendo os ombros. — Fiz um curso nos Laboratórios de Aprendizado…

— É só nisso que pensam, seu pessoal? — sussurrou ela. — Fazer bombas e explodir as coisas?

— Não, não! — ele respondeu. — Mas a ciência é assim. Pode usá-la para fazer qualquer coisa que quiser. Kate, se você quer mesmo fazer isso, eu faço uma bomba que pode colocar numa bolsa. Se conseguir chegar até MEDUSA, deixe perto do cérebro computadorizado, e programe o timer e fuja. Meia hora depois…

Do lado de fora, o ouvido de Melliphant aplainou-se contra a madeira da porta como uma lesma pálida.



Rápido, rápido e mais rápido. Era como se a ânsia do Lorde Prefeito tivesse infectado o próprio clima da cidade, os pistões nas salas de máquinas batiam tão ansiosamente quanto seu coração, as rodas e as esteiras corriam como seus pensamentos, em direção à Muralha e ao próximo capítulo da grande história de Londres.

Por toda a tarde, Valentine procurou Katherine pelo parque, assustando seus amigos em seus jantares, aparecendo de repente pelas janelas francesas, uma aparição pingando com roupas manchadas de sangue, exigindo:

— *Minha filha está aqui? Você a viu?*

Agora anda de um lado para outro através da sala de estar na Casa Clio, as botas pingando água no tapete enlameado, enquanto tenta afastar o frio molhado do parque de seus ossos e o medo de sua mente. Por fim, ouve passos no caminho de cascalho, passos no hall de entrada, e Pewsey entra, parecendo tão molhado e miserável quanto o mestre.

— Eu a achei, chefe! Ela está no Museu. Passou muito tempo lá ultimamente, de acordo com o velho Creaber na recepção…

— Leve-me lá! — ordena Valentine.

— Tem certeza, chefe? — Pewsey estuda seus próprios pés em vez de olhar para o rosto febril e cortado por lágrimas do mestre. — Eu acho que seria melhor se a deixasse sozinha um pouco. Ela está segura no Museu, né? E acho que ela precisa de uma chance para pensar. Ela voltará no seu próprio tempo.

Valentine cai em uma cadeira e o velho aviador move-se silenciosamente ao redor da sala, acendendo as lâmpadas. Do lado de fora, a luz do dia está desaparecendo.

— Poli sua espada, e coloquei suas melhores vestes no quarto de vestir — diz Pewsey gentilmente. — É a festa do Lorde Prefeito, senhor, lembra? Não deve perdê-la.

Valentine concorda, olhando as mãos, para os dedos longos.

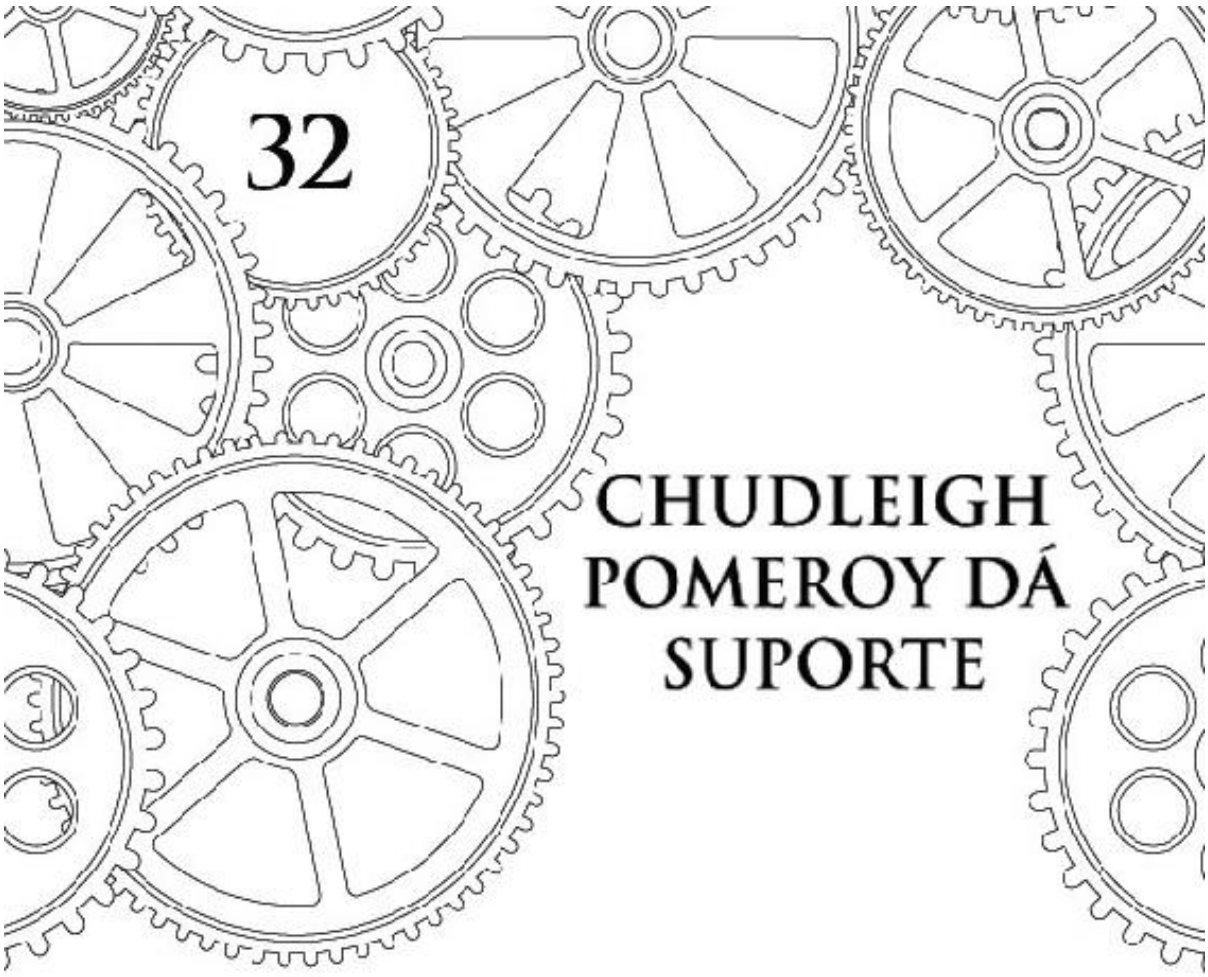
— Por que eu acompanhei os esquemas de Crome por todos esses anos, Pewsey? Por que eu dei a MEDUSA a ele?

— Eu não poderia dizer corretamente, senhor…

Ele se levanta com um suspiro e se dirige para trocar as vestes. Gostaria de ter o senso de Kate; para saber tão facilmente o que é certo e o que é errado. Ele gostaria de ter a coragem de enfrentar Crome do jeito que ela pediu, mas é tarde demais, tarde demais, muito tarde.

E o próprio Crome levanta os olhos de seu jantar (um purê de vegetais e um substituto de carne, com as quantidades certas de proteínas, carboidratos, vitaminas etc.), para ver o historiador aprendiz trêmulo que Vambrace tinha acabado de colocar para dentro no escritório e diz:

— Então, aprendiz Melliphant, entendo que tem algo para nos contar?



ELA DESCOBRIU QUE PODIA LIDAR COM AQUILO. MAIS CEDO, QUERIA SE ENROLAR NUM CANTO E MORRER de tristeza, mas agora estava bem. Isso fez com que ela se lembrasse do jeito que se sentiu quando a mãe morreu, achatada pelo grande golpe atordoante do acontecimento e levemente surpreendida com o modo como a vida continuava. E pelo menos dessa vez ela tinha Cão para ajudá-la, e Bevis.

— Kate, preciso de mais um parafuso, como este aqui, só que mais longo…

Ela tinha pensado em Bevis Pod como uma pessoa doce, desajeitada, bastante inútil, alguém que precisava de cuidados, e suspeitava que era assim que os historiadores também pensavam nele. Naquela tarde, começou a entender que ele era muito mais inteligente do que ela. Ela o observava trabalhar, encurvado sob um globo de argônio portátil em um canto da galeria dos Transportes, medindo cuidadosamente as quantidades certas de pó de

limpeza e fluido de limpeza de pinturas. Agora, ele estava construindo um mecanismo de tempo a partir de pedaços de fio de cobre e peças do painel de um bugue de séculos de idade, ajustando tudo na sacola que ela havia encontrado.

— O parafuso, Kate?

— Oh, sim… — Ela fuçou rapidamente na pilha de peças no chão ao lado dele e encontrou o que queria. Entregou. Checou o relógio. Oito da noite. Logo ela teria que voltar para a Casa Clio e colocar um sorriso na cara para dizer ao pai: "Sinto muito que fui tão tola mais cedo. Seja bem-vindo. Por favor, posso ir com você na festa do Lorde Prefeito?".

— Pronto — disse Bevis, segurando a bolsa. — Acabei.

— Não parece uma bomba.

— Essa é a ideia, boba! Veja. — Ele abriu e mostrou o pacote aninhado dentro, o botão vermelho que ela teria que empurrar para armar e o mecanismo de cronometragem. — Não fará uma grande explosão — admitiu —, mas se puder aproximá-la o suficiente do computador…

— Vou dar um jeito — ela prometeu, pegando dele. — Sou a filha de Valentine. Se alguém pode chegar até MEDUSA, sou eu. — Ele parecia pesaroso, ela achou, e se perguntou se ele estava pensando em todo aquele maravilhoso poder de computação do velho mundo, o sonho de um engenheiro, prestes a ser sacrificado. — Tenho que fazer isso.

— Eu sei. Mas queria poder ir com você.

Ela o abraçou, pressionando rosto contra rosto, boca contra boca, sentindo-o tremer quando as mãos dele se aproximaram nervosas para acariciar seu cabelo. Cão deu um grunhido leve, talvez de ciúmes, temendo que estivesse perdendo o amor de Katherine e logo fosse abandonado, como os pobres velhos brinquedos de pelúcia nas prateleiras do quarto.

— Oh, Bevis — ela sussurrou, afastando-se, trêmula. — O que será de nós?

O som de gritos distantes chegou ecoando pelas escadas dos pisos inferiores. Era muito fraco para se distinguir as palavras, mas ambos sabiam imediatamente que algo devia estar errado, ninguém nunca gritava no Museu.

O rosnado de Cão ficou mais alto. Ele foi correndo até a porta e ambos o seguiram, saindo em silêncio para o espaço escuro. Uma brisa fresca tocou seus rostos enquanto olhavam para o corrimão e para baixo, a longa espiral de escadas descendo para as trevas abaixo com os corrimãos de bronze brilhando. Mais gritos, então um estrondo e o barulho de algo caindo. Fachos de tochas

se apontavam no espaço abaixo, e então ouviram com clareza a voz que gritava. Era Chudleigh Pomeroy, que dizia:

— Isto é um ultraje! Um ultraje! Vocês estão invadindo propriedade da Guilda dos Historiadores!

A equipe de segurança dos engenheiros subiu as escadas com batidas das botas de borracha, luzes das tochas deslizando sobre casacos e suas armas brilhantes e complicadas. Eles diminuíram a velocidade quando chegaram ao topo e viram os olhos do Cão semicerrados e as orelhas dobradas para trás enquanto ele rosnava e se preparava para avançar. Armas foram apontadas e Katherine o pegou pela coleira e gritou:

— Ele não vai machucá-los, só está assustado. Não atirem…

Mas atiraram nele mesmo assim, as armas produzindo pequenos estalos e o impacto das balas arrancando Cão dela e o jogando com força contra a parede com um grito; depois silêncio, e o som sussurrante do corpo grande caindo. Na luz bruxuleante, o sangue parecia preto. Katherine ofegou, tentando respirar. Os braços e as pernas dela se mexiam com um estremecimento rápido e desamparado que ela não conseguia evitar. Não conseguia se mover se tentasse, mas, para o caso de querer tentar, uma voz afiada bradou:

— Fique onde está, srta. Valentine.

— Cão… — ela conseguiu soluçar.

— Fique onde está. A criatura está morta.

Dr. Vambrace veio pelas escadas, através da fumaça fina.

— Você também, Pod — acrescentou, ao ver o garoto fazer um movimento tortuoso em direção ao corpo. Ele ficou no alto e sorriu. — Estávamos procurando por você em toda parte, aprendiz. Espero que esteja envergonhado. Me dê essa sacola.

Bevis a entregou e o engenheiro alto arrancou da mão dele e abriu.

— Bem como Melliphant nos avisou: uma bomba.

Dois de seus homens avançaram e levaram os prisioneiros depois dele quando ele se virou e começou a descer as escadas.

— Não! — gemeu Katherine, lutando para segurar a mão de Bevis quando foram arrastados. — Não! — A voz dela saltou bruscamente de volta para ela do teto e foi ecoando pela escada, e ela pensou que parecia fraca e desamparada, como uma criança fazendo birra, que foi pega fazendo alguma brincadeira errada e estúpida, e que protesta contra a punição. Ela chutou o

homem que a segurava nas canelas, mas era um homem grande, e usava botas, ele nem sequer piscou. — Onde estão nos levando?

— Você vai vir comigo ao nível elevado, srta. Valentine — avisou Vambrace. — Será o assunto de conversa da pequena festa do Lorde Prefeito. Já o seu namoradinho aqui será levado às Entranhas Profundas. — Ele sorriu para o pequeno barulho que Bevis fez, um grito de medo desesperado e desolado. — Oh, sim, aprendiz Pod, algumas experiências muito interessantes esperam por você nas Entranhas Profundas.

— Não foi culpa dele! — Katherine protestou. Ela podia sentir as coisas se desenrolando, seu plano tolo fora de controle e voltando-se contra eles. — Eu *o obriguei*! — gritou. — Não tem nada a ver com Bevis! — Mas Vambrace já havia se afastado, e seu captor apertou uma mão com gosto de substâncias químicas na boca dela para parar o barulho.

O bugue de Valentine para do lado de fora do Salão das Guildas, onde os veículos da maioria dos líderes de Guilda já estavam estacionados. Gench sai e segura a passagem aberta para o mestre, depois se exaspera sobre ele como uma mãe mandando o filho para a escola, escovando o cabelo e erguendo a gola da sua melhor túnica preta, abrindo o punho da espada.

Valentine olha distraidamente para o céu. No alto, uma nuvem como uma pluma, iluminada pelo sol que se afunda rapidamente. O vento ainda está soprando do leste, e traz um cheiro de neve que corta seus pensamentos de Katherine por um momento, fazendo-o pensar novamente em Shan Guo. *Hester Shaw vai encontrar você*, a Flor do Vento sussurrou ao morrer. Mas como ela poderia ter sabido sobre Hester? Não poderia ter conhecido a menina, poderia? Poderia? Hester ainda está viva? Ela chegou de alguma forma até Batmunkh Gompa? E está esperando nessas montanhas agora, pronta para subir de novo a bordo de Londres e tentar mais uma vez matá-lo — ou, pior, atacar sua filha?

Empurrando a mãozona de Gench para longe, ele diz:

— Se não se importarem de perder a festa, rapazes, pode valer a pena pegar o *Elevador do 13º Andar* para dar uma volta esta noite. Apenas no caso de

aqueles pobres tolos valentes da Liga tentarem qualquer coisa.

— Você está certo, chefe! — Os dois velhos aviadores não estavam ansiosos para ir à festa do Lorde Prefeito, com todos aqueles minúsculos petiscos e conversa chique. Nada poderia animá-los mais do que a perspectiva de uma boa luta. Gench sobe ao lado de Pewsey e o bugue desvia, assustando engenheiros e alabardeiros para sair da frente. Valentine alinha a gravata e anda rapidamente, subindo os degraus do Salão das Guildas.



Os engenheiros conduziram seus prisioneiros através das galerias inferiores do Museu ao Salão Principal. Não havia ninguém. Katherine nunca tinha visto o Museu tão vazio assim. Onde estavam os historiadores? Ela sabia que não podiam ajudá-la, mas queria vê-los, saber que havia uma testemunha para o que acontecia com ela. Continuava a procurar as patas do Cão no chão atrás dela e ficava surpresa quando não conseguia ouvi-las, apenas depois se lembrando. Bevis andava ao lado, mas não olhava para ela, apenas para a frente como se já pudesse ver as câmaras das Entranhas Profundas e as coisas que aconteceriam com ele lá.

Então, no topo dos degraus que levavam até a entrada principal, os engenheiros pararam.

No saguão de entrada, com as costas contra as grandes portas de vidro, os historiadores estavam esperando. Enquanto os homens de Vambrace estavam ocupados lá em cima, correram até as vitrines da seção Armas & Guerra, armando-se com lanças e mosquetes antigos, espadas enferrujadas e capacetes de lata. Alguns tinham prendido placas peitorais sobre as túnicas pretas, e outros carregavam escudos. Eles pareciam o coro de bandidos numa pantomima amadora.

— O que significa isso? — vociferou o dr. Vambrace.

Chudleigh Pomeroy deu um passo à frente, segurando um bacamarte com a boca de latão tão ampla como uma tuba. Katherine começou a perceber que outros historiadores estavam observando das sombras nas margens do corredor, espreitando atrás de vitrines, apontando rifles movidos a vapor através dos ossos articulados de dinossauros.

— Cavalheiros — disse Pomeroy, nervoso —, vocês estão na propriedade da Guilda dos Historiadores. Eu sugiro que soltem esses jovens imediatamente.

— Imediatamente! — concordou a dra. Karuna, apontando o mosquete empoeirado na roda vermelha entre as sobrancelhas de Vambrace.

O engenheiro começou a rir.

— Seus velhos tolos! Acham que podem nos desafiar? Sua Guilda será dissolvida por causa do que fizeram aqui hoje. Suas ninharias e bugigangas tolas serão usadas para alimentar os fornos, e seus corpos serão quebrados em máquinas de dor nas Entranhas Profundas. Vamos transformar vocês em história, já que história é tudo com o que se importam! Nós somos a Guilda dos Engenheiros! Somos o futuro!

Há uma pausa de um momento, quase em silêncio, apenas o eco da voz de Vambrace pairando no ar cheio de mofo e os fracos sons de homens alcançando as armas e dedos artríticos apertando com mais firmeza gatilhos antigos. Então o saguão some em fumaça e dardos de fogo, e o ruído salta do telhado da alta cúpula e vem batendo para baixo novamente, um estalo irregular dividido pela profunda explosão do bacamarte de Pomeroy e o rugido de um velho canhão escondido em um nicho atrás da bilheteria, que disparou com um grande jato de chamas enquanto o dr. Nancarrow colocava o isqueiro no orifício de ignição. Katherine vê Vambrace e os dois homens ao lado se afastarem, vê o dr. Arkengarth caindo para trás com os braços girando, sente o homem que a segura sacudir e tropeçar e um forte golpe quando uma bola de mosquete atravessa seu casaco de borracha.

Ele vai para longe dela, e ela cai de joelhos e se pergunta onde se esconder. Não ficou nada de Vambrace além das botas ardentes, o que seria cartunesco e quase divertido, exceto que seus pés ainda estavam dentro. Metade dos seus homens tinha caído, mas o resto se recuperava, e eles têm armas melhores do que os historiadores. Pulverizam o salão com tiroteio, queimando faíscas do chão de mármore e jogando lascas de ossos de dinossauro para o alto. Vitrines se despedaçam em cataratas brilhantes de vidro em pó, e os historiadores que se encolhem atrás vão se arrastando para outros esconderijos, ou caem dentre os objetos expostos e ficam deitados e parados. Sobre eles, globos de argônio se quebram e são eviscerados até que o salão esteja escuro, vacilante como um filme de cinema na cintilação estonteante das armas de fogo, e os engenheiros estão avançando em direção às portas.

Atrás deles, esquecido, Bevis Pod alcança uma arma abandonada e a levanta, as longas mãos se encaixando no metal brilhante da empunhadura e do gatilho. Katherine o observa. O ar à sua volta está cheio de balas que passam gemendo e lascas de mármore, e pedaços da batalha, mas não pode arrancar os olhos ou a mente de Bevis por um pouco de tempo para pensar em encontrar um abrigo. Ela o vê desdobrar a coronha da arma e a encostar na dobra do cotovelo, e vê os pequenos buracos azuis que faz nas costas dos casacos dos engenheiros. Eles jogam os braços para cima, derrubam as armas, giram e caem, e Bevis Pod os observa através da alça de mira com um olhar calmo e sério, não mais o gentil Bevis dela, mas alguém capaz de matar friamente, como se o engenheiro que havia nele não ligasse para a vida humana, ou talvez tivesse visto tantas mortes nas Entranhas Profundas que pensa que é uma coisa menor e não se importa de lidar com aquilo.

E quando ele para de atirar, fica muito silencioso, apenas o ruído de borracha dos cadáveres se acomodando e um chocalho ósseo rápido que Katherine reconhece lentamente como o som de seus próprios dentes batendo.

Dos cantos do salão, os historiadores passam rastejando. Havia mais do que Katherine temia. No calor da batalha, pensou ter visto todos serem alvejados, mas, embora alguns tenham sido feridos, os únicos mortos eram um homem chamado Weymouth, com quem nunca havia falado, e o dr. Arkengarth. O velho curador de cerâmica estava perto da porta, parecendo indignado, como se a morte fosse uma modernidade que desaprovava.

Bevis Pod estava ajoelhado, encarando a arma nas mãos, que tremiam, e fumaça azul se desenrolava da boca da arma e subia em espirais em direção ao teto.

Pomeroy veio subindo as escadas. Sua peruca tinha estourado e ele estava segurando um ferimento no braço, onde um fragmento de osso o tinha cortado.

— Vejam só isso! Eu devo ser a primeira pessoa a ser ferida por um dinossauro em cerca de setenta milhões de anos! — Piscou para Katherine e Bevis, depois viu os engenheiros caídos. Ninguém estava rindo da piada. — Bem! Bem, é? Nossa! Mostramos para eles! Assim que eu disse aos outros o que estava acontecendo, todos concordamos que não era aceitável. Bem, a maioria de nós. O resto está preso na cantina, juntamente com todos os aprendizes que pensávamos que poderiam apoiar os homens de Crome. Você

deveria ter nos visto, Kate! "Nós não vamos deixá-los levarem a srta. Valentine!", falamos, e não deixamos mesmo. Isso vai mostrar a eles, sabe? Os engenheiros não são páreo para os historiadores em cólera!

— Ou *historiadoras* em cólera! — piou Moira Plym, subindo os degraus para ficar ao lado dele. — Oh, isso vai ensiná-los a não mexer com meus móveis! Isso lhes mostrará o que acontece com… — O visor do capacete que ela estava usando caiu, abafando o resto.

Katherine encontrou a bolsa caída, na sujeira e no sangue na escada. Parecia não estar danificada, exceto por algumas manchas desagradáveis.

— Preciso chegar ao nível elevado. Deter MEDUSA. É o único jeito. Vou até a estação de elevador e…

— Não! — Clytie Potts veio subindo os degraus da entrada da frente. — Alguns engenheiros que estavam do lado de fora fugiram. Devem ter soado o alarme. Haverá guardas nos elevadores e mais seguranças aqui a qualquer momento. Stalkers também, provavelmente. — Ela encontrou o olhar preocupado de Pomeroy e abaixou a cabeça como se fosse tudo culpa dela. — Sinto muito.

— Tudo bem, srta. Potts. — Pomeroy deu um tapinha amigável no ombro dela, que quase a derrubou. — Não se preocupe, Katherine. Vamos manter os demônios ocupados aqui, e você pode se esgueirar para o nível elevado pelo Caminho do Gato.

— O que é isso? — perguntou Katherine.

— É o tipo de coisa que os historiadores sabem e todos outros esqueceram — esclareceu Pomeroy, sorrindo. — Uma antiga escada, deixada nos primeiros dias de Londres, quando o sistema de elevador nem sempre era confiável. Ela vai do nível três direto para o nível elevado, passando através do Museu no caminho. Está pronta para viajar?

Ela não estava, mas concordou com a cabeça.

— Eu vou com ela — afirmou Bevis.

— Não!

— Tá tudo bem, Kate. Eu quero ir. — Ele estava virando os engenheiros mortos, procurando um casaco sem muitos buracos. Quando encontrou um, começou a tatear os botões de borracha. — Se os engenheiros a virem andando sozinha lá, vão adivinhar o que aconteceu — explicou. — Mas se eu estiver com você, vão pensar que é uma prisioneira.

— Ele está certo, Kate — disse Pomeroy, assentindo, enquanto Clytie Potts ajudou o jovem engenheiro no casaco e limpou o pior do sangue com a bainha de seu manto. Ele verificou o relógio. — Oito e meia. MEDUSA vai ser disparada às nove, de acordo com as telas. Isso deve lhe dar muito tempo para fazer o que planeja fazer. Mas é melhor se apressar, antes que esses engenheiros voltem com reforços.



33

VINHO, PETISCOS E O AMANHECER DE UMA NOVA ERA

JENNY HANIVER ESTAVA CHEIO DE MEMÓRIAS DE ANNA FANG, A MARCA DE SUA BOCA EM UMA CANECA SUJA, A impressão de seu corpo no beliche desfeito, um livro meio lido no convés de voo, marcado com uma fita na página 205. Em um dos armários, Hester encontrou um baú cheio de dinheiro, não apenas moedas de bronze, mas taéis de prata e soberanos dourados, mais dinheiro do que ela ou Tom viram em toda a vida.

— Ela era rica! — Hester sussurrou.

Tom virou-se no banco do piloto e olhou para o dinheiro. Durante o voo de Shan Guo, não pensou duas vezes antes de levar o dirigível; sentiu como se estivessem apenas tomando emprestado para terminar um trabalho que a srta. Fang gostaria que fosse feito. Agora, observando Hester levantar os punhados de moeda, se sentia um ladrão.

— Bem — disse Hester, fechando o baú do tesouro —, isso não vai servir no lugar para onde ela foi. Também não vai servir para nós, já que espero que

logo nos juntemos a ela lá. — Ela o olhou de relance. — A menos que você tenha mudado de ideia?

Ele negou com a cabeça, embora a verdade fosse que a raiva que sentira antes tinha escorrido durante a luta para dominar o dirigível e orientá-lo para o oeste através do tempo inconstante das montanhas. Ele estava começando a ter medo, começando a se lembrar de Katherine e imaginou o que seria dela quando o pai estivesse morto. Mas ainda queria que Valentine pagasse por todas as desgraças que tinha causado. Ele começou a escanear as frequências de rádio para encontrar o sinalizador de Londres, enquanto Hester caçava nos armários atrás do que precisava: uma pesada pistola preta e uma longa faca de lâmina fina.



Por uma só noite, a grande câmara do conselho de Londres foi enfeitada com luzes e faixas e transformou-se em um local de festa. Os chefes das Guildas maiores e menores misturam-se alegremente entre os bancos de couro verde e sentam-se no palanque do orador, conversando animadamente sobre o novo campo de caça, olhando os relógios de vez em quando, enquanto a hora de disparar MEDUSA aproximava-se. Engenheiros aprendizes abordam os foliões, entregando lanches experimentais preparados pelo departamento do supervisor Nimmo. Os lanches são castanhos e têm sabores bastante peculiares, mas pelo menos são cortados em formas perfeitamente geométricas.

Valentine atravessa a multidão até achar Crome e seus assessores, uma fatia de borracha branca cercada por formas altas e pretas dos seguranças Stalkers. Ele quer perguntar ao Lorde Prefeito o que aconteceu com o agente que foi mandado atrás de Hester Shaw. Ele avança, acotovelando conselheiros bem estofados e pegando rápidos fragmentos de conversa:

— Aí está Valentine, vejam, de volta de Shan Guo!

— Ouvi dizer que explodiu toda a frota aérea da Liga!

— Que canapés encantadores!

— Valentine! — grita o Lorde Prefeito quando o explorador finalmente o alcança. — Exatamente o homem que eu estava procurando!

Ele parece quase alegre. Ao lado, levantam os gênios que fizeram a MEDUSA trabalhar novamente: dr. Chandra, dr. Chubb e dr. Wismer Splay, juntos com a dra. Twix, que dá um sorriso afetado e balança uma reverência, parabenizando Valentine em sua viagem a Shan Guo. Atrás dela, os guardas cobertos de preto permanecem imóveis como estátuas, e Valentine os indica com um meneio de cabeça.

— Vejo que está fazendo bom uso das velhas partes de Stalkers que trouxe para você, Crome…

— Certamente — concorda o Lorde Prefeito com um sorriso frio. — Toda uma nova raça de Homens Ressuscitados. Serão nossos servos e nossos soldados no novo mundo que estamos prestes a construir. Alguns estão em ação agora, enquanto falamos, lá no Museu.

— O Museu?

— Sim. — Crome observa-o maliciosamente, medindo suas reações. — Alguns dos seus historiadores são traidores, Valentine. Traidores armados.

— Você quer dizer que há uma batalha? Mas Kate está lá! Devo ir até ela!

— Impossível — briga o Lorde Prefeito, segurando o braço dele enquanto se vira para sair. — O nível dois está fechado. O Museu está cercado por Stalkers e equipes de segurança. Mas não se preocupe. Eles têm instruções estritas para não machucar sua filha. Ela será levada para se juntar a nós o mais rápido possível. Eu particularmente quero que ela assista à MEDUSA em ação. E quero você aqui também, Valentine. Fique.

Valentine o encara, passando pelas caras geladas dos outros frequentadores da festa, em súbito silêncio.

— Eu me pergunto onde está sua verdadeira lealdade — medita Crome. — Com Londres ou com sua filha? Fique.

"Fique." Como se ele fosse um cachorro. A mão de Valentim enrola-se por um momento no cabo da espada, mas sabe que não vai sacá-la. A verdade é que tem medo, e todas as suas aventuras e expedições apenas foram tentativas de se esconder desta verdade: é um covarde.

Ele esboça um sorriso no rosto trêmulo e faz uma reverência.

— Seu humilde servo, Lorde Prefeito.

Havia uma porta na parede perto da História Natural, pela qual Katherine deve ter passado muitas vezes sem sequer notar. Agora, quando Pomeroy a destrancou e abriu, ouviram o estranho e ecoado gemido de vento em um longo mastro, misturado com o rumor dos motores da cidade. Ele entregou a Bevis a chave e uma tocha.

— Boa sorte, sr. Pod. Kate, boa sorte…

De algum lugar atrás, surgiu uma grande e forte explosão que fez os vidros nas vitrines tremerem.

— Eles estão aqui — disse Pomeroy. — Precisam de mim no meu posto…

— Venha conosco! — Katherine implorou. — Você vai estar a salvo no nível elevado dentre as multidões…

— Este é o meu Museu, srta. Valentine — ele a lembrou —, e é aqui que vou ficar. Eu só atrapalharia vocês lá em cima.

Ela o abraçou, apertando o rosto em seu manto e saboreando o cheiro de naftalina e tabaco.

— Seu pobre Museu!

Pomeroy deu de ombros.

— Eu não acho que os engenheiros nos permitiriam manter nossas relíquias por muito mais tempo. Pelo menos, dessa forma, vamos lutar.

— E vocês podem vencer…

— Oh, sim. — O velho historiador deu uma risada triste. — Costumávamos acabar com eles regularmente no copa interguilda de futebol, sabia? Claro, eles não tinham metralhadoras e Stalkers para ajudá-los… — Ele levantou o rosto e olhou nos olhos, muito sério. — Detenha-os, Katherine. Coloque uma chave inglesa nas engrenagens.

— Eu vou tentar — prometeu.

— Vamos nos encontrar de novo — disse Pomeroy firmemente, erguendo o bacamarte enquanto se afastava. — Você tem o dom do seu pai, Kate: as pessoas a seguem. Veja a maneira como nos estimulou!

Eles ouviram o barulho dos canhões novamente quando fechou a porta, e depois o ruído das armas menores, mais perto agora e emaranhados com gritos fracos.

— Ali! — disse Tom.

Eles estavam voando alto através de minúsculos ventos de nuvens, e ele estava olhando para Londres, muito à frente.

— Ali!

Era maior do que se lembrava, e muito mais feia. Estranho, como, quando morava lá, acreditava em tudo que as telas diziam a respeito das linhas elegantes da cidade, sua beleza perfeita. Agora via que era feia, não melhor do que nenhuma outra cidade, apenas maior; uma tempestade de fumaça e chaminés regurgitando, uma onda de escuridão rolando para as montanhas com os casarões brancos da Alta Londres surfando na crista como um navio suave. Não parecia mais um lar.

— Ali… — disse de novo.

— Estou vendo — respondeu Hester ao lado. — Algo está acontecendo no nível elevado. Está iluminado como um parque de diversões. Tom, é lá que Valentine vai estar! Eles devem estar se preparando para usar MEDUSA!

Tom assentiu, sentindo-se culpado pela menção à MEDUSA. Sabia que se a srta. Fang estivesse ali, ela teria um plano para deter a arma antiga, mas ele não via o que poderia fazer sobre isso. Era muito grande, muito terrível, muito difícil de pensar a respeito. Melhor se concentrar no que importava para ele e Hester, e deixar o resto do mundo cuidar de si mesmo.

— Ele está lá — sussurrou a garota. — Posso sentir.

Tom não queria ir muito perto, no caso de o Lorde Prefeito ter colocado homens para vigiar os céus, ou mandado um grupo de naves rastreadoras. Ele puxou os controles e sentiu o movimento grande e lento à medida que o dirigível respondia. Ela se levantou, e Londres desapareceu até virar uma mancha de luz acelerada sob a nuvem enquanto ele se dirigia para o sul e começou a circular.



Eles saíram da escuridão para a escuridão, a tocha de Bevis Pod oscilando em lances de escadas idênticos de metal. Suas grandes sombras deslizaram pelas paredes. Eles não falavam muito, mas cada um ouvia a respiração constante do

outro, feliz pela companhia. Katherine continuava a olhar para trás, na esperança de ver Cão na sua cola.

— Quinhentos degraus — sussurrou Bevis, parando em um patamar estreito e apontando a tocha para cima. As escadas giravam eternamente. — Este deve ser o nível um. Metade do caminho.

Katherine assentiu, muito esbaforida para falar, muito pilhada para descansar. Sobre eles, a festa do Lorde Prefeito devia estar a todo vapor. Ela continuou a subir, os joelhos ficando rígidos, cada respiração com uma dor dura e fria na parte de trás da garganta, a sacola muito pesada batendo contra o quadril.



Através das janelas do dirigível, Hester podia ver o Exterior passando rápido, apenas cerca de trinta metros abaixo, com as mesmas trilhas direitas e retas nas quais ela e Tom haviam tropeçado nos dias que se conheceram pela primeira vez. E havia Londres, luzes traseiras vermelhas na escuridão, diminuindo quando Tom trouxe o dirigível para a espessa névoa de escape da cidade. Ele era bom nisso, ela percebeu, e achou que era uma pena que o seu plano não fosse funcionar.

O rádio ganhou vida estalando; o departamento de Docas e Abordagem de Londres exigindo os códigos de identificação deles.

Tom olhou de volta para ela, assustado, mas ela sabia como lidar com isso. Foi até o rádio e virou o interruptor de "transmitir" para cima e para baixo rapidamente, deturpando a mensagem como se o sistema de comunicações estivesse avariado.

— Aeronave de Londres GE47 — disse ela, lembrando-se do codinome que tinha ressoado pelos alto-falantes da hospedagem em Airhaven semanas atrás. — Estamos levando Shrike de volta ao Engineerium.

O rádio disse alguma coisa, mas ela o apagou. Névoa preta se pressionou contra as janelas, e gotas de água se condensaram no vidro e desceram tremendo, deixando trilhas tremidas.

— Vou circular a cidade por vinte minutos e então descer e pegar você — Tom dizia. — Isso deve dar tempo para achar Valentine e…

— Estarei morta em vinte minutos, Tom. Apenas fique a salvo. Esqueça-me.

— Eu vou circular de volta…

— Estarei morta.

— Vou circular do mesmo jeito…

— Não tem sentido, Tom.

— Eu vou circular de volta e pegar você.

Hester olhou para ele e viu lágrimas brilhando em seus olhos. Tom estava chorando, por ela, porque estava indo para o perigo e ele não a veria de novo, e ela pensou que era estranho que ele gostasse tanto dela, e também muito doce. Hester disse:

— Tom, eu queria… Tom, se eu… — E outros pequenos pedaços de frases que se apagaram em silêncio, porque nem ela sabia o que estava tentando dizer, só que queria que ele soubesse que era a melhor coisa que já tinha acontecido a ela.

Uma luz surgiu do escuro, depois outra. Estavam subindo, passando pelo nível três, e bem perto. O nível dois passou rapidamente, com as pessoas olhando para cima de um convés de observação, e depois o Circle Park com lanternas amarradas entre as árvores. Tom se atrapalhou com os controles e *Jenny* avançou, baixando sobre os telhados de Knightsbridge e em direção à borda traseira do nível elevado. Ele viu Hester de relance. Ela queria abraçá-lo, beijá-lo, fazer algo, mas não havia tempo, então apenas arfou:

— Tom, não deixe que o matem. — Depois bateu nos controles das escotilhas no "abrir" e pulou enquanto o dirigível balançava em um arco frenético sobre a borda do nível elevado.

Hester atingiu o piso do convés com força e rolou repetidamente. *Jenny Haniver* se afastava rápido, iluminado pelas trilhas cintilantes de foguetes de uma bateria de defesa aérea no Engineerium. Os foguetes erraram o alvo, a escuridão engoliu o dirigível, e ela estava sozinha, entrando na sombra.



— Um único dirigível, Lorde Prefeito. — É um engenheiro nervoso, um rádio semelhante a uma concha preso à orelha. — Ele escapou, mas

acreditamos que um grupo de abordagem pode ter pousado.

— Antitracionistas no nível elevado? — O Lorde Prefeito assente, como se fosse o tipo de problema pequeno que surge todos os dias. — Bem, bem. Dra. Twix, acho que essa pode ser uma boa oportunidade para testar seus novos modelos.

— Oh, que bom! — trina a mulher, derrubando um prato de canapés em animação. — Venham, minhas garotas! Venham!

Os Stalkers se viram num único movimento e fazem uma formação atrás dela, atravessando foliões emocionados até as saídas.

— Tragam-me quem nos abordou com vida! — Crome grita atrás. — Seria uma pena se perdessem o grande evento.



34

IDEIA PARA FOGOS DE ARTIFÍCIO

TOM LIMPOU OS OLHOS COM AS COSTAS DE UMA DAS MÃOS E SE CONCENTROU NO VOO, CONDUZINDO Jenny para longe de Londres e para cima. Ele não estava mais com medo. Sentia-se bem em fazer algo finalmente, por cuidar daquela máquina enorme e maravilhosa. Ele a virou para leste, apontando o nariz para o último brilho fraco do dia no cume de Zhan Shan. Ele ia circular por vinte minutos. Era como se a metade do tempo já tivesse passado, mas quando verificou os cronômetros, viu que se passaram menos de dois minutos desde que Hester pulara para Londres e…

Uma coisa apressada e brilhante bateu na gôndola, e a explosão arrancou-o do assento. Ele se agarrou a um suporte e viu papéis, painéis de instrumentos, pedaços explosivos de cabos, o santuário com suas fotografias e fitas e o livro meio lido da srta. Fang passarem voando por um buraco dentado na fuselagem, caindo no céu como pássaros despreocupados. As grandes

janelas se estilhaçaram e o ar tornou-se afiado e brilhante com o vidro que voava.

Ele ergueu o pescoço, espiando pelas janelas vazias, tentando ver se o balão tinha queimando. Não havia chamas, mas acima uma grande forma escura passou, o luar deslizando ao longo do balão blindado. Era o *Elevador do 13º Andar*, passando por *Jenny* e fazendo uma lenta volta bem longe na base das montanhas de Shan Guo antes de voltar para acabar com ele.



Magnus Crome observa a multidão de convidados na praça, olhando para o brilho e cintilação da batalha ocorrendo acima das nuvens. Ele checa o relógio de pulso.

— Dr. Chandra, dr. Chubb, dr. Splay, é hora de liberar a MEDUSA. Valentine, venha conosco. Tenho certeza que está interessado em ver o que fizemos da sua máquina.

— Crome — diz o explorador, bloqueando o caminho —, tem algo que preciso dizer…

O Lorde Prefeito levanta uma sobrancelha, intrigado. Valentine hesita. Ele planejou este discurso toda a noite, sabendo que é o que Katherine quer que ele diga. Agora, diante dos olhos árticos do Lorde Prefeito, hesita, gaguejando por um momento.

— Vale a pena, Crome? — ele diz por fim. — Destruir a Muralha-Escudo não vai destruir a Liga. Haverá outras cidadelas para derrotar, centenas de fortalezas, milhares de vidas. Vale mesmo tanto a pena, esse seu novo campo de caça?

Há uma onda de espanto entre os espectadores. Crome responde calmamente:

— Deixou para ter dúvidas bem tarde, Valentine. Você se preocupa demais. Dra. Twix pode construir exércitos inteiros de Stalkers, mais do que o suficiente para esmagar qualquer resistência de selvagens antitracionistas.

Ele começa a avançar, mas Valentine o impede de novo.

— Pense, Lorde Prefeito. Por quanto tempo um novo campo de caça vai nos sustentar? Mil anos? Dois mil? Um dia não haverá mais presas em lugar

algum, e Londres terá que parar de se mover. Talvez devêssemos aceitar, parar agora, antes que outro inocente seja morto. Pegue o que você aprendeu com MEDUSA e use para propósitos pacíficos…

Crome sorri.

— Você realmente acha que sou tão míope? A Guilda dos Engenheiros planeja mais adiante do que suspeita. Londres nunca vai parar de se mover. Movimento é vida. Quando devorarmos a última cidade errante e demolirmos o último assentamento estático, começaremos a cavar. Construiremos grandes motores, alimentados pelo núcleo do calor do mundo, e arrancaremos nosso planeta de sua órbita. Vamos devorar Marte, Vênus e os asteroides. Devemos devorar o próprio sol e depois navegar pelo golfo do espaço. Daqui um milhão de anos, nossa cidade ainda estará viajando, não mais buscando cidades para comer, mas mundos inteiros!

Valentine o segue pela porta e pela praça até St. Paul. *Katherine está certa*, pensa. *Ele é doido de pedra! Por que não coloquei um fim em seus esquemas quando tive a chance?*

Sobre as nuvens, os foguetes disparam e estouram, e a luz de um dirigível explodindo lava os rostos virados para cima da multidão, que murmura:

— Ooooooooh!



E Hester Shaw se arrasta pela beirada do nível enquanto os Homens Ressuscitados passam procurando-a. Olhos verdes varrendo as paredes e as placas, as garras de aço desembainhadas e crispadas.



O Caminho do Gato terminava em uma pequena câmara circular com números estendidos nas paredes suadas e uma única porta de metal. Bevis enfiou a chave na fechadura, e Katherine ouviu virar. Um facho de luz

apareceu ao redor da beira da porta, e ela escutou vozes lá fora, um longo e trêmulo:

— Ooooh!

— Estamos no beco da Paternoster Square — Bevis avisou. — Eu me pergunto por que eles parecem tão animados?

Katherine puxou o relógio e segurou-o na fina porção de luz da porta.

— Dez para as nove. Estão esperando por MEDUSA.

Ele a abraçou uma última vez e sussurrou rápido e de forma tímida:

— Eu te amo! — Então a empurrou pela porta e saiu depois, tentando fazer parecer que era seu captor, não amigo, e se perguntando se algum outro engenheiro algum dia disse o que ele tinha acabado de dizer, ou havia se sentido do jeito que se sentia quando estava com Katherine.



Tom atravessou os detritos da gôndola de *Jenny*. As luzes estavam apagadas e o sangue escorria sobre seus olhos, descendo de um corte na testa, cegando-o. A dor de suas costelas quebradas se espalhou pelo seu corpo em ondas doloridas e vertiginosas, e tudo o que queria fazer era deitar fechar os olhos e descansar, mas sabia que não deveria. Ele procurou os controles dos foguetes, rezando a todos os deuses de que já ouviu falar para que não tivessem sido destruídos. E, ao deslocar o interruptor direito, uma mira saiu do painel de instrumentos principal, e ele esfregou os olhos e viu o fantasma invertido do *Elevador do 13º Andar* enquadrado na cruz, crescendo a cada instante.

Ele puxou o máximo que pôde os controles de disparo, e sentiu o convés se mexer sob si enquanto os foguetes saíram gritando de seus nichos sob a gôndola. Uma luz ofuscante floresceu quando atingiu seu alvo, mas quando ele piscou de novo para tirar as imagens residuais brilhantes e olhou de novo, o dirigível preto ainda estava lá, e ele percebeu que mal havia amassado o grande balão blindado e que iria morrer.

Mas tinha conseguido mais alguns poucos momentos, pelo menos, porque a bateria de foguetes estibordo do *Elevador* estava danificada, portanto o dirigível estava passando por ele e se virando para colocar sua matriz de portas para suportar um próximo ataque. Ele tentou se acalmar. Tentou pensar em

Katherine, de modo que a lembrança dela seria o que levaria consigo ao País sem Sol, mas fazia muito tempo que não sonhava com ela, e não conseguia se lembrar mais de seu rosto. O único rosto que conseguia lembrar era o de Hester, e então pensou nela e nas coisas que tinham passado juntos, e como tinha se sentido ao segurá-la na Muralha-Escudo naquela noite, o cheiro de seus cabelos e o calor de seu corpo rígido e ossudo através do casaco esfarrapado.

E de algum canto da memória veio o eco dos foguetes da Liga que foram disparados contra o *Elevador do 13º Andar* enquanto o dirigível fugia de Batmunkh Gompa; o grunhido grosso das explosões e o ruído pequeno, vivo e formigante do vidro quebrado.

O balão é reforçado, mas as janelas podem se quebrar.

Ele voltou para os controles do foguete e o mirou de forma que a cruz na telinha ficasse centrada não nas bolsas de gás do *Elevador*, mas nas janelas. O medidor ao lado do visor contou-lhe que ele tinha três foguetes restando, e os atirou todos juntos, a gôndola quebrada tremendo e gemendo enquanto se afastavam em direção ao alvo.

Por uma fração de segundo, viu Pewsey e Gench no convés de voo, o encarando, rostos chocados com terror silencioso. Então desapareceram em um brilho enquanto os foguetes rasgavam através das janelas e a gôndola se enchia de fogo. Um gêiser de chamas foi rasgando as escadas entre as bolsas de gás e explodiu o topo do envelope. Quando Tom conseguiu ver de novo, os destroços enormes estavam se afastando, fogo na gôndola arruinada e nas escotilhas de seu porão, fogo disparando de suas velas de direção, fogo saindo das cápsulas de motor quebradas, fogo pulando de dentro do envelope até parecer uma vasta lanterna chinesa caindo para as luzes de Londres.



Katherine saiu da boca do beco para uma multidão correndo, pessoas ao redor olhando para cima, alguns ainda segurando bebidas e petiscos, os olhos e as bocas abertos. Ela mirou St. Paul. A cúpula ainda não tinha sido aberta, então não podia ser isso que estavam olhando. E o que era essa luz, esse brilho

grande e alaranjado que superava as lâmpadas de argônio e fazia as sombras dançarem?

Foi o momento em que os destroços em chamas de um dirigível desceram do céu e caíram contra a fachada do Engineerium em uma tempestade de fogo, vidro e cavacos extensos de metal escurecido. Um motor inteiro se soltou dos destroços e desceu em uma espiral em direção a ela, vermelho quente e pulverizando combustível ardente. Bevis a empurrou de lado e para o chão. Ela o viu se levantar diante dela com a boca aberta, gritando algo, e viu um olho azul na tampa de motor estourada enquanto aquilo o destroçava, um turbilhão de membros, uma aba de um casaco branco rasgado. O grito perdeu-se no fio de metal tortuoso enquanto os destroços o esmagavam contra a estação de elevador do nível elevado.

Um olho azul no capô do motor. Ela sabia que devia significar alguma coisa, mas não conseguia pensar no quê.

Ela se levantou lentamente, tremendo. Havia pequenos incêndios no convés ao redor dela, e um grande no Engineerium que projetava uma luz digna de Dia das Bruxas por todo o nível. Ela tropeçou para onde o motor ardente estava, suas enormes lâminas de hélice saindo do prato como megálitos. Ao levantar a mão para proteger seu rosto contra o calor projetado, ela procurou Bevis.

Ele estava caído em um ângulo íngreme dos detritos, retorcido de formas impossíveis que Katherine soube na hora que nem adiantava chamar o seu nome. As chamas estavam subindo, fazendo bolhas no casaco e pingando como queijo derretido, pressionando o calor contra o rosto dela, transformando as lágrimas em sopros de vapor, mandando-a para trás, sobre escombros e pedaços de corpos.

— Srta. Katherine?

Um olho azul no capô do motor. Ela ainda podia ver as linhas, a pintura descascando ante as labaredas. A nave do seu pai.

— Srta. Katherine?

Ela virou-se e encontrou um dos homens da estação do elevador de pé com ela, tentando ser legal. Ele a pegou pelo braço e a levou gentilmente para longe, gesticulando para a parte principal dos escombros, a tormenta de fogo escaldante no Engineerium.

— Ele não estava lá, senhorita.

Ela olhou para o sorriso dele. E não entendeu. Claro que ele estava lá! Ela o tinha visto lá, morto, a face boquiaberta e as chamas subindo ao redor. Bevis, a quem ela tinha levado lá, que a tinha amado. O que havia para sorrir?

Mas o homem continuava a sorrir.

— Ele não estava a bordo, senhorita. Me refiro ao seu pai. Eu o vi a menos de cinco minutos, indo para St. Paul com o Lorde Prefeito.

Ela sentiu o peso sinistro da mochila ainda pendurada em seu ombro e lembrou-se de que tinha um trabalho a fazer.

— Venha, senhorita. — disse o homem. — Você teve um choque desagradável. Venha, sente-se e tome uma boa xícara de chá…

— Não — ela respondeu. — Tenho que achar o meu pai.

Ela o deixou lá e virou-se, tropeçando pela praça, passando por multidões em pânico com túnicas e roupas de festa manchadas de fumaça, através do longo e tremendo zurro de sirenes, em direção a St. Paul.



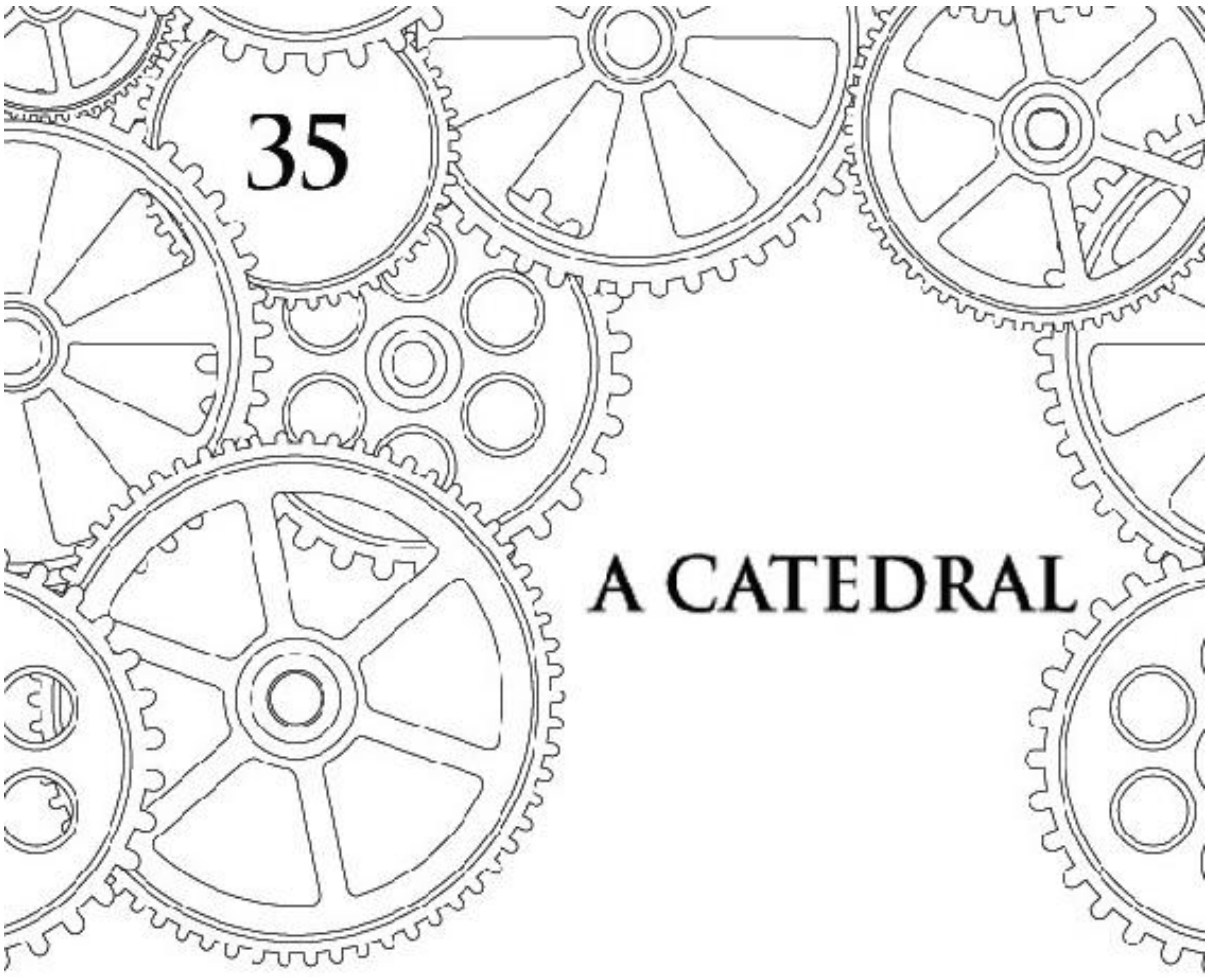
Hester estava disparando em direção ao Salão das Guildas quando a explosão a levantou, a lançou para fora das sombras e em direção à dura projeção de luz do Engineerium em chamas. Ela rolou várias vezes pelo convés que tremia, a pistola indo para longe, o véu rasgado. Houve um momento de silêncio, então surgiram ruídos, gritos e sirenes. Ela tentou se lembrar dos momentos antes da explosão, tentando colocá-los em algum tipo de ordem. Essa luz acima dos telhados, aquela coisa ardente deslizando pelo céu, tinha sido uma aeronave. *Jenny Haniver.*

— Tom — disse ela, sussurrando seu nome para o pavimento quente, e sentiu-se mais sozinha e pequena do que nunca.

Ela ergueu o corpo até ficar de quatro. Próximo, um dos novos Stalkers tinha sido atingido pela explosão e partido no meio, suas pernas estavam se batendo em coisas sem direção. O xale que Tom lhe deu passou voando. Ela o pegou, amarrou ao redor do pescoço e se virou para procurar a arma perdida, apenas para achar outro esquadrão de Stalkers, bem inteiros, se aproximando dela por trás. Suas garras eram barras cortadas de fogo na escuridão, e a luz

das chamas iluminava seus rostos longos e mortos. Ela percebeu com uma pontada vazia de desapontamento de que este seria seu fim.

E acima das silhuetas escuras dos telhados do Salão das Guildas, além da fumaça e das faíscas que dançavam, o domo de St. Paul estava começando a abrir.



35

A CATEDRAL

A GÔNDOLA QUEBRADA DE JENNY HANIVER GEMEU COMO UMA FLAUTA QUANDO O VENTO OESTE soprou através dela, levando-a rapidamente de Londres. Tom caiu exausto nos controles, migalhas de vidro quebrado grudando como grãos de areia no rosto e nas mãos. Ele tentou ignorar o giro selvagem dos medidores de pressão à medida que o hidrogênio vazava do envelope danificado. Tentou não pensar a respeito de Pewsey e Gench, queimando dentro da gôndola deles, mas cada vez que fechava os olhos, via os rostos gritantes, como se os zeros obscuros das bocas abertas estivessem gravados para sempre nos globos oculares dele.

Quando ergueu a cabeça, viu Londres, muito a leste. Algo estava acontecendo com a catedral, e torrentes de fogo rosa e verde jorravam do Engineerium. Lentamente, começou a compreender o que tinha acontecido. E era culpa dele! Pessoas deviam estar mortas, não apenas Pewsey e Gench, mas muitas outras, e se não tivesse disparado contra o *Elevador do 13º Andar* ainda

estariam vivas. Ele gostaria de nunca ter disparado aqueles foguetes. Seria melhor estar morto do que ficar lá assistindo ao nível elevado queimar e saber de sua culpa.

Daí ele pensou: *Hester!*

Ele havia prometido que iria voltar. Ela estaria esperando, lá embaixo entre os incêndios. Ele não podia decepcioná-la. Respirou profundamente e se inclinou sobre os controles. Os motores soluçaram de volta à vida. *Jenny Haniver* virou lentamente para o vento e começou a voltar para a cidade.



Katherine se movia como uma sonâmbula pela Paternoster Square, indo para a catedral transformada. Em volta, os fogos se espalhavam, mas ela mal notou. Seus olhos estavam fixos na terrível beleza acima: aquela capa branca que se desdobra contra o céu noturno, virando-se para o leste. Ela não sentia mais medo. Sabia que Clio estava vigiando-a, mantendo-a segura para que pudesse expiar as terríveis coisas que o pai tinha feito.

Os guardas na porta da catedral estavam muito distraídos pelos incêndios para prestarem atenção numa garota em idade escolar com uma mochila. No começo, eles disseram para sair dali, mas quando ela insistiu que seu pai estava dentro e lançou seu passe dourado amassado, simplesmente encolheram os ombros e a deixaram passar.

Ela nunca tinha estado em St. Paul antes, mas tinha visto fotos. Elas não se pareciam nem um pouco com *aquilo*.

Os corredores com pilares e os altos tetos abobadados ainda estavam onde sempre haviam estado, mas a Guilda dos Engenheiros tinha revestido as paredes em metal branco e globos de argônio em gaiolas de arame que pendiam dos tetos. Os cabos elétricos gordurosos serpenteavam a nave, alimentando de energia algo no coração da catedral.

Katherine caminhou lentamente para a frente, mantendo-se nas sombras sob os pilares, fora do caminho das dezenas de engenheiros correndo para verificar ligações de energia e fazendo anotações em pranchetas. Adiante, o púlpito sob a grande cúpula estava cheio de maquinário estranho. Uma massa de vigas e canos hidráulicos suportava o peso da cobra enorme que se

projetava para cima na noite, e em torno da base uma floresta de bobinas de metal, cantarolando e crepitando em uma onda de energia que aumentava lentamente. Engenheiros corriam entre os cabos, subindo e descendo a torre central em escadas de metal, e muitos estavam agrupados em torno de um console próximo, como sacerdotes no altar de um deus de máquina, falando em vozes baixas e animadas. Dentre eles, viu o Lorde Prefeito e, ao lado, sombrio, estava seu pai.

Ela paralisou, segura nas sombras. Podia ver o rosto dele bem claramente. Ele estava observando Crome e franzindo a testa, e ela sabia que seu pai preferiria estar ajudando com o trabalho de resgate e apenas as ordens do Lorde Prefeito o mantinham ali. Ela esqueceu por um momento que ele era um assassino; queria correr e abraçá-lo. Mas ela estava nas mãos de Clio, o agente da História, e tinha um trabalho a fazer.

Ela se aproximou pela beirada, até que estivesse de pé no abrigo de uma fonte antiga na parte inferior dos degraus do púlpito. Dali, tinha uma boa vista do que Crome e os outros estavam fazendo. O console era uma cama de gato de fios, cabos e dutos de borracha, e no meio estava uma esfera do tamanho de uma bola de futebol. Katherine podia adivinhar o que era. Pandora Shaw descobriu isso em um laboratório profundo da América perdida e trouxe de volta para a Ilha do Carvalho, e seu pai tinha roubado na noite em que a assassinou. Os engenheiros limparam e repararam o melhor que puderam, substituindo circuitos danificados por máquinas primitivas que haviam juntado dos cérebros dos Stalkers. Agora o dr. Splay estava diante daquilo, os dedos se movendo como aranhas sobre um teclado de marfim, digitando sequências de números verdes e brilhantes em uma tela portátil. Um segundo monitor mostrou uma imagem obscura da visão à frente de Londres, miras centradas na distante Muralha-Escudo.

— Os acumuladores estão carregados — alguém disse.

— Aí está, Valentine! — exclamou Crome, pousando uma mão ossuda no braço do pai dela. — Estamos prontos para fazer história.

— Mas os incêndios, Crome…

— Você pode brincar de bombeiro mais tarde — disparou o Lorde Prefeito. — Temos que destruir a Muralha-Escudo *agora*, no caso da MEDUSA ter sido danificada pela explosão.

Os dedos de Splay continuavam batendo no teclado, mas os outros sons da catedral desapareceram. Os engenheiros estavam olhando com admiração para a floresta de bobinas, onde espectros de luz estranhos e ondulantes se formavam, flutuando para cima no céu além da cúpula aberta com um zumbido fraco, como o de um inseto. Katherine começou a suspeitar que realmente não entendiam essa tecnologia que seu pai tinha desenterrado; estavam quase tão impressionados quanto ela.

Se ela tivesse corrido para a frente então, pegado a bomba e atirado no computador antigo, poderia ter mudado tudo. Mas como? O pai estava bem do lado da coisa, e até quando disse a si mesma que ele *não* era mais o seu pai e tentou pesar a vida dele contra os milhares prestes a morrer em Batmunkh Gompa, não conseguiu se levar a feri-lo.

Ela tinha falhado. Virou o rosto para o telhado abobadado e perguntou: *O que você quer que eu faça? Por que me trouxe aqui?*

Mas Clio não respondeu.

Crome deu um passo em direção ao teclado.

— Dê as coordenadas do alvo para MEDUSA — ordenou.

Os dedos de Splay tocaram as teclas, digitando a latitude e a longitude de Batmunkh Gompa.

— *Alvo adquirido* — anunciou uma voz mecânica, saindo de alto-falantes acima da estação de Splay. — *Distância: duzentos e dez quilômetros e se aproximando. Código de autorização de entrada Ômega.*

Dr. Chubb produziu um feixe de grossas folhas de plástico, fragmentos laminados de documentos antigos. Débeis listas de números apareceram através do plástico, como insetos presos em âmbar, enquanto ele folheou as folhas até encontrar o que queria e o segurou para que Splay lesse.

Porém antes que Splay pudesse começar a digitar os códigos, havia um balbucio confuso de vozes pela entrada principal. A dra. Twix estava lá, com alguns dos Stalkers bem atrás.

— Olá, todo mundo! — ela chilreou, apressando-se pelo corredor lateral e acenando para que suas criações a seguissem. — Olhem o que os meus bebezinhos espertos encontraram para você, Lorde Prefeito! Uma verdadeira antitracionista, bem como pediu. Embora eu tema que seja bastante feia…

— *Código de autorização de entrada Ômega* — repetiu MEDUSA. A voz mecânica não mudara, mas para Katherine parecia um pouco impaciente.

— Cale-se, Twix! — vociferou Magnus Crome, olhando para os instrumentos, mas os outros se voltaram para olhar enquanto um dos Stalkers caminhou de forma desajeitada até o púlpito e jogou uma carga aos pés do Lorde Prefeito.

Era Hester Shaw, as mãos amarradas na frente, indefesa, carrancuda e ainda se perguntando por que os Stalkers não a haviam matado de imediato. Ao ver seu rosto arruinado, os homens do púlpito congelaram, como se olhar para ele tivesse os transformado em pedra.

Oh, grande Clio!, pensou Katherine, vendo pela primeira vez o que a espada do pai tinha feito. E então olhou do rosto de Hester para o dele, e o que ela viu ali a chocou ainda mais. A expressão tinha sumido, deixando uma máscara cinza, menos humana e mais horrível do que a da menina. Era assim que devia ser sua aparência quando matou Pandora Shaw e voltou para encontrar Hester o observando. Ela sabia o que aconteceria a seguir, mesmo antes de a espada sair da bainha.

— *Não!* — gritou, vendo o que ele queria fazer, mas a boca estava seca, a voz era um sussurro.

De repente, entendeu por que a deusa a trouxera ali e sabia o que deveria fazer para corrigir o crime do pai. Ela largou a mochila inútil e correu pelos degraus. Hester estava tropeçando para trás, levantando as mãos para evitar o golpe, e Katherine se lançou entre eles de forma que subitamente era *ela* que estava no caminho, e a espada deslizou facilmente através dela e sentiu o batente do punho duro contra suas costelas.

Os engenheiros engasgaram. A dra. Twix deu um pequeno grito assustado. Até Crome pareceu alarmado.

— *Código de autorização de entrada Ômega* — exigiu MEDUSA, como se nada tivesse acontecido.

— Não! — Valentine berrou enquanto balançava a cabeça como se não entendesse como ela viera parar ali, perpassada por sua espada. — Kate, não! — Ele deu um passo atrás, liberando a lâmina.

Katherine a observou sair dela. Parecia ridículo, uma piada. Não houve dor, mas sangue brilhante estava latejando de um buraco na túnica e salpicando no chão. Sentiu-se tonta. Hester Shaw agarrou-a, mas Katherine a sacudiu para longe.

— Pai, não a machuque — disse, e deu dois passos vacilantes para a frente e caiu contra o teclado do dr. Splay. Letras verdes sem sentido se espalharam pela pequena tela à medida que a cabeça bateu nas teclas, e quando seu pai a levantou e a colocou gentilmente no chão, ela ouviu a voz de MEDUSA soltando:

— *Código incorreto.*

Novas sequências de números foram derramadas pelas telas. Algo explodiu com um estalo entre as teias de cabos enrolados.

— O que está acontecendo? — choramingou o dr. Chubb. — O que está fazendo?

— Rejeitou nossas coordenadas — ofegou o dr. Chandra. — Mas a energia ainda está acumulando…

Os engenheiros voltaram para os postos, tropeçando em Katherine caída no chão, a cabeça no colo do pai. Ela os ignorou, encarando o rosto de Hester. Era como olhar para o seu próprio reflexo em um espelho quebrado, e sorriu, contente por ter finalmente encontrado a meia-irmã e se perguntando se seriam amigas. Ela começou a soluçar e, a cada soluço, sangue subia pela garganta até a boca. Um arrepio entorpecido estava se espalhando por seu corpo, e ela podia sentir-se começar a se afastar, os sons da catedral ficando cada vez mais fracos. *Vou morrer?*, pensou. *Não posso, ainda não, não estou pronta!*

— Me ajudem! — Valentine gritou para os engenheiros, mas eles só estavam interessados na MEDUSA. Foi a garota que veio ao lado e levantou Katherine enquanto ele tirava uma tira de seu manto e tentava estancar o sangramento. Ele olhou para os olhos cinzas dela e sussurrou:

— Hester… obrigado!

Hester o encarou de volta. Ela passou por tudo aquilo para matá-lo durante todos esses anos e, agora que ele estava à sua mercê, não sentia nada. A espada estava caída no chão onde ele tinha deixado. Ninguém estava olhando para ela. Mesmo com os pulsos presos, poderia tê-la arrancado e enfiado em seu coração. Mas isso não parecia importar mais. Atordoada, observou as lágrimas dele caírem, mergulhando no incrível lago de sangue que jorrava do corpo da filha. Pensamentos confusos se perseguiram dentro da cabeça dela. *Ele a ama! Ela me salvou! Não posso deixá-la morrer!*

Estendeu a mão, tocou-o e disse:

— Ela precisa de um médico, Valentine.

Ele olhou para os engenheiros, agrupando-se em torno da máquina em um círculo frenético. Não viria ajuda deles. Do lado de fora das portas da catedral, cortinas de fogo dourado cruzavam a Paternoster Square. Ele olhou para cima e viu algo vermelho pegar a luz do fogo além das janelas altas do transepto estibordo.

— É *Jenny Haniver*! — gritou Hester, lutando para ficar de pé. — Oh, é o Tom! E tem uma enfermaria a bordo… — Mas ela sabia que *Jenny* não poderia pousar nas chamas do nível elevado. — Valentine, conseguimos subir até o telhado de algum jeito?

Valentine pegou a espada e cortou as cordas nos pulsos dela. Depois, jogando a arma de lado, levantou Katherine e começou a carregá-la entre as bobinas faiscando para a escadaria de metal que subia em ziguezague até o domo. Stalkers tentaram pegar Hester enquanto ela corria atrás, mas Valentine ordenou que voltassem. Para um surpreso alabardeiro, ele gritou:

— Capitão! Aquele dirigível não deve ser atingido!

Magnus Crome veio correndo para agarrar sua manga.

— A máquina ficou louca! — lamentou. — Só Quirke sabe que comandos sua filha colocou nela! Não podemos dispará-la e não conseguimos deter o acúmulo de energia! Faça algo, Valentine! Você descobriu essa coisa maldita! Faça com que pare!

Valentine empurrou-o para o lado e começou a subir os degraus, através dos véus levantados da luz, o estalido crepitante e do ar que cheirava a lata queimada.

— Eu só queria ajudar Londres! — o velho soluçou. — Só queria que Londres fosse *forte*!



HESTER FOI NA FRENTE, ESCALANDO O TOPO ABERTO DA CÚPULA PARA A LUZ ESFUMAÇADA DO FOGO E A sombra da grande arma. À direita, o esqueleto carbonizado do *Elevador do 13º Andar* jazia caído sobre as ruínas do Engineerium como uma montanha-russa abandonada. O fogo se espalhou para o Salão das Guildas, e o Departamento de Planejamento e o Hall de Registros ardiam, lançando vaga-lumes de faíscas e milhões de formulários oficiais em rosa e branco. St. Paul era uma ilha em um mar de fogo, com *Jenny Haniver* acima como uma lua de baixo orçamento, queimada e puxando para o lado, virando bêbada nas correntes de ar dos edifícios em chamas.

Ela subiu mais alto, sobre a cobra que era a MEDUSA. Valentine veio atrás; ela podia ouvi-lo sussurrando para Katherine, com olhos fixos no dirigível.

— Que idiota está pilotando esta coisa? — gritou, dando um jeito de passar pela carenagem para se juntar a ela.

— É Tom! — Hester chamou e se levantou, balançando ambos os braços e gritando: — Tom! Tom!



Tom viu o xale primeiro, o que tinha comprado para ela em Peripatetiapolis. Agora amarrado no pescoço, tremulando no vento, um súbito lampejo de vermelho. Viu de canto do olho, lá embaixo, acenando. Então uma asa negra de fumaça desceu sobre ela e ele se perguntou se apenas imaginara aquela pequena figura que se aproximava do capuz da cobra, porque parecia impossível que alguém pudesse sobreviver neste enorme incêndio que ele causara. Ele fez *Jenny Haniver* chegar mais perto. A fumaça subiu, e lá estava ela, batendo os braços, com o longo casaco preto, a passada larga e a face feia e maravilhosa.



Katherine abriu os olhos. O frio dentro dela estava crescendo, espalhando-se do lugar onde a espada tinha entrado. Ela ainda estava soluçando, e pensou no quão estúpido seria morrer com soluço, quão indigno. Desejou que Cão estivesse ao seu lado.

— Tom! Tom! — alguém ficava gritando.

Ela virou a cabeça e viu uma aeronave descendo da fumaça, cada vez mais perto até que o lado da gôndola se raspasse contra MEDUSA e sentiu a corrente de ar de suas cápsulas de motor agredidas. O pai a estava carregando, e podia ver Tom olhando para ela através do para-brisas quebrado. Tom que tinha estado lá quando tudo começou, que ela pensou que estava morto. Mas ali estava ele, vivo, parecendo chocado e manchado de fuligem, com uma ferida em forma de V na testa como a marca de alguma Guilda desconhecida.

A gôndola era muito maior do lado de dentro do que ela esperava. Na verdade, era muito parecida com a Casa Clio, e tanto Cão quanto Bevis a estavam esperando lá, seus soluços tinham passado, e sua ferida não era tão ruim como todos pensavam, era apenas um arranhão. A luz do sol se transmitiu através das janelas enquanto Tom voava cada vez mais para cima num céu do mais cristalino azul perfeito, e relaxou com gratidão nos braços do pai.

Hester chegou no dirigível primeiro, transportando-se a bordo do flanco quebrado. Mas quando olhou para trás, estendendo a mão para Valentine, viu que ele caiu de joelhos e percebeu que Katherine estava morta.

Ela ficou ali, ainda com a mão esticada, sem saber muito bem por quê. Havia um brilho elétrico no ar acima do capô de metal branco. Ela gritou:

— Valentine! Apresse-se!

Ele levantou os olhos do rosto da filha apenas o suficiente para dizer:

— Hester! Tom! Voem! Salvem-se!

Atrás dela, Tom estava colocando as mãos em conchas nas orelhas e gritando:

— O que ele disse? É a Katherine? O que aconteceu?

— Apenas vá embora! — ela gritou e, passando por ele, começou a mudar todos os motores que ainda funcionavam para força total.

Quando ela olhou para baixo, Valentine estava diminuindo, uma forma escura embolsada em seus braços, uma mão pálida que se arrastava. Hester sentiu como se fosse o fantasma de Katherine, levantando-se no céu. Havia uma dor terrível dentro dela e sua respiração surgia em soluços e alguma coisa molhada e quente estava derramando em sua bochecha. Ela se perguntou se poderia ter sido ferida sem perceber, mas quando colocou as mãos no rosto, os dedos voltaram molhados, e ela entendeu que estava chorando, chorando por sua mãe e pai, e por Shrike, e Katherine, e até mesmo por Valentine enquanto a luz crepitante em torno da catedral ficava mais brilhante e Tom guiava *Jenny Haniver* para longe, em direção às trevas.

Nas Entranhas, os enormes motores de Londres subitamente pararam de funcionar, sem aviso prévio e de uma só vez, mergulhados pelas estranhas radiações que começavam a cair pelo tecido da cidade. Pela primeira vez desde que cruzou a ponte terrestre, a grande Cidade de Tração começou a diminuir a velocidade.

Em uma galeria apressadamente barricada no Museu de Londres, Chudleigh Pomeroy olhou cautelosamente sobre a réplica da baleia-azul e viu que os esquadrões de Stalkers avançando em seu último reduto haviam parado em suas trilhas, nuvens pálidas de faíscas enrolando sobre seus crânios metálicos como arame farpado.

— Grande Quirke! — ele disse, virando-se para o seu punhado de historiadores sobreviventes. — Vencemos!



Valentine assiste ao dirigível vermelho voar para longe, iluminado pelas chamas do nível elevado e os garfos cuspindo luz que estão começando a incendiar em torno de St. Paul. Ele pode ouvir alarmes de fogo tocando sem esperança em algum lugar abaixo, e os gritos tomados pelo pânico de engenheiros em fuga. Um halo de fogo vindo de St. Elmo vem em labaredas ao redor do rosto de Katherine e o cabelo dela solta faíscas e racha enquanto ele o acaricia. Ele move suavemente um fio estranho que soprou em sua boca, e a segura bem perto, e espera — e a luz da tempestade quebra sobre eles, como num nó de fogo, uma onda de chamas de gás, e se foram: a sombra dos ossos deles espalhando-se no céu brilhante.



37

ROTAS DOS PÁSSAROS

LONDRES VESTIA UMA COROA DE RELÂMPAGOS. ERA COMO SE O RAIO QUE DEVERIA TER ATINGIDO Batmunkh Gompa a mais de uma centena de quilômetros tivesse se emaranhado sobre os níveis de cima, enviando cataratas de metal derretido espirrando pelos flancos da cidade. Explosões surgiram nas Entranhas, levando grandes fragmentos de destroços de ponta a ponta no céu como folhas mortas em um vendaval. Alguns poucos dirigíveis levantaram voo com eles, procurando escapar, mas seus balões inflamaram-se e eles se encolheram e caíram, pequenos flocos de fogo brilhantes em meio à maior queimada.

Apenas *Jenny Haniver* sobreviveu, flutuando nas margens da tempestade, girando e se arremessando enquanto as ondas de choque batiam nele, flâmulas de luz do arco-íris derramando de seu equipamento e pás do rotor. Seus motores haviam todos falhado naquele primeiro grande pulso de energia, e nenhum dos conhecimentos de Tom podia fazer voltarem a funcionar. Ele

desabou no que restava do assento do piloto, chorando, observando impotente enquanto o vento da noite o levava cada vez mais longe de sua cidade moribunda.

— É minha culpa. — Era tudo o que conseguia pensar em dizer. — É tudo minha culpa…

Hester também estava observando, olhando para o lugar onde St. Paul tinha estado ela ainda conseguia ver as pós-imagens de Katherine e do pai dela perdidos no brilho de lá.

— Oh, Tom, não. Foi um acidente. Algo deu errado com a máquina. Foi culpa de Valentine e de Crome. Foi culpa dos engenheiros por terem conseguido que ela funcionasse e culpa da minha mãe por tê-la desenterrado em primeiro lugar. Foi culpa dos Antigos por tê-la inventado. Foi culpa de Pewsey e Gench por tentar matar você, e de Katherine por salvar minha vida…

Ela sentou-se ao lado, querendo confortá-lo, mas com medo de tocá-lo, enquanto seus reflexos a incomodavam em mostradores quebrados e as lâminas de janela, mais monstruosa do que nunca no brilho deslumbrante da MEDUSA. Daí pensou: *Boba, ele voltou, não foi? Voltou por você.* Tremendo, colocou seus braços em volta dele e puxou-o para perto, acariciando o topo da cabeça dele, beijando-o timidamente para tirar o sangue da ferida fresca entre as sobrancelhas, abraçando-o com firmeza até que a arma moribunda tivesse se acabado e a primeira luz do dia atravessasse a planície.

— Tá tudo bem, Tom — ela continuava a dizer. — Tá tudo bem…

Londres estava bem longe, parada sob estandartes de fumaça. Tom encontrou os velhos binóculos da srta. Fang e focou na cidade.

— *Alguém* tem que ter sobrevivido — ele disse, na esperança de ao falar tornar realidade. — Aposto que o sr. Pomeroy e Clytie Potts estão lá embaixo, organizando grupos de resgate e distribuindo xícaras de chá… — Mas, através da fumaça, o vapor, a nuvem de cinzas flutuantes, ele não conseguia ver nada e, embora passasse os binóculos de um lado para o outro, cada vez mais desesperado, tudo o que via eram formas ósseas de vigas enegrecidas, terra queimada cheia de rodas arruinadas e lagos ardentes de combustível e trilhos quebrados emaranhados sobre si mesmos como as peles de cobras enormes.

— Tom? — Hester estava tentando os controles e surpreendeu-se que as alavancas de leme ainda funcionavam. *Jenny Haniver* respondeu ao toque,

virando-se com o vento. Ela continuou gentilmente: — Tom, podemos tentar chegar a Batmunkh Gompa. Seremos bem recebidos. Eles provavelmente vão pensar que você é um herói.

Mas Tom balançou a cabeça. Na sua mente, o *Elevador do 13º Andar* ainda estava descendo em espiral em direção ao nível elevado e Pewsey e Gench estavam conduzindo seus gritos negros e silenciosos ao fogo. Não sabia o que era, mas sabia que não era um herói.

— Certo — disse Hester, compreendendo. Demorava para superar as coisas às vezes, ela sabia. Seria paciente. E continuou: — Vamos para a Ilha Negra. Vamos poder reparar *Jenny* na hospedagem de caravanas aéreas. E daí vamos para as Rotas dos Pássaros e iremos para bem longe. As Ilhas Centena, ou as Montanhas Tannhäuser, ou os Aterros Gelados do Sul. Não me importo para onde. Contanto que eu possa ir também.

Ela se ajoelhou ao lado dele, apoiando os braços em seus joelhos e a cabeça em seus braços, e Tom descobriu que estava sorrindo, apesar de tudo, ante o sorriso torto dela.

— Você não é um herói, e eu não sou bonita, e provavelmente nós não viveremos felizes para sempre. Mas estamos vivos e juntos, e nós vamos ficar bem.

AGRADECIMENTOS

Eu estou agradecido e em dívida com Leon Robinson e Brian Mitchell, que me forneceram inspiração, incentivo e boas ideias; com Mike Grant, que publicou meus primeiros esforços na sua recente revista de baixa tiragem *The Heliograph*; e com Liz Cross, Kirsten Skidmore e Holly Skeet: sem sua paciência, entusiasmo e conselhos ponderados este livro teria acabado na minha lareira como um monte de aparas muito bem digitadas.

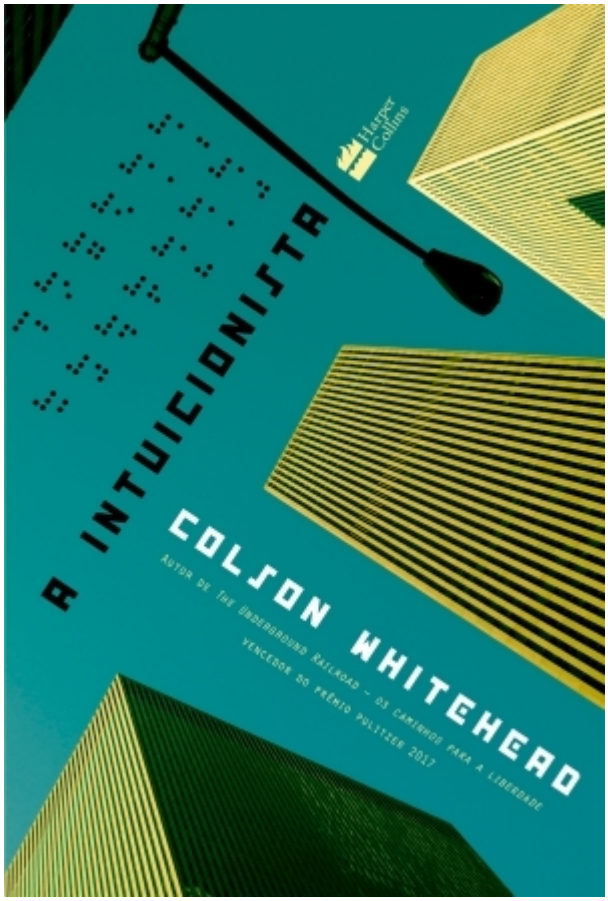
PHILIP REEVE

SOBRE O AUTOR

PHILIP REEVE é autor e ilustrador. Seu primeiro livro da tetralogia *Máquinas mortais* foi finalista do Whitbread Book Award (hoje, Costa Book Awards) e em breve chegará às telas dos cinemas com uma megaprodução de Peter Jackson, diretor da trilogia *O Senhor dos Anéis*. Reeve vive em Dartmoor com a esposa, Sarah, e o filho, Samuel.

A série *Máquinas mortais*:

Máquinas mortais
Ouro de predador
Artefatos infernais
Uma planície sombria


A INTUICIONISTA
COLSON WHITEHEAD
Autor de The Underground Railroad – Os Caminhos para a Liberdade
Vencedor do prémio Pulitzer 2017
Harper Collins

A intuicionista

Whitehead, Colson
9788595083707
320 páginas

Compre agora e leia

São tempos de calamidade no Departamento de Inspeção de Elevadores de uma grande metrópole, e Lila Mae Watson, a primeira mulher negra inspetora de elevadores da história do departamento, está no centro de tudo. O departamento é formado por dois grupos rivais: Os Empiristas, que trabalham de acordo com as regras, cuidadosamente verificando se não há estriamentos nos cabos de guincho e coisas afins; e os Intuicionistas, que são simplesmente aptos a entrar no elevador em questão, meditar e intuir se há algum defeito.Lila Mae é uma Intuicionista, e tem o maior grau de precisão de toda a equipe. Mas quando um elevador entra em queda livre em seu turno, o caos é estabelecido. É ano de eleições na Associação dos Elevadores, e nada melhor para os Empiristas do que a culpa recair sobre uma Intuicionista. Mas Lila Mae nunca erra. "Engenhoso e completamente original... Reputações literárias nem sempresobem e descem tão previsivelmente quanto elevadores, mas se há algumajustiça no mundo da ficção, a reputação de Colson Whitehead deve ascenderpara os andares mais elevados." THE NEW YORK TIMES "A prosa de Whitehead é graciosa e frequentemente lírica,e seu submundo dos elevadores é uma criação complexa e afetuosamenteconcretizada." THE NEW YORKER Em uma cidade cheia de arranha-céus que é uma mistura da engenhariado século XXI com as políticas clientelistas do século XIX, os elevadores são a expressão tecnológica do ideal vertical e Lila Mae Watson, a primeira mulher negra inspetora de elevadores da cidade, é o símbolo reprimidoda mobilidade ascendente. Quando o elevador Número Onze do recém-inaugurado Edifício MemorialFanny Briggs entra em uma queda livre mortal apenas horas depois de Lila Mae ter se desconectado dele usando o controverso método "intuicionista" de determinar a segurança de elevadores, tanto os Intuicionistas quanto os Empiristas reconhecem a armação, mas ambos parecem dispostos a deixar a culpa recair sobre Lila Mae em um ano eleitoral. A intuicionista, romance de estreia do vencedor do Pulitzer 2017 Colson Whitehead, é uma inteligente e versátil crítica social – principal marca de suas obras.

Compre agora e leia


Harper Collins
ILAN BRENMAN
ILUSTRAÇÕES
GUILHERME KARSTEN
COISAS MELEQUENTAS

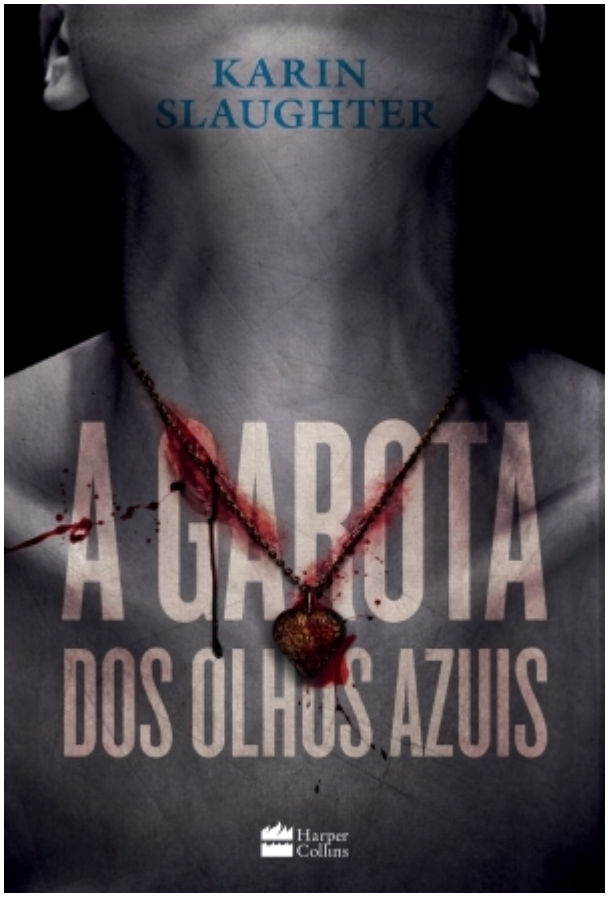
Coisas melequentas

Brenman, Ilan
9788595084438
32 páginas

Compre agora e leia

Neste livro, o premiado autor Ilan Brenman apresenta uma série de coisas melequentas e pegajosas, que deixariam qualquer um com nojinho! Com ilustrações caprichadas e bem-humoradas de Guilherme Karsten, Ilan cria objetos inesperados, como uma maçaneta de lesmas, uma peruca de polvo e óculos de minhoca, para cativar os pequenos leitores e provocar boas risadas.

Compre agora e leia


KARIN
SLAUGHTER
A GAROTA
DOS OLHOS AZUIS
Harper
Collins

A garota dos olhos azuis

Slaughter, Karin
9788569809616
80 páginas

Compre agora e leia

EXCLUSIVO EM EBOOK!Uma linda garota caminha pela rua quando, de repente...Julia Carroll sabe que muitas histórias começam assim. Bonita, inteligente, dezenove anos e recém-chegada à faculdade, ela deve tomar cuidado. Mas, mesmo com todo cuidado, ainda está apavorada, porque várias meninas estão desaparecendo.Uma colega sua, Beatrice Oliver, desapareceu. Assim como uma moradora de rua chamada Mona-Sem-Nome. As duas sumiram no meio da rua, sem deixar vestígios.Julia não quer ser a próxima... Sua única saída é descobrir as razões por trás desses mistérios. A garota dos olhos azuis é um emocionante e inesquecível prequel do best-seller da autora Karin Slaughter, Flores partidas.

Compre agora e leia


TASTY
as melhores receitas
tudo que você quer comer agora
Harper Collins
COM RECEITAS DO
TASTY demais
COM RECEITAS DO

Tasty

Buzzfeed
9788595084407
192 páginas

Compre agora e leia

Você conhece o Tasty: o popular canal de culinária que une pessoas de todo o mundo em volta dos seus computadores e celulares. Você com certeza já ficou hipnotizado pelos vídeos, mas existe algo mágico em ter um livro dessas delícias ao alcance das mãos. Tasty é justamente isso: mais de 80 pratos consagrados que alcançaram o topo da popularidade através dos comentários, dos likes, dos compartilhamentos e, acima de tudo, das barrigas cheias de fãs como você. Seja algo elaborado como um bolo de unicórnio ou mais simples como uma lasanha clássica, toda receita aqui é especial. Agora, você pode realizar o seu sonho de preparar um prato delicioso para todos os gostos e ocasiões quando quiser. Prepare-se: as suas receitas estão prestes a viralizar.

Compre agora e leia


Sri Prem Baba
AMAR
E SER
LIVRE
AS BASES PARA UMA NOVA SOCIEDADE
Harper Collins
dclube do livro
dclube do livro

Amar e ser livre

Baba, Sri Prem
9788595082182
176 páginas

Compre agora e leia

O imenso e invisível mundo dos afetosSe alguém busca os fundamentos para um mundo melhor, certamente há de passar pela questão dos relacionamentos, e o maior desafio é encontrar o caminho para vivê-los da maneira mais leve, plena e feliz. Com sabedoria e ponderação, Sri Prem Baba leva os leitores de Amar e ser livre a refletir não só sobre a qualidade e a saúde de nossos relacionamentos em todos os seus níveis – como interações sociais, espirituais etc. –, mas também sobre a forma como eles são elaborados, compreendidos e nutridos.Por meio das palavras iluminadas do mestre, o leitor aprende como germinar os afetos com mais apuro e sensibilidade. Neste livro, Prem Baba proporciona a serenidade e o equilíbrio necessários para o entendimento amplo de uma realidade para a qual a vida moderna parece obstruir a visão: a descoberta da generosidade e da simplicidade do que há de mais humano e divino nas pessoas."Neste livro, Prem Baba se dedica ao tema de amplo interesse da qualidade amorosa e do desenvolvimento possível do sentido das relações amorosas, desde uma necessidade de verdade entre os casais e na família até o efeito dessa virtual verdade amorosa sobre o mundo inteiro."Tales Ab'saber"Prem Baba mostra que a importância de um relacionamento feliz ultrapassa as fronteiras das pessoas envolvidas, vai além da realização pessoal e se torna uma questão de suprema importância para um mundo melhor. Amar, diz ele, requer uma grande coragem. E afirma que, se pudéssemos ter relacionamentos amorosos, saudáveis e construtivos, certamente não haveria tanta maldade no mundo. Para ajudar a iluminar o mundo, precisamos tentar primeiro iluminar a nós mesmos. Quem sabe aqui comece a sua jornada."Bruna Lombardi

Compre agora e leia